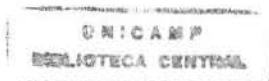


María Luisa Ortíz Alvarez

Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: Estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira.

UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem
2000

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SECÃO CIRCULANTE



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	UNICAMP
V.	0282
Ex.	
TOMBO BG/	44261
PROG:	16-392701
G	☐
D	☒
PREC	R\$ 11,00
DATA	04/05/01
N.º GPS	

CM-00154707-9

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Or8e

Ortiz Alvarez, Maria Luisa

Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira / Maria Luisa Ortiz Alvarez. - - Campinas, SP: [s.n.], 2000.

Orientador: José Carlos Paes de Almeida Filho

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua portuguesa - Expressões idiomáticas. 2. Língua espanhola - Expressões idiomáticas. 3. Fraseologia. 4. Línguas - Estudo e ensino. I. Almeida Filho, José Carlos Paes de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

María Luisa Ortíz Alvarez

**EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DO PORTUGUÊS DO
BRASIL E DO ESPANHOL DE CUBA: ESTUDO
CONTRASTIVO E IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE
PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA.**

Tese apresentada ao Departamento de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Lingüística Aplicada na Área de Ensino/Aprendizagem de Segunda Língua e Língua Estrangeira.

Orientador: **Prof. Dr. José Carlos Paes de Almeida Filho.**

**UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem
2000**



Prof. Dr. José Carlos Paes de Almeida Filho - Orientador

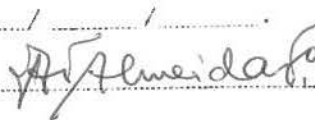
Profa. Dra. Maria Aparecida Barbosa (USP)

Profa. Dra. Maria Jandyra Cunha (UnB)

Prof. Dr. Jonas de Araujo Romualdo (UNICAMP)

Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni (UNICAMP)

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por MARIA LUISA ALVAREZ
ORTIZ
e aprovada pela Comissão Julgadora em



Dedico este trabalho especialmente ao meu pai e a minha madrinha Hilda (*in memoriam*) que com muito carinho e amor sempre me incentivaram a estudar e construir meu futuro com as próprias mãos. Infelizmente, eles hoje não mais estão entre nós para dividir esta imensa alegria. Não conseguirão ver com seus olhos o fruto da sua obra, mas donde estiverem receberei sempre a sua benção. Dedico ainda à minha mãe e meu padrinho Reinaldo que durante estes anos tanto me apoiaram e confortaram nas horas difíceis. Ao meu esposo Manuel, pelo amor e incentivo constantes ao meu desenvolvimento profissional, pela espera paciente do reencontro e por ter cuidado com o carinho de um filho daqueles que me são tão queridos. A eles todos a minha gratidão por terem propiciado a realização deste sonho.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

AGRADECIMENTOS

*A inteligência é uma prova esmerada e complexa, não é causa dum só homem, mas de muitas, infinitas gerações.
A verdadeira sabedoria consiste em situar as coisas no plano da sua resolução, e não no plano dos princípios em que necessariamente elas se projetam.
Os homens que traduzem a inspiração de uma época são veementes, são justos*
Bessa-Luís, A Aforismos (1988).

Este trabalho não teria sido possível sem o auxílio precioso de inúmeras pessoas, às quais não quero deixar de agradecer.

Aqui fica, pois, o meu mais profundo agradecimento.

À Profa. Dra. Victoria Carneado, *pos mortem*, a primeira pessoa que me acolheu e impregnou com essa força de vontade de lutar para conseguir aquilo que nos propomos na vida. Me ensinou a enfrentar as dificuldades e a crescer com elas. Com sua competência acadêmica me ajudou a trilhar o longo e escorregadio caminho da fraseologia. Para ela meu mais profundo respeito e homenagem.

Ao Prof. Dr. José Carlos Paes de Almeida Filho, meu orientador, mas também e, principalmente, por muito mais do que isso:

- pela simpatia e carinho com que me premiou como orientanda;
- pela compreensão e respeito com que aceitou minhas motivações para a escolha do tema;
- pelos seus comentários sempre pertinentes em trabalhos deste calibre;
- pelo incentivo e acompanhamento em todos os cursos;
- por acreditar no meu esforço;
- pela solidariedade nos momentos difíceis;
- pelo rigor e lucidez na orientação do meu trabalho;
- pelas perspectivas de futuro que me ajuda a vislumbrar.

Aos professores Dra. Maria Aparecida Barbosa, Dr. Hans Shemann, Dr. Cidmar Teodoro Pais, pelo constante diálogo, pela amizade e carinho que sempre me

dedicaram, pelas valiosas sugestões, orientação e contribuição por ocasião dos meus exames de qualificação de área.

Às professoras Dra. Maria Teresa Cabré, Dra. Maria Fernanda Bacelar que durante os seis meses de estágio que realizei na Espanha e Portugal me acolheram e aceitaram cooperar com minha pesquisa.

À Profa. Dra. Marilda Cavalcanti, minha primeira coordenadora de pós-graduação que com sua imensa sensibilidade ao contexto de estudos de uma estudante estrangeira, pode aparar asperezas no início da longa caminhada até a defesa da tese, pelo carinho e amizade.

Às professoras Dra. Stella Tagnin, Dra. Mara Zanotto pelo incentivo e encorajamento quando o rumo faltava; pela atenção, disponibilidade e pelas valiosos conhecimentos adquiridos nos cursos por elas ministrados e aos quais assisti.

Aos professores Dra. Matilde V. Scaramucci e Dr. Paulo Ottoni pelas críticas e sugestões valiosas por ocasião da qualificação de projeto. Os seus comentários serviram-me para repensar e reelaborar alguns dos tópicos da tese.

Ao assessor e parecerista da FAPESP pelas relevantes observações quanto às exigências indispensáveis à pesquisa e pelas valiosas sugestões de leitura de bibliografia relacionada com meu projeto, pelo profissionalismo com que avaliou meus relatórios.

À FAPESP pelo apoio financeiro incondicional para poder realizar minha pesquisa e pela possibilidade de realizar estágio no exterior onde conheci muitos especialistas e pesquisadores da área de fraseologia e terminologia, além da coleta da bibliografia atualizada para este trabalho.

Aos colegas de pós-graduação que tornaram a convivência acadêmica mais produtiva, além de momentos agradáveis compartilhados que não serão esquecidos.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-graduação e funcionários do IEL, ao pessoal da biblioteca e da fotocopiadora pela atenção e atendimento dedicados.

Aos meus pais e amigos por me incutirem o amor e o entusiasmo pelos estudos e pela vida.

À Profa. Marlene Salgado de Oliveira e família pelo carinho e apoio em todos os momentos difíceis.

Aos meus ancestrais que iluminaram meu caminho para poder chegar ao final deste túnel e obter esta vitória.

SUMARIO

	página
CAPA.....	i-iii
BANCA.....	iv
DEDICATORIA.....	v-vii
SUMARIO.....	viii-ix
RESUMO.....	x
CAPÍTULO I: DA GÊNESE E DO MÉTODO DO TRABALHO.....	1
1.1. Introdução.....	1-6
1.2. Perguntas de pesquisa.....	6-7
1.3. Justificativa.....	7-7
1.4. Organização do trabalho.....	7-8
1.5. Metodologia de pesquisa.....	8
1.5.1. Objetivos da pesquisa.....	8-9
1.5.2. Procedimentos.....	9-12
1.5.3. Fontes para a análise.....	12-13
1.5.4. Levantamento de dados.....	13-15
CAPÍTULO II: O PORTUGUÊS DO BRASIL E O ESPANHOL DE CUBA	17
2.1. Breve introdução.....	17-18
2.2. Fatos históricos. A Romanização da Península Ibérica.....	19-23
2.3. Sobre as variantes do espanhol na América. O Espanhol de Cuba.....	23-36
2.4. A influência das línguas ameríndias. A presença africana no português do Brasil e no espanhol de Cuba.	36-53
2.5. Sobre o português do Brasil.	53-68
CAPÍTULO III: A TEORIA FRASEOLÓGICA.	69
3.1. Visão geral do problema.....	69-95
3.2. Unidades e combinações fraseológicas.....	96-108
3.3. As expressões idiomáticas. Modos de formação. Combinabilidade.....	109-114
3.3.1. Tipologia de expressões idiomáticas.....	115-120
3.3.2. Distinção entre uma expressão idiomática e outros tipos de unidades fraseológicas	120-126
3.3.3. Fontes das unidades fraseológicas.....	126-140
3.4. Características gerais das expressões idiomáticas: pluriverbalidade; sentido figurado e estabilidade (fixação).....	140-155
3.5. O nível semântico e o nível pragmático das expressões idiomáticas.....	155-161
3.6. A teoria dos campos semânticos.....	161-161
3.6.1. Análise das teorias sobre os campos semânticos.....	161-169

3.6.2. Algumas das críticas feitas à teorias dos campos semânticos de Trier.....	169-172
3.6.3. Tipos de campos.....	172-175
3.7. Papel do contexto para compreensão das expressões idiomáticas.....	175-185
3.8. Algumas considerações sobre a análise contrastiva.....	185-195
CAPÍTULO IV: ANÁLISE DOS DADOS.....	197
4.1. Análise morfosintática das expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba.....	197-222
4.2. Análise semântica das expressões idiomáticas.....	223-239
4.3. Classificação das expressões idiomáticas em campos semânticos.....	239-246
CAPÍTULO V: PROPOSTAS PARA A INSERÇÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO LÍNGUA ESTRANGERA.....	247-268
CONCLUSÕES.....	269-275
ANEXOS.....	277-281
ABSTRACT.....	283
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	285-299
BIBLIOGRAFIA.....	301-334

RESUMO

As expressões idiomáticas refletem o lado dinâmico da língua, a sua adaptação constante às necessidades comunicacionais do momento, tanto que muitas vezes podem desaparecer logo depois do seu surgimento. Outras ficam e se incorporam ao inventário lexical da língua. A presente pesquisa conduziu um estudo das expressões idiomáticas cristalizadas pelo uso na língua portuguesa falada no Brasil e na língua espanhola falada em Cuba. Sob um abrangente enfoque léxico-morfosintático-semântico que permitiu, primeiro, observar o comportamento delas em situações sintáticas, lexicais e semânticas, analisando o que acontece no interior de cada uma, através de um modelo específico de análise foi possível estabelecer uma tipologia dessas unidades de acordo com o próprio enfoque quanto a sua natureza estrutural e ao seu valor conotativo, além de evidenciar alguns dos casos especiais mais freqüentes. A análise mostra que as expressões idiomáticas podem corresponder na outra língua a uma formulação idêntica, semelhante, totalmente diferente ou, em outros casos, não é possível encontrar equivalente. Tudo isso, depende das características socioculturais e lingüísticas inerentes a cada comunidade. A pesquisa demonstrou ainda que tais unidades são sistematizáveis e, portanto, podem constituir uma fonte específica de insumo no processo de ensino/aprendizagem de línguas e na prática lexicográfica. As expressões idiomáticas, assim como outras unidades fraseológicas, representam um fenômeno complexo e coerente, cujo sentido é regido por mecanismos semânticos profundos, à espera de pesquisas que os elucidem. Todas essas razões parecem-nos suficientes para justificar o intento de estudarmos as expressões idiomáticas mais detalhadamente e de oferecermos ao público um material de consulta que encurte caminhos, visto que toda e qualquer expressão idiomáticas- resistente ao tempo e criações novas - pode ter, de uma língua para outra, um "tratamento tradutório".

Palavras-chave:

expressões idiomáticas, fraseologia, unidades fraseológicas, análise morfosintática e semântica, ensino/aprendizagem de línguas.

CAPÍTULO I.

DA GÊNESE E DO MÉTODO DO TRABALHO.

A língua tem de ser estudada não como um produto morto, mas como um processo criador.

Humboldt (1967-1835)

1.1. INTRODUÇÃO

A integração econômica e a intensificação das relações interculturais delas decorrentes são elementos intrínsecos à globalização das relações internacionais no mundo moderno. Hoje em dia o incremento das relações comerciais e culturais entre Cuba, Brasil e os países vizinhos que integram o Mercosul provocou uma demanda pelo conhecimento da língua e cultura dos parceiros envolvidos num processo de cooperação mútua.

A área de ensino/aprendizagem de português e espanhol como línguas estrangeiras passa por uma fase auspiciosa de iniciativas, há movimento de pesquisas que se configura em projetos que buscam, através do conhecimento científico, o aprofundamento das questões concernentes ao ensino/aprendizagem dessas línguas, dentro de parâmetros atuais e de acordo com objetivos que, além dos aspectos lingüísticos, visem a um interculturalismo através do qual o ensino de línguas possa buscar novas fronteiras favorecendo um entrelaçamento de culturas que mostre a diversidade e os aspectos contemporâneos das sociedades.

Justamente, pelo perigo de não conseguir a compreensão mútua, causando equívocos na linguagem, no discurso, o estudo das unidades fraseológicas é muito importante, sobretudo no processo de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira, pois, embora existam regras gramaticais definidas, certas expressões e modos de falar metafóricos acabam entrando para o idioma padrão, fixando-se de tal forma que afinal são empregadas por todas as classes sociais.

A linguagem é uma criação humana, um fenômeno social, o espelho, o reflexo das crenças de uma cultura (Humboldt, 1988, Lakoff & Johnson, 1980). Ela reflete as tendências de um povo, portanto, a língua não pode dispensar-se de considerar todos os fatores etnológicos e sociológicos. Ela é um instrumento tão sutil e complicado que freqüentemente perdemos de vista a multiplicidade de seu uso. Existem diferentes considerações para provar que a linguagem reflete amiúde a visão humana. Isto, inclusive, pode explicar diferenças

fundamentais de uma língua em comparação a outras e, assim, os modos peculiares de expressão diferenciados dos idiomatismos dos povos encontram sua razão de ser no que os homens habitualmente presenciavam.

As palavras, então, como pecinhas de um jogo de amarrar se prestam para formar estruturas das mais diversas: as frases além de matéria-prima do discurso são a unidade que melhor espelha as relações entre linguagem e pensamento.

O filósofo Berkeley (1984) referindo-se a esse assunto observou:

... a comunicação de idéias não é a principal e única finalidade da linguagem, como vulgarmente se supõe. Há outras finalidades, como o despertar de alguma paixão, a estimulação ou dissuasão de uma atividade, a preparação do espírito para uma determinada disposição. Assim, a primeira finalidade é, em muitos casos, mera subserviência e, algumas vezes, inteiramente omitida, quando as demais podem ser asseguradas sem ela, e creio acontecer não poucas vezes no uso familiar da linguagem...

Desta forma o uso da linguagem não é só transmitir informação, mas também tem uma função expressiva quando usada para dar expansão a sentimentos e emoções, por exemplo, quando expressamos mágoa exclamamos **Nossa Senhora! Droga!**

Segundo Biderman (1997), o léxico tem um papel fundamental na estrutura e funcionamento da língua; de fato, ele constitui um dos pilares da língua, refere todos os conceitos lingüísticos e extralingüísticos de uma cultura e de uma sociedade.

Assim, vemos que o léxico considerado por muito tempo como o lugar das idiossincrasias, tem-se revelado aos estudiosos como um campo que envolve bastante regularidade, desde os avanços lingüísticos tornados possíveis após a Hipótese Lexicalista de Chomsky .

O léxico, já não é mais o parente pobre e esquecido da lingüística teórica e da aplicada porque é a parte mais flexível e dinâmica da língua onde se refletem de uma maneira mais direta e imediata as mudanças socioeconômicas e culturais que ocorrem nas diferentes comunidades, também como as necessidades mutantes de intercâmbio comunicativo-lingüístico de informações, conhecimentos enciclopédicos e critérios. Ele está no momento de ocupar um lugar destacado nas próprias lingüísticas e nas disciplinas de contato.

Todo parece indicar que o léxico é a encruzilhada, o ponto onde se interpenetram aspectos muito diversos e se cruzam metodologias e disciplinas distintas, cujos objetivos podem divergir, mas que coincidem em não poder

passar por alto a unidade lexical com seu potencial comunicativo, combinatório e sintagmático e sua integração múltipla, sistêmica e paradigmática.

As palavras e expressões formadas pela tradição e automatismo que regem a linguagem popular serviram desde sempre a determinados grupos sociais ou profissionais para simplificar o seu falar ou às vezes o tornar imperceptível a estranhos seja um exemplo desse último caso o calão (gíria) e que o imortal Victor Hugo chamou de uma segunda língua.

As expressões idiomáticas, parte integrante e rica de todas as línguas, representam um dos elementos mais pitorescos dela. São traços característicos muito importantes da língua falada, e constituem uma grande dificuldade para estrangeiros, porque é impossível conhecer uma língua quer falada, quer escrita, sem se conhecer um número de expressões idiomáticas ou pelo menos as mais usadas.

Em Cuba, como em outros países de Hispanoamerica, já é tradição a constante polêmica acerca das características, semelhanças e diferenças do espanhol falado em diferentes regiões comparado com o espanhol “geral” que tentam refletir as gramáticas e dicionários normativos. Paz (1994), por exemplo, considera importante a distinção entre o **popular** e o **vulgar** embora alguns especialistas afirmem que se trata de uma mesma questão atendendo ao conceito acadêmico da palavra **vulgar** pertencente ao chamado **vulgo** e vulgo, por sua vez, como o comum do popular, centrando-se, sobretudo, na conotação social do termo como sinônimo de malsoante, prosaico, obsceno.

Paz, na sua pesquisa sobre o espanhol de Cuba, fez um levantamento de um número considerável de exemplos (a partir de 1975 até 1990) fundamentalmente na cidade de Havana por ser ela o centro do poder lingüístico de onde irradia a maioria dos vocábulos e locuções. O autor colocou as frases levantadas de forma ordenada e de acordo com o tipo de campo semântico (21) e tendo em conta que o caráter polissêmico de algumas expressões faz com que elas apareçam em vários campos semânticos segundo o significado. Por exemplo, *echarse al pico* pode pertencer aos campos **sexualidade** (possuir sexualmente) e **violência** (matar, assassinar) devido a sua dupla significação.

A fala popular é patrimônio das pessoas de diferentes origens, de modo que as vozes populares fluem da boca dos iletrados até as pessoas mais cultas. Expressões como *le cayó comején al piano* (surgiu um contratempo), *no te hagas el chivo loco* (fingir, fazer-se de tonto), *sair de fininho* (sair sem ser visto), *virar pizza* (dar em nada) podem ser ouvidas entre pessoas de todo tipo de horizonte social mas é preciso selecioná-las de acordo com seu uso e com o contexto (no seio familiar, com os amigos, na rua, etc.) onde são usadas.

A gíria, um outro elemento da fraseologia, há muito tempo passou a ser uma língua vivida, expressiva, embora alguns pensem e digam ser intolerantes

com ela, enquanto outros a elogiam pela sua graça e tonalidade que caracteriza a sua própria ressonância fonética. Ela é um fenômeno tipicamente sociolinguístico, pois é uma consequência, em nível lexical, das estruturas sociais (Preti, 1997). Seu uso aproxima o falante de seu grupo, quebra formalidades, favorece interações em que há necessidade de os interlocutores se identificarem, pelo humor, pela irreverência, não raro pela agressividade. A gíria acentua a função inovadora, a tentativa de modificar os usos linguísticos tradicionais, incorpora novas formas de expressão.

Com relação à questão da inovação, Coseriu (1990) dá um enfoque válido. O linguista acredita que toda inovação constitui um ato de criação individual motivado por necessidades comunicativas e expressivas e pode manifestar-se em diferentes planos, sentido estrito, ou seja, a invenção de um novo signo ou a eleição de um determinado modelo entre várias possibilidades existentes. Depois desse momento de criação individual, a inovação será difundida por **imitação** até se generalizar como uso de um grupo. O caráter passageiro ou efêmero desse fenômeno lexical, que se renova constantemente, como a moda (uma vez esgotada a novidade, é substituída por outra), talvez seja a melhor expressão dinâmica que caracteriza o espírito da sociedade contemporânea, na qual os costumes se transformam com uma velocidade nunca antes imaginada.

A fraseologia popular, pois, oferece inúmeros exemplos. Certas imagens freqüentes na fraseologia transportam ações do mundo moral para o físico. Por exemplo, quando se afirma que *de uma cajadada se matam dois coelhos* não são de fato dois coelhos de carne e osso para matar, mas apenas **coelhos** simbolizadores criados pela tendência humana para expressar por meio do físico.

Nem sempre a comunicação se dá de maneira transparente com a única intenção de informar. A alusão, a ironia, o blefe ocorrem com freqüência (Villaça Koch, 1996). O gênio verbal do povo criou frases do cotidiano, excelências de ironia, que passam às vezes despercebidas pelo freqüente emprego, mas que nem por isso deixam de contribuir para tornar a língua um extenso e variado repertório de fraseologia viva, cheia de valores artísticos. A intenção maliciosa esconde-se por detrás de muitas expressões, cuja figuração irônica é modelar. Tais frases vão se referir a situações, idiosincrasias ou posturas que face à moral estabelecida ou aos costumes, se diriam negativas. Encontrar-se-ão também dezenas de frases, por exemplo, para traduzir a morte (ou tudo o que a ela se liga), a pobreza, a pancada, a fuga, a bebedeira, a tristeza, a ociosidade, o roubo, a hipocrisia, etc., enquanto outras expressões refletem estados de felicidade, o bem, a alegria e o trabalho. Verificar-se-á ainda que o humor de grande número delas incide sobre situações dramáticas como a morte, a velhice, a doença e a frustração. Neste armazém da sabedoria popular exhibe-se a imaginação, o engenho, a severidade, a ironia e a meditação.

A linguagem humana presta-se, assim como outras formas de comunicação, à troca e expressão de idéias entre as pessoas. São experiências individuais e culturais que se veiculam pela linguagem humana, codificada em determinada língua por meio de palavras, frases, textos e até com ajuda das unidades fraseológicas, por exemplo as expressões idiomáticas. Ao visitarmos um país estrangeiro, conseguiremos penetrar de fato na sua vida, entendermos e seremos entendidos se soubermos as características dessa cultura, desse povo cuja língua estudamos. Parte dessas características, hipotetizamos, estará refletida no acervo de metaforicidade que se plasmou na vasta produção de idiomatismos na língua-alvo.

O fenômeno a que aludimos acima ocorre devido a distribuições divergentes de signos no ato de comunicação: o representante da outra cultura usa significados e formas de realização novos ao combinar palavras, mesmo que aparentemente as mesmas nas duas línguas. Embora existam regras gramaticais definidas, certas expressões e modos de falar metafóricos acabam entrando para o idioma padrão, fixando-se de tal forma que afinal são empregadas por todas as classes sociais, os chamados fraseologismos e dentre eles as expressões idiomáticas que geralmente não são apreendidas nas escolas em suas salas de aulas.

Uma das formas, de nosso ponto de vista mais adequada para a compreensão das expressões idiomáticas, seria a análise contrastiva delas, que nos permite realizar um estudo bem profundo da taxionomia, processo de formação, função semântica e pragmática dessas frases em diferentes línguas. Neste sentido, concordamos com a posição de Almeida Filho (1995), quando afirma que:

... Ao nível da consciência, a utilização de aspectos contrastivos salientes entre as línguas podem chamar de volta o sentido de diferenciação que se anestesiu no confronto de línguas próximas. A busca de conhecimentos contrastivos se estende obviamente a funções pragmáticas culturalmente marcadas, abrindo aqui também espaço na agenda de investigações no âmbito da Lingüística Aplicada...

Evidentemente, a comparação da língua e cultura nativa com as equivalentes estrangeiras é importante a fim de descobrir possíveis barreiras que realmente têm de ser transpostas na aprendizagem. Se ignorarmos as diferenças culturais como fazemos com frequência hoje, julgaremos mal nossos vizinhos, pois uma forma de comportamento que para nós tem um sentido pode ter outro para eles. Por outro lado, quando traduzirmos, por exemplo, de uma língua fonte para a língua de destino não podemos, de forma alguma, fazê-lo literalmente, pois o que for expressão idiomática numa irá parecer, provavelmente, estranho na outra. Se a tradução é frouxa, então, é o caso de

nos perguntarmos se o que está realmente sendo oferecido aos sujeitos nas diferentes comunidades culturais têm o mesmo significado na outra língua.

Nossa pesquisa pretende, entre outras coisas, interpretar os sentidos metacomunicativos e metaculturais que subjazem a corpos de idiomatismos categorizados contribuindo teoricamente para a explicitação dos processos e tipos de expressões e servindo também às áreas de tradução e interpretação, além, obviamente, do ensino de Português e do Espanhol como línguas estrangeiras. A pesquisa traz algumas propostas de exercícios com fraseologismos com o intuito de oferecer aos professores diferentes tipos de tarefas de sistematização, rotinização e comunicativas que serão utilizadas na sala de aula de acordo com os objetivos e o tipo de aula que o professor prepare. Este estudo poderá facilitar a elaboração e futura conclusão de um instrumento lexicográfico, neste caso um dicionário bilingüe de expressões idiomáticas português/espanhol (variantes brasileira e cubana respectivamente), que ajudará na solução de problemas lingüísticos práticos, tais como o sentido das expressões idiomáticas, bem como ilustrações do seu uso através de exemplos o que permitirá uma melhor compreensão e utilização delas.

1.2. PERGUNTAS DE PESQUISA.

O problema central suscitado dentro desta pesquisa pode ser resumido na seguinte pergunta de pesquisa:

Em que aspectos são semelhantes ou contrastantes as expressões idiomáticas nas duas línguas a serem pesquisadas a partir de uma análise morfosintática e semântica?.

O corolário desta indagação é a seguinte pergunta: Como podem ser classificadas as expressões idiomáticas do ponto de vista semântico e do ponto de vista de sua composição sintática?

Para levar a cabo o propósito da pesquisa será preciso:

- identificar a natureza das expressões idiomáticas investigando o status teórico do processo de sua formação nas duas línguas tipologicamente tão próximas;
- classificar as expressões idiomáticas levantadas quanto às características morfológicas, sintáticas, semânticas (incluindo-se os campos semânticos) que apresentem;
- confrontar as expressões de ambas as línguas para determinar as semelhanças e diferenças nos aspectos apontados acima;

- elaborar propostas de exercícios que possam ser utilizados no processo de aprendizagem das línguas envolvidas no estudo.

Procurando responder a esta questão, acreditamos que estaremos contribuindo para atingir dois objetivos mais gerais:

- a construção de um modelo geral de interpretação das expressões idiomáticas;
- fornecimento de subsídios para a área de tradução e de ensino de português e espanhol como línguas estrangeiras.

1.3. JUSTIFICATIVA

De forma resumida, são as seguintes as justificativas para o empreendimento desta pesquisa:

- a ausência de um estudo contrastivo baseado na análise das expressões idiomáticas utilizadas na língua portuguesa do Brasil e na língua espanhola falada em Cuba;
- a importância que tem o conhecimento dos idiomatismos para a comunicação e para ensino/ aprendizagem de línguas estrangeiras, neste caso o português e o espanhol, tipologicamente tão próximas no Continente;
- a necessidade de propor agrupamentos temático- formais dessas expressões, analisando-as em relação a suas características semânticas que permitam orientarmos na procura de equivalentes e de saber como essas expressões são utilizadas em determinadas situações de acordo com o contexto;
- a aplicação imediata que este tipo de análise tem no processo de ensino de português e espanhol como línguas estrangeiras e a importância deste estudo para a elaboração e futura conclusão de um dicionário de expressões idiomáticas nas línguas mencionadas.

1.4. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O presente trabalho consta de cinco capítulos, estruturados em uma seqüência que passarei a expor.

O primeiro apresenta uma breve introdução, os objetivos, a justificativa para o trabalho, o problema para qual se busca uma solução, a metodologia utilizada para esta pesquisa e a organização do mesmo. Para além dos

resultados da discussão teórica entorno das expressões idiomáticas em português e espanhol, este capítulo apresenta a ficha de pesquisa elaborada como amostra representativa do futuro dicionário bilingüe, inclusive a formatação dos verbetes com sua justificativa.

No segundo capítulo traço um panorama dos estudos que envolvem questões sobre o português do Brasil e o espanhol de Cuba, principalmente as discussões acerca de a existência de uma língua brasileira e a questão do espanhol de América, especialmente fazendo ênfase na variante do espanhol falado em Cuba.

O terceiro capítulo tem o objetivo de expor o percurso das pesquisas sobre a teoria fraseológica e a polêmica por ela suscitada quanto à categorização das unidades fraseológicas. Além disso, abordamos alguns aspectos referentes à teoria dos campos semânticos, pois tentamos dar alguns exemplos de como agrupá-las em campos semânticos. Em seguida apresento o tema das expressões idiomáticas, centro da nossa pesquisa, analisando as características inerentes a essas unidades, colocando alguns critérios de autores relevantes e trazendo à tona outras características que do nosso ponto de vista não foram incluídas e que nós estamos propondo e acrescentando. Do mesmo modo, fazemos referência à importância da análise contrastiva e ao papel do contexto na interpretação das unidades fraseológicas.

Abro o quarto capítulo com a análise morfo-sintática e semântica das expressões idiomáticas das línguas envolvidas o que viabiliza a identificação e classificação dos diferentes tipos de expressões idiomáticas de acordo com suas características formais e de significado discutindo e refletindo sobre as questões fundamentais que priorizam a construção de sentidos dessas unidades, principalmente com relação a sua idiomaticidade.

Os exercícios com expressões idiomáticas na sala de aulas são apresentados a partir do quinto capítulo. Esta seção contém a descrição de algumas propostas de exercícios e de tarefas que poderiam ser utilizados em sala de aula incluindo essas expressões o que, a nosso ver, representam uma importante contribuição para o ensino de português como língua estrangeira.

Por fim, apresento minhas reflexões sobre os dados da pesquisa, as considerações finais e algumas sugestões.

1.5. METODOLOGIA DE PESQUISA

1.5.1. OBJETIVOS DA PESQUISA

O objetivo principal da pesquisa foi realizar um estudo contrastivo das expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba que permitisse estabelecer os pontos de contato e os pontos divergentes que

existem na estrutura interna e na semântica desse tipo de unidade nas línguas escolhidas. Esse estudo serviu para demonstrar o valor que elas têm tanto para a língua quanto para a cultura de uma determinada comunidade e, portanto, elas devem ser inseridas no ensino/aprendizagem de língua estrangeira.

Em toda pesquisa é preciso adotar uma metodologia determinada de acordo com os objetivos que se propõe alcançar o pesquisador. Para realizar nosso trabalho adotamos uma abordagem qualitativa/interpretativista na busca de sentidos esclarecedores das questões estabelecidas.

As fases que constituíram a metodologia para realizar a pesquisa foram as seguintes:

- identificação das fontes e levantamento bibliográfico;
- leitura exploratória, seletiva, analítica e interpretativa;
- coleta de dados a partir das fontes previamente escolhidas (dicionários, meios de comunicação de massas e materiais autênticos de perfil jornalístico);
- confecção de fichas com as expressões e suas explicações na mesma língua, acrescidas de exemplos e seus equivalentes na outra língua;
- análise das fichas;
- descrição das expressões idiomáticas de ambas as línguas segundo as características julgadas fundamentais e agrupamento delas segundo a sua composição formal e semântica.

1.5.2. PROCEDIMENTOS

Para a consecução dos objetivos acima expostos, a pesquisa foi conduzida mediante a seguinte metodologia por etapas:

PRIMEIRA ETAPA

A primeira etapa incluiu os seguintes aspectos:

- estudo das teorias sobre fraseologia e análise dos critérios de diferentes autores sobre o conceito de expressão idiomática;
- estabelecimento do corpus a partir da construção de uma base inicial de expressões e seus equivalentes na outra língua.

Limitamo-nos a coletar só expressões idiomáticas excluindo os provérbios, gírias, locuções proverbiais, refrões, colocações e outros tipos de unidades fraseológicas, embora cientes de que novamente essas unidades especiais continuem sem um lugar onde possam ser catalogadas. O inventário proposto recolhe um extenso repertório de expressões idiomáticas em uso na sociedade.

SEGUNDA ETAPA

A segunda etapa abrangeu os seguintes aspectos:

- a análise contrastiva das expressões idiomáticas escolhidas para identificar a convergência e divergência que existe entre essas expressões;
- o estabelecimento de uma tipologia para a classificação das expressões idiomáticas a partir das minhas conclusões, apoiadas no estudo realizado sobre as diferentes classificações propostas por vários autores;
- a classificação das expressões idiomáticas por campos semânticos.

Para a análise contrastiva das expressões idiomáticas de ambas as línguas tivemos em conta:

- as expressões idiomáticas de elementos e conteúdos semelhantes;
- as expressões idiomáticas de elementos diferentes mas semelhantes no significado;
- as expressões idiomáticas com um ou mais elementos semelhantes e outros elementos diferentes, mas com igual sentido;
- as expressões idiomáticas com elementos não similares e igual sentido;
- as expressões idiomáticas sem equivalente na língua de chegada.

Posteriormente partimos para a análise dos traços léxico-sintático-semânticos caracterizadores e específicos das línguas escolhidas. Concomitantemente com o fichamento pesquisamos os campos conceituais de maior frequência de expressões idiomáticas, sendo que uma grande quantidade pertencem aos campos **morte** (*bater as botas, esticar as canelas (português); cantar el manisero, quedar en la página dos (espanhol);* **corpo humano** (*dar com a língua nos dentes, pegar com a boca na botija, estar com a pulga atrás da orelha (português); coger con las manos en la masa, no dar su brazo a torcer, perder la cabeza (espanhol);* **religião** (*quedarse para vestir santos, lavarse las manos como Poncio Pilatos, estar en misa y en procesión (espanhol); ensinar o pai nosso ao vigário, pintar o demônio, onde Judas perdeu as botas, ser o tendão de Aquiles (português);* **fala** (*falar pelos cotovelos, abrir a torneira, conversa mole (português); hablar hasta por los*

codos, ser una cotorra, ser lengua de trapo (espanhol); briga (procurar sarna para se coçar, comprar briga, dar rolo (português); bajar un avión, dar una zurra, buscar lio (espanhol); esportes estar com a bola toda, abrir o jogo (português); coger fuera de base, ser cuarto bate (espanhol); pessoas/qualidades intelectuais (ser um galinha; ser um puxa-saco, estar lelé da cuca (português); ser un canchanchán; ser un baboso; ser un ñame con corbata; ser un bolao/un fiero (espanhol); atividades do cotidiano (jugar a los bomberos; no disparar un chicharo (espanhol); fazer bico; bater papo (português); violência (meter a mão em cumbuca; passar a perna; dar calote; crime de colarinho branco (português); dar un golpe, meter la mano; dar leña (espanhol); dinheiro (ser un maceta; estar en carne, caminar con los codos (espanhol); estar teso, não ter onde cair morto, ser pão duro (português); transporte, locomoção (espantar la mula, echar un patin (espanhol); pegar o bonde errado; tirar o cavaleiro da chuva (português); aspectos da natureza (estar nas nuvens, fazer tempestade num copo de água (português); estar en la luna de Valencia (espanhol); formas de comportamento (estar fulo da vida, ser um babaca (português); estar con el moco caído (espanhol), etc.

TERCEIRA ETAPA

Na terceira e última etapa foram realizadas as seguintes atividades:

- elaboração de propostas metodológicas para a inserção das expressões idiomáticas no processo de ensino/aprendizagem;
- a organização e o ordenamento do material compilado.

Apesar de não constituir o objetivo fundamental da pesquisa, a organização do material e a criação das bases e procedimentos para a elaboração e conclusão do futuro dicionário foi o próximo procedimento a ser realizado. Existiam diversas maneiras de ordenar o material compilado:

- segundo o princípio de ordem alfabética;
- segundo o princípio ideográfico;
- aplicando os princípios anteriores combinados.

O princípio de ordem alfabética é o mais utilizado na fraseografia e em geral na lexicografia. Algumas obras registram o material pela primeira letra da primeira palavra. Outros autores preferem registra-las a partir da palavra-chave da expressão. Dessa palavra depende, em grande medida, o significado da expressão, pois constitui o seu centro semântico e leva consigo a maior força ou carga metafórica. Resulta importante para a elaboração do dicionário:

- a apresentação das unidades escolhidas;
- a observação das normas pelas quais deve ser regido o dicionário;

- a necessidade de ilustrar com exemplos claros o uso dessas unidades.

Depois de delimitar a macro e microestrutura e o sistema de remissivas, escolhemos para a organização das expressões idiomáticas a classificação alfabética, por ser a mais utilizada na lexicografia, de fácil acesso, comum a todos os usuários e que permite encontrar rapidamente a informação, portanto mais prática.

1.5.3. FONTES PARA A ANÁLISE

O corpus que serviu de base para nossa pesquisa teve como fontes principais o Dicfras, (Dicionário de Fraseologia Cubana (no prelo), o Tesouro da Fraseologia Brasileira de Antenor Nascentes e o Dicionário Idiomático português/alemão de Hans Shemann, considerados, do meu ponto de vista, umas das obras mais completas na área de fraseologia. Porém, também foram utilizados outros dicionários como material complementar para verificar o uso e frequência dessas unidades fraseológicas. Ao coletar as expressões em português escolhemos aquelas que são faladas no Brasil essencialmente as que são utilizadas de forma geral em todos os cantos do país. Em nenhum momento consideramos as expressões típicas de uma determinada região (no caso das expressões cubanas também foram coletadas tendo em consideração o uso reconhecido e generalizado delas em todo o país).

MÉTODO

O método adotado durante a realização da pesquisa foi o analítico e descritivo na primeira etapa, confrontativo na segunda e interpretativo na terceira.

Nas duas primeiras etapas se analisaram as formas e conteúdos das unidades determinadas. Para localizar as expressões dentro de contextos recorreremos principalmente aos textos jornalísticos, revistas, textos autênticos e as telenovelas onde com frequência são usadas essas frases. A terceira etapa foi dedicada à área lexicográfica utilizando as técnicas necessárias para a elaboração do futuro dicionário.

METODOLOGIA PARA A ELABORAÇÃO DO DICIONÁRIO

O dicionário é obra de respeito dentro de qualquer sociedade, é material de consulta que procuramos para esclarecer nossas dúvidas ou porque ignoramos algo. Os de língua, por exemplo, são verdadeiros monumentos dentro da cultura que se faz numa determinada língua e, com certeza, ocupam posição de destaque. Portanto, é de grande importância a maneira com que devemos organizá-lo para que os leitores possam se orientar. Mas qual seria o procedimento que utilizaremos para elaborar o futuro dicionário de expressões idiomáticas? Vejamos os procedimentos a seguir:

- compilar as expressões idiomáticas básicas nas duas línguas escolhidas;
- fazer uma listagem de expressões idiomáticas que queremos incluir tanto do espanhol quanto do português;
- procurar os equivalentes na língua de chegada, o que requer de muita paciência para poder encontrar os equivalentes apropriados. Daí a importância de o autor dominar as duas línguas em todos os níveis;
- para poder localizar os equivalentes certos teremos de usar a sensibilidade lingüística inata e a adquirida com a experiência e o estudo sistemático da língua estrangeira. Por outro lado, será necessária a habilidade lexicográfica suficiente para interpretar significados e vertê-los de uma língua para a outra;
- elaborar o desenho do dicionário, enquanto ferramenta de trabalho útil para o autor e para o futuro usuário. Por exemplo, PALAVRA CHAVE - Frase idiomática 1) explicação do significado;. 2) correspondência; 3) correspondência alternativa (paráfrases ou frases sinônimas); 4) exemplo de uso; 5) fonte de onde foram tomadas as frases;
- as expressões aparecerão em português e ao lado, logo depois da definição, o seu equivalente em espanhol. Se não existe uma expressão idiomática equivalente aparecerá seu sentido literal.

O contexto permite ao leitor a apropriação do sentido. Parte-se da língua portuguesa do Brasil tendo como língua de chegada a língua espanhola falada em Cuba.

- os lexemas idiomáticos aparecerão no interior de um pequeno contexto;
- a organização do dicionário terá de ser processada por ordem alfabética pelo primeiro nome a menos que o sentido recaia sobre o verbo ou outro elemento;
- finalmente as expressões estarão reunidas em grupos temáticos (campos semânticos).

1.5.4. LEVANTAMENTO DE DADOS

O levantamento de dados foi feito a partir das fontes já descritas acima utilizando uma ficha-pesquisa que elaboramos especificamente para este trabalho onde foram transcritos os seguintes campos:

- fonte: macroestrutura (definição, contexto, equivalente);

- paradigmas (definição, contexto pragmático, outras informações);
- sistema de remissivas (sinônimos, parassinônimos, etc.);
- observações quando preciso.

A proposta de definição de expressões idiomáticas no dicionário poderia ser baseada na idéia do Cobuild Collins no dicionário **English Language Dictionary** (1987). As vantagens desta prática residem no fato de: 1) o vocábulo definido entrar na própria definição, dando de imediato uma visão da sua estrutura; 2) a definição torna-se menos artificial; 3) podem aparecer informações de ordem pragmática. Por exemplo, *ser um bode expiatório* - uma pessoa que paga por crimes que não cometeu e é culpada pelos crimes de outrem é o bode expiatório; *ser um bicho de sete cabeças* - uma situação, uma tarefa é um bicho de sete cabeças quando parece complicada de resolver; *ser carta fora do baralho* - se uma pessoa não está integrada num determinado grupo que o rodeia então é uma *carta fora do baralho*.

O dicionário, segundo Biderman (1992:5) além de ser um repositório da riqueza vocabular de uma língua pode ser uma fonte de positividade, isto é, de ensinamentos que contribuam para desenvolver, dignificar e edificar, tanto lingüisticamente quanto cultural, educacional, ética, psicológica, política e socialmente. Apoiados neste princípio elaboraremos futuramente nossa obra. A seguir apresentamos a ficha-pesquisa elaborada para a coleta de dados.

FICHA- PESQUISA
Unidade fraseológica:
Tipo de unidade fraseológica:
Estrutura sintática:
Definição/Significado:
Equivalente na língua de chegada:
Contexto:

FICHA - PESQUISA
Unidade fraseológica: perder a cabeça
Tipo de unidade fraseológica: expressão idiomática.
Estrutura sintática: verbal V+artigo+substantivo
Definição/Significado: ficar desatinado; desorientar-se; ficar fora de si.
Equivalente na língua de chegada: perder la cabeza
Contexto: Frank Sinatra perdeu a cabeça por Ava Gardner com razão. Ao comentar a relação com Sinatra, a estrela confidenciou: "Éramos grandes na cama". Quando o casamento foi pra o brejo e Sinatra se amarrou à Mir Farrow, Ava foi arrasadora.

FICHA-PESQUISA
Unidade fraseológica: ir de vento em popa
Tipo de unidade fraseológica: expressão idiomática
Estrutura sintática: verbal V+ prep.+subst.+ prep.+subst.
Definição/Significado.- quando as coisas(os negócios, planos) estão indo bem.
Equivalente na língua de chegada: ir de viento en popa
Contexto: - Nem pensar! Não posso viajar agora. Meu escritório está indo de vento em popa e não posso me arriscar abandonar o negócio.

FICHA- PESQUISA
Unidade fraseológica: Pôr os pingos nos is
Tipo de unidade fraseológica: expressão idiomática
Estrutura sintática: V+artigo+subst.+prepos.+subst.
Definição/Significado: esclarecer, colocar tudo em pratos limpos.
Equivalente na língua de chegada: poner los puntos sobre las ies.
Contexto: Angélica e Maurício Mattar foram flagrados pela revista Contigo no Chile. Eles ainda não têm certeza se reataram o namoro pois voltaram antes de pôr todos os pingos nos is.

CAPÍTULO II.

O PORTUGUÊS DO BRASIL E O ESPANHOL DE CUBA.

El que ama de veras la lengua castellana tiene que amar a la lengua portuguesa. Ambas se fertilizan la una por la otra, y mutuamente se acarician y se halagan

(Alfonso Reyes, 1952)

2.1. BREVE INTRODUÇÃO

O ensino do português em Cuba tem sido intensificado sobremaneira nestes últimos anos e já começa a dar os primeiros passos para incrementar iniciativas de pesquisas na área de Lingüística Aplicada incluindo-se aí estudos contrastivos entre o português e o espanhol, que por serem línguas tipologicamente tão próximas, de raiz comum (o Latim), podem ser delicada e enganosamente divergentes ou convergentes, tanto em gramática e no léxico quanto na produção de sentidos no próprio discurso.

Em qualquer conceito de língua, considerando o processo histórico de sua evolução, está inerente o fato de que muitas línguas têm uma origem comum ao provirem de outra anterior, considerada primitiva, origem essa caracterizada pela existência de blocos lingüísticos. Por exemplo, no bloco indo-europeu encontramos o grupo românico que resultou da evolução do latim, antiga língua indo-européia.

Assim, o espanhol e o português originaram-se do latim que com o passar do tempo apresentou dois aspectos: o latim clássico e o latim vulgar. Este último, (língua falada pelas classes inferiores da sociedade romana) diversificava-se à medida que se expandia o império romano o que provocou o seu desenvolvimento em diferentes línguas para tornar-se mais tarde a matriz do espanhol e do português.

Na evolução lingüística dessas duas línguas como resultado de tais transformações podem-se identificar processos iguais similares ou totalmente diferentes no desenvolvimento de cada uma. Quando comparamos o espanhol e o português vemos que além dos vocábulos e frases hereditários, existem empréstimos devido ao contato com outras línguas, e as novas criações do idioma. Por exemplo, no português *chapéu* (francês), *clube* (inglês), *piano* (italiano); no espanhol *manjar* (francês), *yate* (inglês), *alface* (árabe), *almacém* (árabe), *teléfono* (grego), etc.

Alguns lingüistas explicam as divergências entre o espanhol e o português como consequência de diferenças etnológicas, embora sejam, entre as línguas românicas, as que têm maior afinidade entre si. É difícil explicar a diferenciação das línguas românicas entre si. Segundo Meyer- Lübke (1916: 40) *“...a diferente antigüidade do latim nos diversos países pode explicar diferenças dentro das línguas românicas, mas não a própria diferença destas línguas entre si”*...

Ao analisar sistematicamente estas divergências e ao observar as características de diferenciação, estes desvios poderão ser considerados como um dos mais importantes aspectos de estrutura lingüística do espanhol e o português, porque, como aponta Jakobson (1980: 69) *as línguas diferem essencialmente naquilo que devem expressar e não naquilo que podem expressar*.

A própria língua portuguesa falada no Brasil e a língua espanhola falada em Cuba apresentam diferenciações e peculiaridades que diferem da língua portuguesa e da língua espanhola de Portugal e Espanha respectivamente cujas marcas lingüístico-discursivas são singulares e marcantes.

O estudo contrastivo é uma das formas pela qual podemos conhecer os pontos e processos em que as línguas convergem ou divergem, o que facilita uma melhor compreensão, uma correta utilização das regras e uso da linguagem de acordo com os contextos em que se desenvolve a comunicação.

O português e o espanhol com relação às outras línguas românicas da Europa Ocidental têm e mantêm uma maior afinidade entre si embora o italiano e o francês sejam da mesma família lingüística. Essa proximidade faz aumentar o risco de se falar a outra língua nas fases iniciais.

Originárias da mesma fonte latina, o português e o espanhol não poderiam deixar de apresentar grandes semelhanças. Numerosas são as regras gramaticais comuns aos dois idiomas. Há milhares de vocábulos e frases iguais na escrita, se bem que seja a regra a existência de divergências prosódicas.

É evidente que o espanhol e o português trazidos do sul da Europa para ambientes tão distantes, tão diferentes dos originários, colocaram-se sob a influência de uma multiplicidade de fatores, entre eles as línguas indígenas e mais tarde as africanas com a chegada dos escravos às Américas e ao Caribe.

No intuito de descobrir algumas das razões históricas que levaram essas duas línguas a um encontro na Península, primeiro, e além do mar nas Américas, depois, nos dedicamos a pesquisar sobre a história e evolução de ambas, trazendo essa análise até nosso trabalho para refletir acerca de como tudo isso influenciou também nas expressões idiomáticas.

2.2. FATOS HISTÓRICOS. A ROMANIZAÇÃO DA PENÍNSULA IBÉRICA

Os romanos desembarcaram na Península no ano 218 a. C. A sua chegada constitui um dos episódios da Segunda Guerra Púnica, sendo que no ano 209 empreendem, então, a conquista desse território. Assim, o latim entrou definitivamente na Península Ibérica a partir do século II a. C. fazendo desaparecer as línguas nativas, supostamente de natureza ibérica. Todos os povos da Península, com exceção dos Bascos, adotam o latim como língua e, mais tarde, todos abraçaram o cristianismo.

A Península é inicialmente dividida em duas províncias, a Hispania Citerior (a região nordeste) e a Hispania Ulterior (a região sudoeste). No ano 27 a. C., o rei Augusto divide a Hispania Ulterior em duas províncias: a Lusitânia, ao norte do Guadiana, e a Bética ao Sul. Posteriormente, entre a ano 7 a. C. e o ano 2 a. C. a parte de Lusitânia situada ao Norte de Douro, chamada Gallaecia, é anexada à província Tarraconense. Cada província subdivide-se num determinado número de circunscrições judiciárias chamadas conventus.

Em 409, com a invasão dos germânicos Vândalos, Suevos e Alanos seguidos mais tarde pelos Visigodos começa um dos períodos mais escuros da história peninsular que terminará em 711, com a invasão muçulmana. Com relação à cultura e à língua, a contribuição dos Suevos e dos Visigodos foi mínima, tendo um papel particularmente negativo rompendo-se com eles definitivamente a unidade romana. Se o latim escrito se mantém como a única língua de cultura, o latim falado evolui rapidamente e diversifica-se. Segundo Câmara (1976: 16) *esse latim, já muito distanciado de suas origens e regionalmente diversificado, continuou a evoluir na boca das populações submetidas, ditas moçárabicas.*

Em 711 os muçulmanos invadem e em pouco tempo conquistam a Península Ibérica, incluindo a Lusitânia e a Gallaecia. Esses muçulmanos eram árabes e berberes do Maghreb. Eles tinham o Islão como religião e o árabe como língua de cultura, mesmo aqueles que falavam o berbere. Os povos ibéricos chamavam-nos, então, de mouros.

Partindo do Norte, a reconquista cristã vai gradativamente expulsando os mouros para o Sul. É durante a reconquista que nascerá no século XII o reino independente de Portugal. O resto da Península só seria, porém, definitivamente reconquistado bem mais tarde, em 1492, quando os reis católicos se apoderam do reino de Granada (alguns textos dão 1515 como a data de constituição do Reino da Espanha).

A invasão muçulmana e a Reconquista são acontecimentos determinantes na formação das três línguas peninsulares o galego-português no oeste, o castelhano no centro e o catalão no leste. Essas línguas, todas

nascidas no Norte, foram levadas para o Sul pela Reconquista, o que provocou importantes movimentos de populações. Os territórios retomados aos mouros estavam freqüentemente despovoados. Os soberanos cristãos repovoaram esses territórios e entre os novos habitantes não havia, em geral, uma forte proporção de povos vindos do Norte. Em começo do século, quando surgem os primeiros textos escritos, a reconquista militar e política está em vias de terminar, mas as suas conseqüências lingüísticas não tiveram tempo de manifestar-se: a língua literária que emerge então é o galego-português do Norte. O latim, assim, começava uma nova faceta e revelava um novo conflito lingüístico: a língua latina dos cristãos, resistentes à ocupação islâmica, e o latim moçarábico. Sobre essa questão e conforme dito acima, Câmara (1976:17)aponta:

...Um e outro já eram uma nova fase lingüística, em que se passa do latim propriamente dito para outro estado da língua. É o chamado romance, nome convencional englobando múltiplos e variadíssimos falares regionais, em que se diferenciou o latim por toda a România, durante a primeira parte da Idade Média.(p.17)...

Os três séculos passados entre a chegada dos germanos à Península (409) e dos muçulmanos (711) não nos deixaram qualquer documento lingüístico, mas a língua geral da evolução não admite dúvidas. Vê-se acelerar a deriva que transformará o latim imperial em proto-romance, e aparecem certas fronteiras lingüísticas. Uma delas é a que vai separar os falares ibéricos ocidentais, de onde sairão o leonês e o castelhano.

Posteriormente surgem os Estados políticos medievais e tem lugar a divisão da Península Ibérica em reinos. Por volta do século XI d. C. o condado de Portugal (região do Porto) separou-se dos reinos de Leão e Castela. Nesse condado o latim romance se desenvolve como língua nacional a partir da qual se teria constituído a língua portuguesa. E na segunda metade do século XIII a língua portuguesa já apresentava então uma produção literária *stricto sensu*, em face do castelhano e do catalão.

O português ao lado do espanhol e das outras línguas românicas, originou-se do latim vulgar essencialmente oral, característico das classes plebéias da Roma aristocrática antiga o que corresponde ao conceito de língua viva. Esse latim diversifica-se em dialetos sociais mudando continuamente de forma diacrônica. Do outro lado, estava o latim clássico, a língua culta falada dentro da classe aristocrática, os chamados patrícios, que se tornava uma língua viva na medida em que recebia influência do latim vulgar, tido como mais dinâmico. Dessa forma, é mais fácil conceber, para o latim clássico, uma unidade lingüística em qualquer momento da sua história, uma vez que estava sujeito à normatização através da língua escrita e das gramáticas, enquanto o

latim vulgar, ao contrário, diversifica-se em dialetos. Se referindo a este fato Câmara (1976:21) expõe:

... É justo dizer que as línguas românicas provêm do latim vulgar, no sentido relativo de que resultaram de um latim dinâmico, essencialmente de língua oral, em processo de perene evolução. Elementos do latim clássico, que estão nas origens românicas, são os que se integraram no processo evolutivo, fazendo-se "vulgares".

Enquanto o latim clássico tornava-se uma língua morta, o latim vulgar se desenvolvia em diferentes línguas que, aos poucos, passou a ser o lastro primitivo do português e do espanhol. De forma direta e indireta, o latim vulgar forma o que seria, posteriormente, o substrato na consciência coletiva, encerrando assim o germe da diferenciação ao transformar-se nas diversas línguas de um mesmo bloco lingüístico. Essa transformação, além de ser o resultado de variações culturais, de isolamento geográfico dos grupos entre si e da aquisição de superestratos lingüísticos subseqüentes, passou a ser uma consequência do caráter evolutivo, próprio de qualquer língua através do tempo e do espaço, visto que os fenômenos lingüísticos, como tudo na natureza, estão sujeitos a mudanças inevitáveis.

A classificação de latim clássico e latim vulgar não é muito convincente e, neste sentido, concordamos com Câmara Junior (1976:21) quando afirma que *o latim vulgar é o que corresponde essencialmente ao nosso conceito de língua viva. O latim clássico só era língua viva na medida em que recebia influência do latim vulgar e se tornava, com isso, mais maleável e mesmo um tanto dinâmico. (...) O latim vulgar diversifica-se em dialetos sociais, e, diacronicamente, é uma continuidade de mudanças.* Evidentemente, o latim clássico, sujeito a normatização através da língua escrita e das gramáticas seria mais oportuno no sentido de conceber uma unidade lingüística no decorrer da sua história.

Na evolução lingüística do português e do espanhol como resultado das transformações contínuas, paulatinas e progressivas, não se pode estabelecer uma linha reta mas podem-se identificar, porém, processos iguais, similares ou totalmente diferentes no desenvolvimento de cada uma.

Talvez seja provável que nessa época, no século XI, se desencadeie a evolução do grupo consoante **cl**, por exemplo, **oc'lu** (de *oculum*) nesta posição, **c** pronunciado como **k** passa a **yod (y)**: **oc'lu** > **oylo**. Esta evolução é comum a todos os falares hispânicos. Mas as consequências não serão as mesmas dependendo da região: em galego-português (**yl**) passa a (**lh**) palatal, por exemplo, o vocábulo **molhado**, ao passo que em castelhano passa à africada [dz], escrita **j** (o leonês constitui uma zona de transição).

latim clássico	latim vulgar	galego português	castelhano
<i>oculum</i>	<i>oc'lu</i>	<i>olho</i>	<i>ojo</i>
<i>auricula</i>	<i>orec'la</i>	<i>orelha</i>	<i>oreja</i>
<i>vetulum</i>	<i>vec'lu</i>	<i>velho</i>	<i>viejo</i>

O grupo **ct** por sua vez, passa a **[yt]**; por exemplo, **nocte > noyte**. A língua portuguesa mantém ainda a pronúncia **noite** enquanto o espanhol continuando a evolução, apresenta hoje a africada (**ts**), escrita **ch**: **noche**. Temos assim, as seguintes oposições entre as duas línguas.

galego-português	castelhano
<i>nocte</i> - <i>noyte</i> <i>noite</i>	<i>noche</i>
<i>lectu</i> - <i>leyto</i> <i>leito</i>	<i>lecho</i>
<i>lactu</i> - <i>leyte</i> <i>leite</i>	<i>leche</i>
<i>factu</i> - <i>fayto</i> <i>feito</i>	<i>hecho</i>

latim clássico	latim imperial	galego-português	castelhano
<i>pedem</i>	<i>Pede</i>	<i>pé</i>	<i>Pié</i>
<i>decem</i>	<i>Dece</i>	<i>dez</i>	<i>Diez</i>
<i>lectum</i>	<i>Lectu</i>	<i>leito</i>	<i>Lecho</i>
<i>novem</i>	<i>Nove</i>	<i>nove</i>	<i>Nueve</i>
<i>fortem</i>	<i>Forte</i>	<i>forte</i>	<i>Fuerte</i>
<i>noctem</i>	<i>Nocte</i>	<i>noite</i>	<i>Noche</i>

As duas vogais abertas **[e]** e **[o]** oriundas das vogais breves **[e]** e **[o]** do latim clássico, ditongam-se, quando tônicas em diversas posições: **[e]** passa a **[ee]**, e finalmente **ie**: por exemplo **petra > piedra (castelhano)**; **[o]** passa a **[oo]** e depois a **uo**, e finalmente **ue**; por exemplo: **nove > nueve (castelhano)**.

latim	galego-português	Castelhano
(pl) <i>plenu</i>	<i>cheo</i>	<i>Lleno</i>
<i>planu</i>	<i>chão</i>	<i>Llano</i>
<i>plicare</i>	<i>chegar</i>	<i>Llegar</i>
(cl) <i>clamare</i>	<i>chamar</i>	<i>Llamar</i>
<i>flafrare</i>	<i>cheirar</i>	<i>não atestada</i>

É interessante ressaltar, que tem sido pouco estudada ou é quase desconhecida, tanto na Espanha quanto em Portugal, a influência que o espanhol pode ter tido no português nessa época.

No entanto, um dos efeitos da impregnação do espanhol no português, sem dúvidas, foi observado no vocabulário: por exemplo, a velha palavra portuguesa **castelão** substituída por **castelhano** (espanhol- **castellano**); **cavaleiro**, hoje em português **cavalheiro**, tomado do espanhol **cavallero**, hoje **caballero**, no sentido de senhor, homem fino, de boa educação, dentre outros.

2.3. SOBRE AS VARIANTES DO ESPANHOL NA AMÉRICA. O ESPANHOL DE CUBA.

No século XV, especificamente em 1492, o mundo inteiro vai assistir a uma sequência de fatos históricos, inéditos e impactantes onde a Espanha será o centro e terá um papel importante: a descoberta das Américas; a expulsão definitiva dos árabes da Península; a expulsão dos judeus e finalmente a publicação da primeira gramática de uma língua espanhola moderna, de quem fora autor o famoso Antonio de Nebrija.

A partir desse momento começaria o que se chamou o encontro de duas culturas, isto é, a espanhola e a americana precolombina. É curioso, e até talvez irônico, dizer que foi um encontro se a partir dele se gesta um evidente sentimento de poder por parte da metrópole impondo a sua língua, o espanhol, sob uma grande quantidade de línguas e dialetos utilizados nos nossos países naquela época, antes da chegada dos europeus. Ocorreu de fato um avassalamento absoluto, a mutilação de várias culturas.

Existe um número considerável de pesquisas dedicadas ao estudo da história da língua espanhola na América, mas existe uma tendência à descrição de uma região específica sem pensar no espanhol falado em outras regiões de Hispanoamérica, como se os traços locais fossem únicos. No entanto, a realidade é outra, pois os fenômenos que descrevem esses estudos podem existir de forma idêntica a muitos quilômetros de distância. À medida que aumenta o rigor das análises sobre as variantes americanas da língua espanhola, as constatações e observações tornam-se mais precisas fornecidas pelo próprio avanço das pesquisas em Linguística Aplicada e pela contribuição dos estudos de dialetologia e sociolinguística.

Uma das primeiras obras onde se analisam as diferenças linguísticas do espanhol da América é a de Gregorio Mayans & Siscar **Orígenes da língua espanhola** escrita em 1737. O livro trata da introdução de vozes indígenas (por exemplo, **iguana, tabaco, bejuco, etc.**) e muitas outras com as quais, segundo os autores, se poderia elaborar um dicionário. Não são poucos hoje em dia os dicionários dedicados ao estudo das variantes do espanhol americano. Em Cuba o primeiro a tentar foi Frei José María Peñalver em 1795 quando propôs uma reunião extraordinária da Real Sociedade Econômica Amigos del País para discutir a elaboração de um dicionário provincial da Ilha de Cuba que

devia considerar todas as vozes cubanas referentes às áreas de agricultura, indústria, comércio, costumes, etc.

Em 1829 Don Domingo del Monte começou a compilação de cubanismos, mas o trabalho ficou inédito e ainda hoje se desconhece o destino dos manuscritos. Posteriormente, o sonho virou realidade quando Esteban Pichardo publica em 1836 o seu ***Diccionario Provincial casi razonado de vozes y frases cubanas***, onde aparece um extenso repertório de vozes e frases populares encontradas na língua familiar e vulgar dos cubanos. Trata-se de um excelente testemunho da língua cubana que mostra que nela estavam ainda vigentes muitos indigenismos regionais, inclusive alguns procedentes de outras regiões americanas. Esta obra confirmava que a fala regional das Antilhas tinha crescido com uma grande independência da peninsular, e que as línguas dos forçados emigrantes africanos deixou uma marca profunda no espanhol de Cuba e ainda continuava influenciando nele. O dicionário de Pichardo abriu as portas para a compilação e publicação, na América toda, de outras obras dessa estirpe que foram úteis tanto como documentos autênticos para a história do espanhol da América, quanto para a análise de suas fontes lexicais. Ao mesmo tempo, tornou-se um ponto de partida para os estudos subseqüentes sobre as vozes de origem indígena.

No século XX, aumentou o número de trabalhos relacionados com as variações regionais procurando estabelecer um inventário totalizador de vozes de todos os países de fala hispana do continente americano, destacando-se o ***Diccionario de Americanismos*** de Augusto Malaret (primeira edição em 1925, Puerto Rico; terceira edição em 1946, Buenos Aires) e o ***Diccionario general de Americanismos*** de Francisco Javier Santamaria (primeira edição em 1946, México) embora a classificação de americanismos elaborada por esses autores, e a de outros posteriores, ocasionalmente é relativa, pois muitas das palavras assim denominadas não são comuns para toda a América, sendo utilizadas só em determinadas zonas e por determinados grupos sem chegar a cobrir todo o mapa lingüístico hispano-americano.

Cuervo (1947), dialetologista de renome afirmava que a língua deriva do caráter social do ser humano e da sua liberdade, portanto, a mudança idiomática depende também dos fatores humanos. Um aspecto que devemos ressaltar é o fato de Cuervo não considerar o espanhol da América como um simples espanhol ibérico transplantado, mas como um desenvolvimento original com matizes próprios que começou a partir das variantes espanholas trazidas pelos colonizadores. Em 1901, já Cuervo fazia referência aos caracteres dialetais dessa língua na América.

Jakobson (1963) com relação a coexistência permanente do sincrônico e o diacrônico, como explicação da variação da língua sustenta:

...Mesmo que os falantes quase não se dêem conta disso ou não se dêem conta em absoluto, numa certa medida, o sincrônico e o diacrônico coexistem sempre na língua. Nada existe fora da história ou das sociedades, e a linguagem leva em si, sempre, as dependências da história e da ordenação social, essas dependências são as que dão lugar à variabilidade e à mudança idiomáticas. (p.83)...

Lope Blanch (1983) também tenta comprovar a tese do mestre Cuervo fazendo ênfase na intervenção de múltiplos fatores para a constituição de uma língua, particularmente no caso do transplante desta para territórios já povoados (como aconteceu com o português e o espanhol). Dentre esses fatores podemos citar: 1) as diferentes línguas indígenas acima das quais se assentou o castelhano e o português; 2) a origem regional dos conquistadores e colonizadores (e seu nível sociocultural); 3) a densidade da população nativa, sua organização sócio-política e seu grau de desenvolvimento cultural; 4) as diferentes fases da conquista e colonização; 5) a intensidade dos contatos com a metrópole ou o isolamento com relação a ela; 6) as atitudes conservadoras e inovadoras dos grupos colonizadores; 7) as características dos fluxos migratórios e a sua procedência; 8) o processo de aquisição do castelhano e do português pelos indígenas e seu bilingüismo; 9) a capacidade de penetração das línguas indígenas na língua espanhola e na língua portuguesa; 10) as possibilidades de evolução interna do sistema castelhano em cada uma das regiões americanas e a do português no caso do Brasil; 11) a atitude social e oficial dos falantes de espanhol e de português perante as línguas indígenas; 12) os diferentes níveis culturais alcançados durante a época colonial devido aos assentamentos hispânicos e lusófonos e, ao nosso ver, poderíamos acrescentar o fluxo de negros escravos trazidos da África e que consigo carregaram o patrimônio cultural e a língua falada em seus países de origem.

Assim, existem também variedades de espanhol americano. As diferenciações internas podem ser, por um lado, considerando o lugar de Espanha de onde provinham os conquistadores/ colonizadores. Por outro, a zona de América escolhida por eles para se instalarem definitivamente, a relação desses homens com as nações indígenas em cada uma dessas regiões e conseqüentemente o contato com a (s) língua (s) de seus moradores. Isto é muito importante, pois a partir daí surgirão diferentes variedades do espanhol.

Existe uma hipótese de que a maior parte das contribuições do espanhol veio da região de Andaluzia. Ureña (1930) em seu livro **Observaciones sobre el español en América** rejeita a idéia sobre a influência do andaluzismo em geral, reduzindo-a apenas a uma certa semelhança com a variante usada na região que se chamou de **terras baixas da América** (as Antilhas, as costas atlânticas do México e da Colômbia, o litoral venezuelano, Chile e o Rio da

Plata). Essa semelhança não seria devido a uma importação de traços lingüísticos, mas talvez a desenvolvimentos paralelos. A conclusão feita por Ureña parte do resultado da sua pesquisa sobre a procedência dos grupos de imigrantes espanhóis, apoiada também nos estudos realizados por Cuervo logo no começo do século defendendo a idéia de que a população americana provinha de toda a península ibérica. Tal hipótese atualmente está sendo analisada por diferentes pesquisadores que desenvolvem o projeto ***História del Español de América y Canarias***.

Por outro lado, outros autores acreditam que os traços fundamentais do espanhol da América são transplantados de Castela sendo, portanto, a língua transplantada o castelhano. Analisando o desenvolvimento da língua castelhana encontramos que com a Reconquista, o castelhano se estendera para o sul da Espanha o que provocou algumas mudanças dentro da sua estrutura, dando lugar, em última instância, ao que conhecemos como o dialeto andaluz do castelhano, com o seu foco principal em Sevilha, mas com extensos prolongamentos na Extremadura e Granada. Os documentos dos arquivos revelam que a maior parte das primeiras expedições saíram dos portos do sul: Sevilha, Huelva, Palos, Málaga e Cadiz. Assim, temos uma língua castelhana que chega à América com um processo particularmente lento.

Além disso, quando no século XVI começa a colonização espanhola de América, já tinha se completado a unificação da língua literária no reinado hispano. O catalão foi perdendo terreno perante o castelhano que passou a ser o veículo de comunicação na corte, na administração e nas relações de intercâmbio com outras regiões da Espanha e do exterior. O castelhano foi a língua que determinou a unidade política e nacional, enquanto o catalão foi reduzido à fala familiar. Com relação ao galego, a partir do século XIII também foi cedendo terreno depois da incorporação de Galicia ao reinado de Castela.

A forte igualdade que existiu na época medieval entre o galego e o português, especialmente no século XVI foi desaparecendo. A separação política e cultural de ambas as comunidades em 1640 fortaleceu a diferenciação lingüística entre o galego e o português. Este último sofreu um processo de desgaleguização, perdeu o seu caráter galaico e se adaptou ao ambiente moçárabe do centro de Portugal. O leonês nessa época sobreviveu na fala rústica, e o aragonês tivera influência do castelhano desaparecendo logo da literatura. O leonês e o aragonês passaram então a ser dialetos.

Apesar da unificação centralizadora do estado espanhol, as modalidades regionais que existiam em cada província da península não desapareceram. Por exemplo, em Andaluzia se estendeu o castelhano dialetalizado com características fonológicas e léxicas próprias, enquanto o catalão continuou funcionando como idioma e durante a sua expansão até o sul se diversificou em vários dialetos.

Na época em que Cuba foi colonizada, (a partir de 1510) já estavam geograficamente bem definidos os três grandes domínios lingüísticos românicos da Ibéria: o galego-português, o catalão e o castelhano. Em Cuba, como em outras partes da América colonizada pelos espanhóis, a língua peninsular imposta, devido ao respaldo oficial e pelo prestígio lingüístico-cultural, foi o castelhano. A colonização da ilha provocou um processo de imigração peninsular que se manteve durante os quatro séculos de domínio colonial e continuou até a primeira metade do século XX. No entanto, nem todos os imigrantes peninsulares eram das regiões de fala castelhana, embora a língua oficial da colônia fosse o castelhano.

Além disso, muitos desses imigrantes utilizavam as variantes dialetais, ou seja, existia (e ainda hoje existe) na península uma diversidade lingüística tal que ia desde a conformação de numerosas variantes dialetais até a presença de diversas línguas de origem românica (o português, o galego e o catalão) além das de origem pre-românica, o euskera e o vasco. Esse amálgama de dialetos e línguas peninsulares chegou a Cuba pela imigração e, sem dúvidas, influiu no processo de matização do espanhol falado na ilha. A esse processo se incorporaram os usuários das línguas indoamericanas, subsaharianas, asiáticas e indo-europeias posteriormente, o que também ajudou o processo de mestiçagem biológico e cultural.

Assim, segundo as pesquisas, em Cuba durante o período entre 1510 e 1600 se observa o predomínio de imigrantes de Andaluzia (39,6%), seguidos dos de Estremadura (16,4%), Murcha (0,6%) e Canárias (0,3%) para um total de 54,2%. O resto, (29,6%) de Castela; (5,9%) de Leão; (0,6%) de Asturias, para um total de 35,9%. Daí que o predomínio do diasistema lingüístico idiomático do espanhol seja o superdialecto andaluz.

No século XVIII, período decisivo no processo de formação da identidade e nacionalidade cubanas praticamente um sétimo da imigração hispânica procede das ilhas Canárias e de Andaluzia. No final desse século, os crioulos (chama-se crioulo aos descendentes de brancos e negros ou de brancos e indígenas) começaram a se sentir cubanos, membros de um etnos diferente do espanhol e materializaram as suas manifestações e sentimentos nacionais nas diferentes esferas socio-econômicas e político-culturais. Esse processo influiu na língua falada e na evolução da língua como fora descrito nas obras *Memória sobre los defectos de pronunciación de nuestro idioma y medios de corregirlos*, de Frei Pedro Espínola (1795) e em *Memoria que promueve la edición de un diccionario provincial de la Isla de Cuba*, de Frei José Maria Peñalver (1795). Ambas as memórias lidas por seus correspondentes autores em 8 e 29 de outubro de 1795 em sessões ordinárias da Real Sociedad Patriótica de Havana são consideradas até hoje como os documentos mais antigos que mostram as características do espanhol falado em Cuba. Esses documentos são de uma importância vital do ponto de vista científico, pois permitem chegar à conclusão de que no final do século

XVIII o espanhol de Cuba terminava a sua primeira etapa evolutiva e começava uma outra fase no século XIX com as suas características próprias se enriquecendo mais ainda, até hoje.

Durante a segunda metade do século XIX, diminuiu relativamente a imigração canária e andaluza e aumentou a imigração de Astúrias, Galícia e Catalunha. Um dado curioso é que a partir do século XVIII e até o XIX a maioria dos imigrantes eram homens o que constituía um obstáculo para a proliferação dos casamentos endogâmicos. Portanto, a tendência era a mistura com os nativos de Cuba e a consequência, a mestiçagem interracial dos emigrantes com negróides e mongolóides introduzidos em Cuba como mão de obra escrava.

O censo de 1899 mostra que a população cubana (1 400,262) representava o 89,03% dos habitantes da ilha (1 572,797), os espanhóis só representavam 8,21% (129,240). O povoamento hispânico em Cuba foi decrescendo historicamente na medida em que o etnos e cultura cubanas foram se desenvolvendo e consolidando.

Voltando ao tema sobre os aspectos lingüísticos, podemos dizer que o fato de que os acontecimentos históricos, socio-econômicos e políticos através de todos estes séculos desembocaram na constituição de uma única língua oficial para a comunidade hispânica peninsular e canária precisamente no século em que iniciou-se a colonização de América, explica por que o castelhano, já convertido em língua oficial e nacional da Espanha se expandira no Novo Continente. A denominação *língua espanhola*, aplicada ao castelhano, teve desde o século XVI absoluta justificação. Quando no século XVI o idioma espanhol se desloca por Espanha e América como resultado de uma extensão territorial contínua, na segunda metade desse mesmo século ocorre a transformação fonética que deu passo ao espanhol moderno: igualou-se *b* a *v*; perdeu-se o *h* aspirado, e se igualaram os três pares de sons (*s* e *ss*, *z* e *c*, *j* e *x*) que origina o *seseo* e o *ceceo*.

Se no século XVI a língua espanhola mostra um estado de nívelação em ambos os lados do Atlântico, nos séculos seguintes, pelo contrário, se acentua a diferenciação e começa a formação das variantes nacionais. Assim, o espanhol desmancha os modelos sociais que regeram na Espanha, pois as novas condições da realidade americana o obrigava. Em Cuba durante todos os séculos de colonização dominou a variante supradialetal andaluza e canária.

O Projeto *Historia del Español de América y Canarias* enfatiza num primeiro momento a história interna do desenvolvimento do espanhol nas terras descobertas, ou seja, a evolução assistemática desta língua, seus pontos divergentes e convergentes com relação a língua falada na Metrópole.

Para se ter uma noção dos fenômenos ocorridos do ponto de vista gramatical (fonético, lexical, morfológico, etc.) citaremos alguns deles trazendo à tona o correspondente comentário. O fenômeno do *yeísmo* na península, por exemplo, que segundo Navarro (1966), tem três focos principais, independentes um do outro: o asturiano-leonês; o catalão-balear e o andaluz. Isto quer dizer, que a única zona onde não encontramos o *yeísmo* é na galego-portuguesa. Os dois primeiros são de caráter antigo e atualmente constituem um fenômeno em retrocesso. Já o andaluz é relativamente moderno e afeta o // de qualquer origem e em qualquer posição. Esse *yeísmo* se expandiu pela América com os colonizadores e emigrantes espanhóis.

O *seseo* na América, ao nosso ver, deve ser interpretado como a integração ou convergência de elementos procedentes de diversas zonas da península onde o elemento andaluz, só no início, pelo menos em Cuba, teve um grande peso, mais não foi o único elemento gestor desse fenômeno pois os imigrantes canários também tiveram um aporte significativo no país ou, talvez, muito mais. As possíveis interferências comunicativas provocadas por esse fenômeno foram superadas mediante a diferenciação lexical: *casa/cacería* X *caza*; *coser/cocinar* X *cocer*, etc. O *seseo* foi uma forma tão identificadora que existem boatos que afirmam que durante as guerras de independência separavam-se os soldados americanos dos peninsulares principalmente através dessa característica ou traço.

Na fala popular cubana como no espanhol peninsular e americano existe a tendência de criar adjetivos e nomes femininos a partir de vozes que não tem distinção genérica (**general/generala**), fenômeno comum em Canárias, Estremadura e especialmente em Andaluzia ocidental.

Uma outra realização plenamente americana e considerada como de origem andaluza é a desapareição do pronome *vosotros*, como segunda pessoa do plural e a sua substituição por *ustedes*, fenômeno que deve estar vinculado também à imigração canária que foi mais numerosa que a andaluza a partir do século XVIII. Essa substituição provocou também a substituição do pronome possessivo *vuestro* pela forma anclítica *de ustedes*. Kany (1969:80,81) dedica uma profunda reflexão a questão do uso de **vos (vosotros)** nas variantes latino-americanas e argumenta:

...É verdade que o voseo se enraizou nas classes sociais todas da Argentina e Uruguai, muito mais do que em qualquer outro país. Mas sua difusão geográfica inclui dois terços de Hispano-América. Atualmente sabemos que o voseo é geral na Argentina, Uruguai, grande parte do Paraguai, em algumas regiões da América Central (Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua, a maior parte de Costa Rica) e nos estados mexicanos de Chiapas e Tabasco.

Em conflito com tu existe no Chile, sul do Peru (limítrofe com Chile), norte do Peru (líndante com Equador), Bolívia, a maior parte do Equador, Colômbia e Venezuela, interior do Panamá e um pequeno setor oriental de Cuba. Por outro lado, tu é geralmente usado na maior parte do México, Cuba e Peru, em partes da Bolívia, norte da Colômbia e da Venezuela (costa atlântica), região ocidental do Equador, a maior parte do Panamá (incluindo a capital e Colón), Santo Domingo e Puerto Rico (pp.80 81)...

Kany registra essa diferença de uso na Espanha, principalmente em Andaluzia e ocasionalmente em Madri e comenta:

...Antes de mais nada, deve ficar bem claro que na América desapareceu a forma familiar vosotros (assim como a forma verbal correspondente à segunda pessoa do plural), excetuando ocasionais usos literários e em pessoas que fingem ser espanholas. Ela foi substituída por ustedes (com a forma verbal correspondente à terceira pessoa do plural). Em Andaluzia e em outras partes (...) pode-se ouvir ustedes com a forma verbal da segunda pessoa (ustedes tenéis) (p.77)...

Canfield (1988:50) realiza um estudo fonológico das variantes do espanhol na América com o objetivo de levantar as diferenças fonológicas e sintáticas de alguns países do Cone Sul, da América Central e do Caribe. Neste sentido, com relação ao espanhol de Cuba o autor afirma que é típico das regiões situadas nas rotas comerciais da América e isto porque apresenta as tendências andaluzas dos séculos XVII e XVIII, desconhecidas em regiões interioranas (p.50). Segundo ele, os cubanos têm a tendência de aspirar o /s/ no final das sílabas ou, inclusive, a perdê-lo totalmente, particularmente, nas classes economicamente mais baixas. Um outro traço seria a equivalência acústica de /l/ e /r/, principalmente na capital. Sem dúvidas, o trabalho de Canfield é considerado como o único estudo comparativo bem sucedido dos dialetos americanos.

No nível lexical, o espanhol americano se enriqueceu com uma extensa lista de indoamericanismos que lhe deu o caráter e validade regional, pois constituía uma possibilidade de adaptar esse instrumento de comunicação europeu às novas necessidades de intercâmbio de informação e manifestação dos grupos que se formaram a partir da mestiçagem biológica e cultural em Hispanoamérica.

Na tendência de adaptar o espanhol ibérico ao contexto americano, muitas palavras vão adquirir novas acepções como uma forma de acomodar a língua ao uso que as condições exigiam. Por essa razão, Cowles (1962: 221) aponta que o fator intrínseco mais interessante que determina o caráter do espanhol americano é o semântico. Existem muitos trabalhos que tratam sobre essa questão, dentre eles os de Malaret (1943), Selva (1940) Kany (1969).

Da influência andaluza temos em Cuba os fraseologismos **dar un ojo** (lavar a roupa uma vez só com sabão); **echar un ojo** (vigiar); **dar alas** (consentir).

Além disso, em Cuba também temos alguns portuguesismos, embora seja difícil estabelecer quais as vozes portuguesas e quais as de origem galega, pois trata-se de palavras da língua castelhana que tem origem comum, o galaico-português. Boyd-Bowmann (1968: XX) mostra nos estudos demográficos realizados que a contribuição demográfica galego-portuguesa à América foi muito efêmera no período entre 1492 e 1520. Com relação a Cuba, temos comprovado no **Catálogo de pasajeros a Indias** (Consejo Superior de Investigaciones Científicas de Sevilla, 1940, 1942, 1946 t.3), que no período entre 1509 e 1585 não aparece registrado nenhum passageiro de origem portuguesa.

Mas pode ser que no período de hegemonia hispânica sobre Portugal (1500-1640) alguns portugueses tivessem chegado a Cuba como súbditos da Espanha. Macías Domínguez (1978), por exemplo, aponta que no caso de Cuba na primeira metade do século XVII não poucos portugueses abandonaram as frotas para ficar de vez. Entre 1600 e 1607 estabeleceram-se em Havana aproximadamente 29 pessoas dessa nacionalidade. Os censos também confirmam a escassa quantidade de imigrantes portugueses. Entre os portuguesismos que entraram no léxico cubano temos *bandeja, bicho, botar, brincar, cabilla, despejar, perca, magua, barra, pátio, terco, tertulia, traje, vigia, zafra*, dentre outros. Também encontraremos vozes de origem asiática no espanhol de Cuba que se incorporaram ao espanhol peninsular através do português, e que deste passou ao espanhol de Cuba, por exemplo, *charol, bambú, ostra, cacatúa, orangután, champú, tabú, mango, piyama, soya*, etc., ou através dos próprios emigrantes chineses que se estabeleceram na ilha.

Especialistas de renome, dentre eles Amado Alonso (1967:12) destaca a renovação permanente da contribuição lingüística peninsular na América quando assevera:

...A base do espanhol americano é a forma americana que adquiriu naturalmente o idioma falado pelos espanhóis do século XVI, os de 1500 e os de 1600, e alguns decênios do XVII (...). Não perduram na América, e muito menos são a sua base, nem a pronúncia do século XV (mudada no século XVI), nem as formas verbais, nem as palavras, nem as formas sintáticas que na Espanha ficaram obsoletas no século XVI, menos ainda constituem a base lingüística no continente (pág. 12)...

Alonso acredita que a mudança ou permanência das formas lingüísticas não é resultado de um processo natural e sim de escolhas dos falantes, que determinam diferenças de grau, nunca de essência, explicitando preferências e gostos coletivos (pág. 32) O autor conclui que a base lingüística do espanhol

da América é o nivelamento realizado pelos expedicionários durante o século XVI, determinando assim o início do **americano**, com claro predomínio do castelhano, na medida em que nele coincidiam todos os regionais chegados à América e também pela idéia generalizada na sociedade, com relação à conveniência de todos compartilharem a mesma língua (pág. 46). Pode ter até uma certa lógica que a necessidade experimentada pelos habitantes da península tenha se deslocado com eles e acabasse sendo também o sentimento dos povoadores americanos, que logo depois imprimiram à língua características próprias da vida no novo continente.

Mas quais seriam as explicações para a evolução do espanhol na América? Isto nos leva a fazer uma reflexão sobre os fenômenos propriamente lingüísticos que originaram a sua formação. Partiremos do próprio conceito de espanhol que significa a particularização de uma língua, neste caso a língua espanhola. Uma língua representa um saber historicamente constituído num determinado grupo, vai se gerando e evoluindo em cada indivíduo componente desse grupo a partir de uma atividade que por sua vez permite estabelecer uma outra atividade, a comunicação através da fala. Esse falar se caracteriza fundamentalmente pelo fato de estar submetido às múltiplas variações que encontraremos na fala de indivíduos diversos, separados talvez pelo próprio tempo, espaço, pelo nível que ocupam na sociedade e pela própria fala deles. Portanto, cada ato de fala é uma ocorrência concreta e particular ligada ao aqui e agora. Então, a variação de fala está motivada por fatores intrínsecos e extrínsecos.

Dentre os valores intrínsecos temos os de nível fonético, os condicionamentos fisiológicos etc. No nível semântico, teríamos a maneira com que os falantes interiorizam a sua experiência e o conhecimento sobre o mundo que o rodeia, associando-o aos signos da sua língua, como consequência dos diferentes estímulos da realidade material e espiritual. Os valores extrínsecos estão relacionados principalmente aos contatos dos indivíduos com outras comunidades lingüísticas provocando algumas interferências de diferentes tipos. A variação na fala do indivíduo é importante na hora de avaliar a sua idiosincrasia idiomática. Para o conceito de língua como realidade social e coletiva nos interessa a variação regular e constante dentro de uma comunidade lingüística que permita reconhecer as variedades que ocorrem dentro de uma mesma língua e que podem ser geográficas, sociais e históricas.

Tentando analisar a questão da constituição da língua espanhola, lembremos como os fatores políticos e militares fizeram com que na etapa da Reconquista a variedade castelhana se estendesse e impusesse perante outras línguas irmãs. Durante o século XIII o castelhano teve um desenvolvimento funcional amplo ligado a uma primeira normalização lingüística que não teve um caráter absoluto nem garantiu uma homogeneidade

na língua escrita. A evolução posterior mostra como foi tirando elementos vigentes da primeira manifestação consistente da língua escrita.

Durante o século XV, a língua castelhana adquiriu o seu caráter nacional, expressão e símbolo da nação espanhola surgida a partir de uma nova consciência acerca da unidade histórico-cultural de Espanha. Nebrija* assumiu a tarefa de codificar e aperfeiçoar o desenvolvimento e evolução do castelhano como veículo cultural. No fim do século XV o espanhol existia como língua literária nacional e as suas variedades sociais e funcionais são mais difíceis de identificar do que as variedades geográficas (dentre eles o leonês, o navarro, o aragonês e o próprio castelhano). Na escrita o castelhano se impôs quase de forma integral nas áreas com tradição gráfica próprias como o leonês e o aragonês.

A descoberta das Novas Índias e com ela o transplante da língua para a América acontece justamente no ano em que será publicada a Gramática de Nebrija que contém a primeira codificação do espanhol e a razoada exposição sobre o seu destino imperial.

Desde o início da colonização de América começa o processo de diferenciação da língua dos colonizadores com relação ao espanhol que eles trouxeram da Península, o que é inevitável porque nenhuma língua pode eludir ser a expressão do modo de vida da comunidade que a utiliza e ao mesmo tempo ser testemunho dessa vida. As línguas sempre mudam, com mais razão e celeridade aquelas que por circunstâncias históricas complexas se desarraigam de sua geografia tradicional e colocam-se em contato com outras culturas em outros ambientes físicos.

Em Cuba no espanhol dos colonos imigrantes, o diferenciador mais visível com relação ao espanhol europeu era o obrigatório e necessário empréstimo de vozes americanas para nomear coisas e instituições próprias das novas terras colonizadas que obviamente não existiam no espanhol peninsular (por exemplo, *cacique*, *yuca*, *tabaco*, *caribe*, *bohio*, *hamaca*, *areito*, etc.). Alvar (1972) afirma:

...O homem espanhol ao se trasplantar vai modificando, evidentemente, sua língua mas também é certo que os índios a adquiriram e a modificaram. O crioulisto lingüístico se produz não só por um grupo social, mas pelos dois grupos e, acrescento, pelo terceiro e mais importante, o dos mestiços, inserido entre ambas as culturas...

* Segundo Braselmann, (1991) a Gramática de Nebrija (1492) não recebeu uma atenção positiva, ela foi severamente criticada ou simplesmente ignorada durante todo o século de Ouro e só foi reimpressa no século XVIII. A partir do século XX a Gramática de Nebrija recebeu uma ampla atenção por parte dos estudiosos da língua espanhola. Entre 1909 e 1981 foram publicadas 5 edições dessa obra. Contudo, é importante destacar que a Gramática de Nebrija não era diferente das gramáticas tradicionais reduzidas às regras do latim. Ela não teve nenhum efeito sobre o estudo das línguas ameríndias.

Assim, desde o início começou na América uma reestruturação da realidade lingüística, foram-se criando as variantes regionais e sociais como resultado de alguns fatores, dentre eles: 1) a natureza geográfica das regiões; 2) a base colonizadora, o tipo e densidade dos contatos lingüísticos; 3) a sobreposição ou não das capas imigratórias sucessivas; 4) a importância política e administrativa dos lugares, a dinâmica da vida social e econômica, etc. A partir daí começa uma nova história para o espanhol. Nos próximos séculos criou-se a Real Academia Espanhola, instância normativa fundamental do espanhol, continua na Península Ibérica a codificação e normalização da língua, só que neste processo a América não tinha praticamente nenhuma significação para a metrópole.

Coseriu (1977:323) analisando as pesquisas sobre o espanhol da América aponta:

...A maioria das pesquisas sobre o espanhol da América, ao invés de serem estudos propriamente ditos, se apresentam como uma coleta de materiais ou complementos à Gramática da Academia Espanhola e, sobretudo, ao seu Dicionário. Os mesmos trabalhos de conjunto sobre o espanhol de tal ou qual país hispano-americano não apresentam todo o espanhol do país correspondente (ou, pelo menos, exemplos sistemáticos dessa língua), mas, precisamente, os aspectos que se consideram diferenciadores. Na realidade, podemos dizer que há muitos estudos comparativos do espanhol da América com relação ao espanhol geral ou ao espanhol da Real Academia, mas ainda faltam as descrições efectivas das variedades do espanhol americano (1977:323)...

O autor explica também as dificuldades da prática lexicográfica cubana para delimitar a fala culta da fala popular. O prestígio da variante acadêmica do espanhol foi a causa de que não ter sido reconhecida até hoje a existência de um sistema estilístico-funcional próprio do espanhol cubano. Portanto, todas as criações lexicais são incluídas com o rubro de **popular**. Por exemplo, *ternilla*, *veterano*, *vueltabajero* que apesar de constituírem a norma axiológica em Cuba, são catalogadas como populares junto com outras que são de uso vulgar, por exemplo, *fambeco* (bumda); *fiana* (polícia).

A linguagem popular é a forma mais geral de comunicação, a que usamos no cotidiano, no contexto informal, entre amigos e familiares. Ela é rica em expressões e no uso metafórico de numerosas vozes como as que temos em Cuba (por exemplo, *hacerse el hara-kiri*, *le zumba el merequetén*, *parquear una tiñosa*, *aguantar esa mecha*, etc). Mas a fala popular cubana, o chamado **cubaneo** não deve ser interpretado como a vinculação da fala popular com a fala vulgar ou a gíria, ou o marginal. No caso de Cuba, especificamente em muitas vozes, é difícil estabelecer, no nível lexical, um limite definido entre o vulgar e o popular. O processo de democratização acontecido em Cuba depois do triunfo da revolução cubana e as mudanças provocadas por esse

acontecimento, levou a uma ruptura das barreiras sócio-econômicas que limitavam o acesso à educação de determinadas camadas da população que no passado foram discriminadas. Esse processo de democratização também se reflete na língua nacional, provocando um enriquecimento do fundo lexical. Frases do tipo *a mi siempre me bajan todas las tiñosas; te dije que el tipo estaba al borde de la piragua* são difíceis de delimitar e determinar a qual estrato de língua pertencem.

Um outro fato importante é que no final do século XVIII e começo do XIX, o conceito de nação em América vai adquirir uma nova conotação surgindo a expressão *nossa América* e ao mesmo tempo algumas idéias sobre o estado continental, sendo que a emancipação da América foi o resultado dessa consciência de identidade expressa de forma diversa e levada na prática nos projetos políticos de grupos crioulos. Justamente nesta época são registradas algumas contraposições de um modo lingüístico americano, por um lado, e, por outro, o espanhol peninsular; o seseo e a distinção *s/z*, o *yeísmo limenho* no século XVII ou a neutralização *r/l* em Cuba no século XVIII.

Durante o século XIX, intensificou-se na América a consciência da diferenciação lingüística entre alguns grupos sociais e intelectuais. Como resultado temos a preocupação pelas vozes provinciais e a sua compilação que, na verdade, iniciou-se no século XVIII. No final do século, foram-se criando as academias americanas correspondentes da espanhola o que significou o reconhecimento, por um lado, de uma identidade lingüística representada pelas novas nações surgidas das guerras de independência e, por outro, a unidade fundamental da língua e a necessidade de esforços normativos comuns.

A partir deste momento não faltaram propostas para a criação de academias nacionais (em Buenos Aires surgiu a proposta em 1823 da constituição da Sociedade Literária de Buenos Aires; em Bogotá, em 1825 veio à tona a proposta de criação de uma Academia Americana da língua destinada à conservação e desenvolvimento do castelhano na América. Ela estaria formada pelos mais destacados representantes das letras das novas repúblicas fundadas no nosso continente. A fundação das academias americanas possibilitou a participação (embora com algumas polêmicas e dificuldades) americana na codificação e elaboração normativa do espanhol, especialmente associada aos reconhecidos lingüistas e filólogos americanos Andrés Bello e Rufino José Cuervo, pois a teoria gramatical de Bello e a sua descrição do espanhol transcenderam o âmbito cultural hispânico. Cuervo dedicou-se à reflexão científica do espanhol de América, também como ao registro, compilação e crítica idiomáticas trazendo à tona problemas conceituais com relação à variedade do espanhol, registros da fala e normatividade lingüística. Na opinião de Sarmiento (1842, 1843) *Bello pertencia a uma geração que tentou cortar o vínculo político que unia América com Espanha. Ele foi um literato formado na Espanha, que a conheceu e manteve contato com ela*

mesmo de maneira hostil. Ele converteu-se, em matéria de língua, num ponto de transição entre a Península e a América.

Contudo, é preciso salientar que o processo de incorporação do espanhol americano à codificação do espanhol da Península depende não só da atitude mais ou menos receptiva da Real Academia que continua sendo a instância normativa mais forte da língua espanhola, mas também da própria capacidade de Hispano-américa de refletir sobre a sua realidade lingüística através da sua produção discursiva dentro da qual se inclui a produção metalingüística, não científica (idiomática) e a científica.

Assim, voltando à dicotomia *espanhol da América e espanhol da Espanha* vemos que não tem um sentido geográfico trivial ou uma justificativa geográfico-lingüística, mas devemos considerar o fato de o espanhol ter se desenvolvido em dois espaços constituídos em diferentes momentos da sua evolução histórica em espaços nacionais. O que seria válido para os conceitos *espanhol da América e espanhol de Espanha* também seria válido para o *espanhol do México, o espanhol de Cuba, etc.*, que estão dentro do conceito macronacional do *espanhol da América*. Cada um deles constitui uma entidade histórica, para o qual regem, no nível correspondente, as observações acerca do vário e o unitário na língua espanhola. Não há dúvidas, que a maioria das grandes diferenças são observáveis sobretudo na fonética e no léxico. No entanto, Kany (1969) destaca também a tendência marcante, na América, de diferenciar os nomes, substantivos e adjetivos de gênero (por exemplo, o uso dos substantivos **presidenta, sirvienta**, etc.); a pluralização de expressões tais como *que horas são?*, *los otros dias*, comparadas com as formas peninsulares *que hora es?*, *el otro dia*, etc. (pp. 29-31) também como a preferência pelo pretérito indefinido substituindo o pretérito perfeito.

Até aqui temos tratado da questão das variantes do espanhol com o único objetivo de focalizar a importância deste fenômeno para o desenvolvimento dos estudos fraseológicos e para a abordagem comunicativa de ensino de línguas próximas (português e espanhol) nas suas variantes. É isso o que passaremos a fazer nas próximas seções.

2.4. A INFLUÊNCIA DAS LÍNGUAS AMERÍNDIAS. A PRESENÇA AFRICANA NO ESPANHOL DE CUBA E NO PORTUGUÊS DO BRASIL.

" O homem branco, aquele que se diz civilizado, pisou duro não só na terra, mas na alma do meu povo, e os rios cresceram, e o mar se tornou mais salgado porque as lágrimas da minha gente foram muitas"

(Cibae Ewororo ou Lourenço Rondon, Índio Bororo)

“E o escravo foi obrigado a se incorporar, quisesse ou não, a um novo tipo de sociedade baseado na família patriarcal, no latifúndio, no regime de castas étnicas”

(Roger Bastide, 1989)

BRASIL

A língua geral (a expressão “língua geral” foi inicialmente usada pelos portugueses e pelos espanhóis, para qualificar as línguas indígenas de grande difusão na área) pertencente à família lingüística tupi-guarani do vasto tronco tupi abrange várias outras línguas mais afastadas, como o *mundurucu* ou *maué*, destacada pela notável extensão territorial sobre a qual estão distribuídas suas línguas. A língua geral do Norte foi a conhecida como **nheengatu** (Couto de Magalhães batizou com esse nome a língua geral para distingui-la do guarani e para se referir à língua da Amazônia) e a do sul que serviu de veículo escrito para a literatura jesuítica da catequese foi o **abannheenga**.

Além de ser denominada **nheengatu** “a boa língua”, ela foi usada de uma maneira geral no Brasil desde os séculos passados. A língua do Sul deve ter desaparecido no decorrer do século XVIII. Quanto ao Norte resistiu na região amazônica. No início da conquista, os portugueses estiveram em contato com os índios Tupinambás, Tupiniquins, Tupinaés ou Carijós, todos falando dialetos de uma mesma língua ou línguas bem próximas. A língua dos índios Tupinambá, que no século XVI era falada sobre enorme extensão ao longo da costa atlântica, (do litoral de São Paulo ao litoral do Nordeste) não teve consagrada a designação de “língua geral” nos dois primeiros séculos da colonização. O nome *Tupinambá*, como designação dessa língua, aparece tardiamente no século XVIII, já com a intenção de distingui-la, enquanto língua dos índios Tupinambá, da língua então corrente da população mestiça. As numerosas tribos Jê entraram só em contato com os portugueses nos fins do século XVII, quando se iniciou a exploração do sertão em busca de ouro e pedras preciosas.

Segundo Barros (1996) a história com relação à língua geral pode ser dividida em três etapas e em cada uma ela vai adquirir uma denominação diferente. Primeiro, será a chamada **língua do branco**, construída a partir do tupinambá e utilizada como instrumento de ação colonizatória para impor o modo de vida do invasor, seus costumes e religião apropriando-se, assim, do traço cultural do “outro”, neste caso dos habitantes locais, os índios. Mais tarde, no Império, essa língua se transformaria numa **língua brasileira**, retomada pela intelectualidade brasileira e marcada com traços culturais típicos

que a distinguem da história e cultura europeia. Ela vai se tornar um recurso ideológico que servirá para a construção da identidade brasileira do século XIX. Por último, na terceira etapa temos a **língua de índio** adotada pelo povo baré do Rio Negro nas últimas décadas com o objetivo de reafirmar sua condição étnica, reclamar seus direitos territoriais e culturais específicos numa zona marcada pelo multilingüismo.

Já o nome **tupi** se torna usual somente no século XIX, quando tinha desaparecido a grande maioria dos índios Tupinambá, restando poucos remanescentes, como os Tupinikin do Espírito Santo. De uma maneira quase natural, foi escolhida pelos missionários como língua de catequese. Os padres decidiram unificar todos os dialetos e todas as línguas tupi, numa língua única e introduzir nela todos os assuntos novos, desconhecidos dos índios, em relação à tarefa da catequese ou da colonização. Esse foi o estilo adotado pelas missões jesuíticas nas colônias espanholas e portuguesas, a institucionalização de uma língua indígena como língua de contato. Era preciso, para a convensão, reduzir a diversidade de línguas faladas no Brasil a uma variedade só para garantir a catequese. Assim, se desenvolveu uma língua geral de intercurso, que era fundamentalmente o dialeto tupinambá, de um dos grupos mais importantes e mais em contato com os portugueses. Essa língua servia não só para as relações dos missionários com os índios tupi, mas também para os contatos com os índios em geral.

A introdução compacta de palavras foi feita através de empréstimos ao português (L.G. *kuruça* do port. **Cruz**); por criação metafórica (L.G. *kariua ueué* = homem branco voador, quer dizer, **anjo**), ou por desvio do estilo (L.G. *Tupã*, o espírito do mal do Panteão dos Índios, foi desviado do seu sentido antigo, *trovão* para designar o Deus dos cristãos, o vazio lugar recebendo a palavra portuguesa **trova**).

Os missionários jesuítas estudaram, descreveram normativamente e ensinaram em tratados gramaticais a chamada língua geral, estabeleceram dicionários e gramáticas dessa *língua brasileira* com o objetivo de traduzir a Bíblia e compor o catecismo. A primeira gramática da Língua Geral feita por José de Anchieta foi publicada em 1594. A segunda, a de Luis Figueiras seria publicada em 1621 e reeditada em 1687. As sintaxes das línguas indígenas, evidentemente afastadas daquelas línguas latina e grega com as quais os missionários eram familiarizados, pareciam pobres e estranhas.

Assim, foi criada uma língua franca que jamais foi a língua própria de um povo livre antes da conquista, ao contrário, foi falada à força por milhares de índios, sejam do tronco tupi, caribe, aruaque, tucano, jê ou pano, agrupados nas aldeias de repartição ou trabalhando nas fazendas. Aos poucos impõe-se a língua geral que todos falavam: índios mamelucos, brancos e até os escravos negros, pois era a única maneira de se comunicar. Mais tarde, são os

missionários e os bandeirantes que a espalharam em todos os cantos do país, inclusive nas regiões onde nunca houve índios tupi-guarani.

Essa **tupinização**, além de ser espontânea ou forçada, se tornou legalizada com a Carta Régia de 30 de novembro de 1689: A língua geral era, dali em diante, a língua oficial da Amazônia e devia ser ensinada pelos padres até aos próprios filhos dos colonos portugueses. Naquela época, a língua geral era quase a língua do Brasil. Justamente a expansão dela será o motivo principal da sua queda, pois segundo o Prof. Jósé R. Bessa Freire *o sucesso dela foi tão grande que ultrapassou os limites admissíveis pela coroa portuguesa, porque começou a afetar a função da própria língua portuguesa, ameaçando o seu destino na região.*

As mudanças políticas e econômicas do período pombalino darão um novo rumo à língua geral, o fim da política de institucionalização do tupi com a expulsão dos jesuítas da colônia.

Desta maneira, com a lei do 17 de agosto de 1758, o Marquês de Pombal, ministro do Rei de Portugal, impediu o uso da língua geral, e, no mesmo dia, de todas as línguas indígenas:

...Para desterrar este pernicioso abuso, será um dos principais cuidados dos diretores estabelecer nas suas respectivas povoações o uso da língua portuguesa, não consentindo por modo algum, que os meninos e meninas que pertencem às escolas e todos aqueles índios que forem capazes de instrução nesta matéria, usem a língua própria das suas nações ou da chamada geral, mas unicamente a portuguesa. (parágrafo No.6 do Alvará de 1758)...

Mas a lei pombalina não foi a única responsável do recuo da língua geral, mesmo que, a partir daquela época, os colonos portugueses e mais tarde, os brasileiros brancos não tenham ensinado mais a língua geral aos seus filhos, impedindo-a, desta forma, tornar-se a língua da classe alta. O segundo responsável, pelo menos no alto Amazonas e no Solimões, foi a chegada, a partir de 1870, de milhares de nordestinos que falavam português em busca da borracha, primeiro, e posteriormente na procura de terras novas.

Couto de Magalhães (vide Barros,1996) também interessou-se pela composição étnica, as suas condições e possibilidades econômicas. De uma outra perspectiva, o autor traz à tona algumas propostas de integração e exploração do índio. Do seu ponto de vista seria importante enquadrar o índio como elemento produtivo no processo de formação e desenvolvimento da sociedade brasileira. A proposta de Couto não muda muito com relação a conversão dos jesuítas, no sentido de unificar todos os grupos indígenas num só para formar uma nação única. A nova identidade seria imposta com a ajuda

dos modelos estabelecidos pela hegemonia européia, com a perspectiva da utilização da mão-de-obra indígena para a manutenção do país.

Segundo Couto de Magalhães (vide Barros 1996: 207) o *nheengatu* era uma forma evoluída da língua tupi. O autor aponta a diversidade entre o *nheengatu* e o português.

Assim, as influências do português sobre o vocabulário *nheengatu* são muito antigas. Vários casos podem ser registrados:

- **empréstimos** (com adaptação total do sistema fonológico do tupi, por exemplo, *páru* do português **padre**; *marika* do português **barriga**).
- **empréstimos novos** (ainda não transformados), por exemplo, *viagem* do port. **viagem**; *cidade* do português **cidade**
- **empréstimos novos** (em fase de adaptação fonológica), por exemplo, *aufinete* do port. **alfinete**).
- Existem muitas palavras portuguesas de origem tupi, por exemplo, *abacaxi*, *amoré*, *amendoim*, *ananás*, *arapuá*, *araxá*, *boitatá*, *caipira*, *caju*, *cipó*, *cupim*, *gambá*, *guará*, *guarái*, *jaçanã*, *jacarandá*, *piracema*, *piranha*, *pitanga*, *tatuí*, *tucano*, etc.
- **neologismos** (a criação de palavras novas a partir do recurso do próprio tupi nos tempos antigos, a fim de completar o vocabulário com conceitos novos (*çupapa* em port. **quinta-feira**, do livro de Françoise Grenand & Epaminondas, Henrique Ferreira **Pequeno Dicionário da Língua Geral**, publicado em 1989).

CUBA

É preciso destacar que em Cuba (também chamada de Ilha) houve uma forte resistência por parte dos índios para assimilar o espanhol nos séculos XVI e XVII. Como consequência, foi necessário que os missionários se familiarizassem com as línguas dos habitantes originais da ilha para poder fazer o seu trabalho que começou em 1524 com a chegada, primeiro, dos franciscanos na Nova Espanha (atual México) seguida dos dominicanos, dos agostinianos e, finalmente, dos jesuítas.

Existe um número significativo de expressões idiomáticas que são usadas atualmente em Cuba que incluem palavras de origem arauca e sofreram algumas alterações de acordo com seu significado original, por exemplo:

<i>le cayó comején al palo</i>	não servir para nada; cair em desgraça
<i>ser como la hoja del caimito</i>	ser uma pessoa falsa
<i>se rompió el corajo</i>	Iniciar alguma tarefa
<i>tener guayabitos en la azotea</i>	ter problemas mentais, estar louco
<i>estar cujeado</i>	ter bastante experiência em alguma área
<i>formar um güiro</i>	Preparar uma festa
<i>perder güiro, calabaza y miel</i>	Perder uma boa oportunidade, perder tudo
<i>saber donde el jején puso el huevo</i>	ser muito inteligente, habilidoso
<i>coger manigua</i>	ficar vermelho de vergonha, ficar uma fera
<i>estar en el pico del aura</i>	Correr perigo
<i>tener escondida la guanaja</i>	ter dinheiro escondido a sete chaves
<i>enredar la pita</i>	complicar um negócio, uma situação
<i>echarle la culpa al toti</i>	carregar com a culpa de outro; acusar alguém por alguma coisa que não fez.
<i>ser un cayuco</i>	ser um torpe, tolo; pouco inteligente
<i>coger asando maiz</i>	em flagrante

O processo de transculturação e interferência lingüística surgido entre colonizadores e colonizados faz prevalecer no espanhol americano os empréstimos tomados das línguas indígenas exceto algumas palavras do árabe que respondiam a realidades peninsulares específicas transplantadas às Américas, por exemplo, **aduaná** (do ar. *diván*, registro, escritório), **albañil** (do ar. *banná*, construtor, da raiz *baná* que significa construir), **alcalde** (do ar. *alcadi*, juiz), **alcohol** (hispano-árabe *kuhiol*).

Entre 1511 e 1515 os colonizadores que se assentaram em Cuba começaram a utilizar a população indígena como mão de obra para extrair as riquezas naturais do país. A inumana exploração fez com que a população autóctone diminuísse consideravelmente, portanto, a decisão tomada foi a introdução massiva de mão de obra escrava. Em 1873 aparece registrado o último barco com carregamento de escravos que chegou à ilha. Até então negros de diversa procedência chegaram a Cuba para trabalhar nos engenhos e nas plantações de cana de açúcar. Os negros eram chamados de boçais, moleques, ladinos crioulos, coarctados e emancipados. Os primeiros eram os nascidos na África, os segundos e terceiros eram as crianças e adolescentes, os ladinos eram os que aprendiam a língua do dono, os crioulos eram os nascidos em Cuba, o coarctado era o escravo que era livre, parcialmente, e o emancipado era aquele que depois de fugir do dono e aprezado por barcos ingleses podia ser autorizado a entrar em Cuba, protegido pelo capitão geral e declarado livre depois de vários anos de trabalho forçado.

No entanto, não será em todas as variantes do espanhol americano que encontraremos o componente africano. Em Cuba, a presença africana é iniludível, sobretudo no léxico enriquecido através dos empréstimos de diversas línguas africanas. Mas, como se incorporaram esses africanismos ao nosso espanhol? Valdés Bernal (1988), no seu artigo **Las lenguas africanas y**

el español coloquial de Cuba, afirma que os africanismos entraram através de duas vias: 1) através do espanhol peninsular; 2) a partir do contato lingüístico direto entre a população hispanofalante da Ilha e os escravos negros trazidos da África.

Na época da descoberta já os espanhóis tinham tido contato com as línguas subsaharianas, pois os árabes foram os que introduziram os primeiros escravos africanos na Espanha durante o medievo. Mais tarde, o tráfico de escravos continuou por parte dos portugueses a partir do século XIV tornando-os o principal fornecedor do mercado espanhol. Os escravos levados para Portugal eram obrigados a utilizar a língua portuguesa como veículo para se comunicar, pois muitos pertenciam a tribos e grupos etnolingüísticos diferentes. Daí, surgiu a chamada **fala de preto** termo utilizado pelos portugueses pejorativamente para se referir à maneira peculiar dos negros de falar o português. Essa fala de preto foi bem conhecida na Espanha, inclusive em Castela através dos negros escravos importados das zonas portuguesas (Granda: 1969:460). Posteriormente, aconteceria um fenômeno semelhante com o espanhol em boca dos negros, desde o século XV quando Espanha entra em comunicação direta com grupos de fala sudanesa e guinense o que levou a algumas modalidades, dentre elas, **a confusão consonantica d/k, d/r, l/r** (diabro); **aféreses hermano** (mano); **yeísmo** (caballo/cabayo); **seseo decir/desir**; **omisión do s no final das palavras e das sílabas** (podemos/podemo); **confusão vocálica** (señor/siñor); **redução de ditongos** (diente/dente); **redução do r no final de sílaba e palavra** (decir/ deci); **nasalização** (sí señor/sinseño); **nasalização das consoantes palatais ch y ll** (llámalo/ñamalo).

O negro, por sua vez, passa a ser um novo componente da sociedade espanhola nos séculos XVI e XVIII sendo representado até em obras teatrais. A fala do preto mais do que os seus costumes e crenças formam uma base na caracterização de personagens. Escritores de renome como Góngora, Lope de Vega, Quevedo, dentre outros, caracterizavam a fala de preto.

Como estavam reunidos africanos de diferentes etnias e línguas tinham de utilizar obrigatoriamente uma *língua franca*, neste caso o espanhol. Essa língua franca sofreu modificações de caráter fonológico até um ponto em que aparecem as diferenças específicas entre o espanhol falado pelos negros boçais (negros oriundos da África) e a dos negros crioulos (descendentes de africanos, mas nascidos em Cuba). Sobre este fenômeno Pichardo (1836: IV) apontava:

...Outra linguagem relaxada ou confusa pode se ouvir diariamente por toda a Ilha, em qualquer lugar, entre os negros boçais ou naturais da África, como acontecia com o francês crioulo de Santo Domingo: essa linguagem é comun e idêntica em todos os negros, sejam da Nação que fossem, e que se conservam eternamente, menos no caso em que eles tenham chegado

sendo ainda criança, é um castelhano desfigurado, sem concordância, número, declinação nem conjunção, sem R forte, S, nem D final, freqüentemente trocadas as LL pela Ñ, o E pelo I, o G pelo V.

Enfim, um jargão mais confuso quanto mais recente é a imigração, mas que qualquer espanhol pode entender, exceto algumas palavras comuns a todos, que precisam de uma tradução. Para poder ter mais ou menos uma idéia de como acontece esse fenômeno mostraremos a Seguir um exemplo: Yo mi ñama Frasco Mandinga, nenglito reburujaoro, crabo musuamo ño Mingué, de la Cribanerí, branco como carabon, suña como nangato, poco poco mirá oté, cribi papele toro ni toro ri, Frasco dale dinele, non gurbia dinele, é laja cabeza, é bebe guariente, e coje la cielo, guanta qui guanta...

Pichardo, por exemplo, descobre que em ocasiões existe uma ausência de concordância de gênero e número (*cosa malo, la mundo, lo santo, lo niño*); uma freqüente omissão do artigo (*cabeza menduele, prendé mecha*); generalização da 3ra pessoa do singular dos verbos (*yo va sabé, tu pide bendició*).

Por outro lado, a afirmação de Pichardo, ilustrada com um exemplo vivo, levou, na época, à conclusão de que em Cuba existiu uma suposta variante crioula do espanhol, idéia que posteriormente foi descartada por alguns estudiosos. Embora não definida podemos afirmar, pelo menos, que nos séculos XVI-XVII Cuba tinha todas as condições para que existisse uma língua crioula devido as diversas línguas africanas faladas pelos diferentes grupos de escravos e que não foram substituídas imediatamente pelo espanhol ou talvez essa suposta língua crioula fosse importada da Espanha às Antilhas de fala espanhola, pois quando começou a entrada de escravos nessa zona, era permitida a introdução daqueles que tinham nascido no poder de cristãos o que quer dizer que esses negros utilizavam o espanhol.

Só em 1517 o rei Carlos I de Espanha oficializou a entrada massiva de negros escravos no Caribe procedentes de África. Até então, os escravos que chegaram a Cuba poderiam ser o foco que originara o *boçal* o que significaria a introdução de negros nascidos em Espanha. A língua crioula não chegou a se estabelecer como uma língua nacional seja o caso de Haiti e o papiamento de Curaçao devido talvez a que o negro como fator etno-social na composição do povo cubano, nunca chegou a predominar numericamente sobre o branco que pusera em perigo o status do espanhol como língua oficial. Por outro lado, o mestiço sempre tentou se aproximar do branco dono do poder e portanto da sua língua, o espanhol, o que reduz a possibilidade de o *boçal* constituir a língua nacional.

Entre 1790 e 1825 segundo os dados publicados e as pesquisas realizadas existiam aproximadamente em Cuba 30 etnias de origem africana: os ararás, bengalas, briques, buases, briches, bibís, carabalís, carabalís briches, carabalís bricamos, carabalís suamos, congos, congos luandas, congos luangos, congos reais, chochos, gangás gragás, gagares, ibos,

isuumas, lucumís, macuás, mandingas, mandingas fulas, moçambicanos, minas, minas popós, minas tantís e mondongos. As zonas de procedência são fundamentalmente a costa ocidental de África, desde o Golfo da Guiné até o Sul da Angola.

Embora as línguas subsaharianas faladas pelos negros escravos levados para Cuba tenham sido dominadas pela língua espanhola, no caso do léxico a história não é bem a mesma, pois em Cuba foi inevitável o enriquecimento do nosso espanhol coloquial com vozes subsaharianas devido às crenças religiosas sincréticas. Os negros trazidos como escravos, despojados dos seus direitos humanos procuraram uma saída para evadir a realidade pensando que através da religião poderiam ter mais justiça e igualdade social. Nos rituais religiosos eles conservaram a sua língua própria para se proteger da invasão do branco. De todas as religiões africanas trazidas à ilha, a que mais influência teve foi o culto aos orixás, nome das divindades dos povos de fala iorubá, especificamente da Nigéria, onde mais se desenvolveu esse tipo de religião.

No entanto, o escravista espanhol, preocupado com a formação religiosa dos escravos, os obrigou a reconhecer o culto católico e a praticá-lo através da comunhão. Assim, os negros começaram a se familiarizar com os santos católicos e a partir daí tentam encontrar semelhanças destes com os deuses do panteão orixá, chegando ao sincretismo como uma maneira de proteger o culto proibido dessas divindades africanas. Sem dúvida, o culto aos orixás chamado em Cuba de *santería* trouxe muitas vozes para enriquecer o espanhol coloquial cubano, assim como o culto *abakuá* sociedade secreta que até hoje existe em Cuba e que está caracterizada pelo machismo (só são aceitos homens, como na sociedade maçônica) trazido de uma zona do Sul da Nigéria denominada Abakuá e onde os seus componentes são chamados de *ñañigos* ou *abakuás* (a palavra *ñañigo* vem do *ñaña* que significa *homem imitador* e *ngo* que significa *leopardo*, ou seja, **homem leopardo**).

As línguas sacras das religiões sincréticas se originaram a partir da mistura de várias línguas africanas (ioruba, mandinga, banto, etc.) e se reduzem a palavras relacionadas com o culto (plantas, animais, etc.), frases, refrões, expressões idiomáticas e ditos populares de caráter ritual conservados na língua africana e que, porém, não constituem hoje um meio de comunicação oral ou escrita geral. Neste sentido, Fernando Horta (1922:326) conhecido pesquisador, historiador e etnólogo escreve:

...Não pode nenhum idioma negro ser a chave da inteligência e da comunicação falada naquela Babel africana que a trata negreira criou em Cuba, porque não houve nenhuma raça nem nação negra realmente predominante. Mandingas, lucumies, carabalies e congos foram os negros que constituíram a maioria em Cuba, mas nenhum desses grupos em particular pode ser considerado como predominante (pág. 326.)...

Infelizmente, muito tempo passou para que alguém registrasse aquelas palavras aportadas pela população subsahariana. Esteban Pichardo foi o primeiro a publicar em 1836 o *Diccionario provincial casi razonado de voces y frases cubanas* incluindo os subsaharianismos. Ortiz (ibidem 1922: 327) comenta sobre este fato:

...Ninguém em Cuba teve verdadeiro interesse de conhecer a linguagem dos negros, talvez porque aqui, como em outros países do mundo até pouco tempo atrás, era uma opinião común que a fala dos negros era uma jerigonça sem importância formada por uma porção de vocábulos sem gramática, nem vida orgânica filológica (...).

Ortiz, a partir de então, dedicou-se aos estudos sobre a presença africana em Cuba tanto no aspecto sociológico, antropológico, etnológico, folclórico e lingüístico. Através da obra deste autor veremos a compilação lexicográfica de registros de africanismos, tarefa que continuaram outros pesquisadores cubanos e estrangeiros. É interessante ver como aparece um número considerável de refrões e locuções próprias da seita *abakuá* que passaram ao nosso espanhol (fala popular), por exemplo, *Dios en el cielo y yo en la tierra* (Deus no Céu e eu na Terra); ***endofia agereke abasí obón efí***; *Después que te enseñé me quieres sacar los ojos* ***anabiká poro anabiká forí bongo***.

No caso do Brasil, é bem pouca a informação que existe sobre a situação lingüística dos primeiros africanos que chegaram à terra brasileira, embora tenham-se concentrado bem geograficamente, sendo que os falantes da língua banto povoaram a parte sul e os da região de Iorubá foram para a parte norte. Eles falavam as línguas africanas e em alguns casos adquiriram os conhecimentos do português e da língua geral, o tupi. Segundo Rodrigues (1932) no seu livro ***Os africanos no Brasil*** existe a hipótese de dois sistemas de língua africana, um de base Iorubá e outro de base Kimbundu distribuídos segundo a concentração geográfica acima mencionada. Esta hipótese, segundo Naro (1993), hoje resulta evidente devido a uma pesquisa realizada recentemente na comunidade do Cafundó no interior do Estado de São Paulo (no Município de Salto Pirapora a trinta quilômetros de Sorocaba) instalada aqui desde antes da Abolição da escravidão em 1888 quando os ex-proprietários dessas terras doaram uma parte delas a seus ex-escravos, ancestrais dos atuais povoadores. Eles falam o português caipira além de uma língua africana usada como código secreto. O fato de serem proprietários das terras em que vivem, aliado ao fato de falarem, como eles mesmos dizem, uma língua africana, constitui certamente a causa mais imediata da descoberta do Cafundó.

Descoberto em 1978, o Cafundó chamou a atenção dos pesquisadores pelo fato de seus habitantes serem negros e falarem uma língua africana. Segundo algumas informações (história oral) a comunidade se constituiu logo após a abolição, instalando-se em terras que foram doadas pelos "senhores brancos", por volta de 1888, as duas irmãs, Antônia e Ifigênia, que ao casar-se, deram origem às duas parentelas que compõem o Cafundó: Os Pires Cardoso e os Almeida Caetano (vide Vogt & Fry, 1996: 37-38). Os Almeida Caetano "católicos", caracterizados pelos vizinhos da região como "vagabundos", em oposição aos Pires Cardoso, "crentes" e "trabalhadores"- compensam a avaliação negativa pelo uso da língua africana. Esses contrastes, no entanto, diluem-se na luta que une os dois grupos, a antiga reivindicação pelo reconhecimento legal da posse definitiva das terras.

O léxico da **cupópia** (termo pelo qual se identifica a língua que sempre foi falada no Cafundó e que, segundo alguns moradores, teria sido trazida por familiares dos Almeida Caetano) de origem africana têm correspondência em línguas do grupo banto: quimbundo, umbundo e quicongo, principalmente. O recenseamento de 1801 indicava que 87 % dos escravos da região de Sorocaba, onde se situa o Cafundó, eram originários de "Argolla", termo que designava os cativos exportados via Luanda, área lingüística banto (id.,ibid,184).

Mas essa evidência lingüística não permite garantir que os antepassados dos cafundoenses tenham vindo de regiões onde se falavam essas línguas, pois eles podem ter aprendido essa linguagem em postos de embarque ou no Brasil. Talvez essa língua poderia ter sido um falar emergente nas senzalas, uma espécie de pidgin, que se tornará língua geral, sem que dela se tivesse, no entanto, outros registros (id.,ibid, 185).

Seus falantes atribuem-lhe a função de código secreto, embora o léxico seja de domínio de muitos vizinhos de Salto de Pirapora e seja conhecido de um público difilmente mensurável, depois das publicações de Vogt & Fry (1982, 1996). A função social dessa língua, mas do que impossibilitar a compreensão dos que não pertencem ao grupo, é atar laços de solidariedade entre os locutores nativos, que se distinguem como pseudo africanos e entre esses falantes e moradores das proximidades. Esse convívio garante a circulação do segredo e evita o isolamento do grupo, condição básica para que o sentido oculto e reservado para poucos se mantenha em evidência (Taddoni, 1998).

Os mais antigos carregamentos vindos diretamente da África talvez datem da metade do século XVI. Se por acaso alguns grupos desembarcaram antes, provinham de Portugal acompanhando a seus donos, pois os mercados de Lisboa e Lagos tinham abundante quantidade de negros escravos, tanto que italianos e espanhóis iam até lá para adquirir a mão de obra escrava. O tráfico entre as margens brasileira e africana do Atlântico se organizou através de barcos que saíam dos portos de Recife, Salvador e Rio de Janeiro e levavam

tabaco, aguardente e outros bens que trocavam por homens e mulheres, meninos e molecotes.

É difícil definir quantos negros chegaram ao Brasil. As estimativas variam consideravelmente. As mais fundamentadas acreditam que a quantidade oscila entre os 3 milhões e meio e os 5 milhões. Todos eles eram de quase toda África principalmente da costa Atlântica. Eram escravos nupês, igalas, gurunsis, fulas, edos e ibos, cabindas, congos, ambundos, teques e bantos. Também houve remessas da Guiné Bissau, Cacheu, e outros pontos da costa. Desde o Senegal saíram os mandingas, fulas, sereres, nalus, balantas e os ewes que habitavam a fronteira meridional entre Gana e o Togo. Durante o século XVIII, chegaram carregamentos com escravos da zona de Mina sendo os jejes e iorubas que povoaram posteriormente o recôncavo baiano e a zona de Maranhão ajudando também a extrair ouro e diamantes em Minas Gerais, Goiás e no interior da Bahia. Do delta do rio Níger saíram os urrobos, efiques, calabares e outros. O país recebeu também os lundas e ovimbundos, estes últimos reconhecidos no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Os iorubas ou nagôs chegaram falando a mesma língua, trabalhavam em grupos e, de acordo com a origem, reorganizaram seus cultos e, possivelmente de forma camuflada, sua estrutura de poder. Desta forma, este grupo conseguiu resistir a aculturação absoluta de modo eficiente com relação aos outros grupos que ficaram dispersos trabalhando nas plantações, misturando-se com outros grupos que falavam línguas diferentes, tinham deuses e costumes também diferentes. Os iorubas, apesar de batizar os filhos na igreja, foram fiéis aos seus deuses orixás. O empenho de manterem-se diferentes no clima hostil do regime escravista e a fidelidade aos seus costumes e religião tradicionais fizeram com que eles vestissem a capital baiana com as roupas coloridas que usavam e que vão se difundindo como um aspecto típico brasileiro. Sobre seus costumes, sua cozinha, o candomblé com as suas obrigações e festas e com seu panteão de orixás falam escritores, artistas plásticos, músicos, antropólogos e sociólogos. O que fora uma recusa de abraçar-se transformou-se numa ferramenta de abraçamento. O que era caracteristicamente iorubá tornou-se primeiramente baiano, difundindo-se por todo o país como uma das mais puras maneiras de ser brasileiro. Dai que Manuel Diégues Júnior afirmou:

...A ioruba, relembra Artur Ramos, foi a mais adiantada das culturas negras puras, introduzidas no Brasil. O nagô se converteu, por algum tempo, pela influência da cultura ioruba, em língua geral dos negros. Em nagô se realizavam, e se realizam, as cerimônias do culto, os cânticos dos terreiros, os atos litúrgicos. (vide Elia, S.1989, p26)...

O umbundo, quimbanda etc. contribuíram para o enriquecimento da língua brasileira. A capoeira, o berimbau de barriga, a tanga, o batuque e o samba são de origem africana. Assim, muitos traços culturais bantos misturaram-se com modos de ser ameríndios e portugueses. A persistência do poder africano (pois não podemos esquecer que muitos escravos de sangue real ou de sangue nobre foram vendidos como escravos) fez com que eles se revelassem nos quilombos e dentro do próprio cativeiro. Aos poucos o africano foi impregnando a cultura que lhe foi imposta. Vários filhos de senhores (donos) com escravas foram enviados a educar em Coimbra e tornaram-se figuras importantes da igreja, da política, magistratura, etc. Outros, embora de pais mais humildes, cresceram com talento e vontade e se impuseram entre os melhores no ensino, na imprensa, na área de letras e nas artes.

Se as línguas indígenas deixaram marcas evidentes no português, especialmente no rol de denominações relativas a acidentes geográficos (montanhas, rios, baías), cidades, estados, à flora, e à fauna, o negro contribuiu com denominações pertinentes à culinária, às suas crenças, à música e à farmacologia.

Do mesmo modo, certos fenômenos fonéticos se observam no português falado como o uso do verbo no infinitivo (*aquy estar juiz no fora* = *aqui está o juiz de fora*); a dissolução de grupos consonatais *tera* por **terra**, *puruque* por **porque**; a apócope do *r* *casá* por **casar**, a redução do *ui* por *u* **mutu** em vez de **muito**; a vocalização do grupo *lh muyere*, por **mulher**; *oyo*, por **olho**; a apócope de *s*, *vamo*, *temo*; a interposição de uma vogal para dissolução de grupos consonânticos e que até hoje existe, por exemplo, *adevogado*, *indiguinado*, *abissoluto*, *obiter*, por **advogado**, **indignado**, **absoluto**, **obter**.

Ao negro se atribuem influências fonéticas de variada espécie, como a dissolução de grupos consonatais, a vocalização do fonema linguopalatal *lh* (já visto), aféreses como *tá* (por **está**), *ocê* por **você**, *fessô* por **professor**, *Bastião* por **Sebastião**; metáteses como *secola* por **escola**, etc.

O vocabulário herdado dos africanos é bem expressivo: *babalaô*, *iemanjá*, *exu*, *ogum*, *xangó*, *mandinga*, relativos ao culto; *acarajé*, *farofa*, *fubá*, *quitute*, à culinária; os adjetivos *caçula*, *fula*, *banguela*; os nomes relativos a plantas *dendê*, *quiabo*, *fumo* e inúmeros termos como *marimondo*, *cachimbo*, *quilombo*, *senzala*, *cafundó*, *marimba*, *molambo*, *moleque*, etc., e também alguns termos da linguagem infantil: *tatá*, *pipi*, *bumbum*, para citarmos apenas alguns do rico arsenal de vocábulos já conhecidos.

O negro teve uma importância social na formação histórica do Brasil e ao africano muito mais que ao índio se deve a tendência à simplificação das flexões e certas deturpações fonéticas extraromânicas que se notam na fala popular brasileira. O negro viveu longamente em contato com o branco. Foram as mucamas e as mães pretas que ensinaram a falar milhares de brasileiros e,

ainda hoje, as negras e mulatas exercem uma influência considerável de copa e cozinha sobre a curiosidade, o interesse e o instinto de imitação dos menores, as crianças.

No aspecto morfológico a influência africana se fez sentir sobretudo na simplificação e redução das flexões. Assim houve frases como *Os homi tá i; as prima já chegaro (ou já chegô; ele brigô c' os fiyo; esses meninu são endiabrado (ou é endiabrado); são uns diabo os negrinho da cumádi Cândia*, etc. Note-se que o verbo também sofre bastante as conseqüências dessa posição lingüística afro-brasileira.

Resumindo, podemos salientar que o avanço do componente negro-africano na modelação do perfil da cultura nacional e da língua falada no Brasil, que não são acontecimentos isolados nesse processo, continua sendo subliminar, graças ao verniz eurocêntrico que se lhe opõe na maioria das regiões do país e entre camadas sócio-economicamente favorecidas. Por outro lado, não devemos esquecer a postura academicista de resistir à hipótese da influência de línguas africanas no português do Brasil, a partir do princípio tácito de não admitir que línguas de tradição oral pudessem influir numa língua de reconhecido prestígio literário como o português. Como prova (testemunho) dessa resistência, podemos citar o afastamento de línguas africanas nos departamentos de línguas da maioria dos centros universitários. Praticamente não existem pesquisas sobre esse tema ao contrário do que se observa no tocante às línguas indígenas que já ganharam foros de língua e até sua inclusão no elenco de cursos e projetos em algumas universidades. É sabido que as línguas indígenas sempre foram faladas no Brasil e quanto às línguas africanas, pouca coisa se conhece, pois faltam documentos lingüísticos da época da escravidão e os documentos oficiais foram quase destruídos na sua totalidade em 1891.

As duas obras publicadas em 1933, *A influência africana no português do Brasil* e *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, de Renato Mendonça e Jacques Raimundo, respectivamente, abriram o debate sobre a presença africana no português do Brasil. Elas apresentam um esboço da gramática das línguas africanas onde aparece uma série de aspectos do português do Brasil (doravante PB) que consideram ser de origem africana. Ambas concluem que a maior parte dos aspectos característicos do PB são devidos à influência das línguas africanas, principalmente o quimbundo e o iorubá. Daí a importância das duas obras; inaugurar o debate sobre a relevância de se considerar que a língua brasileira se distingue da portuguesa pela presença do elemento negro. No entanto, ambos os trabalhos apresentam falhas principalmente devido a falta de credibilidade dos dados apresentados.

Uma obra que também analisa a questão dos africanismos é o *Dictionary of African Borrowings in Brazilian Portuguese* de John Schneider publicado em 1991. Para a elaboração do seu dicionário o autor

pesquisou o **Novo Dicionário de Aurélio** (1978) onde encontrou aproximadamente 1500 termos de possível origem africana. Além disso, realizou algumas viagens a regiões ocupadas por descendentes de escravos entrevistando vários informantes o que levou o pesquisador aumentar o número de termos compilados a partir do dicionário de Aurélio. Entrevistou também escritores e lingüistas acerca da influência negra no português do Brasil. Uma outra fonte onde Schneider localizou alguns africanismos foi nos jornais **O Globo**, **Jornal do Brasil** e **A Folha de São Paulo** observando que as palavras de origem africana aparecem em registros de linguagem informal.

Holm (1994: 51) num trabalho recente faz um estudo comparativo de expressões idiomáticas do português vernáculo brasileiro, língua normalmente falada pelos brasileiros do estrato social mais baixo com pouca instrução, e de línguas africanas e crioulas. Segundo o autor, essa prova léxico-semântica confirma as conclusões de seus estudos morfossintáticos anteriores: a existência de paralelismo entre expressões do PBV e de línguas africanas é consistente com o consenso de que o PVB é um semicrioulo, ou seja, uma língua que resultou de um prolongado contato entre uma língua crioula e uma não crioula (1994:59).

Baxter, especialista em crioulo de base portuguesa desenvolveu em 1987 uma pesquisa junto a uma comunidade afro-brasileira de descendentes de escravos no sul da Bahia, cuja especificidade já fora estudada por Ferreira em 1969. Os resultados preliminares da pesquisa de Baxter que saíram em 1992 destacam no sistema verbal desse dialeto traços que não se encontram na maioria dos dialetos rurais: 1) uso das formas de 3ª pessoa singular do presente do indicativo para indicar estados e ações pontuais e contínuas que se situam no passado; 2) uso variável de formas de 3ª pessoa do singular do presente de indicativo em contextos que normalmente se usam formas do infinitivo; 3) marcação variável de 1ª pessoa do singular. Outros traços morfossintáticos desse dialeto podem ser mencionados: a) dupla negação; b) variação da concordância de gênero e número no sintagma nominal; c) orações relativas não introduzidas por pronome; d) presença variável do artigo definido em SN de referência definida. Sua proposta fundamenta-se numa perspectiva dialetológica, envolve o levantamento e descrição da fala de comunidades afro-brasileiras rurais.

No entanto, Naro (1993: 450-451) descarta a possibilidade do crioulo no Brasil afirmando:

...Se existiu uma verdadeira língua crioula de léxico português e gramática africana, ela cedo se evaporou sem deixar rastros de documentação. Sua possível influência no desenvolvimento do português do Brasil seria difícil de distinguir de outros pidgins ou crioulos de base não européia....

Como se pode verificar é necessário uma investigação que comece a partir das manifestações folclóricas e dos falares africanos correntes nas comunidades de religião afro-brasileira e daquelas geograficamente localizadas em antigos núcleos de quilombos e senzalas, que também se encontram em várias regiões do país, pois como a prática está demonstrando, parece irrefutável a presença africana no PB.

Uma correta interpretação das culturas negro-africanas, de seus códigos, seu conseqüente resgate do âmbito meramente folclórico ou lúdico, sua valorização e adequada difusão, permitirão que seu avanço, além de subliminar, passe a ser explícito no Brasil.

Em Cuba, pelo contrário muitos pesquisadores tem abordado o tema da presença africana no espanhol falado na ilha. Desde o começo do século até hoje o interesse por este aspecto que constitui um dos componentes e expoente mais forte de nossa cultura, não perdeu seu lugar dentro dos estudos de prioridade da Academia de Ciências de Cuba. Em alguns casos, se realizaram estudos comparativos sobre as religiões afro-brasileiras e afro-cubanas do ponto de vista lingüístico. Da mesma maneira, existe um numero considerável de trabalhos publicados que estudam e caracterizam as línguas dos grupos indígenas que existiam em Cuba, destacando-se, neste sentido, os artigos escritos pelo pesquisador cubano Jorge Valdes Bernal.

Podemos concluir então, que não se pode fazer para o português do Brasil um estudo paralelo ao espanhol da América (neste caso o espanhol falado em Cuba), sobretudo se levarmos em conta os seguintes pontos:

- eram muitos os espanhóis emigrados para o novo mundo que, aliás, depois se estabeleceram definitivamente;
- o governo de Castela só se ocupava da América e das Filipinas, além da Europa;
- foi possível na chamada América Espanhola a fundação de várias universidades onde até se ensinava em latim e não apenas em castelhano;
- cedo se desenvolveu a imprensa na Espanha.

No Brasil nada disso se verificou porque:

- eram poucos os portugueses emigrados e depois estabelecidos nesse território imenso;
- o governo de Portugal tinha de se ocupar da África, Ásia, e Oceânia, além do Brasil e da Europa;
- os aborígenes ainda se encontravam na Idade de Pedra.

No caso do Brasil, as condições de europeização deram-se através da incorporação das etnias nativas na sociedade branca provocando a mestiçagem e ao mesmo tempo uma eliminação e desagregação da vida tribal e dos seus valores sociais (ib. Câmara J.) Muitos nativos não resistiram o impacto da mudança e se extinguiram quase em massa (embora hoje existam ainda tribos que se conservaram, pois fugiram da presença do homem branco e até agora convivem com os costumes dos seus ancestrais).

A língua espanhola e a língua portuguesa na América Latina tem se desenvolvido e se desenvolve até hoje em outras condições históricas diferentes daquelas em que a língua latina se estabeleceu em seu tempo. No caso do espanhol, podemos afirmar que os países de fala hispana na América Latina representam uma variada continuidade lingüística, além de se diferenciar a língua espanhola da península com a do Novo Hemisfério. Assim, essas diferenças aparecem de maneira mas notável na língua falada e se refletem indistintamente na fonética, no léxico, na morfologia, na formação de palavras e na sintaxe. Em Cuba, existe um amplo registro de sufixos diminutivos e aumentativos (*cosita, mismitico, negrazo, escogidito*); a distribuição dos lexemas, por exemplo o substantivo **bullá** na expressão *meter bullá* que significa *botar a boca no trombone*, ou o verbo **botar** no sentido de despedir, *colocar no olho da rua*.

O léxico da variante cubana da língua espanhola é uma viva alheação monolítica do léxico espanhol geral, do léxico característico de muitos países latino-americanos, com influência também das línguas indígenas locais, das línguas africanas e da língua inglesa. Muitas palavras espanholas receberam em Cuba novas significações, por exemplo, em Espanha o verbo **fajar** significa envolver, rodear. Em Cuba este verbo é polissemântico e significa provocar briga, bater, começar a fazer algum trabalho com entusiasmo e, por último, significa cortejar uma mulher, perseguindo-a, com muita insistência. A partir do triunfo da revolução em Cuba aparecem novas palavras e novas significações (*cederista, gusano, gusanera, etc*).

Também na área da fraseologia, a língua espanhola de Cuba teve seu colorido local. Existem algumas expressões espanholas difundidas em Cuba, por exemplo, a palavra **majá** espécie de réptil de tamanho pequeno não venenoso de cor canela com manchas. Na época da guerra de Cuba contra Espanha a palavra adotou o significado de *cobarde*, qualificativo dado aos cubanos que não participaram na guerra, que não lutaram pela independência. Mais tarde, adotou o significado de *preguiçoso*. Existe a expressão idiomática *tirar majá* ou *estar majaseando* com esse sentido. Com a palavra espanhola **tarro** (corno) se usa em Cuba a expressão *pegar los tarros* que significa o cônjuge trair o parceiro. *Estar en el filin* é uma expressão que significa *estar na moda*. A palavra **filin** vem da palavra inglesa **feeling**. Na Espanha existem várias expressões idiomáticas para aludir a morte *pasar a mejor vida, estirar la pata*, que em Cuba também são usadas, mas também existem algumas típicas

cubanas (*se ñampió, guardar el carro, colgar el piojo, darle la pata a la lata, cantar el manisero*).

2.5. SOBRE O PORTUGUÊS DO BRASIL

Aproximadamente há quase mais de meio século, pela primeira vez se tratou da questão da existência de uma língua brasileira sem que fosse configurada como problema lingüístico de especial interesse. De fato, começou num momento de intensificação do sentimento nacional, naquele ambiente de exaltação patriótica que viu e sobreviveu à proclamação da Independência. Alguns salientaram que a língua do Brasil já não era a mesma (absolutamente) que a de Portugal. Outros, pelo contrário, afirmavam que a língua era a mesma enriquecida com as línguas de contato da época. De lá para cá, o assunto tem voltado à cena de vez em quando sem chegar a uma conclusão definitiva. Assim, o tema da língua nacional tem sido objeto de interpretações controversas, que vão desde a afirmação da sua autonomia enquanto sistema lingüístico à defesa da tese contrária, que propugna o seu caráter conservador e unitário. Tentemos a seguir mostrar a evolução do problema a partir da análise de alguns fatos históricos.

Até o século XVII na costa brasileira a língua portuguesa teve um forte rival, o tupi, a língua nativa. A mistura da fala dos portugueses (os jesuítas) com a dos índios deu origem a algumas palavras que existem até hoje no português como, por exemplo, *cupim, mingau, moqueca, abacaxi, mandioca, jacarandá, cipó, pitanga, maracujá, caju, capivara, tatu, piranha, pitanga, caju, jabuticaba, arara, jacaré, etc.* O tupi legou ainda palavras que entraram nas expressões idiomáticas que com frequência usamos no dia-a-dia, por exemplo, *andar na pindaíba, estar de tocaia, chorar pitangas.*

Posteriormente, os portugueses importaram da África mão de obra escrava. Dessa forma durante o período colonial, as três bases da população brasileira estão constituídas pelo português europeu, pelo índio e pelo negro. No entanto, no que se refere à cultura, prevalece a do português. É necessário distinguir a influência africana no português do Brasil proveniente da contribuição direta ou indireta de línguas africanas ao português europeu, contribuição trazida principalmente ao vocabulário, mercê da presença de negros escravos em Portugal. O negro trouxe também sua contribuição à fraseologia brasileira representada por expressões como *angu de caroço, chorar o lamba, banzé-de-cuia, virar ogó.*

Em todo o período colonial o Brasil permanece como país essencialmente rural. O Brasil não possui tipografia nem universidades pelo qual os jovens brasileiros formavam-se em Coimbra. Daí a diferença fundamental que distingue a América portuguesa da América espanhola. Nessa

altura a situação lingüística nesse período é bastante interessante, pois os colonos de origem portuguesa falam o português europeu, que aos poucos vai ter traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. A população indígena, a negra e a mestiça aprendem o português com esses traços específicos. Assim, existe o português mas também junto com ele a língua geral, o tupi, que era a principal língua indígena usada nas regiões costeiras, mas com uma característica, ela tinha sido bem simplificada e gramaticalizada pelos jesuítas, tornando-se uma língua comum. Durante muito tempo essas duas línguas ficaram lado a lado, inclusive o tupi foi a língua utilizada pelos bandeirantes nas expedições. Porém, na segunda metade do século XVIII, a língua geral (o tupi) entrou em decadência com a chegada dos imigrantes portugueses a procura de minas de ouro e diamantes, e também como consequência do Diretório criado pelo Marquês de Pombal em 3 de Maio de 1757 onde proibia-se o uso da língua geral e obrigava-se oficialmente o uso da língua portuguesa. Por outro lado, a expulsão dos jesuítas, em 1759, afastava da colônia os principais defensores e protetores da língua geral.

O estudo sistemático de fontes que contribuam para a reconstrução da sócio-história do português brasileiro é de especial interesse, também como a lingüística histórica e seus estudiosos que tentam reconstruir o complexo e ainda insuficientemente desvendado percurso da constituição do português brasileiro e as várias fases da sócio- história lingüística do Brasil. Neste sentido, um papel importante deve ser concedido também à documentação rica e variada baseada nos relatos de viajantes e missionários a partir do século XVI, aos jornais, etc.

Primeiramente, temos um quadro lingüístico dado por uma comunidade em que as línguas dos diferentes grupos se influenciavam, através de um aprendizado imperfeito. Em 1620 aparece um texto, talvez o único onde um missionário imita a fala dos índios, sendo o **português do índio** muito parecido ao chamado **português do preto** que mostra alguns traços de aplicação, variável de concordância nominal e verbal, acréscimo de vogais finais, troca entre *l, r, d*, dentre outras. Neste período é quase impossível pensar sobre uma influência africana direta sobre os índios devido a que no início deste século haviam poucos africanos no Brasil e a língua geral era o tupi.

Desta forma, até o final do século XIX, podemos observar que as linhas que delimitarão o debate sobre a língua nacional são:

- em meados do século XIX já estão delineadas duas posições: a) a vigência de uma variante brasileira da língua portuguesa; b) a reverência aos modelos clássicos portugueses e a aceitação da gramática normativa;
- nas pesquisas, predominantemente fonológicas e léxicas, se manteve a atitude de documentar a realidade lingüística brasileira a partir de fatos notórios e de evidências;

- nas pesquisas também se manteve o sentimento nacionalista na abordagem dos fatos. Neste sentido, João Francisco Lisboa desvincula do problema da língua o sentimento nacionalista argumentando que o português diferenciado no Brasil ou o **brasileirismo** é *tão evidente quanto a independência do filho que se assemelha ao pai no físico, na índole e nos hábitos sem que, por isso, deixe de ser outra pessoa*. Esta posição de Lisboa vai fixar a idéia e posição daqueles que defendem a vigência da língua portuguesa no Brasil, sem repúdio das normas gramaticais que, de acordo com o critério do autor, não constituem um compromisso para a autonomia nacional;
- nas pesquisas reivindicou-se um tanto a legitimidade na herança do passado português quinhentista.

Antônio Cândido (1981) afirma que o período do Romantismo no Brasil foi uma premissa do processo de tomada de consciência, constituindo um aspecto importante para o movimento de independência (p.303). O Romantismo terá sido, então, o primeiro momento de ruptura com a tradição literária portuguesa adotando uma língua literária diferente também chamada de **nacional** que aspira a ser própria, brasileira. Esta questão virará polêmica e será retomada pela geração modernista na Semana de Arte Moderna de 1922. Mesmo que os escritores da linha do Romantismo acreditassem numa chamada língua brasileira, eles só reivindicaram o direito a uma certa originalidade. Os escritores modernistas serão os que tentarão buscar na realidade lingüística brasileira as formas que constituirão a sua expressão, sobretudo Mário de Andrade (1972) (posição que abandonará posteriormente) quem aponta:

...É coisa incontestável que a literatura brasileira atual se afasta violentamente do dizer português. Não vou já discutir o problema da língua brasileira, que, a meu ver não existe, embora seja da maior verdade falarmos, de preferência, em língua nacional...

A substituição de **brasileira** pelo termo **nacional**, adjetivo mais neutro, nos parece uma situação cômoda do autor para tentar acalmar os zelos nacionalistas. Por outro lado, não se sabe de que lado ele está, se defende a variante de uma língua brasileira ou se está do lado dos defensores da variante conservadora.

A partir de Antenor Nascentes e os seus seguidores (Serafim da Silva Neto, Rossi, dentre outros) começa uma nova cruzada dialetológica orientada para as variedades espaciais do português brasileiro que posteriormente será trabalhada pelos sociolinguistas, dentre eles Tarallo, Naro que investiram na interpretação diacrônica do português brasileiro.

Sem dúvidas, foi Serafim da Silva Neto, grande estudioso da língua portuguesa, quem procurou as fontes sócio-históricas para poder reconstruir em sua obra ***Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa do Brasil*** (1976) o percurso histórico dessa língua no Brasil embora o faça sem sistematicidade e com uma visão simplificadora. Além de não fundamentar as suas conclusões numa base de verificação empírica sistemática, não mobiliza na sua análise elementos de uma teoria geral do sistema lingüístico, que naquela época já tinha sido desenvolvida, embora com pouquíssima difusão no Brasil.

Silva Neto tem a intenção de provar que a língua que se estabeleceu no Brasil foi a língua de uma cultura superior e, principalmente, que essa língua esteve imune à aquelas com as que entrou em contato, mantendo-se assim conservadora e unitária. É, portanto, seu intuito negar, para além das fronteiras do léxico, qualquer influência do grande contingente de aloglotas na formação da língua falada no Brasil, inclusive chega a ter contradições, como mostra a passagem a seguir:

(...) no português brasileiro não há, positivamente, influência de línguas africanas ou ameríndias (1976:96)...

O ilustre filólogo trata ainda do processo de aculturação da língua portuguesa no Brasil, da influência da língua geral, do acantoamento do dialeto caipira em pequenas localidades dando ao leitor uma visão da diferenciação e unificação do português do Brasil. O autor apresenta três fases da história da língua portuguesa no Brasil; a primeira de 1532 a 1654; a segunda de 1654 a 1808 e a terceira de 1808 até hoje. No seu livro publicado em 1960 intitulado ***Problemas do Português da América***. Serafim da Silva aponta para a posição do português do Brasil, para os fatores de diferenciação e para a divisão lingüística do Brasil. Do mesmo modo, enumera as tarefas necessárias para o melhor conhecimento do português brasileiro através dos estudos dos diferentes falares (urbano, do interior, etc), para o levantamento de vocábulos de origem indígena, o estabelecimento da base de articulação de cada falar e a necessidade de uma ligação entre os lingüistas e os antropólogos para analisar juntos as características da língua portuguesa do Brasil.

Celso Cunha fundamentalmente preocupado com a língua enquanto fenómeno histórico, debruça-se sobre a tese da unidade e do conservadorismo do português brasileiro. No artigo intitulado ***Conservação e inovação no português do Brasil*** (1986) o autor analisa a tese de 1950, sobretudo o relativo ao suposto carácter conservador do português do Brasil. No entanto, as suas conclusões divergem das de Silva Neto.

Sobre o problema da unidade o autor afirma:

...O mito da unidade da língua popular está sendo progressivamente desmentido pelos atlas lingüísticos que se vão publicando. Ao contrário, o que eles começam a ensinar nos é que a característica fundamental dos falares brasileiros reside no seu caráter vacilante, no seu acentuado polimorfismo (1986:200)....

A posição de Cunha é um tanto cautelosa. Uma questão parece saltar aos olhos: como sustentar que uma realidade lingüística como a brasileira, marcada pela diversidade não apenas no plano diatópico, mas também e talvez mais radicalmente, no diastrático, conforme a sociolingüística tem podido provar ser, ao mesmo tempo, conservadora? Não se pode alegar em defesa de tal idéia o fato de o Brasil ter sido durante três séculos um vasto país rural e dessa condição resultar ser um país lingüisticamente conservador. Evidentemente, as condições sociais, históricas e geográficas particulares do Brasil devem ser consideradas em toda a sua complexidade na hora de analisar o problema. A extensão do país, o seu número de habitantes (no século XIX o número já é mais do que o dobro, que o de Portugal), o contato lingüístico que se observou durante o período colonial e pós colonial, o fato de que a própria vida das cidades tinha um caráter bastante particular (até 1808 não havia imprensa nem escolas superiores), tudo isso faz pensar que o quadro seja pouco favorável ao conservadorismo lingüístico.

A posição de Câmara Júnior (1976) nos parece um tanto neutra sem deixar de ser objetiva quando expressa:

...Como quer que seja, as discrepâncias de língua padrão entre Brasil e Portugal não devem ser explicadas por um suposto substrato tupi ou por uma suposta profunda influência africana, como se tem feito, às vezes. Resultam, essencialmente, de se achar a língua em dois territórios nacionais distintos e separados...

E acrescenta:

...A partir do período clássico, em que o português se implantou no Brasil, cada país teve a sua evolução lingüística, nem sempre coincidente uma com a outra apesar das estreitas relações de vida social e cultural (...).

A preocupação lingüística do autor é evidente, inclusive porque analisa a evolução natural para um e outro sistema, em territórios geográficos distintos e isso já é um mérito. Contudo, nós achamos que não é simplesmente um suposto substrato tupi nem uma suposta influência africana de onde partem as premissas para falar de uma língua nacional brasileira, pois é um fato real que o tupi durante muito tempo se manteve ao lado do português e esse fato levou

a uma situação de bilingüismo, sendo num grau muito menor o que aconteceu com as línguas africanas. Até hoje, se conservam no português, sobretudo no campo lexical, as palavras e expressões que provêm dessas línguas que, de alguma forma, estabeleceram certas diferenças entre o português europeu e o português falado no Brasil.

Em 1965, Câmara publica o livro ***Línguas Européias de ultramar: o português do Brasil*** onde faz algumas observações sobre os empréstimos lexicais indígenas e africanos que entraram no português do Brasil e que se adaptaram à fonologia e à gramática portuguesa. O autor faz um estudo das modalidades lingüísticas do Brasil e de Portugal: 1) colocação diversa de advérbios e pronomes átonos; 2) substituição espontânea no Brasil de *haver* por *ter*; 3) emprego do **ele** tanto para sujeito como para objeto; 4) ressemantização de vocábulos portugueses; 5) forma impessoal do verbo com a partícula **se** em significação passiva, etc.; 6) substituição de *consigo* por *comigo*; substituição de **tu** por **você**.

Ribeiro João (1933), ao contrário de Câmara, afirma com veemência:

...Parece todavia incrível que a nossa Independência ainda conserve essa algema nos pulsos, e que a personalidade de americanos pague tributo à submissão das palavras (...) A nossa gramática não pode ser inteiramente a mesma dos portugueses. As diferenças regionais reclamam estilo e método diversos(...)...

...Os nossos modos de dizer são diferentes e legítimos e, o que é melhor, são imediatos e conservam, pois, o perfume do espírito que os dita...

Está claro que aqui notamos um nacionalismo exacerbado e uma posição apaixonada. No entanto, é válida a opinião do autor do ponto de vista da defesa da língua brasileira. Ribeiro estabelece um paralelo entre a independência do povo brasileiro e a independência, portanto, da língua. Com firmeza absoluta acrescenta esta idéia glorificando a língua brasileira:

...Não podemos, sem mentira e sem mutilação perniciosa, sacrificar a consciência das nossas próprias expressões...

Em 1940 Silvio Elia no seu livro ***O problema da língua brasileira*** rejeita a tese da língua brasileira por conceber que o que a sustenta é uma concepção evolucionista, segundo a qual, sendo as línguas produtos naturais, evoluíram por si mesmas. Defende, então, a idéia de que as línguas são produtos culturais e conclui a sua tese pela unidade lingüística entre Brasil e Portugal, que só não se justificaria, caso se pudesse postular uma diversidade cultural

que impedisse o Brasil de se integrar à tradição da civilização do Ocidente. O ponto de vista de Elia e a sua justificativa para a unidade lingüística entre o Brasil e Portugal é um tanto falaciosa. Com relação a sua concepção de língua como produto cultural, podemos pensar que representa um avanço se a compararmos com as idéias que nortearam o pensamento dos neogramáticos quando afirmavam a inexorabilidade das leis fonéticas, pois tinham estendido para o domínio lingüístico métodos e procedimentos próprios das ciências naturais.

Em 1952, numa entrevista realizada a Souza Silveira, também foi abordado o tema da existência de uma língua brasileira e a questão da comparação entre o processo da formação românica e da formação da língua brasileira. Neste sentido, Silveira apontava que não existe uma língua brasileira e sim uma modalidade. O autor evita usar a palavra dialeto, inclusive atribui a cada um dos lados a sua individualidade o que o isenta das críticas tanto do lado brasileiro quanto do lusitano. Sobre a segunda questão afirma:

...Não se pode comparar o processo de diferenciação do latim vulgar em línguas românicas como o de evolução da língua portuguesa no Brasil. Estamos diante de fenômenos diferentes. O que se aconteceu com as línguas românicas foi o seguinte: desaparecido o poder central do Império Romano de Ocidente, o latim vulgar dos territórios romanizados ficou sem o freio da antiga unidade e as forças diferenciadas puderam, então, atuar livremente(...). O caso do Brasil é outro: desde os nossos primeiros tempos, a língua portuguesa aqui se ensinava e se escrevia no século XVII o Padre Vieira pregava e escrevia, entre nós, sermões numa prosa das mais vigorosas e vernáculas...

Houaiss (1985) retoma o tema com uma nova orientação, enquadrando o português do Brasil no contexto multilingüe e multidialetal, desde as suas origens. Tentando explicar como se deve enfrentar a questão sincrônica e diacrônica do português brasileiro, o autor expressa:

...Não preenchemos ainda os requisitos da pesquisa e conhecimento com que se possa elaborar uma história da língua portuguesa no Brasil na dupla fase com que se costuma fazer tal história: a externa, em que se articulam fatos de ocupação territorial, fatos das sucessivas distribuições demográfico lingüísticas dos ocupantes e fatos das prevalências e desaparecimentos das línguas; e a interna, em que tomando o fenômeno lingüístico do português para cá trazido, se examina a evolução que cada componente e cada estrutura aqui teve, de modo que haja uma "explicação" mais ou menos segura das causas das diversidades horizontais e verticais aqui havidas (pp. 31 32)...

E mais adiante aponta:

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

...Teremos de penetrar fundo nas modalidades orais e escritas do português do Brasil por uma conjugação de métodos que supõe quatro vias pelo menos: 1) a do levantamento exaustivo de depoimentos diretos e indiretos sobre todos os processos lingüísticos havidos a partir (e mesmo antes para os indígenas e negros) dos inícios da colonização, levantamentos já em curso assistemático desde os historiadores dos meados do século XIX para cá; 2) o mapeamento confiável da dialetologia brasileira; 3) o incremento da dialetologia vertical em tantos quantos possíveis grandes centros e focos rurais antigos a fim de se poder ver a interinfluência entre o rural e o urbano na transmissão adquirida e induzida; 4) a penetração da língua escrita no Brasil, das origens aos nossos dias, não numa leitura estética, mas essencialmente lingüística (pp.127 128)...

A segunda e terceira vias que coloca o autor estão sendo cumpridas, ao contrário da primeira e quarta que precisam ainda de uma investigação mais aprofundada.

Na *Folha de São Paulo* com data 18 de novembro de 1982 aparece um pequeno artigo escrito por Helena da Silveira que aborda o tema da língua brasileira. A autora aponta a influência lingüística das novelas brasileiras sobre o uso do português de além-mar quando declara:

...Em minhas estadas em Portugal li nos jornais polêmicas entre adeptos e contrários à influência da fala brasileira, através das novelas da Globo. (...) É lindo, eu acho, este refluxo da língua para a Mãe Pátria. Ela chega lá, modificada por nossas vivências, nossas peculiaridades. E, como muitos jornalistas portugueses, penso que nossa novelística televisiva é elemento de enriquecer, não de se conspurcar o idioma...

Dos trabalhos dos lingüistas brasileiros contemporâneos destaca-se a posição de Fernando Tarallo por ter retomado a tese novecentista da existência de uma língua brasileira distinta da portuguesa. O autor declara:

...A variante de língua portuguesa usada no Brasil desenvolveu um numero considerável de traços sintáticos diferentemente do sistema europeu. Essas diferenças são suficientemente grandes para permitir nos uma descrição da variedade brasileira no sentido de uma gramática brasileira (1992: 02)...

Com uma vertente ainda pouco explorada em pesquisas de natureza essencialmente diacrônica o trabalho de Tarallo situa-se na área da sintaxe e tem procurado aproximar modelos teóricos aparentemente inconciliáveis à sociolingüística e à gramática gerativa. Sem dúvidas, longe da influência do

sentimento nacionalista na defesa da tese da língua brasileira, para Tarallo já no século XIX se podia falar da existência de uma gramática brasileira distinta da portuguesa:

...Um novo sistema gramatical chamado de gramática brasileira ou dialeto do Português com sua própria configuração gramatical desde que essa seja estritamente falando uma questão ideológica, emergiu no século XIX, estabelecendo um novo padrão bastante diferente e em oposição ao Português europeu (1992: 02)...

O argumento central de Tarallo é que o português do Brasil, ao invés de estar-se aproximando do português europeu, estaria se afastando dele. O autor fundamenta a sua posição em análises das construções relativas e da retenção pronominal nas sentenças encaixadas e matrizes. Destaca-se que, enquanto no português europeu a retenção do pronome **se** é muito baixa na posição de sujeito e muito alta na posição de objeto, a tendência do Brasil seria exatamente a inversa: um incremento do uso do pronome na posição de sujeito e um significativo decréscimo da retenção do pronome na posição de objeto, o que, por sua vez, é acompanhado do uso crescente da forma do nominativo **ele** quando o pronome é realizado nessa posição de complemento verbal.

Todas as línguas românicas, com exceção do francês são línguas de sujeito nulo. O espanhol, por exemplo, aceita o sujeito nulo porque o conteúdo do pronome sujeito, sua especificação de pessoa e número, pode ser recuperado pelos sufixos flexionais do verbo em quase todos os verbos (Roberts, 1996), válido também para o português europeu. No entanto, a ocorrência de sujeitos nulos no português do Brasil, segundo Tarallo caiu, sobretudo, entre 1725 e 1982, o que talvez seja resultado das mudanças de ordem morfológica verbal. Assim, o português do Brasil dependeria inteiramente da concordância verbal para licenciar os sujeitos nulos.

Contudo, o sistema pronominal do português do Brasil se reorganizou de tal maneira que as formas verbais que pertenciam à terceira pessoa do singular agora são usadas para a segunda do singular e, em alguns casos, para a primeira do plural. Isto quer dizer, que se bem estão se perdendo os sujeitos nulos, por outro lado os efeitos colaterais poderão também ser diferentes, como seria o caso das mudanças no sistema pronominal possessivo.

A perda do sistema de clíticos de complementos, também é evidente no português do Brasil contemporâneo (no português europeu possui um paradigma de clíticos objetos, sendo o mesmo que no espanhol), essencialmente os clíticos de terceira pessoa. Estes são substituídos ou por um pronome potencialmente tônico, ou por um sujeito nulo repetido ou por uma categoria vazia. A perda dos clíticos poderia ser pela interação de

propriedades da sua representação fonológica. Desta forma, um traço fonológico único do português pode criar uma situação em que as mudanças sintáticas no movimento do verbo, sujeito nulo e subida do clítico, desestabilizem seriamente o sistema dos clíticos do português do Brasil levando, conseqüentemente, a uma distribuição mais generalizada dos objetos nulos.

Os estudos de Tarallo e dos seus contemporâneos, Naro, Kato sobre o português do Brasil oferecem elementos fundamentais para a compreensão da realidade lingüística brasileira e dos processos de mudança nela em curso. Os caminhos abertos por Tarallo devem ser desenvolvidos principalmente considerando a dimensão sócio-histórica dos fatos estudados, pois o autor se inclina mais para a teoria da gramática. Problemas cruciais da abordagem sociolingüística como o encaixamento da estrutura social precisam ainda ser estudados.

Assim, as distinções do português europeu e do português do Brasil são diferenças de fundo que evidenciam culturas separadas no limpo e no espaço. Os argumentos que justificam esta posição são de duas ordens: lingüísticos e sócio-culturais, ou seja, para nós existem as variedades do português; a brasileira e a européia.

A língua que os portugueses difundiram com a colonização tinha um sistema de vogais átonas claramente menos reduzido do que a norma atual do português europeu, portanto mais próxima da norma brasileira em que não existe, além disso, a vogal [θ] de recente surgimento.

As descrições dos gramáticos quinhentistas e as grafias da época permitem afirmar que o [e] e o [o] pretônicos se pronunciavam distintamente tal como acontece hoje na maioria dos dialetos do Brasil e no português falado em países da África. Em conseqüência a pronúncia dos átonos torna-se sensível, a diferença entre o ritmo silábico do português brasileiro em contraste com o ritmo acentual do português europeu, provavelmente mais distanciado do ritmo do português quinhentista.

Porém, não podemos com isto supor que a pronúncia brasileira se tenha mantido conservadora ou tenha ficado suspensa no tempo. Existem exemplos claros de evolução em particular as palatais [tʃ] e [dʒ] que substituíram o [t] e o [d] seguidos de [i] ou de [e] final pronunciado [i] como nas palavras *día*, *pode*, *bate*, *tirar* ou a vocalização do [l] final de sílaba em *brasiw* e *no Brasil*.

Com a utilização dos pronomes pessoais no desaparecimento dos casos latinos que distinguíam funções como as de sujeito, objeto direto ou indireto verifica-se que o pronome **eu**, sujeito, corresponde ao **me** objeto indireto; o **ele** e **ela**, sujeitos, dão lugar a **o** e a **a** quando objetos diretos. Em conseqüência, frases como *eu vi **ele** na rua* que ocorrem em certas variedades do português

são considerados aceitáveis. E, no entanto, elas revelam, somente, a aplicação de uma regra geral que atuou na formação das línguas românicas: o desaparecimento da diferenciação casual.

Se observamos ainda a colocação dos clíticos junto dos verbos, notamos que ela conserva em Portugal antigos hábitos, bem como se revela conservadora a introdução do pronome clítico entre as partes constitutivas do futuro do condicional, por exemplo em **escrever-te-ia**, particularidade que praticamente já se perdeu no Brasil. No campo lexical também em Portugal e no Brasil encontramos inovações e conservatismos e quantas palavras hoje abandonadas no português europeu persistem no nordeste brasileiro.

Os exemplos podiam multiplicar-se provando que conservação e mudança caracterizam, diferenciando, a variação dentro das línguas. A variante do português brasileiro apresenta duas características fundamentais que o diferencia, em conjunto, das línguas espanholas faladas em latino-america, as que lhe estão mais próxima dentre outras línguas românicas:

- a supressão do [l] e do [n] latinos intervocálicos (exemplificada em formas como *mau*, *mão*, *só*, *boa* que contrastam com *solo*, *malo*, *mano*, *buena*;
- a manutenção das vogais breves latinas sem ditongação (que reconhecemos em *sete*, *medo*, *porta*, *sorte* diferindo de *siete*, *miedo*, *puerta*, *suerte*.

Assim, depois de ter revisado e analisado as diferentes posições adotadas por aqueles pesquisadores que de uma forma ou outra se preocuparam com a questão de se existe realmente uma língua brasileira, acreditamos que existe uma variante brasileira do português com as suas características próprias, embora seja ainda cedo para chegarmos a conclusões mais absolutas. Paremos um pouco para pensar. Se o português do Brasil não fosse linguisticamente diferenciado do português de Portugal e de outros países em que veio a lograr o estatuto de língua oficial, não haveria por que distingui-los nem por que indagar em quê se fundam suas distinções e suas identidades. O cotejo de formas fonéticas, fonológicas, morfológicas, morfossintáticas, sintáticas, sintagmáticas, semânticas, lexicais, paradigmáticas, fraseológicas, estilísticas, etc., de um lado, e de outro como se estruturam tais formas. Burke (1993) no prefácio à edição brasileira de ***Language, self, and society: a social history of language***, o autor chama a atenção no sentido de achar as pesquisas nesta área e, especificamente no Brasil, ainda num estágio intermédio:

...E o Império português? E o Brasil? Durante muito tempo estudiosos isolados têm feito afirmações específicas a respeito da história do português do Brasil, mas, até onde sei, há poucos trabalhos mais completos, sendo o mais recente de autoria de José Honório Rodrigues (...). Qual foi, por

exemplo, a influência das línguas dos emigrantes mais recentes como os italianos e alemães, no português do Brasil? Por que o Italiano não conseguiu vencer sua disputa com o Português em São Paulo, por volta de 1900? Por que elementos arcaicos sobreviveram no Português do sertão como também sobreviveram no inglês dos Apalaches e no Espanhol do Rio da Plata? Estariam os observadores estrangeiros corretos em sua afirmação de que os brasileiros falam mais devagar do que os portugueses, ou essa idéia nada mais é do que um exemplo do estereótipo europeu da lassidão tropical? Por que os habitantes do Rio Grande do Sul usam tu em vez de você? (...) As variedades do Português do Brasil, falado e escrito, no passado ou no presente, por grupos diferentes (homens e mulheres, velhos e jovens, ricos e pobres, escravos burocratas, malandros e assim por diante), refletem ou reforçam as diferenças sociais entre esses grupos, ou são independentes?...

Respostas a essas e outras questões só as encontraremos a partir de uma análise da realidade lingüística brasileira e portuguesa ao longo dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. Neste sentido, Castro (1996: 139) adverte:

...Para nos sentirmos mais à vontade neste domínio, que interessa tanto aos brasileiros quanto aos portugueses, seria conveniente desenvolver nos estudos lingüísticos sobre o português uma prática de análises comparativas em que as estruturas brasileiras e portuguesas fossem, por sistema, confrontadas, para não acontecer que se afirme a diferença na ausência, ou no desconhecimento, de um dos termos da comparação...

No caso do espanhol de Cuba, consideramos que é uma variante nacional, pois constitui uma matriz de comunicação com plena função e autonomia, reconhecida dentro dos limites político-administrativos da nação cubana. Em Cuba foram criadas as condições para a codificação da norma culta cubana com uma concepção que valoriza essa variante de língua que não está baseada na imposição de um modelo imutável de língua. Pensamos também, que a codificação da norma culta cubana e do resto dos países hispano-americanos teria como resultado um conhecimento mais exato da diversidade ajudando, assim, à formação de uma norma culta supranacional.

A reentrada em cena da lingüística histórica poderá trazer de volta a própria história das línguas transplantadas, ou seja, a preocupação com relação a sua mudança ou não para outros sistemas lingüísticos. Trata-se, sem dúvidas, de uma das questões mais candentes da lingüística, para o qual se tentaram respostas várias, não existindo, porém, uma solução que se possa considerar definitiva. Cuba é hoje um país monolíngüe, onde o espanhol tornou-se a língua nacional e oficial devido a fatores de caráter extralingüístico (o desaparecimento cedo dos grupos aborígenes como entidade lingüístico-cultural independente; a preponderância numérica de espanhóis; o domínio

político, cultural e econômico de Espanha durante quase quatrocentos anos). Por outro lado, existem outros fatores, também extralingüísticos, que favoreceram a aparição de traços distintivos diferenciadores em todos os níveis da língua espanhola, fundamentalmente no plano lexical e fônico, que originaram a variante cubana de língua espanhola, dentre eles:

- a separação territorial de Espanha;
- a preponderância numérica de andaluzes e canários nos primeiros anos da conquista;
- o nível educacional e social dos colonizadores;
- o contato com outras línguas e culturas;
- o surgimento de uma consciência e identidade nacional.

O espanhol de Cuba pertence à modalidade do chamado **espanhol caribenho insular** que começou a gestar-se nessa região durante sua “exportação” à América a partir do século XVI (Gregori Torada, 1999). É importante destacar que na variante cubana falam e escrevem os representantes de todas as classes e camadas da população. Na forma culta fala e escreve a denominada *capa culta da população cubana*, isto é, professores, médicos, advogados, jornalistas, artistas, engenheiros, homens e mulheres de diferentes faixas etárias formados em nível superior sem distinção de raças.

Na década de oitenta, algumas pessoas questionaram a possível deterioração da língua espanhola em Cuba, baseando seus critérios nas mudanças ocorridas na base social da língua culta que ampliou-se de forma notável com o surgimento da nova intelectualidade cubana composta fundamentalmente pelos filhos dos trabalhadores. A democratização da língua trouxe consigo, então, sobretudo entre jovens e adolescentes, um fenômeno que poderíamos chamar de **doença infantil esquerdista da língua** (Gregori, 1999) que consistia no uso e abuso de palavras que pertencem à gíria marginal, da pronúncia vulgar e chabacana que não tem nada a ver com a reafirmação da cubanidade. Por essa razão, o governo cubano se propõe entre suas prioridades o ensino, domínio e uso adequado da língua materna. Nesse sentido, é válida a opinião de Salinas (1993) quando assevera:

...não é permisível para uma comunidade civilizada deixar sua língua ir à deriva como um navio sem velas, sem capitão, sem rumo... (1993)

Resumindo, podemos dizer que, sem dúvidas, tanto o espanhol quanto o português (conjuntamente com o romeno, o italiano e o francês, além do

catalão, do provençal, do sardo, do rético e do veglioto) surgiram da evolução do latim que devido ao domínio político e cultural de Roma se implantara numa vasta região da Europa a partir do século III a. C. fazendo desaparecer as línguas nativas supostamente de procedência ibérica. Mesmo com as invasões germânicas do século V de C. e a ocupação islâmica do século VII de C. a evolução lingüística do latim continuou, embora distanciado das suas origens e diversificado do ponto de vista regional.

Tanto a língua espanhola, quanto a língua portuguesa foram trazidas para a América em sua versão européia do final do século XV. O português trazido pelos portugueses seria o português moderno clássico que encontrou, nas terras conquistadas, línguas nativas com seus correspondentes dialetos as quais, segundo Anchieta (1874) tinha 4 letras (**F,L,S,Z**); voz passiva dos verbos e verbos auxiliares; acidentes do nome e um sistema comparável a língua grega, mas, sobretudo, uma língua caracterizada pela suavidade e abundância de recursos e elegância. A esse contato com as línguas ameríndias acrescentou-se a partir do século XVII a contribuição africana com a importação de escravos.

Portanto, se intensificava e desenvolvia o transplante dos valores culturais europeus. No caso do Brasil, em nenhum momento, houve uma influência considerável do fator africano como língua dominante como aconteceu com a língua tupi. Em Cuba, o processo foi bem parecido, como ficou demonstrado anteriormente, só que a influência africana foi maior, inclusive até hoje.

O caso do contato do espanhol com o português é particularmente ilustrativo para uma teoria que possa aportar um enfoque interessante sobre como interatuam no tempo e no espaço duas línguas tão emparentadas, tão próximas, do ponto de vista genético e estrutural. Ambas as línguas nasceram quase de maneira simultânea e, a partir de então, relacionadas na Península Ibérica (aliás, começaram também, de forma contemporânea, a aventura colonial em América onde voltaram a estabelecer contato e, de alguma maneira, a reproduzir velhos conflitos de diferente índole, só que num novo cenário).

O português do Brasil, muitas vezes chamado de português padrão, têm no vocalismo três traços considerados importantes para observar os resultados do contato: a abertura ou fechamento (que distingue fonemas) no grau meio do triângulo vocálico (**e/e, o/o**); a nasalização e a metafoia vocálica.

Uma outra questão, é a história do verbo **ter** (do latim vulgar *tenere*) em português, trajetória que, em grande parte, é compartilhada com o espanhol. O antigo verbo latino com significado de posseção *habeo, habere* sofreu um processo que culminou no seu uso como auxiliar de tempos compostos. A zona semântica reservada à expressão de posseção (o latim tinha outras estruturas

especializadas para esta função) foi substituída por *tenere* sobre o qual começou a atuar à deriva que o transformou em auxiliar de tempos compostos (português atual = *tenho visto*, *tinha falado*). Em espanhol, também é possível utilizar *tengo visto*, embora com menos frequência.

A expressão com o verbo *dar* em português (*dar para*), por exemplo *dá para entender que você não me ama* que em espanhol equivale a ser suficiente algo para algo ou para alguém, por exemplo, *esta casa dá para vivir una familia* (*esta casa dá para viver uma família*); *el postre dá para todos* (*a sobremesa dá para todos*). Em português tem o significado de informar que uma situação ou circunstância determinada é possível, conveniente ou recomendável. Por exemplo, *dá para ouvir no fundo? Dá para ir mais cedo à praia?* Os exemplos do português, embora estejam do ponto de vista semântico bem perto dos exemplos espanhóis, tem um significado mais amplo. Contudo, o verbo *dar* em ambas as línguas provem de uma indefinição semântica.

Nos casos de **achar/encontrar** (português) e **hallar/encontrar** (espanhol) têm um significado básico relacionado com o resultado da ação procurar. Neste sentido, ambas as línguas seriam idênticas, mas é possível detectar algumas diferenças funcionais relacionadas com as circunstâncias implícitas da ação de buscar, procurar. Isto quer dizer, que esta busca pode ser feita de forma consciente e premeditada, ou simplesmente que sem se propôr a busca, de todas formas, pode ser encontrado o que estamos procurando (se produz o *hallazgo*). Em português e espanhol o uso do verbo *encontrar* é similar. Por exemplo, *cuando iba por la calle encontré a Pepe*; *Ontem encontrei com Carlos na rua*.

O verbo **achar** que para o espanhol seria **hallar**, neste caso está em variação com o verbo **encontrar** = *encontrar por acaso o que era procurado*. O verbo **achar** seria, portanto, semanticamente mais amplo em português entanto que o verbo **encontrar** o seria em espanhol. Porém, o verbo **achar** em português incorpora também um significado que não se refere à procura de alguma coisa ou pessoa. Ele adquire um matiz semântico no sentido de **pensar, supor**, sem que implique uma certeza total ou uma negação/afirmação definitiva.

Com este pequeno esboço sobre alguns pontos de contato entre o português do Brasil e o espanhol de Cuba, e depois de analisar alguns trabalhos dedicados a pesquisa das raízes e componentes destas línguas nos atrevemos a afirmar que existem aspectos em comum. Este processo começa a partir da própria relação estabelecida na Península entre as metrópoles, sem esquecer as relações de intercâmbio entre as tribos indígenas de diferentes regiões de América antes da etapa da conquista. Cuba teve, por exemplo, influência do tupi e do arauco (língua que predominava na área continental).

O português e o espanhol conservam inúmeros traços comuns, utilizando, às vezes, vocábulos semelhantes ou idênticos quanto ao léxico e características uniformes quanto à morfologia e à sintaxe. Tal afinidade, constitui o indício mais importante do parentesco evolutivo; não obstante, muitas palavras não podem ser consideradas idênticas, pois o que é mera semelhança, pode acarretar erros na grafia e no uso de vários vocábulos análogos. As divergências que possam ser encontradas no decorrer da análise contrastiva destas duas línguas tão próximas, (americanizadas depois de terem sido transplantadas) talvez poderiam não ser delineadas com muito rigor, pois nos povos que possuem atualmente uma cultura básica mais ou menos comum, as discrepâncias surgem em virtude de uma remodelação e inovação do léxico que se produz com forma e velocidade variáveis de língua para língua.

Seria interessante desvendar em pesquisas futuras os elementos que caracterizam a influência das línguas indígenas e africanas no Brasil e em Cuba; o reconhecimento de que é diversa a direção da mudança lingüística no Brasil e em Portugal e a diferenciação entre o português do Brasil e o europeu, principalmente na língua falada.

No intuito de descobrir algumas das razões históricas que levaram essas duas línguas a um encontro na Península, primeiro, e além - mar nas Américas depois, nos dedicamos a pesquisar sobre a história e evolução de ambas, trazendo essa análise até nosso trabalho para refletir acerca de como tudo isso influenciou também nas expressões idiomáticas. Descobrimos que muitas das expressões cubanas são semelhantes às expressões brasileiras o que nem sempre acontecia com as expressões espanholas e as cubanas, ou com as expressões portuguesas e brasileiras. Assim, concluímos a partir do estudo da evolução do espanhol e do português na América, que devido ao contato sistemático dessas línguas tanto na Península quanto nas novas terras descobertas e também aos contatos estabelecidos entre os índios araucos (da América do Sul) e os Caribes, muitas das palavras e frases idiomáticas foram introduzidas enriquecendo o léxico de cada uma. Os processos de transculturação dos elementos africanos também tiveram um papel fundamental. O capítulo II traz à tona um antecedente histórico para poder no capítulo III desenvolver mais amplamente o aspecto principal da pesquisa, a fraseologia, e, especificamente as expressões idiomáticas como parte integrante do conjunto fraseológico.

CAPÍTULO III.

A TEORIA FRASEOLÓGICA.

Descobrir uma língua é também familiarizar-se com seu corpo metafórico, com suas imagens adotadas, aceitas por todos

(Frédéric Dumont, 1990)

3.1. VISÃO GERAL DO PROBLEMA

O curso dos acontecimentos da vida, o esperado ou inesperado, o receado e o desejado, tudo enfim que compõe o tecido da nossa existência precisa ser representado materialmente. É por isso que dizemos que determinado sucesso, por exemplo, *está por um fio*. Esse **fio** onde existe? Na nossa imaginação. Na linguagem comum **morrer** é *partir para outro mundo, dormir o último sono, fechar os olhos, deixar a vida, partir desta para melhor*, etc. que na linguagem popular seriam as frases análogas a *bater as botas, esticar as canelas, vestir o pijama de madeira (português); ir para el mundo de los boca arriba, cantar el manisero, estirar la pata, quedarse en la pagina dos (espanhol)*, que por serem tabus lingüísticos não são usados por todas as classes sociais devido a preconceitos e, às vezes, a superstições.

Bally (1961) acredita que para julgar o estado de evolução de uma língua não basta ler os autores contemporâneos. Torna-se necessário ouvir o povo, sentir o seu modo de falar, às vezes bastante diferente do que lemos nas páginas dos livros. A evolução lingüística não se faz por decreto. Ela está sujeita a leis históricas inexoráveis. Se as forças de produção e as relações de produção apresentam um ritmo acelerado ou lento de desenvolvimento, o mesmo sucederá com o desenvolvimento lingüístico. Se elas fossem escassas e precárias, a cultura seria fraca e bastante vulnerável às importações, tanto tecnológicas quanto culturais e lingüísticas.

Na linguagem coloquial é muito comum encontrar um abundante número de combinações estáveis, onde a decomposição parcial do significado dos seus componentes seria talvez contrária ao pensamento lógico do falante do ponto de vista semântico e, às vezes, até do ponto de vista estrutural.

Segundo Ullmann (1977), nenhuma língua é completamente transparente nem completamente opaca. Todas elas contêm um sem-número de termos convencionais inanalizáveis como termos auto-explicativos e motivados. A convencionalidade é definida como aquilo que é consagrado pelo uso, aquilo que se aceita de comum acordo (Tagnin, 1989) e pode ser encontrada em

diversos níveis lingüísticos (nível sintático, nível semântico, nível pragmático, etc.). Fillmore (1979) salienta que a questão da convencionalidade está intimamente ligada à fluência, ou seja, o desconhecimento das unidades convencionais pode fazer de um aprendiz dessa língua um falante ingênuo, um falante que conhece apenas o elenco das regras sintáticas da língua e o seu léxico, o que lhe possibilita só uma leitura composicional, isto é, não idiomática das estruturas lingüísticas daquela língua. Portanto, a idiomatidade é um dos aspectos da convencionalidade.

Em relação à opacidade e a transparência da significação dos fraseologismos poder-se-ia pensar que ela tenderia a ser sempre completa, mas não é tal o caso, mesmo quando se trata de línguas tão diferentes como são o russo e o português, ou o japonês e o árabe. Em português, como em outras línguas, seja o caso aqui do espanhol, os fraseologismos são unidades lexicais múltiplas que apresentam vários graus de transparência semântica que vão de uma maior transparência à total opacidade. Por exemplo, *falar pelos cotovelos* (**português**) *hablar hasta por los codos* (**espanhol**) em ambas as línguas significa falar muito, falar demais (+ transparente) mas nos exemplos *jogar a toalha* (**português**), *tirar la toalla* (**espanhol**) em espanhol a expressão significa ajudar, intervir em favor de alguém numa situação difícil, principalmente as crianças quando vão apanhar dos pais. Em português, a expressão tem outro significado, qual seja o de desistir de algo (- transparente em ambas as línguas).

Por outro lado, é muito difícil imaginar um idioma que não tivesse palavras onomatopaicas, nem metáforas como também seria difícil conceber um idioma que contivesse só formas transparentes. Desta forma, acredita-se que a proporção de termos opacos e transparentes assim como a frequência relativa das diferentes formas de motivação podem proporcionar valiosos critérios para a classificação dos termos nas línguas, aspecto esse esboçado por Saussure, que distinguiu dois gêneros de idiomatismos: o **lexicológico** onde predominam as palavras opacas, e o **gramatical**, que prefere os termos motivados.

Na década de trinta aparecem as primeiras definições de **fraseologia** Polivánov (1931), por exemplo define a fraseologia como uma disciplina especial da área da linguagem que ocupa, em relação ao léxico, a mesma posição que a sintaxe desempenha em relação à morfologia. Esta “nova” disciplina se serve, da mesma forma que a lexicologia, da expressão dos conceitos individuais (as significações lexicais). O autor utiliza indistintamente o termo **idiomática** para se referir a fraseologia

No entanto, e ao contrário de Polivánov, Abakúmov (1936) estabelece uma diferenciação entre a **idiomática** e a **fraseologia**. A integridade semântica, a intradutibilidade, indivisibilidade sintática e léxica, a invariabilidade parcial da forma gramatical e a invariabilidade na ordem das palavras são, segundo Abakúmov, os traços inerentes à idiomática. Para as unidades fraseológicas o

autor transfere características tais como a perda em menor grau da significação independente das palavras que as compõem. Segundo ele, o significado das unidades fraseológicas não é equivalente ao significado de uma palavra. É preciso salientar que não concordamos com este último critério, pois algumas expressões idiomáticas que, aliás, também formam parte do acervo de unidades fraseológicas podem encontrar sinônimos em verbos simples (*descer a lenha* = criticar ou denegrir; *fazer de gato* = abusar; *dizer cobras e lagartos* = xingar). Para Abakúmov, a fraseologia é a *ciência dos meios feitos de expressão do pensamento*. Dobrovolski (1990) considera a **idiomática** como uma parte da fraseologia na qual de maneira muito particular se distingue um afastamento (ou desligamento) das palavras componentes de uma unidade fraseológica de seus significados iniciais. Ela está ligada aos textos sobre folclore e, por essa razão, está relacionada a imagens ingênuas do mundo, da cultura, da vida espiritual e das fantasias de uma determinada comunidade.

Nos anos 40, a fraseologia se inscreve como disciplina lingüística, sendo a época do maior desenvolvimento das pesquisas dos lingüistas russos nessa área destacando-se Vinogradov (1938) que foi o primeiro a classificar sincronicamente as unidades fraseológicas do ponto de vista funcional. Assim, o autor escreve:

...A estreita relação que existe entre a fraseologia (idiomática) e a lexicologia está condicionada não só pela cercania estrutural dos conceitos das palavras e idiomatismos, mas também pelo movimento constante das palavras aos idiomatismos e dos idiomatismos às palavras...

De acordo com Roda (1993) o termo fraseologia não está bem definido toda vez que é utilizado em diferentes acepções por diversos lingüistas sendo que em alguns casos a limitam às expressões idiomáticas comumente chamadas de expressões cristalizadas e que são próprias de uma língua (*pagar o pato, escapar por um triz*, (**português**) *pagar los platos rotos, escapar por un tilin* (**espanhol**), embora outros autores considerem que os provérbios, locuções, colocações, lexias compostas, ditos populares, gíria, aforismos, também formam parte da fraseologia (Zareba, 1976 apud Roda).

Rey (1986) falando sobre a fraseologia afirma:

...Trata-se de fraseologia, isto é, de um sistema de particularidades expressivas ligadas às condições sociais nas quais a língua é atualizada. Isto cobre dois aspectos de uma mesma realidade: expressão e locução sendo muito geralmente empregadas (utilizadas) como dois sinônimos.¹)...

¹ Il s'agit de phraséologie, c.a.d. d'un système de particularités expressives liées aux conditions sociales dans lesquelles la langue est actualisée. Ceci recouvre deux aspects d'une même réalité: expression et locution étant très généralement employés comme deux synonymes...

Note-se que Rey utiliza o termo fraseologia como sistema de particularidades expressivas e, nessa asseveração, muito geral, nada nos diz da natureza interna das unidades que a integram nem das suas particularidades lingüísticas. Na tentativa de definição se evidencia que o autor não tem intenção de analisar a essência do fenômeno fraseológico.

As pesquisas sobre fraseologia (hoje também chamada por alguns lingüistas de idiomática) têm se desenvolvido dentro de uma alternativa mais ou menos rigorosa:

- a descrição com máxima precisão das expressões idiomáticas das mais diversas estruturas sem chegar a uma compreensão nova e uma nova teoria da idiomática;
- a investigação idiomática, a maioria dos estudos russos muito ricos em material, e as obras influenciadas por eles;
- as expressões idiomáticas independentes da idiomática.

O problema acerca do caráter sistêmico das unidades fraseológicas pode ser analisado a partir de dois aspectos;

- a relação sistêmica entre as unidades fraseológicas que compõem a língua;
- a relação sistêmica que existe entre as unidades fraseológicas e outras unidades da língua, em primeiro lugar as palavras.

Se examinarmos a sistematicidade das unidades fraseológicas teremos de analisar os seus traços semânticos e estruturais, isto é, os traços que caracterizam o princípio de organização das unidades fraseológicas e do seu significado. Por essa razão, o problema da sistematicidade está vinculado à definição dos tipos de unidades fraseológicas. Alguns fraseólogos como, por exemplo, Arjanguelski, (1964) e Rozeinzon, (1961) consideram que a composição fraseológica da língua se realiza seguindo um sistema especial e que os traços que diferenciam o sistema fraseológico são:

- a organização das unidades fraseológicas como estruturas sintáticas (combinação de palavras e oração)
- a presença da metaforização, característica fundamental dessas unidades onde pelo menos um dos elementos da combinação sai dos marcos das regras gerais.
- a presença de uma categoria semântica especial de significado fraseológico.

Os autores e os seus seguidores partem do critério semântico-estrutural e definem o sistema fraseológico como um nível especial parecido com uma espécie de edificação de todos os níveis estruturais restantes.

No entanto, o fato de os fraseologismos terem uma construção semântico-estrutural diferente (unidades fraseológicas, combinações fraseológicas, provérbios, refrões) faz com que seja quase impossível catalogá-los dentro de um nível especial. Portanto, a maioria dos pesquisadores da área consideram que o sistema fraseológico se organiza numa série de subsistemas que unem as unidades fraseológicas de diferentes tipos semântico-estruturais.

A partir dessas definições pode-se entender a Fraseologia como a *combinação de elementos lingüísticos de uma determinada língua, relacionados semântica e sintaticamente, que não pertencem a uma categoria gramatical específica e cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos*. Responde-se, assim, à questão da constituição de uma unidade fraseológica como, por exemplo, *num piscar de olhos* (**português**) *en un abrir y cerrar de ojos* (**espanhol**); *botar (pôr, meter) na cabeça* (**português**) *meter en la cabeza* (**espanhol**). Por outro lado, nela se incluem todas as combinações onde os componentes possuem traços metafóricos geralmente estáveis (em alguns casos a estabilidade é parcial permitindo algumas alterações).

As expressões idiomáticas através da sua representação metafórica, caracterizam um conceito já denominado por uma palavra dando-lhe concretização e tornando-o mais expressivo. Em alguns casos, a representação metafórica permanece mas perde a sua atualidade porque os fatos reais, os fenômenos que refletem perderam a sua importância, por exemplo, *quedar para vestir santos* (**espanhol**) *ficar para titia* (**português**). Em espanhol, diz-se da mulher solteira quando já perde as esperanças de algum dia poder casar; *chorar pitangas* (**português**) com seu equivalente em espanhol *llorar misérias* que significa reclamar, queixar-se da vida. Desta forma, as expressões idiomáticas refletem o lado dinâmico da língua, a sua adaptação constante às necessidades comunicacionais do momento, tanto que podem desaparecer logo depois de seu surgimento, se bem que muitas ficam e se incorporam ao inventário lexical da língua.

Noutros casos, temos fraseologismos que hoje não são usados como unidades expressivas da língua embora os conceitos expressos pelos elementos que os integram não envelheçam como, por exemplo, em *costar un sentido* (*custar um sentido*) (**espanhol**) que significa alguma coisa ter um preço excessivamente alto, ser muito caro (hoje em dia usamos a expressão *costar un ojo de la cara*). Apesar dos conceitos expressos por cada um dos vocábulos manter o seu valor semântico, o fraseologismo está hoje em desuso. São precisamente as mudanças que ocorrem na ordem social que influem no envelhecimento dos fraseologismos que são quase sempre efêmeros.

Bally (1961) afirmava que a expressividade era uma das características mais importantes dos fraseologismos, pois o indivíduo da à frase uma impressão afetiva que ele mesmo percebe ou produz no ato de comunicação com os meios de expressão que utiliza. A fonte de expressividade está dada porque na semântica das unidades fraseológicas se unem três componentes:

- **denotativo**, que está representado por estruturas léxico-gramaticais da unidade cuja leitura direta serve de base para a criação da imagem, sem subestimar o valor expressivo inerente aos lexemas que constituem a expressão. A estrutura gramatical dos fraseologismos e as características semânticas permitem conhecer a capacidade e potencialidade dessas unidades (verbal, substantiva, adjetiva, adverbial, etc.). Gak (1971) e Carneado (1985) falando sobre este assunto afirmam que todos os significados lexicais têm uma tendência para dois polos comunicativos: o sujeito do enunciado que descreve o objeto ou fenômeno percebido, e o predicado que traslada traços, qualidades e valores do sujeito acerca do enunciado;
- **conotativo**, determinado a partir da imagem surgida como resultado do processo de abstração da realidade na leitura direta da unidade;
- **valorativo**, dado pela relação do falante com o que foi por ele dito e que se expressa através de diferentes modalidades.

Pretende-se neste capítulo descrever as particularidades estruturais, semânticas e comunicativo-pragmáticas das unidades fraseológicas emprestando especial ênfase às expressões idiomáticas, tema principal da tese. Através da análise que empreenderemos nos capítulos seguintes, queremos contribuir para a discussão teórica sobre a fraseologia em geral e, por outro lado, oferecer uma contribuição à lexicografia.

Através de nosso estudo temos observado que as pesquisas feitas na área da Semântica tentam diferenciar as combinações estáveis que possuem traços categoriais próprios das palavras como unidades da língua. Assim, a fraseologia estimulada pela prática lexicográfica converteu-se numa disciplina que tem como objeto de estudo as combinações estáveis.

Kunin (1964) afirmava serem *precisamente os cientistas russos os descobridores das combinações estáveis, apontando para a consolidação dessas combinações na língua graças à repetição, à estabilidade na composição lexical, à ordem das palavras, estabelecendo assim a presença das combinações variáveis e invariáveis das palavras. Esses trabalhos (pesquisas) tão frutíferos, mesmo que tivessem um caráter exploratório, continham profundas idéias e reflexões que mostraram o caminho às pesquisas posteriores.*

Uma das definições tradicionais de **idiomatismo** é a *construção, a associação de palavras de determinada língua que não se pode traduzir literalmente em outra língua* (**Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira**, 1944). Essa aceção resulta bastante insuficiente. Segundo o **Dicionário da Língua Portuguesa** de Antenor Nascentes (1988), a *fraseologia* (do grego **phrasis** que significa frase + **logos** = tratado + ia) *constitui uma parte da Lingüística dedicada ao estudo das frases feitas (combinações estáveis), isto é fossilizadas em seu sentido e em sua forma e usadas no discurso à maneira de locução ou expressão*. Concordamos parcialmente com o autor, pois, conforme apontaremos mais adiante, na nossa opinião a Fraseologia constitui o *estudo das combinações de morfemas estáveis, unidades semânticas que, por seus traços categoriais próprios, distinguem-se das palavras e combinações livres como unidades lingüísticas e que, portanto, permitem falar de um sistema fraseológico da língua*.

Inicialmente cabe mencionar que, embora a fraseologia seja um termo relativamente novo, ela designa realidades lingüísticas tão antigas quanto as línguas mais antigas (Roda, 1993:36). Como exemplo do interesse pela fraseologia, podemos citar Santo Agostinho que, já no século quarto a. C., declarou que as expressões como *in saeculum* poderiam ser tratadas como unidades.

No entanto, é somente a partir deste século que essas unidades passam a ser estudadas mais profundamente. No início, foram tratadas as unidades pertencentes à língua comum, podendo-se citar alguns lingüistas interessados nesta área, seja o caso de Saussure, Bally e Pottier, dentre outros. A partir desses autores, e principalmente de Bally, esse estudo ganha impulso.

Do mesmo modo que terminologia, o termo fraseologia é polissêmico, podendo designar, segundo Kjaer (1990: 3-4):

- disciplina lingüística que pode ser comparada à terminologia (ciência dos termos) ou à lexicologia (ciência dos lexemas). Ela tem por objeto de estudo a combinação sintagmática de palavras, termos ou unidades lexicais;
- conjunto de combinações fraseológicas de palavras ou termos em uma determinada língua ou sublíngua como, por exemplo, as linguagens das diferentes áreas do conhecimento. É comparada, nesse caso, à terminologia como relação ou conjunto de termos de determinada área. Segundo o contexto teórico, as combinações fraseológicas podem ser chamadas de frasemas, fraseologismos, unidades fraseológicas, entidades fraseológicas ou ainda enunciados fraseológicos, termo esse usado por Zuluaga (1998).

Na teoria da lexicologia, a fraseologia tem como objeto de estudo a análise de combinações de palavras que formam unidades lexicais ou que têm o caráter de expressões fixas. São freqüentemente denominadas de frasemas (Melchuk, 1981) ou unidades fraseológicas e são definidas como unidades

lexicais multi-vocabulares ou expressões multi-vocabulares. Por exemplo, as expressões idiomáticas do tipo *no tempo das vacas gordas*, (**português**), *en el tiempo de las vacas gordas* (**espanhol**); *dar com a língua nos dentes* (**português**) *irse de lengua* (**espanhol**) ou os provérbios e ditados populares como *de grão em grão a galinha enche o papo, diz-me com quem andas e te direi quem és* (**português**), *dime com quien andas y te diré quien eres* (**espanhol**).

Saussure (1973) foi um dos primeiros autores a enfatizar a existência de combinações não livres, definindo este fato como segue:

...Há, primeiramente, um grande número de expressões que pertencem à língua. São as frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação mesmo quando seja possível distinguir pela reflexão, as partes significativas...

E aponta mais adiante:

...Essas combinações não se podem improvisar, são fornecidas pela tradição...

O autor refere-se às unidades fraseológicas como **agrupamentos**. Essa denominação fundamenta-se no princípio segundo o qual não falamos por signos isolados, mas por grupos de signos, por massas organizadas que são elas próprias signos. Acrescenta, ainda, que na língua tudo se reduz a diferenças, mas também a agrupamentos.

Para ele, os agrupamentos podem ser definidos como:

Sintagmas compostos por duas ou mais unidades consecutivas, que estabelecem um encadeamento de caráter linear. Os sintagmas podem responder a palavras, a grupos de palavras, a unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie como as palavras compostas, derivadas, membros de frases e frases inteiras...

Portanto, isto diz respeito às relações sintagmáticas. Saussure afirma ainda que para a constituição e análise desses **agrupamentos** ou sintagmas também são importantes as relações associativas e paradigmáticas, pois diferentes associações estabelecidas entre seus elementos lingüísticos constitutivos permitem a ocorrência de variações no seu interior.

Embora Saussure estabeleça esses dois eixos para a análise dos agrupamentos e considere entre eles tipos *como estar no mundo da lua* (**português**), *estar en la luna*, *estar en Babia* (**espanhol**), seus exemplos centram-se, principalmente, nas palavras simples, demonstrando uma preocupação maior com a morfologia delas. Podemos considerar sua proposta como um princípio constitutivo dos sintagmas e que é válido para as unidades mínimas mas também pode ser aplicado às unidades maiores. No entanto, isto representa, de certa forma, uma restrição para a análise dos agrupamentos, pois limita-se às regras da língua e considera a liberdade expressiva que ocorre na fala ou em determinado discurso.

Essa questão foi colocada pelo autor quando afirma que à língua e não à fala deve-se atribuir todos os tipos de sintagmas construídos sobre formas regulares, principalmente aqueles cujo uso proíbe qualquer alteração, como no caso das frases feitas mostrando como exemplo as expressões *de que adianta?*, *não se faz mister*, *não se faz de tonto*. Segundo o autor, essas unidades não podem ser improvisadas, uma vez que são fornecidas pela tradição da mesma forma que os provérbios, exemplos clássicos de fixação pelo uso ou tradição.

Saussure observa que as expressões fraseológicas não são fatos da fala que dependem do exercício livre dos indivíduos. Elas, pelo contrário, são fatos da língua, pois são combinações sintagmáticas “impostas” pelo uso coletivo. Aqui entende-se o conceito de língua no sentido de repertório idiomático e instituição social, e não propriamente o de sistema abstrato de oposições. Referindo-se a tais combinações, esse autor fala da existência de grande número de locuções **pré-fabricadas** que pertencem à língua e que são cunhadas pelo uso de tal forma que não podem ser alteradas, embora possam distinguir-se nelas alguns elementos componentes com valor semântico próprio:

...Um grande número de expressões que pertencem à língua são as frases feitas, as quais o uso proíbe de mudar qualquer coisa mesmo se se pode distinguir nelas, mediante a reflexão, partes significativas (para que fim?). É também assim se bem que em menor grau com expressões tais como « pegar a mosca » ou ainda « ter dor de » (cabeça, etc.) ..., cujo caráter usual sobressai das particularidades de sua significação ou de sua sintaxe. Essas expressões não podem ser improvisadas, elas são fornecidas pela tradição...⁽²⁾

Mesmo assim, fazendo essa afirmação, Saussure reconhece, de algum modo, em relação ao sintagma que não há limite definido entre o fato

² *un grand nombre d'expressions qui appartiennent à la langue; ce sont les locutions toutes faites, auxquelles l'usage interdit de rien changer, même si l'on peut y distinguer, à la réflexion, des parties significatives (à quoi bon?). Il en est de même, bien qu'à un moindre degré, d'expressions telles que prendre la mouche ou encore avoir mal à (la tête, etc.)..., dont le caractère usuel ressort des particularités de leur signification ou de leur syntaxe. Ces tours ne peuvent pas être improvisés, ils sont fournis par la tradition.*

lingüístico, marca do uso coletivo e o fato de fala, que depende da liberdade individual. Portanto, o autor já faz certa referência à complexidade de reconhecimento e delimitação dessas unidades.

Embora o estabelecimento dos eixos sintagmático e pragmático por Saussure não seja referido explicitamente nos estudos atuais sobre fraseologia, podemos constatar que é sob essa ótica que se situam as abordagens que mostraremos mais adiante. A noção de relações sintagmáticas é retomada através dos critérios de pluriverbalidade e de combinatória que definem as unidades fraseológicas, enquanto que a noção de relações paradigmáticas é retomada por alguns autores que admitem a possibilidade de comutação dos elementos constituintes, estabelecendo diferentes graus de fixação para as unidades fraseológicas.

Assim, outros reconhecidos filólogos além de Saussure, haja visto o caso de Bally (1961), de maneira relevante entraram no mundo da fraseologia. No início do século XX, Bally, destacado lingüista suíço e discípulo de Ferdinand de Saussure, abordava aspectos importantes da teoria fraseológica fazendo um estudo das particularidades geradoras das combinações lexicais que, segundo o autor, apresentam diferentes graus de coesão tendo como ponto de partida dois casos extremos:

- quando a combinação se decompõe imediatamente após ter sido criada e as palavras que a integram adquirem de novo plena liberdade para constituir outras novas combinações;
- quando as palavras, pelo fato de serem usadas numa combinação dada para expressar uma mesma idéia, perdem totalmente sua independência, ficam ligadas entre si e adquirem o seu sentido nessa combinação (1961: 67-68)

As primeiras são as chamadas **combinações livres**. O segundo grupo seria o das **combinações estáveis** e que mais tarde se transformariam no objeto de estudo da fraseologia. Assim, Bally pôs ênfase em alguns aspectos importantes como:

- a existência de combinações estáveis que se opõem às combinações livres, um fato indiscutível que leva o pesquisador a propor um método de análise e uma classificação para tais combinações;
- o grau de coesão dos elementos dessas combinações é diferente, permitindo, em princípio, o reconhecimento de dois grupos: 1) **as unidades fraseológicas** (grupos sintéticos de coesão absoluta nos quais as palavras perdem sua significação e é o conjunto que adquire um novo significado, que não é resultado da soma dos significados de cada um dos elementos); e 2) **as séries fraseológicas ou agrupamentos usuais** (grupos de coesão

relativa nos quais as palavras que compõem a expressão têm, isoladamente, autonomia, mas não no conjunto);

- as combinações estáveis possuem traços internos (semânticos) e externos (estruturais), manifestando-se também uma diferença entre os traços formais e aqueles que emanam da correspondência entre a forma e o sentido.

O **sentido** é a noção implicada pelo termo mesmo da língua como conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores. A **forma** é do ponto de vista lingüístico (a bem dizer do ponto de vista dos lógicos) a matéria dos elementos lingüísticos quando o sentido é excluído ou o arranjo formal destes elementos ao nível lingüístico relevante (Benveniste, 1989). Portanto, há para a língua duas maneiras de ser língua: no sentido e na forma (no conteúdo e na estrutura). O sentido da frase é de fato a idéia que ela exprime. A ligação dos elementos do enunciado está destinada a transmitir um sentido dado numa situação (circunstância) dada.

É claro que o **sentido** da frase está na totalidade da idéia percebida por uma compreensão global. A **forma** se obtém pela dissociação analítica do enunciado processada até as unidades semânticas, as palavras que não deixam de preencher sua função, a articulação semântica.

É claro, afirmava Bally, *que entre esses dois casos extremos podemos descobrir um grande número de casos transitivos que não se adaptam com exatidão a essas classificações* (1961). Um dos grupos transitivos a que se refere Bally é o denominado **grupo fraseológico**, cujos membros apresentam combinações de elementos que conservam a sua independência, mas que denotam uma certa cercania entre si, pois todo grupo tem um contorno exatamente desenhado dando a impressão de que já é habitualmente conhecido (ex: *gravemente enfermo, gravemente ferido*). Nestes exemplos, apesar da semelhança de significações, a substituição das definições é inadmissível. Essas unidades na terminologia anglo são chamadas de **colocações**.

Na sua transcendental e bem sucedida obra *Traité de Stylistique Française*, o autor afirma que a assimilação dos fatos da língua ocorre, principalmente, pelas associações e agrupamentos, os quais podem ser passageiros, mas podem também, pela repetição, passar a ter um caráter usual e formar unidades indissolúveis.

Dessa forma, Bally apresenta, de modo precursor, diferentes graus de fixação para as locuções fraseológicas. No entanto, ele vai além, ao propor índices interiores e exteriores para caracterizá-las e reconhecê-las. Os índices exteriores, considerados de menor importância que os interiores são:

- uma unidade formada por várias palavras;

- essas palavras estão dispostas numa ordem invariável e não podem ser separadas por outras;
- nenhuma das palavras do grupo pode ser substituída por outras.

Por sua vez, os índices interiores são:

- equivalência da unidade a uma única palavra, denominada de **termo de identificação**;
- esquecimento do sentido desses elementos- o falante não pensa em palavras isoladas;
- a presença de arcaísmos e elipses.

Este último critério é importante para o autor, pois considera que os arcaísmos são atualizados quando estão presentes numa unidade. Isso significa que, embora já não sejam mais utilizados na linguagem corrente, não deixam de ser mencionados quando fazem parte de uma unidade. Esse aspecto assegura, de certo modo, seu caráter fixo. Como exemplo cita **à guisa de**, expressão que não faz parte do uso corrente em francês, mas que é referida quando faz parte da unidade **brandir um bastão à guisa de lança**.

Além desses índices, o autor refere-se também à recorrência das unidades, ou seja, a sua frequência como um dos critérios para seu reconhecimento.

Bally considera que os índices mencionados, embora sejam uma espécie de orientação para caracterizar as unidades fraseológicas (doravante UFs), não se aplicam todos à mesma unidade, uma vez que algumas permitem, por exemplo, a inserção de outros elementos e outras ainda constituem-se de uma parte fixa e outra móvel, rompendo com o segundo e terceiro critérios exteriores apresentados acima. Mesmo assim, eles podem ser considerados como critérios básicos a partir dos quais é possível reconhecê-las.

Se Saussure refere-se às relações sintagmáticas e paradigmáticas como relações importantes na constituição do que ele denomina de agrupamentos, Bally também retoma essas noções quando diz, em relação aos índices exteriores, que uma unidade está formada por várias palavras separadas. Refere-se, nesse caso, à pluriverbalidade e, portanto, às relações sintagmáticas. Acrescenta ainda que tais unidades podem ter partes fixas ou variáveis. A possibilidade de ocorrência de variáveis permite a substituição de alguns dos elementos da unidade, constituindo-se, assim, os paradigmas.

Contudo, não há dúvida de que Bally avança um pouco mais do que Saussure ao apresentar os índices exteriores (*estabilidade, impossibilidade de inserção e de substituição de alguns de seus elementos*) e interiores (*sentido dado pelo conjunto de seus elementos e não pelo sentido isolado de cada um*

deles). Esses índices são retomados por outros autores conforme veremos mais adiante.

O autor estabelece ainda o método de delimitação dessas unidades através do termo de **identificação**, ou seja, a unidade fraseológica tem que poder ser substituída por uma palavra equivalente ou paráfrase que tenha o mesmo sentido. Assim, este método permite realizar uma descrição sincrônica, ou seja, analisar a interação das palavras dentro de um determinado estado da língua, característico de uma dada época. No entanto, o próprio Bally argumenta que este método não é muito confiável, pois *encontrar a palavra abstrata que exprima o sentido na forma mais simples é o objetivo final da identificação, mas para isso, para que o resultado obtido possa ser usado numa pesquisa ulterior é preciso confrontar o fato lingüístico não de forma isolada mas de maneira tal que cada um esteja no seu meio natural (...) Noutras palavras, a equivalência léxica deve estar acompanhada da equivalência gramatical...*

Sem dúvidas, a teoria de Bally constituiu um grande avanço no processo de estabelecimento das bases da teoria fraseologia. Os princípios da sua pesquisa ainda hoje conservam o seu valor. Talvez só estejam precisando de pesquisas ulteriores os seguintes aspectos:

- distinguir os traços relevantes (traços que constituem a unidade) dos não relevantes (traços externos);
- delimitar as combinações variáveis, mas **não livres** do ponto de vista lexical onde só um elemento conserva a sua independência (grupos) e as unidades fraseológicas nas quais as palavras perdem todo significado independente;
- discernir a presença de componentes variáveis nos fraseologismos mas que não violam a integridade deles;
- explicar a natureza distintiva das unidades fraseológicas e as qualidades dos seus componentes;
- explicar os princípios da formação da fraseologia sincrônica.

Isashenko (1948) explica os fundamentos da fraseologia como disciplina lingüística e destaca a contribuição da escola genebrina para a constituição dessa nova disciplina apresentando um resumo das observações de Vinogradov a esse respeito. Da mesma forma, amplia a classificação das unidades fraseológicas elaborada por Vinogradov. O autor propõe três tipos de combinações fraseológicas:

- **grupos fraseológicos amalgamados**, indivisíveis, cujo significado é totalmente independente de sua composição léxica e do significado de seus elementos componentes, tão convencional e arbitrário como o significado de

qualquer signo imotivado. Estes grupos podem funcionar como elementos de uma frase;

- **unidades fraseológicas**, expressões onde existe a possibilidade de analisar semanticamente os componentes. Neste grupo, o autor inclui as expressões fixas de sentido figurado;
- **combinações fraseológicas** onde só uma palavra está fraseologicamente condicionada.

Isashenko acredita que as expressões fraseológicas classificadas por Vinogradov pertencem quase todas à lexicologia e a maioria é equivalente às palavras simples. No entanto, também existem expressões fraseológicas que só podem ser entendidas como equivalentes a frases. O autor as denomina de **frases- clichê** e especialmente os **clichês- réplica** que constituem reações verbais estereotipadas que aparecem no diálogo, por exemplo, *De nada!*. Essas expressões são enunciados independentes e do ponto de vista semântico e de entoação devem ser equiparadas a frases completas. No caso das expressões fraseológicas, elas representam unidades que por sua estrutura gramatical constituem combinações predicativas de palavras e orações. Neste grupo estão incluídos os provérbios, refrões, os clichês e outras formações as quais Shanski (1963) chama de **expressões semanticamente divisíveis**, compostas de palavras com significação livre.

A doutrina de Bally influenciou de forma significativa no desenvolvimento dos estudos de reconhecidos lingüistas soviéticos seguidores da tradição de estudos deste autor, seja o caso de Vinogradov V., Gak, V.G., Telia, V.N., dentre outros, os quais dedicaram-se à análise da formação e particularidades semântico-estruturais dos fraseologismos dentro de uma classificação e outra, sendo que os princípios de classificação dos fraseologismos são variados e até a variedade de conceitos sobre o objeto de estudo da fraseologia também se observa dentro da terminologia usada por muitos autores. Ozhegov (1957), por exemplo, afirmava que uma confusão deste tipo é quase impossível de se achar num outro ramo da Lingüística.

Do nosso ponto de vista, esta heterogeneidade existente reflete as vias de busca, os diversos critérios sobre o objeto da fraseologia e as tarefas e funções inerentes a essa disciplina. Algumas obras dos autores acima mencionados servirão como fonte bibliográfica adicional desta pesquisa, pois além dos estudos fraseológicos eles têm uma grande experiência na análise comparativa e contrastiva de línguas, incluindo o português e o espanhol.

Infelizmente, a lingüística românica tem prestado pouca atenção à fraseologia, abordando o sistema fraseológico da língua como simples componente do sistema lexical. Porém, o reconhecido lingüista espanhol Casares (1950), no seu livro intitulado *Introducción a la Lexicografía Moderna*, analisa de maneira profunda e detalhada a fraseologia espanhola

oferecendo critérios que podem ser úteis na hora de selecionar e classificar os diferentes tipos de uniões estáveis das palavras. O destacado lingüista distingue três tipos de combinações estáveis: **1) as locuções; 2) as frases proverbiais e; 3) os refrães**, elaborando uma classificação razoável das locuções:

- **locuções conceituais ou significantes** (a cada uma corresponde uma representação mental, idéia ou conceito, mesmo que não seja o mesmo que tem normalmente fora das locuções citadas) Por exemplo, (**nominal**) *papel moeda, lágrimas de crocodilo (português)*, *papel moneda, lágrimas de cocodrilo (espanhol)*; (**de particípio**) *feito um mar de lágrimas, (português)*, *hecho um mar de lágrimas (espanhol)*; (**adverbiais**) *en un santiamén, (espanhol)* *por um triz (português)*; (**verbais**) *dar bofetadas, (espanhol)*; *dar surra (português)*.
- **locuções conetivas** formadas por palavras vazias de conteúdo semântico e que só servem de enlace para relacionar orações e vocábulos significantes, englobando as locuções conjuntivas e prepositivas. Por exemplo, *el que más y el que menos (espanhol)* (**conjuntiva**); *en pos de (espanhol)*, (**prepositiva**).

Essa classificação é uma das primeiras que procura apresentar uma tipologia de unidades, embora diga só a respeito das locuções. No entanto, Casares amplia o conceito de locução ao afirmar que elas não incluem apenas as unidades que possuem uma função determinada na frase, como é o caso dos grupos referidos acima. Elas também podem abranger orações como é o caso da exclamativa *pernas para que te quero (português)*, *páticas para que te quiero!*, (**espanhol**).

Assim, retomando os critérios de Casares poderíamos incluir dentro do sistema fraseológico as unidades que o autor denomina *locuções, as frases proverbiais (provérbios), os refrães, as expressões idiomáticas e outras frases estáveis*.

O termo locução, segundo Antenor Nascentes (*Dicionário da língua portuguesa*, 1988) vem do latim; **locutio, -onis** e significa ação de falar. Ela constitui uma combinação de dois ou mais vocábulos que conservam individualidade fonética e mórfica e que representa uma unidade significativa, equivalendo a um substantivo, adjetivo, pronome, preposição, advérbio ou conjunção.

Casares (1950) denomina as locuções como *combinações estáveis de dois ou mais termos que funcionam como elemento oracional e cujo sentido unitário não se justifica como a soma do significado normal dos componentes*.

É preciso ressaltar que o princípio de classificação estabelecido por Casares não foi bem exato, pois uma das maiores insuficiências está em que

ao relacionar o fraseologismo com uma determinada parte do discurso não leva em conta as características do vínculo semântico concreto de cada categoria nem a correlação lógica das diferentes unidades fraseológicas, pois presta mais atenção aos traços formais.

Com relação a frase proverbial, Casares afirma que ela representa uma tradição de exemplaridade por consenso de uma comunidade lingüística, embora careça das propriedades específicas do refrão. A frase proverbial *aquí fue Troya*, por exemplo, constitui uma frase (dito) que ficou famoso devido a algum acontecimento, anedota ou personagem que lhe deu origem e seu uso corresponde a uma citação.

Se a frase proverbial alude um fato individual e é espontânea, o provérbio e o refrão formulam uma verdade abstrata válida para todos, são *frases completas e independentes que no sentido direto ou alegórico, geralmente em forma sentenciosa e elíptica, expressam um pensamento de acordo com alguma experiência e à maneira de juízo relacionam pelo menos duas idéias*. Por exemplo, *a caballo regalado no se le mira el diente/colmillo* (**espanhol**), *a cavalo dado não se olha o dente* (**português**); *si yo fuera bachiller, otro gallo cantaria* (**espanhol**) Este tipo de frase tem caráter retroativo, ou seja, ela nasce a partir de um caso ou fato único e concreto, real ou presumido e que se situa no passado. Assim, o processo lingüístico criador ficou fechado toda vez que foi criada a frase tomando-se a sua aplicação o valor de uma citação. Neste grupo o autor inclui os **modismos**, que segundo ele são expressões complexas com caráter estável e constituídas pelo menos por duas palavras.

Apesar de encontrarmos na obra de Casares um abundante material introduzido por algumas idéias gerais a respeito da fraseologia, acredita-se que tal pesquisa tem um caráter puramente descritivo. Embora principalmente ilustrativa, o mérito que outorgamos ao autor baseia-se no fato de ser o primeiro a colocar, em língua espanhola e com uma nova visão, o problema das combinações estáveis, sob o nome de locuções.

O aspecto funcional, segundo Casares, quer dizer que a locução tem ou um valor gramatical de preposição ou conjunção ou tem um valor categorial de substantivo, verbo, adjetivo ou advérbio. O aspecto semântico (*o significado unitário, consensual não se justifica como uma soma do significado normal dos seus componentes*) alude, sem dúvidas, à idiomaticidade e, segundo ele, as locuções desse tipo apresentam essa peculiaridade semântica.

Ficou claro que com a expressão **sentido unitário consensual** Casares mostra que segue o caminho de Bally quando expõe que a locução constitui uma unidade de sentido e pertence ao saber lingüístico tradicional da comunidade falante o que, aliás, Saussure também mostra dizendo que essas unidades pertencem à língua e são fornecidas pela tradição.

Pottier (1978) também se refere às lexias considerando-as como unidades lexicais memorizadas, pertencente a uma categoria (forma do significado) ou classe superiores. O autor propõe quatro tipos de lexias:

- **simples**, correspondente à palavra tradicional;
- **compostas**, resulta da integração semântica que se manifesta formalmente;
- **complexa**, constitui-se em uma seqüência em vias de lexicalização e possui graus diferenciados (*tomar medidas*; *sinal vermelho*);
- **textual**, consideradas como lexias complexas que alcançam o nível de enunciado ou de um texto. Como exemplos deste grupo menciona os provérbios, refrões, hinos, etc.

Embora tenhamos trazido aqui todos os tipos de lexias propostas por Pottier, interessam especificamente as lexias complexas e textuais porque é precisamente nesse grupo que podem ser enquadradas as unidades que constituem nosso objeto de estudo.

Do mesmo modo que Bally, Pottier também propõe diferentes graus de coesão. As lexias para ele podem ser rígidas ou variáveis. No primeiro caso, a seqüência é invariável como em *prometer mundos e fundos*, (**português**) *prometer villas y castillas*, (**espanhol**) no segundo, são consideradas variáveis quando uma parte delas é estável e uma parte instável como em **tudo leva a pensar/supor/crer/acreditar***que, se formó/se armó la de San Quintin/la rebambarambara*.

Pottier propõe testes de substituição de um dos elementos da unidade e de inserção (inclusão de um elemento novo na unidade). O objetivo desses testes era reconhecer as lexias e, ao mesmo tempo, serviriam para identificar os diferentes graus de fixação, conforme menciona Bally. O autor refere-se, ainda, ao caráter flexível dos mesmos, principalmente de acordo com o teste de inserção, pois há lexias que admitem um novo elemento, por exemplo, **eu lavo (completamente) as (minhas) mãos**.

Outros estudiosos como Zuluaga, Steffan Ettinger, Carneado e Tristá também consideram os critérios dos autores mencionados acima. Zuluaga (1975:3), por exemplo, acrescenta a impossibilidade de substituir a categoria gramatical dos elementos que compõem a unidade. Por sua vez, Tristá (1988:27) sugere ainda como característica o sentido figurado dessas unidades. Steffan Ettinger (1982: 256-257) apresenta, com base nas características de pluriverbalidade; estabilidade sintático-semântica; inseparabilidade de elementos; não comutabilidade e freqüência. Existe uma outra classificação para as Ufs proposta por Häusemann que abrange desde unidades complexas do tipo *guerra fria* até as frases feitas do tipo *foi tudo por água abaixo*.

Todos esses autores confirmam, concordando com Bally, Saussure e Pottier, a complexidade do tema e sustentam que os critérios anteriores não são todos aplicáveis necessariamente à mesma unidade, pois existe certa flexibilidade com relação aos mesmos, o que permite determinar diferentes graus de fixação para as unidades.

A proposta apresentada por Fiala (1988) representa um avanço nos estudos fraseológicos. A partir da sua definição de fraseologia percebe-se não só a retomada das idéias apontadas por Saussure, Bally e Pottier mas, sobretudo, a estreita relação que estabelece entre as unidades fraseológicas (Ufs) e o contexto de ocorrência. O autor define as Ufs da maneira seguinte:

...A fraseologia, isto é, o conjunto de formas complexas que pertence a diversas categorias sintáticas (V, N, PRON, ADJ, PREP, CONJ, DET), figuradas ou não, mais ou menos fixas, qualquer que seja o nome genérico que se dê a esses fenômenos e o ponto de vista descritivo que se adote, é um dos instrumentos que permitem caracterizar um texto ou suas partes. A fraseologia é constituída de combinações recorrentes, mais ou menos estabilizadas, de formas lexicais e gramaticais. Tais unidades aparecem como fixações, isto é, conjuntos mais ou menos longos de formas simples construídas em contextos restritivos, capazes, contudo, de algumas variações.. (p.32)...

Com relação à definição de Fiala, é preciso observar que o autor apresenta não apenas o conceito de UF, mas também o conceito de fraseologia, sem explicitar as diferenças entre esses dois termos. O primeiro que aparece na sua definição refere-se à fraseologia considerando-a como o conjunto de Ufs. A seguir define, especificamente, as Ufs considerando-as como formas complexas ou ainda como combinações recorrentes, mais ou menos cristalizadas, pertencentes a diferentes categorias gramaticais, figuradas ou não, que formam conjuntos mais ou menos longos, sujeitos a restrições dadas pelo contexto em que ocorrem.

A conceituação de Fiala é, diríamos, de natureza heterogênea. A partir dela se discute a necessidade de se estabelecer uma unidade de estudo que inclua tais aspectos afirmando que *uma teoria que forneça descrições das propriedades discursivas (sintática, semântica) dos textos necessita de uma unidade sintática que se poderia chamar de palavra sintática, por analogia ao que Pottier denomina de **lexia** (p.32).*

Assim, para o autor, a lexia, como forma sintática associada a funcionamentos discursivos, remete à noção de UF e aponta, como uma solução, à necessidade de se levar em conta a natureza do texto para a identificação dessas unidades. Um outro aspecto interessante é o fato de que para Fiala as Ufs podem ser fixas ou podem formar paradigmas constituídos de

diferentes formas variáveis que dependem de um mesmo esquema, por exemplo (**ficar na tua/sua/minha**).

Queremos antes de continuar analisando as propostas de Fiala fazer algumas observações sobre as variáveis. Existe um número considerável de fraseologismos que admitem variantes devido a diversas formas de uso. Elas são cunhadas pela tradição e podem ser difundidas até figurar, com direito próprio, no caudal fraseológico. Frequentemente as variantes fraseológicas são apontadas como *todas as modificaciones que não violam o sentido da expressão* (fraseologismo) e correspondem à norma. Gabrin (1960:28), por exemplo, afirma que a variante modifica parcialmente a composição léxica sem violar o sentido geral, por exemplo, *enseñar las uñas/enseñar los dientes*, (**espanhol**) *mostrar as garras* (**português**) que significa em espanhol alguém mostrar que é capaz de operar com energia ou violência; *se armó/se formó la de San Quintin* (**espanhol**); *armar confusão/o maior barraco* (**português**) com o significado de briga feia, confusão; *estar hecho leña/talco/polvo* (**espanhol**) que significa estar muito cansado ou muito doente; *estar liso/ na pindaíba/teso/ duro/ com uma mão na frente e outra atrás* (**português**), *estar en carne, estar con una mano alante y otra detrás, no tener donde caerse muerto* (**espanhol**) que quer dizer estar sem um tostão, sem dinheiro; *comprar briga/barulho* (**português**), *buscar lio, formar bronca* (**espanhol**) que significa assumir a briga de outra pessoa; *coger/sorprender/asando maiz/con las manos en la masa*, (**espanhol**) *pegar/surprender alguém com a boca na botija* (**português**) que significa pegar alguém em flagrante, em algum delito.

Consideramos, pois, por variante fraseológica *aquela modificação que não altera o sentido da frase e os traços que lhe são característicos*. Diferentemente das palavras que só podem ter variantes fonéticas e morfológicas, as unidades fraseológicas têm, entre outras:

1. **variantes morfológicas**, vinculadas a determinados mudanças na forma sem alterar suas funções;
2. **variantes lexicais**, catalogadas como as mais produtivas, pois na língua estão amplamente desenvolvidas as relações paradigmáticas; cada palavra se vincula associativamente de acordo com a sua semelhança temática, semântica, etc.;
3. **variantes por extensão** que se caracterizam pela adição ou omissão de alguns dos componentes o que demonstra a não- relevância do significado dos componentes na conservação do fraseologismo.

Entre as variantes morfológicas observamos os seguintes tipos:

- a inclusão ou omissão do elemento auxiliar *jugarle (la) cabeza* (**espanhol**)= se esconder de alguém, evitar risco; *estardejar en(las) manos* (**espanhol**)= estar encarregado de alguma coisa específica, ser responsável por alguma

coisa ou trabalho; *lavar as (minhas) mãos (português)* no sentido de tentar ser exonerado de qualquer culpa;

- a variação do artigo, pronome ou preposição: *coger (el) su paso (espanhol)* = se adaptar à marcha de outra pessoa; *pararse en (los) sus trece (espanhol)* = ter uma atitude obstinada; *andar en (por) las nubes (espanhol)* = estar distraído. Este último exemplo não coincide em português onde só poderia ser usada a expressão *andar nas nuvens* ou *estar no mundo da lua* só que, nesse caso, não haveria variante fonológica, pelo contrário, seria uma variante sinonímica;
- as modificações do número dos componentes não verbais; *poner rabo(s) (espanhol)* = rir de alguém.

Tristá (1988:30) se referindo às variantes fraseológicas aponta:

...A premissa fundamental do fraseologismo e sua variante é a conservação da unidade da imagem. Isso garante a identidade da unidade fraseológica perante todas as modificações que possa ter (sofrer). O estudo e análise dessas modificações é um aspecto importante na solução dos problemas teóricos e práticos da fraseologia como disciplina...

As variantes lexicais são as mais difundidas. A diversidade de formas na construção do fraseologismo é a causa fundamental dessas variantes. Cada componente, da mesma forma que a palavra numa combinação livre, potencialmente pode se manifestar em relações associativas sem detrimento do sentido do fraseologismo e sem alterar a sua estrutura com outro componente. Por exemplo, *estar/hallarse entre la vida y la muerte (espanhol)*, *estar nas últimas/estar com um pé na cova (português)* = estar quase morrendo; *no me importa un bledo/comino/pepino/carajo (espanhol)* em português equivale a *não estar nem aí, não ter nada a ver com isso* que significa não se importar com o assunto seja ele qual for; *se armó/formó la de San Quintín/la rebambaramba (espanhol)* quer dizer que se formou uma grande confusão, uma briga feia que em português seria *armar o maior barraco, rodar a baiana, fazer um auê*; *coger mangos (aguacates) bajitos (espanhol)* = adquirir um produto aproveitando o preço bem barato; aproveitar-se de uma situação para obter alguma coisa, algum proveito; *decir en la cara (las narices) (espanhol)* = dizer alguma coisa ou verdade face a face. Existem outros casos onde resulta impossível eleger livremente uma variante. Por exemplo, *estar con un pié/ una pata en el hoyo/en la sepultura (espanhol)*, *estar com um pé na cova (português)* = estar muito doente ou muito velho, quase morrendo.

Entre as variantes lexicais, as verbais são bastante frequentes; *coger/tomar el rábano por las hojas (espanhol)* que significa interpretar de maneira errada alguma coisa que foi dita; *dar/pasar/vender gato por liebre*

(**espanhol**) enganar alguém querendo fazer passar uma coisa por outra; **arrancar/sacar las tiras del pellejo (espanhol)** que quer dizer falar mal de alguém; **acabar/arrasar con la quinta y con los mangos (espanhol)** desvistar, acabar com tudo; **tirarse/botarse para el solar (espanhol)**, comportar-se com grosseria e agressividade; **no dejar/quedar títere con cabeza (espanhol)**, não deixar nada em pé, acabar com tudo.

As variantes por extensão se caracterizam pela adição ou omissão de alguns componentes. Por exemplo, *ser un ñame (con corbata)*= diz-se da pessoa tola e iletrada; *Llevar (bien puestos) los pantalones*= fazer alarde de uma autoridade, particularmente os maridos em casa referindo-se à mulher, impondo a sua autoridade. Em muitos casos os elementos adicionados dão uma maior expressividade como nos exemplos apresentados

Vietri (1985) demonstra num estudo sobre expressões idiomáticas do italiano que, embora algumas variações distribucionais sejam impossíveis, outras são possíveis, não alterando o valor idiomático da expressão. Essas modificações permitem-lhe verificar que as expressões idiomáticas não obedecem a um comportamento único e aponta: *em conclusão podemos dizer que as expressões idiomáticas implicam em condições particulares de aplicação com relação a algumas transformações, certamente mais limitadoras daquelas relativas às frases (combinações)livres, embora também entre estas se observem casos de comportamento irregular* (Id.: 18-21) ⁽³⁾

Voltando a falar das idéias de Fiala observamos como o autor retoma, por um lado, o aspecto das relações sintagmáticas e paradigmáticas de Saussure e, por outro, a proposta de Bally e Pottier de que as Ufs podem constituir-se de uma parte fixa e outra variável formando **paradigmas** o que permite postular a ocorrência de graus de fixidez nessas unidades.

Com essa perspectiva Fiala pretende mostrar que:

- existem estruturas do campo fraseológico de natureza morfossintática;
- as estruturas estão submetidas a variações, em particular a variações discursivas;
- a descrição sistemática dessas variações permite realizar parcialmente escalas de variabilidade, correspondentes ao projeto de Bally de constituir escalas de fixidez. (p37)

Segundo o autor, todo falante possui uma intuição fraseológica e é capaz de reconhecer as Ufs em qualquer texto a partir da sua competência lingüística

³ *in conclusione diremo che le e.i implicano delle condizioni particolari di applicatività rispetto ad alcune trasformazioni, certamente più costrittive di quelle relative alle frasi libere, benché anche tra queste si osservino casi di comportamento irregolare* (Id.: 18-21).

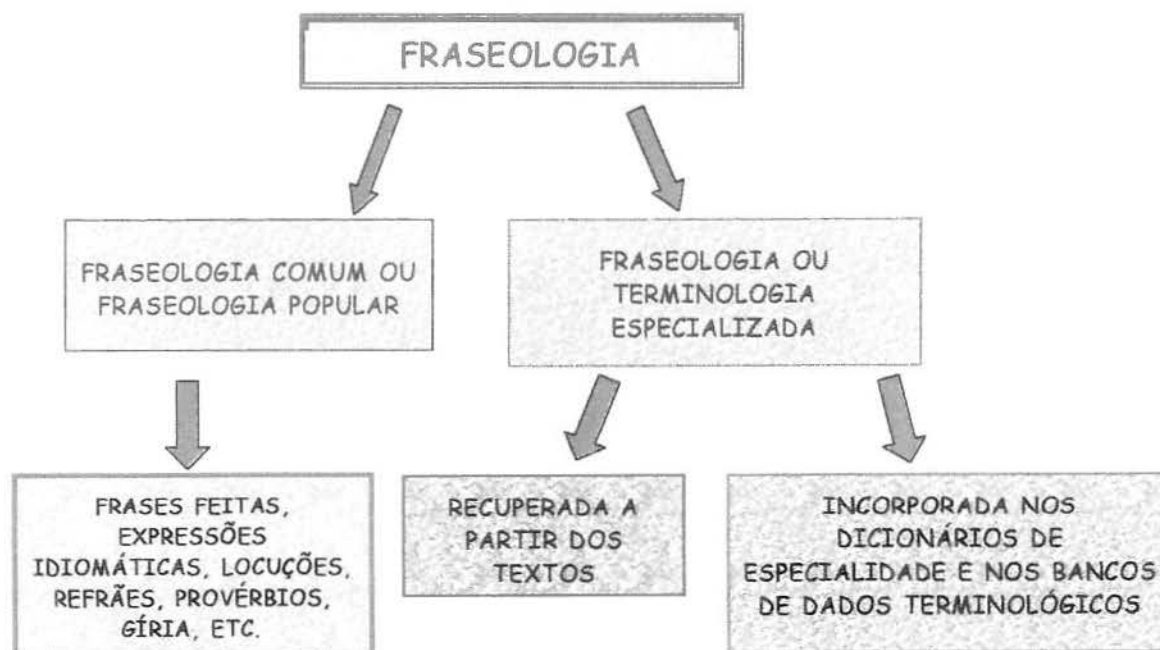
expressa sob a forma de julgamentos. Esses julgamentos, por sua vez, conduzem a competências diversas, inscritas, muitas vezes, nas regras dos sistemas lingüísticos (**conjuntos paradigmáticos**), e outras, nas propriedades dos discursos (tipos de situação, registro de discurso). Dessa forma, Fiala consegue distinguir quais elementos são lingüísticos e quais discursivos conforme constataremos a seguir:

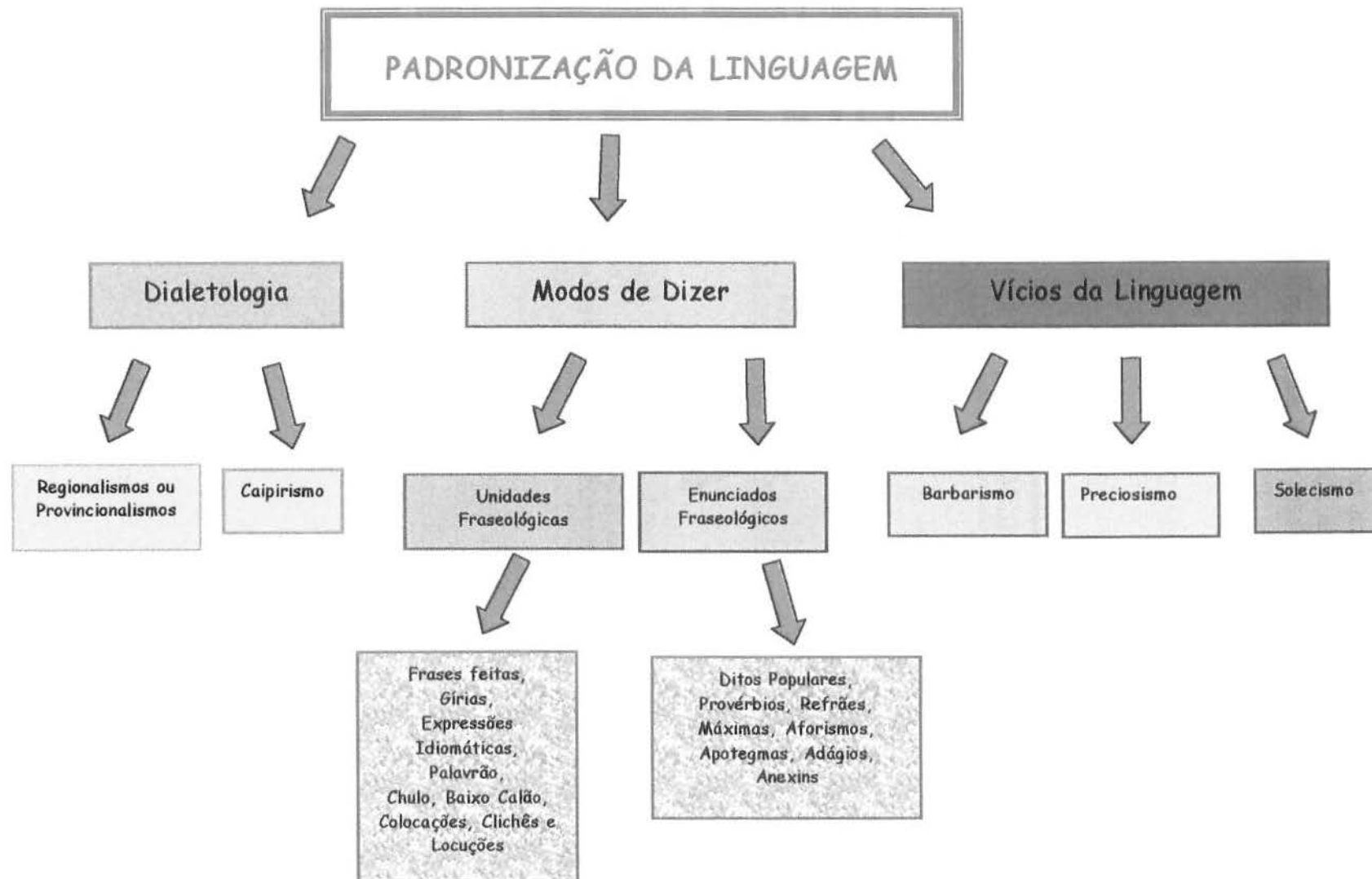
- a percepção das unidades compostas, estáveis na língua, o conhecimento das regras fonéticas, ortográficas, gramaticais, próprias desse tipo de unidade, sua categoria gramatical, seu comportamento sintático, dizem respeito a uma competência correspondente à regra do sistema da "língua";
- o reconhecimento dos enunciados fixos no universo discursivo: provérbios, ditados, clichês, máximas, pertencem a uma competência de discurso, expressiva, comunicacional, cultural e ideológica;
- o reconhecimento das expressões figuradas ou idiomáticas, a interpretação do seu sentido (próprio/figurado) no contexto, de suas combinações ou de suas variações possíveis concerne às propriedades ao mesmo tempo lingüísticas e discursivas;
- por fim, a percepção dos sintagmas recorrentes em certos discursos ou tipos de discursos, colocações que não têm necessariamente propriedades sintáticas ou semânticas particulares, mas que têm, em contrapartida, freqüências características que remetem a elementos terminológicos em um discurso técnico, referem-se às propriedades discursivas (p. 44)

Evidentemente, a partir dessa proposta de união de elementos discursivos e lingüísticos é possível considerar as Ufs não como unidades totalmente fixas e isoladas, mas como paradigmas definidos pelo tipo de contexto ou discurso em que ocorrem. Nesse aspecto a proposta representa um avanço em relação aos outros autores, embora ainda não rompa com os pressupostos estruturalistas. No entanto, seguindo os pressupostos de Bally e Saussure Fiala acrescenta que a possibilidade de variação dada pelo paradigma é resultado da pertinência da unidade em determinado discurso.

Assim, observamos que as propostas apontadas pelos autores citados no tópico mostram as diferentes posições por eles adotadas. Porém, perante a necessidade de criar uma teoria fraseológica adequada com subsídios que possam contribuir para os estudos das unidades que a compõem todos concordam que a fraseologia constitui uma disciplina que agrupa unidades que por suas características e traços categoriais se distinguem de outras combinações. Mesmo que cada um desses autores coloque sua versão de classificação das unidades fraseológicas, a própria heterogeneidade de critérios nos leva a refletir e nos faz pensar que todos eles coincidem em um ponto: as unidades fraseológicas são sintagmas indivisíveis semanticamente e compostos por duas ou mais palavras e dependendo de sua estrutura gramatical e de sua

função podem até constituir ou abranger orações. Em alguns casos aceitam a inserção de um elemento sempre que não afete o sentido da frase. No próximo tópico abordaremos os tipos de unidades fraseológicas. A seguir mostraremos os quadros que resumem as questões analisadas no tópico.





QUADRO RESUMO DAS CONTRIBUIÇÕES DOS PRINCIPAIS AUTORES QUANTO AOS FRASEOLOGISMOS

Autores	Propostas
Saussure	faz ênfase nas relações sintagmáticas e paradigmáticas na constituição dos agrupamentos .
Bally	retoma as noções de Saussure e introduz a noção de índices exteriores (estabilidade, impossibilidade de inserção e/ou substituição dos elementos da unidade; índices interiores (sentido dado pelo conjunto dos elementos e não pelo sentido isolado de cada um deles.
Pottier	identifica os diferentes graus de fixidez dos elementos constituidores dos fraseologismos. A relação fixa entre lexemas é defendida por Pottier como integração , isto é, um movimento de lexicalização, a passagem de uma sintaxe livre, original criada no momento da comunicação, para uma sintaxe em vias de fixação que pode chegar à memorização total
Casares	também faz ênfase nos diferentes graus de fixação e acredita que deve existir uma flexibilidade no sentido da fixidez na estrutura dessas unidades. Foi o primeiro a apresentar uma classificação das locuções .
Fiala	descreve as relações que existem entre as unidades fraseológicas e o texto de ocorrência (aspectos lingüísticos e discursivos). Não estabelece as diferenças entre o termo fraseologia e o conceito de unidade fraseológica. Acredita que as unidades fraseológicas podem constituir-se de uma parte fixa e outra variável formando paradigmas .
Fillmore	fala de construção lingüística fixa convencional que inclui vários tipos de expressões formulares como frases fixas, clichês, gírias, provérbios e outras fórmulas de polidez.
Lyons	caracteriza os fraseologismos (o autor utiliza a nomenclatura de idiomatismos) como enunciados estereotipados , aprendidos como um todo indecomponível sem perda da relação que as partes mantêm entre si.

- Chafe** utiliza também a nomenclatura de idiomatismo para denominar os fraseologismos. O autor hipotetiza sobre como aconteceu a passagem do sentido literal ao idiomático, ou seja, segundo ele num dado momento da história de uma língua ocorreu uma alteração chamada pelo autor de idiomatização, que levou a criação de uma nova unidade semântica, neste caso, uma **unidade fraseológica**.
- Danlos** descreve os fraseologismos como expressões congeladas, pois considera que os elementos constituintes da expressão formam uma unidade semântica a partir do seu significado global.
- Zuluaga** classifica as unidades fraseológicas em dois grupos: as que podem constituir por si mesmas enunciados completos (**enunciados fraseológicos**), isto é, não precisam de um contexto verbal imediato para constituir uma expressão de sentido completo no discurso; as que exigem contexto verbal imediato (**locuções**).
- Wotjak** Apresenta uma tipologia das unidades fraseológicas classificadas de acordo com a estrutura formal (função gramatical ou sintática, categoria gramatical) e aspectos semântico-funcionais. Desta forma os tipos de unidades fraseológicas segundo o autor seriam as adjetivas; as nominativas; as verbais; as participais e as pronominais. Do ponto de vista semântico o autor destaca a micro-estrutura semântica dessas unidades, o fato de não equivaler o combinatório de seus componentes ao significado unitário metafórico e idiomático das unidades fraseológicas; o significado total ou parcialmente idiomático das unidades fraseológicas, ou seja, se existem elementos delas que conservam seu significado literal. O autor também presta atenção à função comunicativa das unidades fraseológicas, classificando-as em usuais, socializadas e ocasionais, manifestações únicas com significado idiomático.
- Carneado & Tristá** utilizam de forma genérica o termo **fraseologismo** para nomear as expressões idiomáticas. As autoras classificam as expressões a partir do critério sintático-estrutural agrupando-as em: verbais, reflexivas, propositivas, com participio hecho, conjuntivas, nominais, adjetivais, adverbiais, com os pronomes **la** ou **las**.

Tristá agrupa os fraseologismos em dois tipos: aqueles em cuja estrutura interna se encontra um elemento indicador da natureza idiomática da expressão (vide Wotjak) e aqueles que não trazem em sua estrutura interna nenhum indicador, neles não se observa discondância léxica, semântica ou gramatical que possa distingui-los das combinações livres o que não acontece com o primeiro grupo

CARACTERÍSTICAS DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS

Autor	Características					
	Pluriverb.	Estabili- dade	Sentido Figurado	Fixação	Expressivi- dade	Idiomatici- dade
Bally*	x	x	x	x	x	x
Saussure**	x	x	x	x		x
Pottier***	x	x	x	x		x
Fiala	x	x	x	x		x
Casares	x	x	x	x		x
Vinogradov	x	x	x	x	x	x
Zuluaga	x	x	x	x	x	x
Tristá	x	x	x			
Carneado	x	x	x		x	

*Bally acrescenta a equivalência de uma unidade a uma palavra e chama a atenção sobre a presença de arcaísmos e elipses, sobre o esquecimento do sentido dos elementos que compõem a unidade, o seja, o sentido dado pelo todo. Por outro lado, o autor fala da expressividade dessas unidades e enumera várias fontes de expressividade, dentre elas o componente denotativo, o conotativo e o valorativo.

**Saussure fala da hipótese de existirem diferentes graus de fixação nas unidades fraseológicas.

***Pottier concorda com Saussure que existem diferentes graus de fixação, pois, segundo ele, as lexias podem ser fixas ou variáveis.

****Bally, Saussure e Pottier concordam que nas unidades fraseológicas não há comutatividade e existe um nível alto de frequência, dois traços característicos introduzidos por eles.

*****Zuluaga acrescenta a impossibilidade de substituição da categoria gramatical dos elementos que compõem a unidade.

3.2. UNIDADES E COMBINAÇÕES FRASEOLÓGICAS

Em 1957, o reconhecido lingüista russo Ozhegov abordava a teoria fraseológica e propunha a existência de dois tipos de fraseologia: a fraseologia em sentido **estreito** e a fraseologia em sentido **amplo**. A divisão foi feita a partir do critério do autor acerca da heterogeneidade das estruturas e do caráter com que são utilizadas as combinações fixas. Ozhegov acredita que a única característica comum delas é a estabilidade. Segundo o autor, as combinações do primeiro grupo seriam as que possuem determinadas características estruturais e constituem, conjuntamente com algumas palavras, um meio para a formação de orações ou elementos de orações (Ozhegov, 1957:38).

No segundo grupo, ou seja, o da fraseologia no sentido **amplo** entrariam as expressões recém mencionadas e também todas aquelas que não possuem as características antes assinaladas. Ozhegov baseia a sua pesquisa nos critérios de Efimov (1952:68) que afirmava que entre os recursos fraseológicos encontramos não só os fraseologismos, mas também os provérbios, refrões, aforismos, fórmulas fixas, algumas frases feitas de caráter científico-terminológico e, finalmente, expressões da esfera técnico-produtiva.

É importante ressaltar que até hoje estas duas tendências se mantêm na mira das pesquisas com certas variações. No entanto, o critério acerca da fraseologia no sentido **amplo** não leva em conta que é impossível utilizar a fraseologia para realizar análise de estruturas do ponto de vista sintático devido à heterogeneidade dos fraseologismos. É possível, porém, investigar as funções deles, por exemplo, os recursos expressivos, estéticos e estilísticos e o seu uso nos diferentes tipos de discurso (jornalístico, literário, etc.) e nos diferentes contextos. Além disso, é necessário conhecer o grau de estabilidade estrutural desses recursos, pois podem não ser iguais em todos os casos e até ocorrer uma estabilidade relativa ou correr o risco de incluir nesse grupo combinações livres de palavras.

Se levarmos em conta o critério da fraseologia no sentido **estreito** e a heterogeneidade estrutural, poderíamos afirmar que também desse ponto de vista diferem as combinações estáveis simples (como ocorre com as aderências e as combinações fraseológicas da classificação feita por Vinogradov). Por outra parte, todas as unidades que são propostas no contexto **amplo** constituem uma combinação de palavras fixas, inseparáveis com um significado determinado pelo conjunto de elementos dados. Finalmente, se existe uma esfera especial da Lingüística que estuda especificamente unidades complexas tomando como base especialmente os critérios de pluriverbalidade, e de fixação, então por quê não são incluídas nesse grupo todas as unidades lingüísticas que possuem essas características fundamentais?

As investigações recentes podem consciencializar os falantes para as características específicas e para as potencialidades comunicativas especiais deste tipo de frase, sensibilizando também os lexicógrafos. Sendo sempre prescrito e limitado o volume dos dicionários, põe-se a questão a saber, quais as exigências de um dicionário monolíngue ou bilingue no que diz respeito à integração das unidades lexicalizadas da língua?.

As unidades fraseológicas (expressões fixas na concepção de Zuluaga, 1980) são identificadas por muitos autores de uma forma um tanto confusa conforme podemos constatar nas diferentes denominações dadas a elas: *expressões fixas, modismos, ditos, fórmulas, modos de dizer, refrões, provérbios, frases feitas, expressões idiomáticas*, etc. No entanto, cada uma dessas unidades apresenta características específicas não só na sua composição mas também no próprio uso dentro do discurso. Trata-se, então, de fazer uma análise da estrutura interna, gramatical e semântica, e da sua propriedade combinatória e assim estabelecer critérios para a delimitação dessas unidades.

Zuluaga (1980) denomina as unidades fraseológicas de *expressões (frases fixas)* devido a um dos traços fundamentais dessas unidades que é a fixação. Elas funcionam como unidades formadas por combinações de palavras que Bally denominou de *unités phraséologiques*, Saussure de *locutions toutes faites*, Jakobson de *stereotyped utterances* e *idiom* (esse último termo é amplamente utilizado na lingüística norteamericana) e Lyons de *ready-made utterances*.

Assim, um dos traços característicos e talvez definatório das unidades fraseológicas é a fixação. Elas não se formam livremente sendo, pelo contrário, estruturas pré-fabricadas comumente repetidas.

A questão da distinção entre as combinações fixas e as combinações livres, conforme indicamos anteriormente, tem uma longa tradição na lingüística europeia. Já em 1992, o romancista Boer estabeleceu claramente nos seus estudos sobre a sintaxe do francês a distinção entre sintaxe fixa ou locucional e sintaxe viva ou móvel separando nas suas análises as expressões de sintaxe fixa (unidades fraseológicas) das combinações livres.

Quando analisamos o termo expressão (frase) fixa que introduz Zuluaga, acreditamos que não é absolutamente unívoco. Trata-se de uma fixação funcionalmente inexplicável, isto é, não determinada por qualquer regra gramatical ou semântica denominada como *fixação fraseológica*. Por outro lado, é uma fixação pragmática e não propriamente lingüística.

Vários autores, dentre eles Bréal, Jakobson e Weinreich, afirmam que existem unidades fraseológicas em todas as línguas (vide Jakobson, 1956:59; Weinreich, 1966, 1969:23). As unidades fraseológicas pertencem ao patrimônio

UNICAMP

coletivo de uma comunidade lingüística. Levando em consideração que elas são de uso comum, podemos dizer que pertencem à norma lingüística. Coseriu (1962: 97) define a norma lingüística como a realização do sistema e afirma:

... Nos colocando, no entanto, no nível de sistema, podemos considerar as duas normas (a social e a individual) e a fala concreta como níveis (graus) sucessivos da sua realização...

Mas a norma não é só a realização do sistema, pois existem algumas unidades fraseológicas que não refletem na sua estrutura o sistema gramatical e/ou o léxico. Elas apresentam arcaísmos ou anomalias semânticas como, por exemplo, em espanhol a frase *a campo traviesa*. Em outras palavras, a norma abrange tudo aquilo que é de uso efetivo na comunidade lingüística, pertença ou não ao sistema. A fixação fraseológica não se explica ao nível do sistema, ela se explica pela norma, é uma fixação determinada pelo uso conforme observaram, no seu tempo, Bally e Saussure.

Nas pesquisas sobre fraseologia presta-se especial atenção à classificação das unidades fraseológicas. Dentre as principais classificações feitas pelos pesquisadores russos encontramos: 1) **a semântica** (Vinogradov, 1946); 2) **a funcional contextual** (Amosova, 1963); 3) **a de dependência entre as partes do objeto** (Arjanguelski, 1964); **a de formação e caráter de transformação semântica das combinações** (Chernicheva 1977), etc.

Além desses princípios fundamentais que servem como base para a classificação anterior, existem outros critérios complementares, por exemplo: 1) os dados de classificação morfológica (traços léxicos e gramaticais da combinação); sintática (tipo de construção); 2) a classificação genérica, estilístico-funcional, sócio-territorial e histórica que também tem um grande valor mas são menos discutíveis.

A classificação semântica elaborada por Vinogradov limita-se às três variedades fundamentais seguintes:

- as combinações metaforizadas que correspondem à palavra pela função nominativa, isto é, as unidades fraseológicas estão capacitadas para denominar diferentes elementos da realidade e cada elemento (componente) perde essa capacidade de nomear esses elementos de forma independente.

Ao contrário das outras combinações de palavras, (seja o caso das combinações livres) o significado delas está dado pelo conjunto de seus elementos (por exemplo, as expressões idiomáticas).

- as combinações onde um dos elementos tem um significado que só se realiza no uso conjunto com uma palavra ou série de palavras determinadas de maneira bem rígida o que é chamado de **significado vinculado**. Esse tipo de unidade tem uma função nominativa independente, pois cada um dos componentes se relaciona com um elemento da realidade;
- os provérbios, refrões, frases proverbiais, clichês, os quais, segundo Vinogradov, têm uma estrutura de oração e constituem uma variedade especial devido a sua função comunicativa.

Dependendo do grau de coesão semântica das palavras que integram o fraseologismo, Vinogradov destaca três grupos:

- **aderência fraseológica** não motivada e equivalente à palavra; no significado delas não existe nem sequer um vínculo substancial com o significado de cada um dos seus componentes. A composição léxica da aderência é semelhante a dos morfemas dentro da palavra. A falta de motivação é o traço característico desse tipo de fraseologismo. A aderência forma palavras sintaticamente originais que, por isso, constituem uma unidade sintática;
- **unidade fraseológica** também semanticamente indivisível, expressão de uma significação integral única mas que, ao contrário da aderência, é motivada (o autor não explica por que a aderência não é motivada e a unidade fraseológica sim). Os traços inerentes à unidade fraseológica são: 1) o **sentido figurado**; 2) a **expressividade**; 3) a **substituição semântica** (toda a unidade fraseológica).

Vinogradov afirma que, em geral, a composição das unidades fraseológicas é complexa e heterogênea. Ao considerar que a composição lexical dos componentes determina a arbitrariedade do significado, o autor ao mesmo tempo mostra que o sentido integral da expressão depende, até certo ponto, do significado lexical dos componentes. Dentro das unidades fraseológicas Vinogradov inclui os provérbios, os refrões e os clichês.

- **combinações fraseológicas** semanticamente divisíveis e com possibilidade de substituição sinonímica, traço fundamental deste tipo de fraseologismo, embora muitas vezes tal substituição se dificulte sem que por essa razão a combinação perca o seu significado.

A teoria de Vinogradov, embora com algumas imprecisões e insuficiências, representou uma grande ajuda no desenvolvimento da fraseologia. O estudo da fraseologia passa do plano descritivo para o plano da investigação teórica das leis da combinabilidade das palavras em unidades léxico-semânticas especiais, diferentes às formações fundamentadas na contraposição paradigmática independente das significações das palavras e na

liberdade sintagmática de tais uniões (Telia, 1968). Na teoria de Vinogradov foram superados o formalismo da teoria de Fortunátov, o enfoque sintático das combinações indivisíveis de Shájmatov e a abordagem estilística dos grupos fraseológicos adotada por Bally.

Shanski (1963) dedicou-se também ao estudo das unidades fraseológicas dividindo-as em quatro grupos: 1) **aderência fraseológica**; 2) **unidade fraseológica**; 3) **combinação fraseológica**; 4) **expressão fraseológica**. Os dois primeiros grupos abrangem combinações semânticas indivisíveis. Do ponto de vista de sua significação, elas são equivalentes a uma palavra. No caso das expressões fraseológicas, elas representam unidades que por sua estrutura gramatical constituem combinações predicativas de palavras e orações. Neste grupo estão incluídos os provérbios, os clichês e outras formações as quais Shanski chama de expressões semanticamente divisíveis, compostas de palavras com significação livre.

Um aporte significativo à teoria geral da fraseologia foram as pesquisas realizadas por Amosova (1963) sobre o corpus das combinações de palavras analisadas a partir do seu uso num determinado contexto. A teoria sobre as unidades de **contexto invariável** (a autora introduz o conceito de **contexto variável** e **contexto invariável**) é fundamental para a análise contextual. Se as combinações livres ou de **contexto variável**, na sua função, são unidades de denominação e significado composto de vários elementos semânticos, no caso das unidades de contexto invariável a combinação é fixa e só, em alguns casos, admite variação sempre que não influa no seu efeito semântico. Portanto, segundo essa teoria, os fraseologismos são unidades de contexto invariável.

Amosova, além dos fraseologismos, inclui no grupo das unidades de **contexto invariável** os frasetas denominados por ela de combinações onde o significado da palavra semanticamente realizada depende de um mínimo constante, por exemplo, *arma branca* onde a palavra **branca** só significa que não é arma de fogo quando combinada com a palavra **arma**.

A autora inclui também nesse grupo as combinações cujo elemento indicador e semanticamente realizado designa um fenômeno da realidade sendo ambos representados por um significado comum ou léxico integral:

Por exemplo:

ñame con corbata (**espanhol**) *cará de gravata* (**português**) = diz-se da pessoa que é burra, que não entende nada.

pagar o pato (**português**), *pagar los platos rotos* (**espanhol**) = diz-se quando alguém é culpado por algo que não fez.

Nem todas as combinações fraseológicas, afirma Amosova, manifestam uma duplicidade, por exemplo, como nos casos *prestar ajuda* = ajudar; *vontade de ferro* (não existe um verbo que possa dar o significado exato da combinação como no caso anterior).

No entanto, se, por um lado, os estudos realizados por Amosova, geralmente sobre fraseologia inglesa, evidentemente tiveram um grande valor para a teoria geral da fraseologia, sendo uma das primeiras pesquisas sólidas nesta área da Lingüística, devemos, contudo, reconhecer, por outro lado, que o critério de **contexto invariável** criado pela pesquisadora reduz o volume da fraseologia, pois ela inclui só dois tipos de unidades fraseológicas: os frasemas e os idiomatismos deixando de lado os provérbios, os refrões e outras unidades fraseológicas.

Arjanguelski (1964) deu seguimento à teoria de Vinogradov classificando as unidades em dois tipos: os frasemas (Amosova), isto é, as unidades fraseológicas com estrutura de oração (provérbios de uso geral: *cuatro ojos ven mas que dos* (**espanhol**); *a caballo regalado no se le mira el diente/colmillo* (**espanhol**) *a cavalo dado não se olha o dente* (**português**); refrões: *es mejor un pájaro en mano que cien volando* (**espanhol**); *é melhor pássaro em mão do que dois voando* (**português**).

Frases interjectivas estáveis: *Boa peça!*, *Nossa Senhora!* (**português**); frases modais estáveis: *sem dúvida*, *de maneira que* (**português**); frases proverbiais que perderam, em grande parte, seu vínculo com a história: *armar la de San Quintin*; *quien tiene lengua va a Roma* (**espanhol**); sentenças bíblicas: *el que esté libre de pecado que lance la primera piedra* (**espanhol**); expressões padronizadas no estilo de cortesia oficial: *muito prazer em conhecê-lo!*, *em que posso ajudar?* (**português**)

A proposta de classificação e a descrição das combinações estáveis de Arjanguelski é interessante, mas poderia ser discutida ainda mais tentando analisar a possibilidade de incluir frases fixas na composição fraseológica da língua.

Chernisheva (1977) apresenta uma classificação bem flexível utilizando um conjunto de critérios para a elaboração de uma tipologia das unidades fraseológicas que, no caso, as delimitariam de outras formações estáveis, dentre elas:

- a estrutura gramatical (sintática), isto é, as combinações de palavras; as combinações predicativas e as orações;
- os modos de formação: a) união compacta e única dos componentes; b) formação de acordo com um modelo; c) formação de séries limitadas;

- o significado como resultado da interação da própria estrutura e a presença ou ausência de deslizamentos semânticos na composição das combinações estáveis, ou seja, a) o significado adquirido a partir do resultado da transformação semântica dos componentes; b) o significado adquirido sobre a base dos próprios significados léxicos dos componentes; c) o significado resultado da estrutura tipo.

A partir desses critérios a autora destaca os seguintes tipos de unidades fraseológicas:

Tipo I

- as unidades fraseológicas que conformam um todo semântico indivisível. Por exemplo, *chillar el mono* = muito frio; *cantar el manisero* = morrer (**espanhol**); *bater as botas* = morrer; *queimar a cuca* = fazer grande esforço mental; *quebrar o galho* = dar um jeito, ajeitar a vida de alguém, ajudar; *bater boca* = discutir, briga verbal (**português**).
- expressões fraseológicas, isto é, unidades que por sua estrutura semântica constituem combinações predicativas e/ou orações. Aqui se incluem os refrões, provérbios, expressões modais, estáveis e frases feitas.

Tipo II

- as unidades fraseológicas com qualidades estruturais expressivas. Por exemplo, a) **os fraseologismos comparativos**: *fresco como la lechuga* (**espanhol**) *fresco como um alface*; b) **os fraseologismos com significado integral** formados como resultado da transformação semântica das combinações conjuntivas que incluem duas palavras homogêneas (verbos, substantivos, adjetivos, advérbios) unidos pelas conjunções **y (e)**, **ni (nem)**, etc. Por exemplo, *estar en misa y en procesión* = querer estar atento a tudo ao mesmo tempo; participar em várias atividades de uma só vez; *estar entre a cruz e a espada* (**português**), *estar entre la espada y la pared* (**espanhol**) = ficar num grande aperto, sem escapatória; *nem peixe nem carne, nem cheira nem fede* (**português**), *ni chicha ni limoná* (**espanhol**) = indefinido, indeciso, sem opinião.

A classificação proposta por Chernisheva demonstra de maneira clara a heterogeneidade do objeto da fraseologia. O conceito de unidade fraseológica nela perde o seu contorno e como consequência se evidencia a impossibilidade de incluir um fraseologismo num ou noutro grupo semântico-estrutural.

Uma outra classificação que vale a pena analisar é a de Molotkov (1966). O autor parte da equivalência semântico-funcional da palavra e do

idiomatismo propondo uma classificação do ponto de vista da sua característica léxico-semântica e que mostramos a seguir:

- fraseologismos nominais *camisa de força, lágrimas de crocodilo*(português); *camisa de fuerza, lágrimas de cocodrilo* (espanhol);
- fraseologismos verbais *perder os estribos* (espanhol); *perder as estribeiras* (português);
- fraseologismos adjetivais *de buena tinta* (espanhol) *de primeira mão* (português) (de fonte fidedigna, limpa);
- fraseologismos adverbiais *por um triz; num piscar d' olhos* (português); *por un tilin; en un abrir y cerrar de ojos* (espanhol) fraseologismos prepositivos *hacersele la boca agua* (espanhol); *dar água na boca* (português) =excitar o desejo;
- fraseologismos interjectivos *Nossa Senhora!, Droga!, Meu Deus!* (português); *Dios mio!, Caramba!* (espanhol)

Conforme podemos observar, a classificação apresentada por Molotkov está baseada em fundamentações que não estão delimitadas com precisão. O autor distingue os fraseologismos verbais pelo traço morfológico e pela função sintática, entretanto os nominais simplesmente os distingue pela forma mas não leva em conta a função que realizam dentro da oração. Assim, por exemplo, ele inclui entre os fraseologismos nominais *Talón de Aquiles* (espanhol); *calcanhar de Aquiles* (português); *mosquita muerta* (espanhol), *mosca morta; bunda mole* (português) que apesar de serem considerados nominais pela forma, realizam função análoga ao predicado. Por exemplo, *a física é o Talão de Aquiles; Ese hombre es un mosquita muerta*. Molotkov não se cinge a uma orientação única para elaborar a sua classificação, por isso, os resultados do seu trabalho ainda não são completamente satisfatórios.

Cherdantseva (1977) classifica as unidades fraseológicas em:

- **uninucleares**, constituídas por dois ou mais elementos, mas só um deles é o portador do significado. Por exemplo, *de película, de madre* (espanhol); *au moins, pour de bom* (francês); *às avessas, botar pra valer, pra quebrar, pra burro* (português), e estão constituídos por sintagmas preposicionais.
- **bi ou multinucleares**, formadas por duas ou mais palavras significativas. Por exemplo *como sardina en lata* (espanhol) *como sardinha em lata* (português).

A partir desta classificação denota-se que são reconhecidas as grandes diferenças estruturais e explica-se claramente o carácter nominativo das

unidades fraseológicas. Como podemos observar, para a classificação das unidades fraseológicas é preciso partir da semântica dessas unidades sendo que o aspecto formal-gramatical frequentemente não coincide com a capacidade que elas possuem para designar objetos, ações, qualidades, etc.

Os provérbios, os refrões e os clichês destacam-se pela função comunicativa que realizam e por possuírem estrutura de oração sendo o significado deles metaforicamente motivado. Especificamente nos provérbios e refrões, as palavras componentes geralmente conservam o seu significado direto, embora possam ter um sentido figurado. Neste sentido, Casares (1950) afirma que *a força expressiva de uma combinação proverbial não está nas imagens que elas contêm, mas sim no paralelismo que se estabelece com a ajuda de determinadas palavras entre o momento presente e o momento relacionado com o passado* o que confirma Cherdántseva (1977) quando escreve que *o provérbio é fruto de uma situação passada que pode ser usado para explicar e compreender uma situação atual*. Este tipo de expressão sempre contém uma lição moral ou manifestação integral de juízo, por exemplo, *el que por su gusto muere la muerte le sabe a dulce/a gloria* (**espanhol**); *pedra que rola não cria musgo* (**português**). No primeiro caso, naturalmente, se esse é o gosto da pessoa, de modo algum poderia ser desagradável para ela morrer. No segundo caso, o fato da pedra rolar para não criar musgo significa movimento, atividade constante para não envelhecer. Um outro exemplo seria *con buenos modos se saca al cimarrón del monte* (**espanhol**) que indica o quanto é conveniente fazer uso da cortesia para conseguir aquilo que nos queremos de uma pessoa.

Casares referindo-se aos refrões argumenta:

...Refrão é uma frase completa e independente que no sentido direto e alegórico e, geralmente em forma sentenciosa e elíptica, expressa um pensamento resultado de experiências, advertência, etc. onde se realizam pelo menos duas idéias em forma de juízo...

Exemplos de refrões seriam *perro que ladra no muerde; el hábito hace al monje; dime com quien andas y te diré quien eres; árbol que nace torcido jamás su tronco endereza* (**espanhol**); *cão que late não morde, o hábito não faz o monje*, *diz-me com quem andas e te direi quem és; pau que nace torto morre torto* (**português**).

Telia (1966) analisando os provérbios e refrões expressa:

...Os provérbios e refrões ocupam um lugar especial dentro da fraseologia. Eles podem não ser considerados como combinações variáveis, pois os componentes obedecem a uma ordem fixa, não podem apresentar substituições léxicas e a estrutura gramatical é constante. Por outra parte, o significado destas expressões deriva-se do caráter metafórico generalizado das palavras que a compõem, sem que por isso percam seu significado habitual... (Telia, 1966: 56-57)

Os refrões são expressões breves, rítmicas e delimitadas perfeitamente dentro do discurso. Eles refletem situações que apesar de terem acontecido no passado têm vigor no momento da enunciação, ou seja, são situações retomadas para explicar e dar a compreender situações do presente, fenômenos relacionados com a moral ou aspecto intelectual e material do homem. É precisamente o homem e o povo que se encarregam de criá-los e difundí-los. A esse respeito existem duas tendências. Alguns pesquisadores pensam que os refrões têm criador individual e outros acham que é o coletivo, a comunidade quem os criou.

Carreter (1980), por exemplo, argumenta sobre o assunto:

...Esse é um problema talvez insolúvel, em que, no entanto, um ponto parece claro: a coletividade é co-criadora, no sentido de pôr controle ao empenho dessas expressões de penetrarem nos saberes comuns, abrindo-as ou fechando-as segundo designios misteriosos...

Assim, temos por exemplo, os refrões espanhóis *el ojo del amo engorda al caballo* significa que cada pessoa deve cuidar por si mesma das suas coisas; *la cabra siempre tira al monte* significa que geralmente a pessoa atua ou reage segundo a sua origem e educação; *de tal palo tal astilla* (filho de peixe peixinho é) afirma que as coisas ou as pessoas que procedem de outras adquirem traços ou qualidades de os seus antecessores especialmente os filhos dos pais; *el que no tenga pecado que tire la primera piedra* é um refrão que apesar de ter como fonte a religião é utilizado em contexto não religioso. O significado da expressão parece ser um desafio à coletividade para mostrar se alguém está isento de acusações.

Um caso interessante também são as colocações, tema sobre o qual muitos pesquisadores têm estudado e aprofundado nestas últimas décadas. As colocações foram caracterizadas de forma clara por Mathias Perl (1975) como combinações usuais típicas, sendo sua estabilidade determinada historicamente pelo uso. As limitações que se impõem nas colocações devem-se não a incompatibilidade entre os sememas (traços semânticos) dos seus componentes. Por exemplo, a frase em inglês *The song buys history* não é correta porque **buy** exige um sujeito com traço semântico + humano, traço do

qual carece o substantivo *song*. Esse tipo de restrição não é, segundo Perl, específica de uma língua. Contudo, as restrições devidas ao uso o são.

Como que fazendo eco às observações de Perl, Hausmann (1984) intitula um dos seus trabalhos **Aprender vocabulário é aprender colocações**. O autor se baseia no conceito de *séries phraséologiques ou groupements usuels*, de Bally (1909): *Há série ou agrupamento usual quando os elementos do grupo conservam sua autonomia ao mesmo tempo em que mostram uma afinidade evidente que os aproxima, de maneira que o conjunto apresenta contornos definidos e dá a impressão de déjà vu*. Hausmann reafirma que as colocações são combinações de só dois lexemas: um, a base ou núcleo é determinado e o outro, o colocador, é o determinante. Assim, por exemplo, na colocação *celibatório convicto*, o substantivo é a base e o adjetivo é o colocador; em *desejar ardentemente* o verbo é a base e o advérbio é o colocador. Esta concepção tão comum sobre as colocações não nos diz como analisar as combinações também típicas e usuais com mais de dois elementos como seriam, por exemplo, *estar al borde de la muerte*; *declarar la guerra a muerte* (**espanhol**); *estar à beira da morte*; *declarar guerra a morte* (**português**). Um ponto bastante contraditório na teoria de Hausmann é a afirmação de que o colocador só pode definir-se em relação à base. Se for como o autor afirma, as combinações deveriam a sua existência a uma relação de implicação semântica entre os elementos que a compõem e não propriamente ao uso repetido, portanto, teríamos de deixar de considerá-las como colocações.

Um estudo interessante, do nosso ponto de vista, e que vale a pena mencionar é o da pesquisadora Annely Rothkegel (1994) sobre a relação entre tipo de texto e colocações (as que distingue claramente dos fraseologismos). A autora assevera que as colocações constituem uma categoria intermediária entre os fraseologismos e as combinações livres de lexemas, e mostra como a standardização duma classe de texto favorece a formação de colocações. As recorrências em textos criam padrões de expressão. Noutras palavras, as colocações podem ser descritas como exemplos de formação de padrões nas combinações de lexemas em situações comunicativas típicas. No textos políticos encontramos, por exemplo, frases como: *dissolver o parlamento*; *decretar estado de sítio*, etc., que, por força de tantas repetições viram autênticas colocações.

Está claro que as tendências mais recentes nas pesquisas de ordem fraseológica situam as colocações dentro da esfera da fraseologia. A favor dessa posição se manifestaram autores como Béjoint & Reid no I Colóquio sobre Fraseologia e Terminologia na área de Tradução e Interpretação celebrado em Genebra em outubro de 1991. No I Simpósio Internacional de Lexicografia realizado em Leeds em abril de 1994 nove dos quatorze trabalhos apresentados (B. Altenberg, I. Mel'chuk, S. Granger, T Fontenelle, F. Knowles, P. Howarth, L. Minaeva, A P. Cowie e V. Telia et. al.) versaram sobre distintos

aspectos das colocações, também como da sua relação com o resto das unidades pertencentes ao âmbito da fraseologia. As colocações, segundo esses autores, apresentam uma conexão clara com outros tipos de unidades fraseológicas através de características comuns compartilhadas; especialização semântica, estabilidade, institucionalização, variação ou frequência em diversos graus. Elas caracterizam-se pela alta frequência de coaparição de seus elementos integrantes.

Halliday (1966:58) definiu o conceito de colocação como uma *associação sintagmática de unidades léxicas, textualmente quantificável como a probabilidade de que ocorram ou apareçam em n intervalos, isto é, numa distância de n unidades léxicas, desde uma unidade x , às unidades a, b, c , etc.*

De todas as definições de colocação analisadas, consideramos mais coerente e abrangente aquela apresentada por Tagnin (1999) quando afirma que a colocação é *uma combinação lexical recorrente, não-idiomática, coesa, cujos constituintes são contextualmente restritos e de coocorrência arbitrária.*

Por outra parte, as colocações apresentam certas peculiaridades formais e semânticas. Primeiro, existe uma escala de restrição combinatória entre os **colocados**, por exemplo, *armar jaleo/bronca/escândalo/ruido; fruncir el ceño (espanhol)*. Segundo, elas mostram diferentes tipos de especialização semântica:

- a) seleção duma acepção especial que vai restringir as possibilidades de combinação, por exemplo, *levantar sospechas (espanhol)*;
- b) metaforização; *acariciar una idea (espanhol)* e
- c) deslexicalização do colocativo como seria no exemplo *prestar ayuda / apoyo / atención / auxilio / servicio (espanhol)*. Neste caso, é fundamental levar em conta que a idiomaticidade, presente numa boa parte das unidades fraseológicas, é uma questão de grau. Podemos concluir, então, que as colocações são UFs fixadas só na norma, isto é, sintagmas completamente livres aos que o uso lhes conferiu certo grau de preferência combinatória.

TERMOS UTILIZADOS POR DIFERENTES AUTORES E PESQUISADORES ACERCA DA DENOMINAÇÃO DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS.

Autor	Denominação
Saussure	<i>unidades fraseológicas/agrupamentos</i> (<i>locutions toutes faites</i>).
Bally	<i>unidades fraseológicas/locuções fraseológicas</i> (<i>unités phraseologique; séries fraseológicas e unidades fraseológicas</i>)
Pottier	<i>unidades fraseológicas/lexias</i> (<i>simples, compostas, complexas, textuais</i>).
Casares	<i>unidades fraseológicas/ locuções</i> (<i>significantes e conetivas</i>).
Fiala	<i>unidades fraseológicas / paradigmas</i> <i>definidos pelo tipo de contexto</i> .
Zuluaga	<i>unidade fraseológica / frase fixa</i> .
Vinogradov	<i>unidade fraseológica / fraseologismo</i> (<i>aderência fraseológica, unidade fraseológica, combinação fraseológica</i>).
Amosova	<i>unidade fraseológica / fraseologismo</i> (<i>unidades de contexto invariável e de contexto variável</i>).
Shanski	<i>unidade fraseológica / fraseologismo</i> (<i>aderência fraseológica, unidade fraseológica, combinação fraseológica, expressão fraseológica</i>).
Carneado	<i>unidade fraseológica / fraseologismo</i>
Tristá	<i>unidade fraseológica / fraseologismo</i>
Lyons	<i>unidade fraseológica / ready-made utterances</i>
Jakobson	<i>unidade fraseológica / stereotyped utterances</i>
Cherdantseva	<i>unidade fraseológica / fraseologismo</i> (<i>uninuclear e multinuclear</i>).
Melchuk	<i>unidade fraseológica / frasema</i>

3.3. AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS. MODOS DE FORMAÇÃO. COMBINABILIDADE.

Em todos os tempos e épocas muitas vezes os homens por não encontrar no repertório lexical disponível os elementos que necessita para se comunicar numa determinada situação e expressar emoções, sentimentos, sutilezas de pensamento lançam mão de combinatórias ilusitadas procurando um efeito impactante de sentido que aos poucos vão se cristalizando e difundindo-se pela comunidade de falantes. É dentro dessas combinatórias que encontramos as expressões idiomáticas. Enunciados do tipo *nesse mato tem coelho*, *matar cachorro a gritos*, *aí é que a porca torce o rabo*, (**português**) *ahí hay gato encerrado*, *cantar las cuarenta*, *ahora es cuando es* (**espanhol**) são ouvidos a qualquer momento por pessoas das mais diversas classes sociais. No dizer de Lopes (1987) elementos de discurso nunca antes associados se reúnem numa nova síntese que exprime uma revelação cognitiva e catarse emocional.

As expressões idiomáticas estão presentes na tradição textual da Antigüidade greco-romana, nos contos, fábulas, romances, nas peças teatrais, nas novelas, na narrativa satírica, nas comédias carregadas de humor, nas piadas e na poesia. Escritores ilustres como Machado de Assis, Jorge Amado, Nelson Rodrigues, Gabriel García Márquez, Nicolás Guillén, Raul Roa, Drummond, Balzac, Molier, dentre outros, inspirados na variedade dos usos da linguagem nos transmitiram nas suas obras essas mensagens que o povo cria e recria dia-a-dia para retratar o cotidiano. A riqueza das expressões idiomáticas reside principalmente na sua espontaneidade. A opacidade de seus elementos se manifesta através do conteúdo metafórico, condensado e presente em cada uma dessas frases. Os significantes, desprovidos de seu sentido próprio, agem talvez de maneira confusa por sua própria conta (Xatara, 1994).

As expressões idiomáticas são frases por vezes imprevisíveis quanto à forma e ao sentido. Aparecem com frequência no discurso, conferindo-lhe mais expressividade, realçando por meio de metáforas cristalizadas um saber que se construiu ao longo de anos, de séculos, de história. A linguagem encontra nelas parte da sua riqueza, uma riqueza que está além da mera referencialidade dos signos.

A análise das expressões idiomáticas privilegia o seu aspecto semântico, os jogos entre os conteúdos e os efeitos de sentido, entre a forma livre e a forma fixa, entre o literal e o figurado.

As regras que regem a formação do discurso, ou a gramática no seu sentido lato, não permitem dar totalmente conta das expressões idiomáticas, nem quanto à forma sintática nem quanto ao sentido. Essas noções fazem parte do próprio sistema e devem ser aprendidas como as outras palavras

simples ou complexas, na medida em que as regras sintático-semânticas não permitem uma descrição das várias combinações dos seus constituintes.

Para Lyons (1979) os idiomatismos (fraseologismos) são enunciados estereotipados, aprendidos como um todo inanalizável, isto é, indecomponível, sem perda da relação que as partes mantêm entre si. Essas frases nunca são construídas no momento em que devem ser empregadas.

Chafe (1979) também se preocupou com os idiomatismos e com o lugar que eles ocupam na estrutura da língua. O autor hipotetiza sobre como historicamente aconteceu a passagem do sentido literal ao idiomático, ou seja, num momento dado da história de uma língua (neste caso o autor se refere ao inglês) ocorreu uma alteração, denominada por Chafe de **idiomatização**, que levou a criação de uma nova unidade semântica. O exemplo que o autor coloca em inglês *Henry is dragging his feet* (*Henrique está fazendo hora*) nem a palavra *drag* (**arrastar**) nem *feet* (**pés**) têm seu significado literal, elas adquiriram um outro significado próximo de *demorar*, *fazer hora*, *temporizar*.

Makkai (1972) delimita as três áreas de idiomaticidade. A primeira seria a dos idiomatismos lexêmicos que inclui os *phrasal verb idioms*, *turnure idioms*, *irreversible binominals*, *phrasal compounds*; *pseudo idioms*. A segunda área de idiomaticidade seria a dos idiomatismos semêmicos que abrange os *proverbial idioms*, *first-base idioms*, *idioms of institutionalized Politeness*, *idioms of institutionalized detachment or indirectness*; *idioms of proposals encoded as questions*, *idioms of institutionalized greening*, *familiar quotations*. Os dois últimos, o autor acredita que poderia colocá-los numa terceira área de idiomaticidade e os designa como idiomatismos **hiper-semêmicos ou culturais**.

Danlos (1981: 53) aponta a observação e estudo das chamadas por ele de **expressões congeladas**. A análise dessas expressões permitiria conhecer e descobrir o caráter irregular delas, seu comportamento especial. Segundo o autor, essas expressões se aproximam das combinações livres, mas são diferentes, pois os elementos constituintes da **expressão congelada** formam uma unidade semântica a partir do seu significado global.

Fillmore (1979:94) quando fala das construções lingüísticas fixas convencionais afirma que seu repertório inclui desde morfemas, palavras, idiomatismos e frases fixas, até vários outros tipos de expressões formulares como clichês, gírias, provérbios e outras fórmulas de polidez..

Carone (1986:15) fala de **lexias completas**, considerando a lexia uma unidade de comportamento, que, segundo a autora, poderia ser de dois tipos: uma construção sintática que se cristaliza pelo uso na memória coletiva, perdendo seu conteúdo referencial (frases feitas, expressões idiomáticas, gíria, provérbios, refrões, ditados populares) e as construções sintáticas,

normalmente não cristalizadas que se imobilizam numa situação específica assumindo o comportamento léxico de um substantivo, por exemplo, *Realmente essa reunião foi um Deus nos acuda*.

Devido à arbitrariedade e à subjetividade das razões que motivaram a criação das expressões idiomáticas, Rwet (1983) e Gross (1988) acreditam que elas não sejam inatas, mas devam ser aprendidas uma a uma de cor, pois são aceitas pela comunidade lingüística com sua estrutura, sentido e emprego convencionalmente determinados.

Assim, quando falamos das expressões idiomáticas observamos que o caráter especial desses sintagmas advém do pragmatismo da língua. O falante comumente faz uso de expressões com extensão de sentido. Elas formam estruturas sintagmáticas complexas e resultam numa unidade lexical que se refere a uma realidade específica com um sentido particular. Por exemplo, *pisar na bola; ficar na sua; virar pizza; sair de fininho; engrossar o caldo; pagar o pato (português); quedarse para vestir santos; estar en misa y en procesión, estar hecho leña; parquear una tiñosa; bailar en casa del trompo; aguantar esa mecha (espanhol)*.

O significado resultante dessas estruturas independe do significado dos lexemas isolados que a compõem. A extensão de sentido dessas unidades é metafórica e polissêmica. Elas têm na sua composição uma motivação combinatória e metafórica que pode ser explícita ou implícita. Em alguns casos, contudo, existem expressões que podem ser também interpretadas no sentido literal, por exemplo, *pôr as cartas na mesa, soltar os cachorros, (português)* mas, nesse caso, não estaríamos diante de uma expressão idiomática, pois o sintagma não funciona como unidade lexical com um todo significativo. O que mantém a unidade lexical como expressão idiomática é esse todo, são os lexemas estarem gerando um novo sentido quando se combinam o que justifica o sentido opaco, ou seja, não há associação do significado da frase com o significado isolado de cada um de seus elementos. Do ponto de vista semântico, não existe motivação entre a expressão e o sentido gerado nela, por isso a convenção *apitar na curva* não é **apitar** + **curva** que vai dar o sentido idiomático de morrer. Do ponto de vista pragmático, a convenção se estabelece porque a expressão é usada freqüentemente num contexto específico.

Fillmore (1979), ao contrário de Chomsky, afirma que as expressões idiomáticas são memorizadas ao invés de serem geradas, porque são fixas. Suas interpretações e funções não são previsíveis por pessoas que apenas conhecem a gramática e o vocabulário de uma língua, são adquiridas numa associação com as situações em que o uso é apropriado. Neste caso, entramos no terreno dos níveis de linguagem e das funções das expressões idiomáticas.

Assim, emprega-se uma expressão idiomática (doravante EI) para expressar o conteúdo informacional desejado, ou de maneira compacta, por exemplo, *pagar o pato, cair fora*, (**português**); *pagar los platos rotos, ir echando con la fresca*, (**espanhol**) ou com relativo material fonético, no caso de *arrotar peru, falar abobrinha* (**português**), *hablar sandeces* (**espanhol**).

Em geral, as EIs têm sido abordadas segundo várias perspectivas, e todas elas colaboram na tentativa de reduzir a heterogeneidade aparente deste objeto, tentando descrever algumas regularidades. A heterogeneidade manifesta-se, por exemplo, na dificuldade em propor uma definição clara e coerente de EI e advém da multiplicidade de fatores que intervêm nessa mesma definição (fatores de ordem lexical, sintática, semântica, psicolingüística, etnolingüística e pragmática).

Na medida em que os pesquisadores da área tentaram determinar o papel que desempenham na natureza fraseológica cada uma das características estruturais e semânticas, tornaram-se mais precisos e claros alguns aspectos importantes que devem ser levados em conta na hora de realizar uma análise mais detalhada das unidades que a integram. A maioria concordava em que uma das características fundamentais era o traço semântico, no entanto, toda vez que existia paralelamente o critério de que as combinações livres também tinham uma integridade semântica, os fraseólogos asseveraram que o traço fundamental das unidades fraseológicas não devia ser só o semântico, mas também o diferencial. Neste sentido, Gak (1976) aponta:

...O caráter da interdependência dos significados entre os componentes das combinações de palavras nos permite dividi-las em: idiomáticas e não idiomáticas...

No caso das unidades **não-idiomáticas**, o significado dos componentes não sofre mudanças, sendo o significado total dado pelo significado de cada um dos elementos da combinação, o que não acontece com as **idiomáticas**, onde o significado total não é o resultado do significado das partes, ou seja, o conteúdo não se corresponde com a forma.

Para uma expressão ser considerada **idiomática**, deve-se verificar se o nível discursivo, seu contexto sentencial, ou seja, se seu sentido é autônomo ou dependente do contexto. *Não ter leteiro na testa, ser dono do próprio nariz* (**português**); *no tener lebrero en la frente* (**espanhol**) são expressões que não precisam de contexto precedente ou conseqüente para sua compreensão idiomática. Portanto, o sentido aqui é autônomo. *Colocar tudo em pratos limpos, lavar as mãos, embarcar em canoa furada* (**português**); *poner las*

cartas sobre la mesa, lavarse las manos, (espanhol) dependem do texto que as precede.

Ao contrário das combinações livres, as expressões idiomáticas funcionam como uma unidade lingüística semanticamente transformada. Daí Nazarian (1976) concluir:

...A transformação semântica é o traço fundamental das unidades fraseológicas que permite delimitar estas unidades não só das combinações livres mas também das combinações fixas não fraseológicas (...). De todas as criações lingüísticas pluriverbais só a unidade fraseológica consegue a transformação semântica de seus componentes, daí o elemento essencial que a caracteriza...

O conceito de transformação semântica deve-se entender de maneira mais ampla do que o conceito de metaforização, um dos mais ricos e produtivos no processo de fraseologização, mas não o único. A metáfora, instrumento essencial do pensamento por imagens, tem sido objeto de estudo de filósofos, psicólogos e lingüistas que analisaram as suas características internas (caráter ilógico, mecanismos mentais de produção) e as externas (formas de expressão), de acordo com os interesses de cada uma das disciplinas.

As expressões idiomáticas podem ser classificadas do ponto de vista sintático-estrutural tendo em conta os critérios seguintes:

- delimitação entre as estruturas proposicionais e as combinações de palavras;
- correspondência da expressão idiomática com determinada parte da oração;
- estrutura formal gramatical da unidade fraseológica.

Essas unidades fraseológicas estão, muitas vezes, representadas pelo mesmos tipos de estrutura sintática que as combinações livres. É claro que as relações formais ou sintáticas destes modelos não coincidem; a lexicalização da combinação é característica para os processos de formação da unidade fraseológica também como a desemantização das relações sintáticas. Por exemplo, a expressão idiomática do espanhol *tomar el rábano por las hojas* que significa fazer interpretação errada de alguma coisa. A validade objetiva do verbo só tem um significado formal, pois a expressão idiomática designa outro tipo de ação que não é própria do verbo tomar. O grau de desemantização pode ser diferente nos diversos tipos de estruturas. Por exemplo, *Ir (se) de*

lengua (**espanhol**); *dar com a língua nos dentes* (**português**) que significa dizer o que não se devia, contar um segredo; *chuparle el rabo a la jutia*; *estar en curda* (**espanhol**); *matar o bicho* (**português**)= beber demais, ficar completamente bêbado; *bater papo* (**português**) que não significa dar pancadas no volume do pescoço e sim conversar.

A semelhança formal com a combinação livre está determinada pelo uso, como por exemplo, nas expressões *soltar os cachorros*, *matar cachorro a gritos*, *quebrar a cara*, *pisar na bola* (**português**); *cantar el manisero*, *jugar a los bomberos* (**espanhol**). Aqui os sintagmas não estão funcionando como unidades lexicais. O que mantém a unidade lexical e o todo significativo é exatamente os lexemas estarem em relação fixa, gerando um novo sentido. Assim, estaremos diante da idéia que defende Basílio (1989), *as estruturas sintáticas com uma finalidade lexical*. Essa relação fixa entre lexemas é defendida por Pottier (1974) e denominada como **integração**, um movimento de lexicalização, quer dizer, a passagem de uma sintaxe livre, original, criada no momento da comunicação, para uma sintaxe em vias de fixação que pode chegar à memorização total.

Ao aceitarmos um tipo de análise estrutural que considera estas expressões como uma unidade lexical podemos estar diante de um processo de formação de palavras que resulta de um composto sintagmático.

A composição é um processo idiossincrático de formação de palavras através da combinação de lexemas já existentes. Se obtém novos vocábulos com significados novos. As lexias são relacionadas operando-se entre elas uma combinação semântica. Por exemplo, em **guarda-chuva** o significado dos lexemas isolados se mantém de alguma forma não ocorrendo o mesmo com **pé de moleque**, em que o significado dos lexemas isolados desapareceu. Esse processo de formação de palavras resulta numa unidade lexical por representar um todo significativo, em que ocorre, por isso, uma relação fixa entre as unidades que compõem a estrutura.

É importante fazer uma breve referência das principais tipos formais de expressões idiomáticas que integram o caudal fraseológico com o objetivo de estabelecer, a posteriori, a fonte do modo de formação delas.

Muitos pesquisadores têm analisado a estrutura sintática das expressões idiomáticas, estabelecendo uma classificação delas, (Casares, 1950, Carneado & Tristá, 1985, Tristá, 1988, Zuluaga, 1980, dentre outros). Assim, em geral, encontramos diferentes tipos de Els do ponto de vista estrutural (formal) e que mostraremos a seguir.

3.3.1. TIPOLOGIA DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

- **Expressões idiomáticas verbais**

O componente verbal é o portador da função gramatical deste tipo de unidade e seu papel fundamental é precisar o número, pessoa, tempo, conjugação, isto é, o significado lexical. Neste grupo distinguem-se:

Por exemplo:

1. *coger mangos bajitos; encontrar la horma de su zapato* (**espanhol**)

fazer gato e sapato; procurar sarna para se coçar (**português**)

Aqui o exponente verbal é precisamente um verbo transitivo (**Vt + N**) que pode ser utilizado no infinitivo ou em forma conjugada. Um aspecto importante neste tipo de unidade é a inclusão de elementos complementares, sintaticamente obrigatórios e que mudam dependendo do contexto. Nesses casos, não os consideramos partes integrantes da unidade.

2. *hablar hasta por los codos; dormir a pierna suelta* (**espanhol**)

embarcar em canoa furada; falar pelos cotovelos (**português**)

Ao contrário do primeiro grupo, o componente verbal nestas unidades é um verbo intransitivo (**Vi + N**).

Geralmente algumas Els verbais têm por sinônimos verbos simples: Por exemplo, *descer a lenha* (**português**) = criticar, denegrir. Muitas vezes, essa paráfrase redutora é arbitrária, além de existir expressões idiomáticas sem sinônimos lexicais naturais como no caso de *dar nó em pingo d'água* = contorcer-se em explicações (**português**). Por outro lado, a concepção composicional de uma expressão idiomática poderá não ser natural em todos os contextos em que a sua paráfrase foi apropriada. Por exemplo, no caso de **Laura morreu subitamente** aceita-se *bateu as botas subitamente*, mas não **Laura morreu lenta e dolorosamente** (Xatara, 1994).

As Els verbais, quicá melhor do que outras Els, por apresentarem predicções, enunciados complexos e se referirem a situações complexas servem para caracterizar as qualidades morais, os estados de ânimo dos seres humanos, seu comportamento e interação social. Desempenham um papel importante aquelas Els verbais que contêm um lexema que denota uma parte do corpo, os chamados somatismos que mais adiante colocaremos.

- **Expressões idiomáticas com verbos reflexivos**

As expressões idiomáticas onde o componente principal é o verbo reflexivo distinguem-se pelo traço puramente morfológico, onde os verbos podem ter significado tanto transitivo quanto intransitivo e utilizados em todos os tempos e aspectos.

Por exemplo: *buscarse la vida* (**espanhol**); *fazer bico* (**português**)

abalar-se (ir) para o além (**português**); *irse para el otro mundo* (**espanhol**)

meter-se em camisa de onze varas (**português**); *meterse en camisa de once varas* (**espanhol**)

- **Expressões idiomática proposicionais (propositivas)**

Este tipo de expressão é considerado como oração pela estrutura, com sujeito e predicado. Segundo Aritiunova (1976) essas unidades expressam uma idéia formulada como proposição, ou seja, constituem uma construção sintática que é capaz de expressar traços modais e temporais. Por exemplo, *hacerse-le la boca agua* (**espanhol**); *fazer água na boca* (**português**). No exemplo em espanhol o sujeito é **boca** e o predicado **hacerse agua**. Toda a expressão tem o significado alguém (ela ou ele) sentiu a vontade de **comer** alguma coisa gostosa ao paladar. Tal idéia constitui uma proposição onde o núcleo seria **comer**.

- **Expressões idiomáticas como o particípio *hecho* (espanhol)/*feito* (português)**

Segundo Casares este tipo de frase se diferencia pela originalidade da sua estrutura, significado e funções (Casares, 1950). O particípio é usado como componente nominal em construções absolutas ou em verbos que caracterizam estados. Por exemplo, *hecho polvo*, *hecho leña*, *hecho tierra*, *hecho una fiera* (**espanhol**); *ficar (feito) uma arara*, *feito louco* (**português**). Pelo significado, essas unidades se assemelham à comparação e o substantivo por si só tem um significado metafórico.

No entanto, Casares não concorda plenamente com esta idéia e justifica o seu ponto de vista argumentando que *nessas locuções há algo mais do que uma simples comparação, pois não é igual ter parecido com alguma coisa ou ser como uma coisa, a se converter na coisa em si*. Se compararmos os exemplos, *a noiva entrou num mar de lágrimas* e *como num mar de lágrimas* estaríamos, em primeiro lugar, utilizando uma frase inusitada e, por outro lado, a expressão perderia a sua força no que se refere ao sentido. Daí que Casares acrescenta:

...Quando a substituição de “hecho” por “como” é praticável sem mudança de sentido há certeza de que não se trata de uma verdadeira locução participial....(Casares, 1950- pág.180)...

- **Expressões idiomáticas conjuntivas**

Neste tipo de expressão os elementos que a compõem formam um sintagma, ou seja, aparecem como um todo gramatical e lexical unidos pela conjunção **e (y)**. Por exemplo, *nadar y guardar la ropa* = ter cautela, precaução; *no se puede estar en misa y en procesión* (**espanhol**); *com a faca e o queijo na mão* = ficar dono da situação; *muita galinha e pouco ovo* (**português**).

- **Expressões idiomáticas nominais (substantivas)**

As Els do tipo nominal podem ser formadas segundo os modelos:

Por exemplo:

mosquita muerta; sangre fria (**espanhol**); *bunda mole; conversa fiada* (**português**) **S + Adj.**

ñame com corbata (**espanhol**); *com a corda toda; com a corda no pescoço; com o rabo entre as pernas* (**português**) **S + Prep. + S**

As Els nominativas podem desempenhar dentro da oração, como o próprio substantivo, as seguintes funções:

sujeito

Por exemplo: *mosquita muerta* (**espanhol**)

componente de um predicado nominal

Por exemplo: *conversa fiada, nem peixe nem carne* (**português**)

complemento nominal

Por exemplo: *ñame com corbata* (**espanhol**)

complemento de modo

Por exemplo: *com o rabo entre as pernas* (**português**)

- **Expressões idiomáticas adjetivais**

Este tipo de EI expressa características qualitativas.

Por exemplo: *en carne viva* (**espanhol**); *na própria pele* (**português**)

Prep. + S + Adj.

de película (**espanhol**); *pra cachorro*; *por um triz* (**português**)

Prep. + S

de buena tinta; *de mala muerte* (**espanhol**); *de chinelo no pé*; *de primeira mão* (**português**) **Prep. + Adj. + S.**

As expressões adjetivas podem ser:

componente de um predicado nominal

Por exemplo: *estar com a corda toda*; *novinha em folha*; *conversa mole*; *papo furado*; *olhos de peixe morto* (**português**) *estar con la soga al cuello* (**espanhol**)

modificador de um complemento

Por exemplo: *por um triz*, *carta fora do baralho*(**português**); *por un tilin*, *fuera del aire* (**espanhol**)

complemento circunstancial de lugar

Por exemplo: *zero à esquerda* (**português**); *cero a la izquierda* (**espanhol**)

- **Expressões idiomáticas adverbiais**

Por exemplo: *a pierna suelta*; *a tontas y a locas*; *a raja tabla*; *al cantío de un gallo* (**espanhol**); *a torto e a direito*; *aos trancos e barrancos* (**português**) **Prep. + S ou Adj.**

No primeiro e segundo exemplos, temos uma EI adverbial de modo, já no terceiro exemplo, temos uma EI adverbial de lugar. Geralmente, este tipo de unidade possui estrutura **uninuclear e multinuclear**. É reduzido o número delas com estrutura oracional. As suas propriedades sintáticas são:

complemento circunstancial de modo

Por exemplo: *a pierna suelta, a raja tabla, entre la espada y la pared* (**espanhol**); *aos trancos e barrancos; entre o martelo e a bigorna, aos quatro ventos* (**português**)

complemento circunstancial de lugar

Por exemplo: *a torto e direito* (**português**); *al cantío de un gallo* (**espanhol**)

Se analisarmos a EI com função predicativa *poner entre la espada y la pared* (*entre a cruz e a espada*) veremos que o aspecto denotativo do significante se transmite mediante componentes semânticos, ou seja, **x (sujeito)** faz o possível para que **y (objeto)** esteja (fique) numa situação difícil. Esses componentes têm um caráter analítico e não descritivo. Além disso, nesta frase está implícito o aspecto modal valorativo, isto é, alguém considera que **x** está sendo ou atua de maneira maldosa. A imagem *entre la espada y la pared/entre a cruz e a espada* cria uma representação ligada ao conhecimento empírico fortalecendo a valor negativo do significado (Carneado, 1987).

• Expressões idiomáticas com diferentes tipos de anomalias

Esta classificação foi elaborada pelas pesquisadoras cubanas Tristá & Carneado (1985). Segundo elas a anomalia pode ser no nível lexical, semântico, gramatical sendo as mais frequentes as duas primeiras. Por exemplo, *llevar a la macheré, llevar de la mano y corriendo* (**espanhol**). A palavra **macheré** sozinha não tem nenhum significado.

No caso das EIs *hacer castillos en el aire* (**espanhol**); *fazer castelos no ar* (**português**); *ser carne de cañón* (**espanhol**), se analisarmos essas frases no seu sentido direto encontraremos uma associação de elementos discordantes e sem sentido. Aqui a anomalia é de tipo semântico.

• Expressões com homônimo livre

As EIs com homônimo livre, são aquelas que encontramos indistintamente com sentido direto e com sentido figurado. Por exemplo, *cerrar los ojos; mosquita muerta* (**espanhol**) *Con acciones como ésta, el gobierno yanqui sigue cerrando los ojos a una realidad peligrosa* (Granma, 16/01/1980); *Eres una hipócrita, una mosquita muerta!*; *abrir os olhos; embarcar em canoa furada; passar a perna; pôr lenha no fogo* (**português**).

É difícil descobrir qual fonte que deu origem às unidades deste grupo, especialmente as EIs com diferentes tipos de anomalias, pois a etimologia não é muito acessível, devido à presença de elementos que carecem de significado fora da expressão (por exemplo, *llevar a la macheré, dar caritate* (**espanhol**); *fazer uma falcatrú, ser um laranja* (**português**).

Algumas palavras onomatopaicas carentes de valor por si só podem formar parte integrante de um fraseologismo mas não têm o correspondente homônimo livre (*por um triz* (**português**); *por un tilin* (**espanhol**). A palavra **triz** é onomatopaica, ela remeda o leve som que produz algo delicado ao quebrar-se. Também é associado de maneira figurada a uma distância pequena ou a um tempo breve.

A maioria das Els com anomalias semânticas baseiam-se no sentido hiperbólico que leva ao absurdo e, portanto, impede o seu uso no sentido literal. Por exemplo, *perder a cabeça*; *ser um laranja*; *crimes de coralinho branco* (**português**); *bailar en casa del trompo*, *parquear una tiñosa* (**espanhol**).

Talvez a impossibilidade de determinar com exatidão a fonte de algumas expressões idiomáticas está determinado pela multiplicidade de interpretações. Por exemplo, *dar en el clavo* (**espanhol**) *acertar na mosca* (**português**), pode se entender, no caso da expressão cubana, os ferradores que golpeiam muito na ferradura e pouco no prego que vão fincando. Irribarren (1956) acredita que a frase vem do jogo chamado **juego del hito** (alvo, mira) onde se lançava uma moeda e tinha de cair no palito firme (rígido, esticado) no chão e sobre a qual se empilhavam (acumulavam) as moedas que os jogadores apostavam. O autor afirma que antigamente se dizia *dar en el hito* em vez de *dar en el clavo*.

3.3.2. DISTINÇÃO ENTRE UMA EXPRESSÃO IDIOMÁTICA E OUTROS TIPOS DE UNIDADES FRASEOLÓGICAS

Depois de ter analisado as opiniões de diferentes autores e as definições que aparecem em alguns dicionários consultados, podemos chegar à conclusão de que todos misturam os conceitos que correspondem a cada unidade fraseológica. Na realidade, existem diferenças entre elas que, na prática, não são mostradas. Por essa razão, tentaremos mostrar essas diferenças e dar uma definição aceitável para cada unidade fraseológica. Propomos, aliás, estabelecer algumas características limítrofes entre expressão idiomática e outros fraseologismos.

Locução é um termo que quer dizer que se trata de mais de uma palavra formando um sintagma, uma unidade lexical que exprime um conceito e cuja função gramatical é explícita. Pode ser conectiva estabelecendo nexos sintáticos (no caso das preposicionais do tipo *através de*, *depois* e das conjuntivas *se bem que*, *desde que*, *antes que*. Pode ser equivalente a uma palavra: no caso das locuções adverbiais *com certeza* = **certamente**; *às pressas* = **apressadamente**; das locuções verbais *vou cantar* = **cantarei**; *pôr fogo* = **incendiar** e as locuções adjetivas *de mãe* = **materno**; *de Deus* = **divino**. Uma expressão idiomática é composta por duas ou mais palavras não

sendo apenas uma seqüência de elementos autônomos, pelo contrário, trata-se de uma seqüência que tem um significado global, não fazendo sentido se considerada literalmente.

Em relação à distinção entre EI e provérbio podemos afirmar que as EIs não se confundem com os provérbios que têm vida própria, sendo uma unidade frástica completa: Por exemplo: *em terra de cegos quem tem um olho é rei; quanto mais se tem, mais se quer; a ocasião faz o ladrão* (**português**) *quien tiene boca va/ llega hasta Roma; mientras mas tienes mas quieres; no hay peor ciego que aquel que no quiere ver* (**espanhol**).

Os provérbios, também chamados de frases proverbiais estabelecem um certo paralelismo entre fatos que ocorrem em épocas diferentes: tanto no passado, quanto no presente. Casares (1950) falando dos provérbios os define como *algo que foi dito ou escrito e o seu uso na língua parece ter caráter de citação, ou resultado de alguma lembrança que vem à tona dentro de uma situação que de modo algum pode ser semelhante à aquela que a originou*. Por exemplo, *buscar una aguja en un pajar* (**espanhol**) *procurar agulha em palheiro* (**português**).

Todos esses provérbios apresentam um grau de generalidade e são introduzidos no discurso, ao passo que as EIs se referem a situações precisas e são parte integrante do próprio discurso, necessitando de um sujeito. Por exemplo, em *isso mostra que quanto mais se tem mais se quer* há um provérbio inserido no discurso, entanto que em *aprender russo não é um bicho de sete cabeças* a expressão *ser um bicho de sete cabeças* integra o discurso, sendo aplicada a um contexto, com um sujeito determinado pela situação.

Além disso, os provérbios têm elementos rítmicos particulares não permitindo variações de sujeito, tempo (restringindo-se geralmente à terceira pessoa do singular do presente de indicativo) e complementos, enquanto que só os complementos são em parte invariáveis nas EIs. Por outro lado, mais do que considerar os provérbios como resultado positivo de uma experiência longamente adquirida e da reflexão ponderada, seria mais correto considerá-los avisos contra o que se poderia chamar perigo ou desvio de uma norma moralmente desejável. Por exemplo, *águas passadas não movem moinhos; nem tudo o que luz é ouro; o hábito não faz o monje; toda farinha tem seu dia de feijão; o silêncio é ouro*, conselhos para quem confia nas aparências, quem hesita demasiado ou quem se prende aos enredos do passado. Quanto à estrutura, essas unidades se caracterizam pelos mecanismos que utilizam semelhantes, às vezes, aos da linguagem poética (rima, assonância, equilíbrio, concisão e paranomásia), numa estrutura binária de sintagmas correlatos, *caiu na rede é peixe* (**português**).

Ao nosso ver, os provérbios são frases de conteúdo geralmente moralista, transmitidas de pai para filho ou incorporadas ao repertório

lingüístico de uma comunidade através do fenômeno conhecido como empréstimo. Elas formam parte do pensamento coletivo de uma comunidade, na medida em que não se pode detectar sua autoria sendo as suas características principais: 1) o pensamento coletivo; 2) o senso comum; 3) serem frases breves.

Aceitando-se que cada comunidade tenha uma espécie de inventário de fórmulas conhecidas por seus membros pode-se inferir que comunidades diferentes tenham diferentes inventários. Mas as diferenças no inventário de provérbios de línguas diferentes repousam mais na área semântica de suas palavras tomadas individualmente do que no significado total do provérbio. Por exemplo, *mas vale **un** pájaro en mano que **cien** volando, todo lo que **brilla** no es oro* (**espanhol**); *mais vale pássaro em mão do que **dois** voando, nem tudo o que **luz** é ouro* (**português**).

As frases proverbiais são expressões que provêm realmente dos provérbios, mas guardam a sua autonomia como locuções: *matar dois coelhos com uma só cajadada; não contar com o ovo da galinha* (**português**) *matar dos pajaros de un tiro, no contar con el huevo de la gallina, etc.* (**espanhol**).

No caso dos provérbios, muitas vezes têm caráter internacional passando de uma língua para outra. Geralmente, os fatos aos quais essas frases fazem referência foram apagados da memória sendo desconhecida a sua procedência. No entanto, poderíamos classificar os provérbios de acordo com as fontes que os originaram como segue:

- provérbios pronunciados por alguma personagem histórica num determinado momento;
- provérbios cuja fonte geralmente é encontrada em obras de conteúdo filosófico, literário, bíblico, etc;
- provérbios, cuja fonte é uma anedota famosa.

Tentaremos exemplificar alguns dos tipos acima mencionados.

A frase **homo sum; humani nihil a me alienum puto** (*nada humano me es ajeno*, em espanhol) extraída de uma comédia de Terencio, escritor romano, onde numa conversa entre amigos, um censura o outro por se imiscuir nos assuntos (problemas) alheios e fazer fofocas em vez de se dedicar a outras coisas mais produtivas da vida ao que o amigo responde: **homo sum; humani nihil a me alienum puto**.

O historiador romano Tácito no livro Anais (livro III, último capítulo) utiliza a frase *brillar por su ausencia* quando relata os funerais de Junia, viúva de Cassio e irmã de Bruto, e conta que de acordo com os costumes romanos

levavam no cortejo os retratos dos parentes da defunta e os que mais se destacavam eram os de Cassio e Bruto que *brillaban por su ausência* (*brilham pela ausência*), ou seja, não estavam presentes nessa hora.

A Bíblia também tem sido fonte de uma grande parte das unidades que compõem o acervo fraseológico. Por exemplo, expressões como *sembrar cizaña; pasar las de Caín* (**espanhol**). A expressão *sembrar cizaña* é aludida a uma parábola de Jesus Cristo que encontramos no Evangelho (São Mateus, cap. XIII, vers. 24):

...O Reino do Céu se assemelha ao homem que plantou boa semente. Mas na hora de dormir (descansar) dos homens veio um certo inimigo deles e semeou a cizânia no meio da plantação de trigo...

A **cizânia** é uma erva que prejudica as plantações e é muito difícil de erradicar. Daí o seu caráter metafórico que vem do fato de criar a discórdia onde existem boas relações.

No exemplo *pasar las de Caín* a frase tem o significado de passar por muitas dificuldades e calamidades, as mesmas que sofreu Cain quando foi castigado por Deus por ter matado (assassinado) por inveja o seu irmão Abel.

Com relação à distinção entre EI e clichê, pode-se dizer que os clichês são definidos muito mais como frases construídas e transmitidas pela linguagem literária à comum, do que como expressões típicas banalizadas. Por exemplo, *flor dos anos*.

A gíria é uma manifestação da língua viva, expressiva. Ela está constituída por expressões próprias de determinados grupos (estudantes, ladrões, etc.) de significado atribuído, mais ou menos arbitrariamente, e de utilização transitória. As EIs distinguem-se também da gíria, estando essa num estágio de evolução do idioma anterior ao estágio de cristalização, isto é, as gírias representadas por sintagmas verbais *pegar leve* são passageiras e podem, em pouco tempo, deixar de ser usuais e, portanto, não se integrando em definitivo à língua, ou melhor, a um estado de língua, sincronicamente falando.

Outro caso a ser diferenciado das EIs seria o das combinatórias verbais (**colocações**). A frequência e o uso constante dessas unidades fraseológicas, resultantes da construção de um verbo específico com determinado complemento, leva à cristalização. Por exemplo, *cometer um crime, proferir um discurso, travar batalha* (**português**) sendo incorreto dizer *perpetrar um crime; declarar um discurso, fazer batalha*.

UNICAMP

BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

No caso das frases feitas (**combinações fixas**), os traços formais e semânticos não se explicam através das regras que regem uma combinação livre não só porque apresentam “anomalias” sintáticas e semânticas ou elementos gramaticais ou léxicos únicos, mas também, e ante tudo, porque são fixas, ou seja, a estabilidade é um traço característico formal constitutivo, daí seu nome. Elas são reproduzidas por falantes de uma comunidade que as aprende e utiliza sem alterar seus elementos e sem decompô-las. Por exemplo, *guiñar el ojo*. Aqui a palavra **guiñar** funciona só nesta combinação que se justifica por uma regra de semântica combinatória, ou seja, o lexema **ojo** já está implicado na definição do verbo *guiñar*.

Tendo realizado um estudo das características inerentes a cada tipo de unidade fraseológica podemos resumi-las no seguinte quadro.

<i>Tipo de unidade fraseológica</i>	<i>Características gerais</i>
Expressões idiomáticas	Formam estruturas sintagmáticas complexas que resultam numa unidade lexical que se refere a uma realidade específica com um sentido particular. O significado delas resultante independe do significado dos lexemas que a compõem isolados. A extensão de sentido dessas unidades é metafórica. O que mantém a unidade lexical é o todo significativo, são os lexemas estarem gerando um novo sentido quando se combinam, o que justifica o seu sentido opaco. Sua motivação metafórica pode ser explícita ou implícita. Referem-se a situações específicas, sendo parte integrante do discurso. Podem exercer várias funções dentro de um texto, por exemplo, simplificar a complexidade de uma argumentação permitindo ao falante ironizar ou sugerir subtilmente o que não se ousa pedir ou criticar diretamente.
Provérbios	Unidade frástica completa que apresenta um certo grau de generalidade.

Eles têm vida própria, são resultado de uma experiência longamente adquirida e de uma reflexão ponderada, são também considerados avisos contra o que se poderia chamar de perigo ou desvio de uma norma moralmente defensável.

Quanto à estrutura, estas unidades se caracterizam pelos mecanismos que utilizam semelhantes, às vezes, aos da linguagem poética (rima, assonância, equilíbrio, concisão e paranomásia) numa estrutura binária de sintagmas correlatos.

Têm poder de persuasão.

A utilização dos provérbios depende das características da situação discursiva.

Frases feitas	Combinações fixas com traços formais e semânticos que não se explicam através das regras que regem uma combinação livre, pois apresentam anomalias semânticas e sintáticas ou elementos gramaticais ou lexicais únicos. A estabilidade é um traço característico formal, constitutivo delas. Elas são frases reproduzidas.
Gíria	Língua viva e expressiva constituída por expressões próprias de determinados grupos sociais (estudantes, ladrões, etc.) de significado atribuído, mais ou menos arbitrariamente, e de utilização transitória, construções passageiras que podem em pouco tempo deixar de ser usadas.
Colocações	Combinação lexical recorrente não idiomática, coesa, cujos constituintes são contextualmente restritos e de ocorrência arbitrária.
Locuções	Combinação lexical formando um sintagma que constitui uma unidade significativa e cujos componentes conservam sua individualidade fonética e mórfica.
Clichê	Desvio estilístico banalizado pela repetição.

Toda expressão rebuscada que constitui um desvio de estilo em relação à norma e que se há vulgarizado pelo seu emprego bastante freqüente.

Na maioria dos casos são de origem literária, jornalística ou publicitária.

**Frase
proverbial**

Na maioria dos casos o que se tornou uma frase proverbial foi um dito ou um texto que se fez famoso pelo acontecimento histórico que lhe deu origem, pela anedota, pessoa ou personagem a que se atribui o dito. Ela tem caráter de uma citação, é uma expressão espontânea, e seu valor expressivo está no paralelismo que se estabelece entre o momento atual e o passado, evocado com determinadas palavras.

Modismo

Que costuma afastar-se das regras gerais da gramática. Casares considera desnecessária a criação do termo modismo uma vez que as definições dadas pelo DRAE para modismo e idiotismo são equivalentes. Concordamos plenamente com Casares.

Idiotismo

Modo de falar contra as regras comuns da gramática, mas próprio de uma língua.

Refrão

Geralmente muito mais breve do que o provérbio se apoia, sobretudo, em evidências amplamente admitidas que parecem negar-se a toda possibilidade de discussão. Os refrões vêm precedidos de muletinhas ou bengalinhas que lhes acrescenta o falante como se quisesse afastar de si toda responsabilidade pessoal ao fazer eco de tais fórmulas (*como vulgarmente se diz, como se costuma dizer, como dizia meu avô, etc.*).

3.3.3. FONTES DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS.

As unidades fraseológicas refletem, especialmente, por sua natureza metafórica, a história, a cultura e a forma de pensar de determinada comunidade, elas constituem a síntese dos valores espirituais, dos costumes e da idiossincrasia de um povo.

A metáfora é um dos principais recursos com que o homem pode enriquecer a língua, é um dos processos mais importantes e úteis ao qual

pode-se recorrer diante da necessidade de dar nome aos novos objetos e fenômenos que surgem com o desenvolvimento da ciência e a técnica.

Aritiunova (1978) define a metáfora como:

...Um tropo ou figura lingüística que consiste no uso de uma palavra que designa uma certa classe de objeto, fenômeno, ação ou particularidade que caracteriza o denomina um outro objeto, em algum sentido semelhante...

De acordo com tal reflexão a metáfora pode ter um caráter nominativo ou predicativo dependendo da função de denominar ou de caracterizar. Vinogradov referindo-se à metáfora como recurso nominativo afirma:

...A metáfora é um princípio não usual de uma palavra, a denominação de um objeto, idéia, que já tem nome, com uma nova palavra, que pode se tornar fixa para sempre...

Evidentemente, na base de palavras que já existem dentro do sistema da língua se denominam novos objetos, fenômenos ou se redenomina outros com algum propósito estilístico. Por exemplo, em espanhol a palavra **sinhueso** é sinônimo de **língua** (órgão muscular da cavidade bucal); **folha** (de planta), **folha** (de papel).

Stierle (Reisz , 1977: 54) expressa sobre a metáfora:

...A metáfora se pode definir, de maneira geral, como uma forma regrada de anomalia semântica. A anomalia se produz quando um lexema é usado contra as normas aceitas de uso. O uso de um lexema está determinado pelo uso de outros lexemas que estão relacionados entre si de tal forma que criam um contexto onde o segmento vazio penetra o lexema em questão enchendo-o de forma específica. O segmento correspondente à metáfora designa em princípio uma queda da isotopia do discurso...

Assim, no uso metafórico podem-se produzir relações sintáticas que permitem afirmar algo impossível se tomarmos o significado das palavras no sentido usual. No entanto, o tipo de metáfora que queremos analisar, por sua conotação especial para a fraseologia, não é a ocasional à que fizemos alusão acima senão a metáfora que adquire o direito de existência na língua, pois pode ter-se iniciado como uma metáfora, mas que por determinadas razões passou a ocupar um lugar próprio dentro de um sistema léxico.

Concordando com a opinião de Carneado & Tristá (1985), a metáfora constitui um dos principais recursos com que o homem pode contar para enriquecer a língua, é um dos procedimentos mais importantes e úteis ao que pode recorrer quando precisa dar nome a novos objetos e fenômenos que surgem no próprio desenvolvimento da ciência, é um dos recursos mais práticos para dar matiz estilístico desde a linguagem poética até a linguagem popular. Não poucas vezes o uso metafórico acaba levando-nos a esquecer o uso próprio. Assim, acontece o fenômeno que os lingüistas chamam de **lexicalização da metáfora** ou **metáfora lexicalizada**.

A linguagem de qualquer homem, como ser racional, deve ser lógica; contudo, a metáfora não é lógica. Pelo fato de a metáfora ser sentida como uma ruptura com a lógica ela pode ser mal-interpretada pelo destinatário da mensagem que contém a metáfora. Ela é, portanto, um mecanismo que se opõe, de certo modo, ao funcionamento habitual da linguagem ou, pelo menos, constitui um desvio sensível em relação à idéia que se faz desse funcionamento habitual. O próprio nome **metáfora** significa transferência e, portanto, desvio.

É a partir dos anos 70 que ocorre um importante desenvolvimento de teorias que levaram, mais tarde ao estabelecimento da visão cognitiva da metáfora e ao interesse renovado pela linguagem figurada. Segundo Honeck (1980), foi um verdadeiro renascimento levantando novas discussões sobre a definição e processos envolvidos na sua criação e compreensão, também como a diferenciação entre linguagem figurada e linguagem literal abordada por Bickerton, 1969; Matthews, 1971; Steinmann, 1973; Ortony, 1979; Ricoeur, 1979; Davidson 1980, 1985; Berg, 1988; Niklas, 1992 dentre outros. Morgan, 1979; Goodman, Davidson, Cohen, 1992 polemizaram para que se tentasse entender a metáfora como um ato de fala e encontrar uma definição que a distinguisse de outros atos de fala como a ambigüidade.

Mesmo assim, a teoria que revolucionou os conceitos gerais relacionados à metáfora foi a de Lakoff & Johnson (1980), pois desvincula a metáfora da relação linguagem metafórica **versus** linguagem literal. Estudos e pesquisas posteriores sobre a metáfora foram baseados, principalmente nas idéias desses autores em diversas áreas: no ensino de línguas estrangeiras destacamos Ibba, 1991; Ponterotto, 1994, Zanotto, 1994, 1995; em psicolingüística sobressaem os estudos de Nayak & Gibbs, 1989, 1990, 1991; Gibbs & O'Brien, 1990.

Segundo as pesquisas baseadas fundamentalmente nas idéias desenvolvidas por Lakoff & Johnson (1980), a metáfora é um fenômeno discursivo com valor cognitivo. Os autores afirmam que ela faz parte do cotidiano, não só na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Isto quer dizer que o sistema conceitual que orienta nossas ações e pensamento é metafórico, pois no discurso se estabelecem relações conceituais na

composição de muitas expressões. Assim, encontramos frases como *pagar o maior mico, ficar um arara, soltar os cachorros, bater boca, quebrar o galho, não ligar a mínima, não estar nem aí, não meter a mão em cumbuca, encher o saco, tirar o cavalo da chuva, encher lingüiça, dar com os burros n' água, conversa mole, botar pra quebrar, misturar alhos e bugalhos, estar telé da cuca, partir para a ignorância, vender seu peixe, ser o fim da picada, afogar o ganso, soltar a franga, dar conta do recado, tirar um sarro (português); cantar el manisero, armarse la de San Quintin, vender el cajetin, estar de película, buscarse un 20 de mayo, acabarse como la fiesta del Guatao, romperse el corajo, coger mangos bajitos, coger el rábano por las hojas, arrancar las tiras del pellejo, parquear una tiñosa, guindar el piojo, cortar el bacalao, tomar el pelo (espanhol)* que se incorporaram ao léxico de cada uma das línguas referidas cristalizando sua forma e significado.

Essas expressões são resultado da criação lingüística através de uma relação conceitual que nem sempre é percebida como metafórica, pois como reconhecem Lakoff & Johnson (1980) e Lakoff & Turner (1989) muitas vezes não se tem plena consciência desse sistema conceitual, isto é, agimos e pensamos mais ou menos automaticamente. Portanto, podemos dizer que a metáfora é uma questão conceitual, freqüentemente inconsciente e que a maior parte de nosso sistema conceitual está metaforicamente estruturado. Por exemplo, quando dizemos que alguém *partiu desta para melhor* estamos expressando, de uma forma metafórica, que alguém morreu, o que por sua vez nos faz acreditar que utilizando essa metáfora automaticamente estamos relacionando este fato com o conceito metafórico de que a morte é uma viagem, e que está perfeitamente estruturado na nossa mente.

As expressões idiomáticas oferecem dados fundamentais sobre a organização conceitual do mundo que nos rodeia. Elas inserem-se no cotidiano e enriquecem as relações que o sujeito estabelece com o mundo e com os outros. O falante as usa na sua experiência adquirida no dia-a-dia, dando mais expressividade à sua linguagem, integrando nos atos comunicativos o seu saber sobre os homens, o povo em geral e a sociedade. Ao exprimir esse saber, o locutor estabelece com o(s) interlocutor (es) um terreno comum, partilhado por ambos facilitando, deste modo, a comunicação.

A metáfora, na perspectiva de Lakoff e Johnson (1980), é o conceito base que organiza a representação da linguagem, mantendo interconexões entre os vários componentes dela e criando uma espécie de teia associativa. Também as expressões idiomáticas se organizariam numa espécie de teia, constituída pelas categorias pragmáticas, e que daria conta dos conceitos base subjacentes à organização do mundo idiomático. Existe, pois, um conjunto de metáforas que estrutura a nossa atividade quotidiana, a nossa maneira de pensar, de ver, de agir, isto é, todas as relações (interiores e exteriores ao próprio sujeito) que o sujeito estabelece com o fundamento social.

A essência da metáfora reside no seu valor ao mesmo tempo emotivo, descritivo e cognitivo: as relações que advêm das metáforas nos conduzem a modificar o nosso conhecimento do mundo operando uma modificação da nossa categorização da experiência. Essas relações têm um fundamento ontológico, nos revelam informações sobre a maneira como se estrutura o mundo, sobre nós e sobre as relações entre o mundo e nós, entre o microcosmo humano e o microcosmo que constitui o universo. Todas as relações geradas no interior da metáfora mostram que ela opera a nível de interações, aquelas que criam as relações entre as várias categorias que constroem a linguagem. Assim, as expressões idiomáticas requerem uma operação semelhante.

Tal como a metáfora, as Els procuram assegurar mais expressividade à linguagem e são elementos do discurso. É, pois, baseando-nos nas várias interações geradas pelas Els, nas suas múltiplas relações (relações de palavras e também relações de palavras com a experiência humana) que encontraremos elementos que nos permitam a construção de um sistema conceitual.

As Els encontraram o seu fundamento nas relações experienciais, nelas se elaboraram. A força destas frases advém da existência na sua construção de metáforas conceituais que operam sobre o visível, sobre o experiencial e de acordo com a capacidade contínua de recriação. Zanotto (1990) expõe que *a metáfora visa ser um fenómeno essencialmente discursivo, no qual o sujeito encontra o espaço de liberdade ao subverter as regras da língua para inscrever a sua subjetividade criativa*. Isto quer dizer, que elas aparecem num determinado contexto e, portanto trazem consigo marcas culturais.

De acordo com a teoria de Lakoff & Johnson a metáfora não é apenas uma figura da retórica ou linguagem poética, ela está impregnada na vida diária na língua, no pensamento e na ação. A metáfora lingüística nasce da metáfora conceitual que é gerada a partir das experiências do homem com seu próprio corpo com relação ao ambiente físico e cultural em que vive. Tal experiência pode ser manifestada na língua através das metáforas convencionais amplamente utilizadas na linguagem literal quotidiana, ou seja, são usadas automaticamente, não exigem esforço de interpretação e fazem parte do modo de pensar de uma comunidade lingüística (Lakoff & Turner, 1989: 55) o que Lakoff & Johnson chamam de **metáfora literal**. Por exemplo, falar de **tempo** em termos de **dinheiro** (*gastar tempo, ganhar tempo*) que, segundo os autores, acontece porque o homem percebe dessa forma e age de acordo com a forma que concebe.

Se Reddy (1979), Lakoff & Johnson (1980), Lakoff & Turner, (1985, 1986, 1987, 1993) procuraram fazer um estudo sobre a cognição metafórica analisando enunciados lingüísticos como evidência do sistema conceitual metafórico, os psicólogos cognitivistas buscaram outros caminhos que trazem

implicações interessantes para as pesquisas em Linguística Aplicada. A preocupação central destes últimos consiste na investigação empírica do processo de compreensão da metáfora como uma via para investigar a cognição metafórica. Isto permitirá o acesso aos processos cognitivos dos quais não temos consciência normalmente. Da mesma maneira que o poeta, o cientista também vai recorrer à metáfora para configurar um conceito novo ou estruturar um sistema conceitual.

Segundo Gibbs, por exemplo, a interpretação dos idiomatismos *spill the beans* e *let the cat out of the bag* está baseada na ativação dos modelos metafóricos *mind is a container* & *ideas are physical entities*. Para provar a realidade psicológica dos modelos metafóricos que atua como elo motivador entre a forma e o signo (componente do idiomatismo) e o seu atual significado (figurado) foram realizadas várias experiências utilizando metáforas.

Como resultado dessas experiências constatou-se que de acordo com tal concepção é impossível descrever algumas diferenças semânticas percebidas entre esses idiomatismos, aparentemente semelhantes por seu significado. Exemplos seriam as expressões idiomáticas *spill the beans* e *let the cat out of the bag*, que no caso seriam sinônimas? De acordo com o modelo de metáfora conceitual, a resposta a essa pergunta seria afirmativa, pois essas expressões podem ser parafraseadas como *to reveal a secret* e seus componentes metafóricos. Ao mesmo tempo *a cabeça é um recipiente*, ou seja, ela pode produzir algo sob o domínio da razão: é uma máquina que produz idéias e essas idéias são a substância física.

A metáfora deve identificar-se facilmente com o resto do sistema léxico e responder aos objetivos para o qual foi criada (para denominar, para acentuar a expressividade, etc.). Se isto fosse cumprido a própria comunidade se encarregaria de difundi-las.

Assim, a metaforização desempenha um papel importantíssimo na fraseologia, é a fonte mais propícia para o enriquecimento do caudal fraseológico de uma língua. Ufintseva (1977:74) falando sobre este assunto declara:

...A metaforização é uma forma de reiteração, sobre a base da semelhança ou a analogia, de traços existentes no plano conceitual num objeto designado e no significado da palavra reinterpretada...

Analisando este critério podemos acreditar que toda reinterpretação metafórica é o resultado da identificação de um objeto concreto **A (conceito superficial)** com um conceito **B (conceito profundo)**. Na combinação de palavras, cada um dos componentes perde a sua função nominativa própria

ganhando uma nova função nominativa, isto é, a relação com o objeto **A**, é adquirida pela combinação total, como expressão do conceito **B**, daí ocorrendo o que denominamos de **dessemantização**, a perda da função nominativa de uma combinação de palavras quando os componentes se metaforizam adquirindo um significado conjunto com as suas características semânticas e estruturais próprias. Por exemplo, a expressão *echar raíces*, características própria dos vegetais passa a denominar uma ação própria do ser humano que significa criar no lugar determinado motivos de permanência para ficar definitivamente; *dar frutos*, outra característica dos vegetais, passou a ampliar o seu uso em sentido metafórico, portanto, pode ser aplicada não só a fenômenos concretos mas também a fenômenos abstratos.

Para poder entender o papel da metáfora dentro das unidades fraseológicas seria preciso primeiro tentar agrupar os fraseologismos em: 1) fraseologismos cujo significado aparentemente não guarda relação com os significados dos componentes ou não é muito usual vê-los unidos numa combinação livre; 2) unidades fraseológicas constituídas por elementos com possibilidade de se associar em combinações livres.

No primeiro grupo temos as que se originam a partir da metaforização do significado integral da combinação como resultado de associações complexas; *chuparle el rabo a la jutía*; *coger una curda* (**espanhol**); *matar o bicho*, *encher a cara* (**português**) = embriagar-se, *jugar cabeça*, *tomar el pelo* (**espanhol**); *dar calote*, *passar a perna* (**português**) = enganar. É difícil entender o significado adquirido a partir da associação metafórica que deu lugar a esses fraseologismos, pois não existe uma relação semântica entre essas unidades fraseológicas e os componentes da combinação livre, dificultando nossas iniciativas em fazer conjecturas.

Outras unidades fraseológicas se formaram sobre a base da hipérbole de uma imagem dada, isto é, se exagera algo de tal maneira que perca a possibilidade de ser real. No entanto, não resulta difícil deduzir o significado, pois a hipérbole é transparente. Por exemplo, *poner el grito en el cielo* (**espanhol**) *meter a boca no mundo* (**português**) que significa manifestar, de maneira violenta, enfado e indignação por algo ou contra alguém.

Algumas vezes, as unidades fraseológico se formam sobre a base do traslado de uma ação ou processo de um tempo a outro, uma espécie de **metáfora espacial** onde os agentes não são os mesmos nem o fato se repete, só se traslada. Na maioria dos casos se perde o vestígio com o acontecimento que já passou e que, em certa medida, é relevante. Por exemplo, *haber moros en la costa* (**espanhol**) *haver mouros na costa*; *ter boi na linha* (**português**) que significa haver alguém espionando, inimigo desconhecido, intrigante, encoberto. A frase em espanhol é reminiscência dos antigos desembarques mouros nas costas do Sul da Europa, as freqüentes incursões deles nas costas do Mediterrâneo, pegando de surpresa e roubando tudo em seu caminho. Os

moradores do litoral preveniam aos outros do perigo gritando *tem mouro na costa*.

No segundo grupo, a unidade fraseológica tem o significado motivado pela existência de uma combinação livre semelhante (homônima). Por exemplo, *patas de galinha* (**espanhol**); *pé de galinha* (**português**), rugas que se formam ao redor dos olhos; *barril sin fondo*, *cuarto bate* (**espanhol**) pessoa que come sem saciar-se. A unidade fraseológica vai perdendo seu vínculo genético com a combinação livre como resultado do uso prolongado no sentido metafórico.

As *Els andar en patines*, *caerle comején al piano* (**português**) têm duas possibilidades de serem entendidas. No significado metafórico, a primeira frase quer dizer atuar rapidamente e a segunda significa piorar uma situação. Nessas expressões os sememas que caracterizariam os substantivos **comején** e **piano** como inseto e instrumento musical estão ausentes. Nos dois casos, a combinação livre homônima designa uma ação, processo ou estado, enquanto a unidade fraseológica funciona como característica abstrata de determinadas ações, propriedades, qualidades ou circunstâncias (Carneado, 1987).

Do mesmo modo, a *El perder los estribos* (**espanhol**), *perder as estribeiras* (**português**) possui certo sentido negativo que se corresponde, de certa forma, com o significado da combinação livre. Talvez uma análise histórico-etimológica poderia nos levar ao motivo da sua origem para podermos compreender o significado. Existem *Els* onde os componentes deixam transluzir algum detalhe para poder entender o que se pretende dizer, sobretudo, naquelas combinações que designam ações acompanhadas de determinados gestos e o resultado lógico dos mesmos. Por exemplo, *quitarse el sombrero* (**espanhol**), *tirar o chapéu* (**português**) que no sentido literal seria o gesto de saudação e no sentido figurado significa demonstrar admiração por alguém.

No caso da expressão *lavarse las manos* (**espanhol**), *lavar as mãos* (**português**) o gesto se arcaizou. Ela, metaforicamente, lembra a ação de Poncio Pilatos na era de Cristo e que, segundo Irribarren (1956) era costume da maioria dos povos antigos lavar as mãos na frente de todos para demonstrar a inocência de uma pessoa no crime, de uma culpa atribuída. Um outro costume que também hoje já não existe mais é pegar a luva quando o adversário a jogava no chão para, dessa forma, demonstrar que era aceito o desafio. Atualmente a expressão *guardar/recoger/colgar los guantes* (**espanhol**); *pendurar as chuteiras* (**português**) significa fazer um grande recesso ou desistir de uma determinada atividade que estamos realizando (em espanhol também significa ir embora).

Existem outras frases como, por exemplo, *sorprender fuera de base* (**espanhol**) *pegar com a boca na botija*, *com as calças na mão* (**português**); *tirar la toalla* (**espanhol**), *jogar a toalha* (**português**). No caso da primeira frase em espanhol não é difícil estabelecer qual o significado para os

aficionados ao beisebol. O equivalente em português da expressão *tirar la toalla* em espanhol é só equivalente no plano estrutural, pois o significado de essa expressão numa língua nada tem a ver com o significado da outra (*tirar la toalla* = intervir em favor de alguém; *jogar a toalha* = desistir de algo).

As expressões idiomáticas são sintagmas não-composicionais, oriundos de uma combinatória de palavras que, ao contrário de formarem uma unidade lexical, por mutação semântica formam uma unidade indissolúvel sendo que os elementos que a compõem não podem ser mais dissociados. Por outro lado, é importante assinalar que outras figuras de estilo além da metáfora podem ser expressas pelas expressões idiomáticas, como a metonímia (*esticar as canelas, ser um bom garfo*), a comparação (*enrugado como maracuja de gaveta, gorda como las ballenas*), etc., todas conotativas.

No quadro a seguir (Casseb Galvão, 1999) apresentaremos alguns pontos diferenciadores da atuação da metáfora e da metonímia:

DIFERENÇAS PRINCIPAIS ENTRE A ATUAÇÃO DA METÁFORA E DA METONÍMIA.

METÁFORA

Representa membros de um domínio semântico, especifica uma coisa usualmente mais complexa, em termos de outra no presente, no contexto opera através da analogia.

METONÍMIA

Indica, aponta significados que estão implícitos em Termos de outro. Especifica um significado em termos de outro que está presente, ainda que de forma não explícita, no contexto opera através da reanálise (no caso de lexicalização).

É muito comum encontrar Els que têm como base semântica uma parte do corpo humano. Os somatismos possuem toda a potencialidade necessária para criar imagens a partir das funções que cada uma das partes do corpo realiza e também aquelas que o homem no dado momento lhes atribuiu. Assim, a cabeça, o coração, as mãos, as pernas, os braços, os olhos, os pés, etc. podem aumentar metaforicamente a sua potencialidade expressiva. Sabe-se, por exemplo, que, durante milhares de anos, as mais diversas culturas (chineses, hebreus, egípcios) compartilhavam do mesmo o conceito de o **coração** ser a sede da inteligência. Em nossos dias, Andersen (1978) encontrou semelhança na hierarquização de termos de partes do corpo em 41 línguas diferentes, com atenção especial à forma e à localização espacial. Numa pesquisa realizada por Smith et al. (1981) sobre a linguagem figurada usada num período de 300 anos (entre 1675 e 1975), o corpo humano destacou-se com a maior fonte de metáforas. De fato, como apontamos anteriormente, a experiência do homem com o seu próprio corpo (Lakoff & Johnson, 1980) serve de base para grande parte do seu sistema conceitual,

gerando dessa forma, as metáforas relacionadas aos seus mais diversos aspectos, tais como forma, função, noção espacial, etc.

Conseqüentemente, uma parte do sistema conceitual se relaciona à orientação espacial do homem, onde noções como **em cima-embaixo; dentro-fora, frente-atrás, central-periférico, início-fim, etc.** estão baseadas na sua experiência física com o próprio corpo. Essas são as chamadas metáforas orientacionais de Lakoff & Johnson (1980: 14-17).

Assim, por exemplo as metáforas *a cabeça é uma unidade, a cabeça é uma extremidade* e *a cabeça é um ponto de referência* parecem ser essencialmente orientacionais. Outras metáforas sugerem outras correlações entre experiências do homem com o seu corpo, com outras entidades e com fatos históricos. A metáfora *a cabeça é uma coisa arredondada* está baseada na forma da cabeça, já *a cabeça* no sentido de liderança e *a cabeça* como um ponto de origem, são analogias com a função de **cabeça** como fonte do pensamento e coordenadora do corpo. Além disso, a **cabeça** é a sede do juízo, da vontade e, como extremidade superior do corpo, dirige, opõe-se aos membros inferiores. O homem pode *perder a cabeça* (deixar arrebatarse até a prática de ato impensado, não saber controlar-se; *assentar a cabeça* (tomar juízo, adquirir tranquilidade); *ter cabeça* (ser inteligente, talentoso, possuir tino); *tirar da cabeça* (fazer esquecer, dissuadir, fazer desistir); *levantar a cabeça* (melhorar de situação); *abaixar a cabeça* (submeter-se), se lidera se encontra **à cabeça**; *estar na cabeça*.

A **mão** também é um órgão de trabalho, de constante atividade de extensão do poder sobre os outros e constitui uma base semântica de inúmeras unidades. Por exemplo, *tender la mano (espanhol)*. Numa combinação livre o significado seria ajudar alguém a realizar uma ação física como **pular** sendo a combinação uma associação com uma ação concreta. No caso da expressão com sentido metafórico também o significado é ajudar, mas a ação perde o semema concreto inerente à ação física no seu sentido literal. Outro exemplo, *deixar na mão* significa faltar ao compromisso, negar auxílio; *estar nas mãos de alguém*, depender dessa pessoa, estar controlado por alguém, ou sob os cuidados de alguém; *meter a mão*, roubar; examinar, estudar; *molhar as mãos*, dar gorjeta, subornar. Às vezes, se produzem unidades fraseológicas substantivas, por exemplo, *mão de ferro* que significa autoridade firme e vigorosa; *mãos de fada, mãos de ouro, mão-solta/mão aberta, mão boba (português)*.

Da mesma forma, os **olhos** também serviram de maneira produtiva para a fraseologia somática, eles representam a percepção, o conhecimento, a luz, o olhar e finalmente a consciência moral. O choro representa algum sentimento seja negativo ou positivo. Assim, temos as expressões *abrir o olho*, que apela para ter cuidado para não ser enganado; *custar os olhos da cara*, ser demasiado caro; *não tirar os olhos*, não desviar a vista; *saltar aos olhos*, ser

evidente, explícito; *pôr no olho da rua*, despedir, expulsar; *ter olho clínico*, ser esperto para ver o que se busca em algo que não o demonstra à primeira vista. Em espanhol temos também o provérbio *el ojo del amo engorda al caballo* (trad. *o olho do dono engorda o gado (alimenta o cavalo)*). Isto quer dizer que cada pessoa deve cuidar dos seus bens e não deixar que outros o façam por ele, pois pode ter muito a perder.

Os **pés** também podem adquirir numa frase idiomática um caráter metafórico: *meter os pés pelas mãos* significa atrapalhar-se, confundir-se; *não ter pé nem cabeça* coisa disparatada, sem sentido; *dar pé*, ser viável; *bater o pé*, exigir, insistir; *ao pé da letra*, cabalmente, exatamente; *ser um pé rapado*, ser pobre (**português**); *meter la pata, no tener pie ni cabeza, dar pie* (**espanhol**). Existem alguns fraseologismos com a função substantiva, por exemplo, *pé de chumbo* (**português**), pessoa que anda lentamente ou pessoa que ao dirigir veículos o faz a alta velocidade; *pé de galinha*; rugas na pele ao redor dos olhos. Em espanhol as frases *meter el pié* quer dizer que alguém está tomando a iniciativa antes querendo à força impor as suas condições; *levantarse con el pié izquierdo*, (**espanhol**) dar-se mal logo no começo.

Os **braços** são menos utilizados dentro das Els se comparados com as outras partes do corpo; por exemplo, *estar con los brazos cruzados* (**espanhol**), *estar de braços cruzados* (**português**) não ocupar-se de nada ou de maneira insignificante. Pode significar também entrar em greve dependendo de como o falante entender e da relação do sujeito com a ação. Apesar de ser a continuação da mão, quando usado metafóricamente constitui um campo autônomo.

No caso da expressão *dar la espalda* (**espanhol**); *dar as costas* (**português**) não se metaforiza o sentido da combinação mas as deduções lógicas dela. Não é o fato de *dar la espalda* que serve como base da metaforização, se dá as costas porque não se quer permanecer diante de algo ou alguém, isto é, se despreza ou deixa de merecer atenção o que antes merecia ou tentava merecê-la; *voltar (virar) as costas*, significa fugir, mostrar descontentamento, desprezo.

A **língua** sempre foi relacionada com a sua função (a fala); *darle a la lengua/ a la sinhueta* (**espanhol**), falar demais, tagarelar; *dar com a língua nos dentes* (**português**), *irse de lengua* (**espanhol**) revelar um segredo, ser indiscreto, denunciar, contar tudo o que sabe; *afiar a língua*, falar mal de alguém.

A polissemia, segundo Budágov (1974) é resultado da intensificação histórica de diferentes significados numa mesma palavra. Vendryes (1943) entende por polissemia a *faculdade que têm as palavras de assumir significações variadas segundo os diferentes empregos em que estão sujeitas, e de se manterem, na língua, com essas significações*. O motivo é simples,

quanto maior seja a frequência de emprego de uma palavra em contextos diferentes, tanto maior é o risco de ser alterada a significação. Sem dúvidas, a polissemia é um universal semântico inerente à estrutura fundamental da linguagem, portanto, os fraseologismos também podem ter esta característica quando:

- a polissemia surge sobre a base de uma imagem que já existe numa combinação livre, por exemplo, *irse al garete* (**marinharia**) espanhol = diz-se da embarcação que fica sem rumo por conta do forte vento ou correnteza; *irse al garete* = frase metafórica que significa perder-se, desordenar-se, extraviar-se alguma coisa ou perder o rumo, orientação, governo ou cuidado;
- a polissemia aparece sobre a base do significado de outra unidade fraseológica. Por exemplo, *jugar la cabeza* em espanhol significa esconder-se de alguém, evitar um risco; *jugar la cabeza* = mover a cabeça para evitar um golpe, pancada.

Porém, a vida das palavras e frases depende muito de fatores externos da língua. A pressão cultural pode aceitar, manter, alterar ou repelir algumas expressões ou significados de palavras. Portanto, o elemento cultural tem um papel decisivo na construção e permanência do léxico, a criatividade ou a pobreza lexicais estão diretamente veiculadas ao fator cultural.

Voltando à questão da metaforização observamos que autores como Zhúkov (1978, 124) fazendo uma análise das unidades fraseológicas acreditam que os fraseologismos frequentemente se formam como resultado do processo de metaforização de uma combinação livre de palavras ou de uma acumulação léxica o que obstaculiza o desenvolvimento da polissemia.

O critério do autor parece muito categórico se levarmos em conta que, como ele próprio diz, a unidade fraseológica se forma a partir de uma combinação livre que foi metaforizada, portanto, a EI tem uma outra frase análoga que dá lugar ao que chamamos de polissemia só que elas não têm tanta mobilidade contextual, ou seja, estão mais privadas de manifestarem-se mais ou menos livremente gramatical e semanticamente como palavras, isso reprime um tanto o processo polissêmico.

Existem alguns índices lingüísticos da polissemia que poderíamos resumir a seguir:

- caráter da expressão do sujeito ou do complemento do ponto de vista animado (inanimado, concreto) abstrato. Por exemplo, se temos a frase *volar por los aires* (**espanhol**) quando combinado com um sujeito concreto (**casa, prédio**) significa destruição como consequência de um desastre,

UNICAMP

mas se a combinarmos com um sujeito abstrato (**planos, projetos, sonhos**) o significado seria sumir sem deixar rasto (vestígio);

- a frase espanhola *arrancar el soyate* significa numa primeira aceção chicotear (açoitar), castigar cruelmente. Esta frase também significa censurar, falar mal de alguém, o que a coloca como sinônima das frases *cortar leva ou cortar el traje, arrancar las tiras del pellejo*. Aqui percebemos que a sinonímia não afeta todos os significados mas só um deles, como vimos no exemplo mostrado acima.

Segundo Benveniste (1989) a polissemia é *a soma institucionalizada dos valores contextuais, aptos a se enriquecer e a desaparecer, em resumo, sem valor constante*.

Aceitamos parcialmente o critério do autor, pois na realidade existe, muitas vezes, uma variedade bastante grande de frases que expressam a mesma idéia e não necessariamente desaparecem por não ter um valor constante. Elas até podem se arcaizar depois de um tempo, mas isto é um processo normal como ocorre com as palavras quando aparecem novos termos que possam não só substituí-las como também enriquecer a própria língua.

É o contexto que dá à palavra ou El um sentido peculiar e as coloca numa situação onde adquire o seu verdadeiro valor, pois nos dicionários nem sempre encontramos todas as aceções e, quando existem, as definições dadas não são muito precisas.

No que se refere às unidades fraseológicas sinônimas existem vários pontos de vista. Zhúkov (1978), por exemplo, aponta que os sinônimos fraseológicos são aqueles que têm significado idêntico ou muito parecido, que se relacionam com uma mesma parte do discurso e, preferencialmente, apresentam uma combinabilidade sintática muito parecida, mas existe uma diferença nos matizes de significado, de estilo ou de ambos inclusive.

Cherdántseva (1977) considera que os sinônimos fraseológicos são os que têm uma forma interna comum também como alguns componentes que coincidem parcialmente. No entanto, achamos que o critério de Telia (1966) parece mais consistente. A autora define os sinônimos fraseológicos como unidades que diferenciando-se pela estrutura léxica mas tendo um significado categorial gramatical igual, são capazes de se intercambiarem numa série de construções sintáticas sem que por isso sejam violados nem o conteúdo semântico nem a forma (estrutura) da unidade. Por exemplo, *cortar el traje = arrancar la tira del pellejo* (**espanhol**) *cortar na casaca de alguém = cortar na pele de alguém* (**português**) que significa falar mal de uma pessoa onde **cortar** equivale censurar. Outro exemplo seria *quedarse para vestir santo = quedar para tia* (**espanhol**); *ficar para titia* (**português**), ou seja, não casar, ficar solteirona vendo os filhos dos irmãos crescerem.

Analisando os exemplos, concluímos que as EIs mencionadas acima não coincidem na forma, mas na função são análogas. Daí se pode deduzir que as EIs sejam compreensíveis em situações análogas. Assim, poderíamos definir os sinônimos fraseológicos como unidades que apresentam uma forma interna (imagem) e externa diferentes, mas ao mesmo tempo têm um significado comum e são utilizadas em situações análogas podendo até formar uma série sinonímica. Por exemplo, *sonar el cuero*; *menear (a alguien) el guarapo*; *encenderle (a alguien) la leva*; *arrimar (a alguien) el cuje*. (**espanhol**) que significa chicotear (açoitar); *pegar com a boca na botija*; *pegar de calças curtas* (**português**) que significa pegar em flagrante. Mas nem sempre ocorre este último caso, por isso não se considera uma característica intrínseca que se justifica pela: 1) peculiaridade do significado dessas unidades o seu intenso matiz emocional; 2) a unitipicidade gramatical dessas combinações como condição do seu caráter sinonímico, por exemplo, *borrar hasta la sombra*; *ni visto ni oído* (**espanhol**) que apesar de ter um significado parecido pertencem a diferentes categorias gramaticais.

Os provérbios praticamente não têm sinônimos o que explica o seu caráter individual, sendo o contrário no caso dos refrões onde os sinônimos são bem difundidos

Uma outra questão importante são as variantes fraseológicas, aquelas modificações que não violam o sentido da EI e correspondem à norma, ou seja, se modifica parcialmente a composição léxica sem violar o sentido geral. Por exemplo, *ahí hay gato encerrado*, *gato en jaba*; *hay algo por debajo del tapete* (**espanhol**); *aí tem coisa*; *debaixo desse angu tem carne*; *esse angu tem caroço* (**português**) que significa alguma causa, razão oculta ou secreta, manejos ocultos. Um outro exemplo seria *estar por cima da carne seca*, *estar com a bola toda* (**português**) que indica estar numa situação boa, gozando de prosperidade, estar altamente colocado.

Na tentativa de definir o que é fraseologia evidenciou-se que alguns autores não tiveram a intenção de iniciar a análise da verdadeira essência do fenômeno fraseológico. Apenas limitam-se a apontar algumas características dessas unidades, dentre elas a pluriverbalidade acrescentando que os fraseologismos constituem uma unidade funcional que forma parte do sistema da língua e apresentam uma estrutura complexa, composta por dois ou mais lexemas, por exemplo, *prometer mundos e fundos*; *viver à toa*; *tal pai tal filho*, etc.

Os especialistas da área abordaram essa tarefa de diferentes pontos de vista e segundo o próprio desenvolvimento e determinação do seu objeto de estudo, foram-se determinando tanto a delimitação da importância dos traços estruturais das unidades (que caracterizam seus princípios de organização), quanto os traços semânticos (que têm a ver com os princípios de significação).

Uma outra característica atribuída aos fraseologismos é a sua institucionalização. Isto quer dizer, que são expressões padronizadas, convencionalizadas, pois são o resultado da evolução de expressões que outrora foram novidade e que ao longo do tempo foram adquirindo uma estrutura sintático- semântica mais ou menos estável.

Uma outra questão a analisar é se o sentido de uma expressão reduzida é mais simples ou mais transparente do que uma expressão complexa (que é idiomática) o que talvez seria um preconceito (Rwet, 1983). O que é mais transparente e mais simples, por exemplo, *explorar ou tirar partido de, tirar vantagem de*? Em alguns casos existem indivíduos que passam sua vida sem conhecer a expressão monovocabular pois estão mais familiarizados com a expressão idiomática.

A frase *dar bolo em alguém* constitui uma unidade fraseológica que significa faltar a um encontro. É bem conhecido que do ponto de vista semântico, numa expressão idiomática o significado dos seus elementos constituintes não corresponde ao sentido geral do todo, ou seja, o sentido global do conjunto não é igual à soma das partes. Daí que **dar bolo**, em determinado contexto, não possa significar presentear alguém com um bolo no dia do seu aniversário, mas sim fazer feio não honrando um compromisso como, por exemplo, não comparecendo ao encontro marcado. A opacidade semântica da expressão constitui uma das características mais frequentemente mencionadas da fraseologia.

A seguir apresentaremos os aspectos principais que caracterizam as unidades fraseológicas, especificamente as expressões idiomáticas.

3.4. CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS: PLURIVERBALIDADE; SENTIDO FIGURADO E ESTABILIDADE (FIXAÇÃO).

As diferentes teorias que até hoje têm se desenvolvido ao redor das características fundamentais das unidades fraseológicas vem sofrendo modificações constantes na medida que aumentam as pesquisas nesta área. De maneira geral, temos comprovado que os fraseólogos só distinguem três características principais: pluriverbalidade, estabilidade e o sentido figurado. Do nosso ponto de vista, existem outras características importantes como são a expressividade, a combinabilidade, a convencionalidade, a idiomaticidade, a metaforicidade, a opacidade e a fixação. Sugerimos também introduzir o termo **estabilidade relativa**, pois, na verdade, queremos buscar evidências que demonstrem que nem todos os casos apresentam uma estabilidade absoluta. Esta será nossa base teórica para a análise que faremos no capítulo IV. Por outro lado, a questão da intradutibilidade que antes era considerada como um dos traços inerentes à unidade fraseológica foi descartada, pois nem sempre

cumprir-se essa condição. Uma outra característica que foi considerada numa determinada época como obrigatória era a suposta equivalência de um fraseologismo com uma palavra o que também nos parece que não acontece em todos os casos.

No capítulo IV teremos a oportunidade de tomar essas características para a análise do corpus de expressões idiomáticas levantadas para nossa pesquisa em termos dos seguintes critérios:

- *combinabilidade*
- *estabilidade relativa*
- *pluriverbalidade*
- *sentido figurado*
- *expressividade*
- *convencionalidade*
- *idiomaticidade*
- *metaforicidade*
- *opacidade*
- *fixação*

A . COMBINABILIDADE.

A combinabilidade consiste na possibilidade que têm os elementos lingüísticos de se combinar sendo que, às vezes, as palavras se associam sem que possamos entender a lógica de tal combinação, ou seja, não são transparentes, mas a associação foi tão natural que com o tempo consagrou-se pelo uso e passou a ser convencional. Em outros casos, existem combinações consagradas em que a co-ocorrência não é tão rigorosa, isto é, os elementos ocorrem também em outras associações.

B. ESTABILIDADE RELATIVA.

No caso da estabilidade nós estamos introduzindo o termo **relativa**, pois alguns pesquisadores tem sido bem categóricos falando desta característica quando afirmam que **todas** as unidades fraseológicas são estáveis do ponto de vista estrutural, questão que pode ser discutida, pois nem sempre as Els apresentam essa estabilidade rígida. Elas podem ser um tanto flexíveis assimilando a inserção de outros elementos sem que se altere o seu significado. Portanto, pensamos que o fato de aceitar que existe estabilidade sim, mas relativa, seria mais convincente. Para chegar a essa conclusão, nós analisaremos algumas expressões. Por exemplo, na expressão *lavarse las manos* (**espanhol**) *lavar as mãos* (**português**) constatamos que, no caso do português, pode ser usada a expressão *eu lavo as minhas mãos*, onde é

introduzido o pronome possessivo **minha** sem que isso altere em nada o sentido. Em espanhol, às vezes, é comum dizer *me lavo las manos como Poncio Pilatos* ou simplesmente *yo me lavo las manos*. Outros exemplos de inserção ou troca de elemento por um componente sinonímico seriam as frases: *não me importa un bledo/comino/pepino/carajo*; *se armó la de San Quintín/la rebambaramba/tremenda rebambaramba/ la que se formó*. Nesses exemplos foram substituídos alguns elementos por outros sem alteração do significado.

C. PLURIVERBALIDADE.

Toda expressão idiomática está formada por duas ou mais palavras, onde, em alguns casos, uma delas será a palavra chave ou plena (e portadora de significação lexical) e as restantes serão as auxiliares, ou seja, são sintagmas preposicionais mínimos e para os quais o sistema da língua não tem proposta de ampliação. Em outros, a expressão idiomática pode estar integrada por duas ou mais palavras plenas. Neste grupo, a partir de um elemento-núcleo (verbal ou nominal) por ampliação podem ser formados vários tipos de sintagmas prescritos pelo sistema da língua. O primeiro grupo seria classificado por Smirski (1956:212) como **uninuclear** realizando função adverbial ao se associar aos verbos cuja ação modifica ou complementa. Por exemplo, *querer conhecer ao pé da letra (português)*, *al dedillo, al pié de la letra (espanhol)* = detalhadamente; *de película (espanhol)* = ser/ estar insoportável, horrível, irresistível referindo-se a uma pessoa ou situação determinada.

Casares (1950) apontava que existe um abundante número de fraseologismos deste tipo na língua castelhana, pois esta língua carece de advérbios. Nós não concordamos plenamente com o critério de Casares sendo que a falta de um número considerável de advérbios não justifica de maneira alguma o fato de a existência de tantos fraseologismos uninucleares. Eles aparecem porque o povo os cria, como poderia ter criado um número maior de advérbios. Este tipo de fraseologismo, em muitas ocasiões, não encontra um equivalente no sistema da língua, portanto, o seu uso seria obrigatório em todos os estilos e como consequência a expressividade já não será a mesma passando a formar parte de um estilo neutro, por exemplo, *a raiz de, a la corta y a la larga (espanhol)*.

O segundo grupo chamado de **binuclear ou multinuclear** onde a EI está integrada por duas ou mais palavras plenas, como já apontamos acima, podem apresentar diversas estruturas. As nominais estão constituídas por um substantivo + um adjetivo *mosquita muerta*; *gallo tapado*; *diente de perro (espanhol)*; *angu de carço*; *amigo da onça*; *água morna*; *bicho de sete cabeças*; *braço direito*; *boca de sirí (português)*, *ser harina de otro costal*

(**espanhol**); *ser farinha do mesmo saco* (**português**); *estar en la tea*; *estar con una mano alante y otra atrás* (**espanhol**) são expressões idiomáticas multinucleares verbais que poderiam ser confundidas com as nominais, pois os verbos **ser e estar** dão uma certa insegurança devido ao seu grau de dependência e não podem ser substituídos por outro verbo nem tirados da frase, pois perderia o significado a expressão.

Em outros casos, por exemplo, *como água para chocolate*; *com a corda toda*; *com a corda no pescoço*; *com o pé na cova* a expressão idiomática independe de tal forma que não precisa ser colocada dentro da estrutura da frase e nem por isso vai perder o seu significado. Temos constatado através da nossa análise que as expressões idiomáticas multinucleares são muito difundidas tanto na língua espanhola quanto na língua portuguesa.

As expressões idiomáticas verbais podem adotar diferentes estruturas devido a que o verbo, sendo o elemento principal da combinação pode se unir a um substantivo, a um adjetivo, etc. Por exemplo:

virar bicho= exaltar-se, enfurecer-se (**português**) *hecho una fiera* (**espanhol**).(**V + S**)

(**Pron. + verbo + prep. + subst.**) *quedarse para vestir santo* (**espanhol**)

botar em pratos limpos (**português**)= esclarecer assunto enredado, onde há intriga;

botar a boca no trombone (**português**)= fazer alarde, divulgar.

levar a breca = entrar pelo cano; (**português**);

mantener a raya (**espanhol**) (**V + Prep. + Subst.**)

llevar la voz cantante (**espanhol**) = liderar;

pôr as barbas molho (**português**)= ficar de sobreaviso, perceber-se

precaver-se, prevenir-se. (**V + artigo + subst. + adj.**)

cargar con la mas fea = adquirir o pior (**espanhol**);

estar com os dias contados; *estar passando por um mal pedaço* (**português**).

(**V + prep. + artigo. + advérbio + adj. + etc.**)

D. SENTIDO FIGURADO.

A linguagem figurada é o resultado do uso de palavras e frases num sentido mais afastado do seu significado fundamental, onde as palavras envolvidas assumem conotações especiais refletindo a afetividade e a intencionalidade daquele que fala.

As expressões compostas de sentido indivisível podem-se considerar como fraseologismos sempre que cumprir os três requisitos já mencionados, entre eles o sentido figurado. As expressões idiomáticas salvo algumas exceções se constroem segundo o modelo das combinações livres onde os componentes são semanticamente reinterpretados dentro dos limites do fraseologismo. Aqui a metáfora constitui o fator semântico por excelência que atua no processo de formação destas unidades.

Cherdántseva (1977) apontava:

...Independentemente do tipo, qualquer unidade fraseológica se caracteriza pelo fato de que o novo sentido que surgiu como resultado da interação dos componentes de uma combinação está baseado numa imagem originada pela reapreciação de um dos elementos ou como resultado de sua interação... (pág. 6).

Porém, muitas vezes é difícil estabelecer a partir de que parâmetros ou elementos se criaram essas imagens. Em espanhol, por exemplo, a **El dar la hora** está associada às boas qualidades de um objeto ou pessoa. Na verdade, não está claro porque tal combinação adquiriu esse significado. Teríamos de recorrer a uma análise etimológica para conhecer o processo semântico que levou a essa reinterpretação o que nem sempre dá bom resultado, pois, às vezes, não fica registrado o fato que originou a unidade, resultando que, ao interpretá-las predomina mais a subjetividade. A imagem que deu origem à metaforização se perdeu na consciência lingüística coletiva do povo talvez por razões diversas e só se manteve a leitura metafórica.

Alguns autores, sobretudo na área da Psicolingüística, interessam-se pela problemática do sentido literal e do sentido figurado. Os últimos resultados apontam para o modelo de processamento idiomático (Gibbs, 1980), isto é, o sentido figurado seria processado em primeiro lugar e o sentido literal seria de importância mínima na compreensão idiomática. O processamento das expressões idiomáticas não passa pelo processamento de um conjunto de palavras individuais (as palavras que constituem a expressão idiomática) mas a expressão idiomática é processada como uma palavra individual.

O sentido figurado incide no grau de lexicalização e nos tipos de combinações dos elementos constituintes. A existência ou inexistência do

sentido literal depende do tipo de relações sintáticas entre os constituintes e do universo referencial representado pela combinação dos elementos constituintes.

Quando a expressão idiomática permite a existência do sentido literal, a expressão perde a sua autonomia e tem o mesmo comportamento das estruturas não idiomáticas. Mas para que isso possa acontecer, é necessário que a expressão idiomática obedeça às regras sintáticas das estruturas não idiomáticas e que os valores semânticos dos constituintes correspondam à representação do mundo real, por exemplo *abrir o olho*, *lavar as minhas mãos*, *cair no anzol*, *dar uma mão*, etc. A inexistência do sentido literal pressupõe que a expressão se afaste da estrutura da língua, subvertendo a construção sintática e a combinação semântica dos constituintes.

Observemos os seguintes exemplos: *abrir os olhos*, *cair na rede*, *lavar as minhas mãos*, *estar de braços cruzados*, *soltar os cachorros*, *ter costas largas*, *fazer a cama*, *atizar o fogo*, *vender o peixe* (**português**); *cantar el manisero*, *quemar las pestañas*, *saber qual es la horma de su zapato*, *caer en el anzuelo*, *coger fuera de base*, *dar en bandeja* (**espanhol**).

Este conjunto de expressões idiomáticas permite a existência de um duplo sentido: sentido literal e sentido figurado. Para ativar o sentido literal seria necessário usá-las num dado contexto comunicativo.

Como já dissemos, a relevância do sentido figurado deve-se ao processo de lexicalização, por sua vez decorrente do tipo de combinações sintáticas estabelecidas entre as partes constituintes da expressão. Uma alteração das regras combinatórias que organizam a expressão pode destruir o seu sentido idiomático (vide Fraser 1970, Vietri, 1985). No entanto, algumas substituições paradigmáticas são possíveis, mantendo a idiomaticidade da expressão, isto é, sem modificação do grau de lexicalização já existente na expressão idiomática. Essas substituições são, sobretudo, de ordem verbal o que não quer dizer que em muitos casos seja também uma substituição do substantivo.

Quando uma expressão idiomática pode ser usada com o sentido literal, esse sentido literal é só esse, não permite uma redução da construção aos índices naturais. Nos exemplos *Maria enganou o estômago* não se estabelecem relações de proporcionalidade com *Ela enganou-o*. Uma expressão idiomática utilizada com o seu sentido literal permiti-lo-ia. Por exemplo, *o João abriu os olhos de Maria* (com os dedos) e *O João abriu-os*. Aqui sim se estabelecem entre si uma relação de proporcionalidade.

Um critério bastante difundido entre os fraseólogos é considerar o sentido figurado (quaisquer figura tropológica: metáfora, metonímia, sinecdoque, etc.) como único fator semântico fraseologizador. No entanto, o especialista Nazarian (1976) considera que a significação semântica dos

fraseologismos está baseada na totalidade das particularidades da estrutura semântica que caracteriza este tipo de unidade como um signo lingüístico especial e qualitativamente diferente aos outros. O autor apresenta como índices de fraseologização além da reinterpretação metafórica, o arcaísmo, a elipse, o enfraquecimento léxico e a reinterpretação não metafórica. O arcaísmo, diríamos, mostra sinteticamente as relações da língua com a sua história no plano lexical, sintático e semântico.

E. EXPRESSIVIDADE.

A expressividade é uma importante qualidade da linguagem em geral e da língua falada em particular. Liga-se à capacidade de os falantes – seus produtores- manifestarem suas emoções e de despertarem nos parceiros análogos sentimentos. Corresponde às funções que, na visão de Bally e de tantos outros, retomada por Mattoso Câmara, são objeto da estilística. Termos como afetividade, emotividade, sensibilidade, subjetividade estão ligados à expressividade, concordando com Bally (1961:117) que assevera que *será expressivo todo fato da linguagem associado à emoção*. Sendo inerente à fala natural, a expressividade reforça a função representativa. Carreada na linguagem, ela utiliza-se de um verdadeiro equipamento expressivo, muitas vezes, socialmente padronizado. Os materiais utilizados na língua falada possuem potencialidade expressiva e conforme a sua natureza podem ser classificados da seguinte forma:



Para Bally (1961) a expressividade tem um condicionamento psíquico e social e constitui um campo de estudo da estilística. Evidentemente, o fato de as unidades fraseológicas terem um duplo plano de significado como resultado da união de várias palavras e das significações explícitas ou implícitas dos lexemas que formam parte da composição delas cria um interesse especial para a estilística, pelas condições semânticas particulares delas e essencialmente pela expressividade.

A fonte da expressividade dos fraseologismos em geral é resultado da união de três componentes que estão inseridos na semântica dessas unidades e que mostraremos a seguir:

- **o componente denotativo**, isto é, a estrutura léxico-gramatical da unidade cuja leitura direta serve como base para a criação da imagem. Em momento algum deve ser subestimado o valor expressivo inerente aos lexemas que compõem a unidade fraseológica;
- **o componente conotativo** que surge a partir da imagem que se forma como resultado do processo de abstração da realidade com a leitura direta da unidade;
- **o componente valorativo**, ou seja, a relação do falante com o que ele próprio diz e que pode ser expressa através de várias modalidades.

Segundo Bally (1961), na expressão por imagens o sujeito pensante revela o que observa da natureza que o rodeia e o que o seu cérebro não pode apresentar-lhe como forma de abstração pura. Neste sentido, Carneado (1985) afirma:

...Para o significado dos fraseologismos que realizam função predicativa é característico o reflexo do mundo na base do conhecimento elaborado a partir da informação tomada da realidade: o homem cria o seu próprio quadro utilizando os signos lingüísticos...

Sem dúvidas, o homem, a partir da informação denotada pela unidade fraseológica, e através do processo de abstração, pode conotar e valorar a sua relação com o mundo físico. É importante salientar que as Els são um meio expressivo por excelência devido a sua natureza essencialmente metafórica. Porém, não devemos esquecer que o valor estilístico-funcional das unidades fraseológicas está dado pela relação existente entre os valores expressivos delas e os do contexto onde elas se inserem e na dinâmica de ambos que dá a resultante expressiva final.

Portanto, o enunciado idiomático assume valores diversos:

- **assertivo;**

Por exemplo, *dar conta do recado* (Que inteligente que ele é, sabe muito bem *dar conta do recado*), ou seja, uma simples constatação, dando um novo colorido à expressão do que poderia ser: *ser suficientemente capaz de fazer alguma coisa não deixando dúvidas ao interlocutor de que possui qualidades para desempenhar qualquer tarefa*.

- **enfático;**

Por exemplo, Pode ter certeza que ainda lhe *quebro a cara*, (reforçando o que se deseja enfatizar, no caso, *dar uma surra*).

- **eufemístico**

Por exemplo, Nada a fazer, apenas *por panos quentes* (suavizando o que talvez chocasse: contemporizar ou apresentar medidas com as quais se procura adiar uma solução definitiva).

- **irônico**

Por exemplo, E aí, vai continuar *dando milho aos bodes*? Sugere com sutileza o que não se ousa criticar diretamente: investir inutilmente em algo ou em alguém.



É por isso que atualmente existe um consenso maior que nos leva a acreditar que a melhor forma de ensinar uma língua é a de ensinar as suas variações (gíria, expressões idiomáticas, provérbios, refrões, etc.) porque todas cumprem algum papel na interação dos falantes nas diferentes situações em que se envolvem, pois até os falantes mais cultos utilizam no dia-a-dia essa linguagem informal (em contextos determinados) que, sem dúvidas, faz parte de nosso saber lingüístico.

Se percorrermos os jornais e revistas com as suas seções de assuntos populares (esporte, política, sociedade, economia) encontraremos um elenco suficiente de expressões idiomáticas de uso bastante comum e que já foram

incorporadas ao vocabulário popular, perderam a marca de linguagem de um grupo para se tornar expressões convencionais cristalizadas pelo uso. As pessoas as utilizam e nem se dão conta, às vezes, de que se trata de expressões idiomáticas. É lógico que quando desatualizadas, tornam-se obsoletas, portanto, é preciso ficar atento ao uso lingüístico da comunidade. Por exemplo, expressões do tipo *quebrar o maior pau*, *pintar um clima*, *dar uma bronca*, *virar pizza* (**português**); *parquear una tiñosa*, *hacerle un numero ocho a alguien*, *cuadrar la caja*, *hacerle a alguien la vida un yogurt* (**espanhol**) apareceram recentemente nos meios de comunicação de massa e segundo o contexto poderemos observar o seu conteúdo expressivo o que demonstra a necessidade de seu uso na comunicação diária.

F. CONVENCIONALIDADE.

A noção de convencionalidade abrange tudo aquilo que é tacitamente aceito, por uso ou geral consentimento, como norma de proceder, de agir, de convívio social; costume; convenção social (Buarque de Holanda, 1986). Quando a convenção passa para o nível de significado estamos entrando na área de idiomatidade, e estaremos analisando se a expressão é idiomática ou não (neste sentido estamos falando de expressões transparentes e opacas, ou seja, se o significado da expressão corresponde ou não a somatória de cada um dos seus componentes). Porém, as expressões idiomáticas podem ser convencionais mais não necessariamente todas aquelas que fossem convencionais seriam idiomáticas. Por exemplo, a expressão *prazer em conhecê-lo* (é fática no sentido de não precisar querer dizer aquilo que diz) é convencional mas não é idiomática pois o sentido dela é transparente. Pelo contrário, as expressões *conhecer pela pinta*, *sair de fininho* (**português**) são idiomáticas e convencionais.

Um outro momento importante da convencionalidade são os níveis onde ela pode ocorrer: o sintático; o semântico; o pragmático. Dentro do nível sintático podemos incluir a combinabilidade, a ordem e a gramaticalidade (Tagnin, 1989). Segundo a autora a ordem dos elementos, por exemplo, pode ser resultado da própria convenção como seria o caso de *prometer mundos e fundos* e não ***prometer fundos e mundos***; *a torto e direito* (**português**) e não ***a direito e a torto***). No caso da gramaticalidade temos as expressões que desafiando quaisquer explicação gramatical, tornaram-se consagradas pelo uso, pois foram aceitas por falantes de todo tipo de nível sócio-cultural.

Com relação ao nível semântico, a convencionalidade aparece na relação não motivada entre a expressão e o seu significado *bater as botas*, *esticar o pernil* = ***morrer***; *passar um sabão*; *esquentar a cuca*. O significado de uma imagem também pode ser convencionalizado, por exemplo, *levantar os ânimos*, *estar na fossa* (**português**).

Já o nível pragmático exige dois aspectos: a situação, que depende de um certo comportamento social onde se escolhe a expressão a ser utilizada, segundo a ocasião. O seguinte quadro (Tagnin, 1989) pode resumir os níveis de convencionalidade.



A idiomaticidade está intimamente ligada à convencionalidade, mas esse termo ainda suscita certa confusão. O critério de idiomaticidade muitas vezes não é válido para todas as unidades fraseológicas. Por idiomaticidade entendemos o significado global da expressão idiomática, ou seja, a microestrutura semântica dos signos lingüísticos da frase o qual não é idêntico ao sentido, à macroestrutura semântica sintagmática de uma combinação livre onde cada elemento tem um sentido por separado.

Vários estudiosos já propuseram definições para esse termo. Hockett (1958); Katz & Postal (1963); Glaser (1988); Wotjak, (1984), dentre outros ofereceram contribuições, mas, de uma forma ou de outra, todos concordam que a idiomaticidade está relacionada à não transparência do sentido, à sua opacidade ou arbitrariedade. Salientamos a seguir algumas características:

- **lexicalmente**, as expressões idiomáticas são expressões complexas (Weinreich 1969; Fraser, 1970; Roda, 1993 etc.) compostas por mais de uma palavra (Makkai, 1972; Wotjak, 1984);
- **sintaticamente**, seu comportamento pode ser anômalo, o que em termos gerativos, significa que não são passíveis de todas as transformações (Chafe 1968, Ross, 1970, Newmeyer 1972, 1974; Fraser, 1970, Ross & Fraser, 1978, etc.);

- **semanticamente**, não é possível deduzir seu significado a partir da sua estrutura (Hockett 1958) ou do significado de seus componentes (Makkai, 1972; Chafe, 1968; Katz 1972, etc.) seu significado é equivalente ao significado de um único item lexical (Chafe, 1968). As unidades de que se compõem são polissêmicas e o significado da expressão deriva de uma seleção contextual recíproca de sub-significados (Weinreich, 1969). Devido a seu sentido não composicional, podem ser decodificadas erroneamente por um ouvinte desinformado (Makkai, 1972), ou nos termos de Fillmore (1979), por um falante ingênuo.

Conforme podemos observar no âmbito da idiomaticidade em nível semântico o significado da expressão é convencionalizado, de forma que se insere na convencionalidade como um todo. Assim, a idiomaticidade é uma parte da convencionalidade o que vale dizer que toda expressão idiomática é também convencional, mas nem toda expressão convencional é necessariamente idiomática. Isso porque nas combinações convencionais o significado, às vezes, é literal: *tomar uma decisão; tirar férias, prestar atenção, tomar medidas*, etc, não apresentam qualquer problema de decodificação. Se procurarmos o significado dessas palavras, individualmente, num dicionário, com certeza compreenderemos o significado da expressão como um todo. O mesmo não ocorre com *esticar as canelas, pagar o pato, dizer cobras e lagartos, bater papo*, etc. (**português**); *quemar el tenis, estar en el pico de la piragua, tirar un cabo, hacerle a alguien la vida un yogurt, aguantar carretas y carretones, donde la mula tumbó a Genaro*, etc, (**espanhol**) cujo significado, provavelmente, só seria encontrado num dicionário específico de fraseologia.

Na medida em que a noção de convencionalidade está ligada à de fluência numa determinada língua, fica clara a sua relevância tanto no âmbito da compreensão quanto na produção de textos, falados ou escritos.

No entanto, podemos dizer que uma expressão foi convencionalizada a partir do momento em que passou a ter um significado distinto do significado de seus constituintes (*pagar o pato* = sofrer as consequências; *afiar a língua* = falar mal de alguém; *tirar o cavalo da chuva* = perder as esperanças. Apesar de terem estruturas sintáticas diversas todos os exemplos acima mencionados são semanticamente convencionalizados, pois os seus significados não resultam da somatória dos significados dos elementos, portanto, são idiomáticos. Isto quer dizer também que uma expressão pode ser uma convenção em um nível sem que por isso seja em outro (*pagar o pato* é uma convenção semântica).

G. METAFORICIDADE

Já anteriormente descrevemos o papel tão importante da metáfora na formação das expressões idiomáticas. A análise dos processos de

metaforização nestas unidades fraseológicas (EIs) contribui para que seja reconhecido o seu valor lingüístico, pois tais processos não são exclusivos de um tipo de construção fraseológica. O valor genérico da EI está intimamente ligado à sua definição, isto é, um signo polilexical com um valor semântico próprio, que não corresponde aos traços semânticos dos seus constituintes considerados individualmente.

A idiomaticidade pode existir em maior ou menor escala numa expressão. Assim, seriam menos idiomáticas as expressões em que apenas um ou alguns de seus elementos são idiomáticos, por exemplo, as expressões metafóricas cuja imagem seja de fácil codificação. Totalmente idiomáticas seriam aquelas em que nenhum de seus constituintes contribui com seu significado para o significado total da expressão (Tagnin, 1989). Exemplifiquemos, pois, essa escala a seguir, comparando expressões do português com expressões do espanhol.

Espanhol	Português	Grau
<i>tener el sartén por el mango</i>	<i>ter o queijo e a faca na mão</i>	total
<i>tener /llevar la batuta</i>	"....."	
<i>perder los estribos</i>	<i>perder as estribeiras</i>	total
<i>estar en un callejón sin salida</i>	<i>estar num beco sem saída</i>	total
<i>estar entre la espada y la pared</i>	<i>estar entre a cruz e a parede</i>	total
<i>poner leña en el fuego</i>	<i>deitar lenha na fogueira</i>	total

As expressões metafóricas apresentadas acima podem ser compreendidas pelo leitor desde que ele conheça a imagem aludida. No caso das línguas analisadas é fácil adivinhar o significado, pois existe um equivalente bem próximo na língua de chegada. A expressão *ter a bola a seus pés* será entendida se o leitor estiver familiarizado com o futebol, sendo o significado ter o controle da situação.

Wotjak (1985:215) resume a idiomaticidade como o sentido unitário, metafórico, hermético ou mais ou menos opaco, que não pode deduzir-se do significado dos componentes da unidade fraseológica.

H. OPACIDADE.

A opacidade está também ligada à idiomaticidade. Quando dizemos que uma expressão é idiomática é porque tem uma mínima transparência, ao contrário das combinações livres. A idiomaticidade, ou seja, o fato de ter um significado compacto de toda a unidade em conjunto com um sentido metafórico fazem com que a opacidade da expressão aumente e só o seu caráter convencional possa ajudar na compreensão delas. Por exemplo, *apitar na curva*; *soltar os cachorros*, *escorregar na maionese (português)*, *parquear una tiñosa*, *chiflar el mono*, *paticas pa'que te quiero (espanhol)*.

I. FIXAÇÃO

O assunto da fixação fraseológica com muita frequência questionou-se entre os estudiosos mais lúcidos. Por exemplo, Lapesa (1981: 227) diz que as locuções não são frases feitas, pois elas sofrem uma constante transformação. Mieder (1994) afirma que *as pesquisas recentes mostram de uma maneira cada vez mais evidente que os provérbios variam com relativa frequência, por diversas razões. Nem sempre citamos o provérbio de forma completa, pois, muitas vezes, uma simples alusão a ele é suficiente para comunicar a sua mensagem com eficácia... o fato essencial aqui é o que foi dito sobre a forma fixa dos provérbios não é mais uma certeza sacrossanta como pode ter sido alguma vez. Os provérbios não estão absolutamente fixados ou cristalizados, senão que, na realidade mudam e se transformam de acordo com as diferentes situações e propósitos com que são enunciados.*

Esses critérios e outros da mesma índole parecem razoáveis e evidentes, e apoiam-se em fatos inegáveis de acordo com traços universais da linguagem humana: a historicidade, as mudanças, os câmbios e a criatividade. No entanto, nós consideramos que eles devem se situar numa perspectiva adequada, precisa-los e até contradizê-los. Não há dúvida, que a fixação constitui um dos traços fundamentais das unidades fraseológicas. Embora elas possam sofrer alguma variação, alteração, mudança, elas não existiriam sem uma fixação. Além disso, mesmo mudando ou alterando algum elemento, o significado não muda. Por outro lado, lembremos do seu status de construção plural (quase sempre plurilexemáticas), já feitas e fixadas, prévias ao discurso que as emprega e que, certamente, poderá alterá-las. Para um falante nativo as unidades fraseológicas são aprendidas e usadas como um todo, sem desmembramento. Ele as reproduz sem analisá-las, pois para ele funcionam em bloco, precisamente como unidades. Nisso, consiste a fixação fraseológica.

As unidades fraseológicas funcionam na fala e na escrita como construções fixas, inclusive no nível inconsciente dos mecanismos psicolinguísticos. As relações entre reprodução, automatismos linguísticos e

fraseologismos foram indicados por Buhofer (vide Burger et. al. 1982) A pesquisadora enfatiza que as UFs são automatismos lingüísticos. Aqui é bom lembrar que em alguns relatórios sobre tratamentos de afásicos existem provas da fixação fraseológica: em certos pacientes afásicos, as UFs conservam-se muito bem. Um falante que por alguma lesão no cérebro perdera a capacidade de construir e entender combinações livres como; *eso no nos concierne a nosotros, el sol brotó en el trigal el sol brotó en el trigal (espanhol)*; *não me interessam as conseqüências, a noite vestiu seu manto negro, (português)* mas, mesmo assim, ele poderá entender e usar uma expressão do tipo: *ser harina de otro costal; não estou nem aí.*

Daí, podemos deduzir que o afásico que perdera só a capacidade de combinação ou análise sintagmática e/ou a capacidade de compreensão da linguagem figurada, e/ou pode entender e usar as unidades fraseológicas que aparecem citadas acima (*ser harina de otro costal*). Isso pode se explicar graças a fixação destas expressões como unidades do seu acervo lingüístico anterior ao trauma e que não requerem, para serem usadas, ser construídas de novo. Outros testes fraseológicos com afásicos revelaram resultados surpreendentes. Por exemplo, para estabelecer e normalizar relações perturbadas com determinados vocábulos se apresentaram ao paciente unidades fraseológicas que continham esses vocábulos, omitindo-os. Digamos que um paciente esqueceu palavras do tipo *ventana (janela)*, *pedra (pedra)*, *pájaro (pássaro)*. Para ajuda-lo a reencontrá-las foram a ele apresentados os seguintes fraseologismos recortados;

Tirar la casa por la (ventana)

Matar dos (pajaros)

Mas vale (pajaro) en mano que ciento volando

Quien esté libre de pecado que tire la primera (piedra)

O paciente preenche a lacuna automaticamente. Isto é provocado pela fixação e, é claro, pela automatização. Segundo alguns pesquisadores, com esses testes fraseológicos se obtiveram melhores resultados do que com outros baseados em associações fonéticas e semânticas.

Dessa forma, podemos resumir, de acordo com nossa posição, no seguinte quadro, as características principais das expressões idiomáticas :



3.5. O NÍVEL SEMÂNTICO E O NÍVEL PRAGMÁTICO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Se a análise formal das expressões idiomáticas é uma operação plenamente imprescindível, pois mostra o caráter do significado não composicional dessas unidades e permite também conhecer a sua estrutura interna, a análise semântica visa fornecer subsídios que facilitem a sua identificação como combinações estáveis cristalizadas pelo uso e com um significado metafórico dado pelo sentido global adquirido.

O estudo da semântica antes e mesmo na etapa estruturalista era predominantemente diacrônico, sendo que os gramáticos se preocupavam só com as mudanças no significado das palavras isoladas, além de considerar o léxico como uma lista de itens não estruturados. No caso dos gramáticos gerativo-transformacionais, concebiam o léxico como uma parte da gramática, portanto, a atenção ao significado das palavras e sentenças restringia-se a determinar se a sequência gerada era ou não gramatical.

Nida (1975) e Lehrer (1977) apontam que numa análise semântica se devem mostrar, além das relações entre todos os sentidos de um único item lexical (como os dicionários comumente fazem) as relações de sentidos afins de diferentes itens lexicais. Por exemplo, **ferver, cozinhar, fritar, assar, grelhar, cozer em banho de maria** termos relativos à cozinha, ou no caso dos adjetivos **vermelho, branco, preto, amarelo**, etc., que correspondem ao campo cores. A análise que leva a agrupar esses itens pelo que eles possam apresentar em comum no significado é desenvolvida pela teoria dos campos semânticos, tópico a ser abordado também neste capítulo da tese.

Seguindo o intuito de Lehrer, que aliás considera os idiomatismos como unidades problemáticas, verifica-se que segundo a sua proposta somente as palavras básicas num campo poderiam determinar um conjunto de parâmetros semânticos para aquele campo, sendo que as palavras periféricas não. Considerando também o critério adotado pela autora de que as palavras básicas deveriam ser monolexêmicas, os idiomatismos, portanto, seriam não

básicos por definição. Assim, se tentarmos estudar as relações semânticas que se estabelecem entre as unidades fraseológicas (neste caso as expressões idiomáticas), em função do sentido de itens lexicais (monolexêmicos) que ocorrem neles não estaríamos sujeitos a essa restrição da autora com relação aos idiomatismos.

Uma outra observação da autora citada é que ao se permitirem idiomatismos em um domínio lexical, teríamos de lidar com um grande número de frases ou estabelecer um grande número de restrições **ad hoc**. Na verdade, Lehrer tem razão em relação com que se teria que tratar com um grande número de idiomatismos, inclusive porque podem ser criadas um sem número de sentenças novas a partir de uma forma sintática básica, por exemplo *a vaca foi para o brejo*, que aparecem em contextos do tipo:

... não foram poucos os que vaticinaram que em breve o Brasil iria mais uma vez se curvar e pular e saracotear diante do mundo. Mas ao que tudo indica a vaca foi pra o brejo...

Essa expressão idiomática pode ser usada em qualquer contexto tanto no original quanto modificando-a.

Por exemplo: *Com a alta do dólar a economia do país está indo para o brejo.*

Minha ilusão de passar no vestibular foi pro o brejo.

A produtividade dos componentes de algumas expressões idiomáticas faz com que elas autorizem uma permuta lexical sempre que o substantivo concreto seja substituído por um abstrato, como os exemplos mostrados acima. Mas é importante lembrar que nessas expressões que constituem o núcleo, o pivô, responsável por sua leitura idiomática e mesmo substituindo alguns substantivos mantendo-se o pivô (a zona congelada ou cristalizada da expressão), o sentido idiomático não se altera.

Por outro lado, Lehrer faz também a objeção enquanto aos idiomatismos no sentido de que o objetivo da descrição lingüística é descrever e explicar os processos produtivos da linguagem. Portanto, a autora ignora essas unidades no estudo dos campos lexicais, pois os idiomatismos são considerados, às vezes, como produtivos e em outros casos de produtividade limitada.

Este ponto de vista concorda com a visão unilateral de vários lingüistas que só consideram o significado convencional sem pensar na forma lexical e gramatical das unidades fraseológicas, posição um tanto discriminatória. Elas são colocadas como estruturas suporte, que não representariam um grande

interesse para os estudos do léxico. Nos parece que tal condição não tem correspondência com a realidade, se analisarmos que o significado dessas unidades em grande parte não é composicional. Elas poderiam ser avaliadas de um outro prisma, por exemplo, por seu uso e frequência, pelas relações com itens lexicais de outros tipos de unidades fraseológicas, por um estudo de campos lexicais que as caracterizem.

As expressões idiomáticas que são peculiares a uma língua, às vezes, são mais identificáveis quando comparamos duas línguas e não só as expressões intralingua. Uma expressão que possa parecer a um falante nativo como pertencente exclusivamente à sua língua pode ser perfeitamente natural para os falantes de outra língua e, portanto, não ser para eles uma expressão idiomática. Por outro lado, temos o caso de uma expressão que pareça perfeitamente natural aos falantes nativos, mas pode ser estranha para um estrangeiro com uma determinada formação lingüística.

Em outros casos temos palavras que aparecem dentro da expressão e que são restritas a certas áreas geográficas. Isto quer dizer, que são usadas especificamente nesse país ou talvez sejam palavras ou frases que tenham uma conotação diferente numa determinada região desse país.

O NÍVEL PRAGMÁTICO.

Existem várias definições de pragmática entre as quais podemos destacar três fundamentais:

- a pragmática como doutrina do uso de signos;
- a pragmática como lingüística do diálogo;
- a pragmática como teoria da ação da fala.

A primeira definição é, de certo modo, o estilo clássico de definir a pragmática. Morris, (1938) por exemplo, distinguia três relações de signos: 1) a sintática, isto é a união de signos entre si; 2) a semântica, ou seja, a relação com as coisas e a realidade extralingüística; 3) a pragmática que se traduz na relação entre signos e usuários desses signos. O autor entende por pragmática a ciência da relação dos signos com seus intérpretes.

A investigação em pragmática passa necessariamente por uma distinção básica, mas essencial, entre frase e enunciado, porque não são termos que se refiram à mesma noção e, porque entendidas como unidades diferentes, permitem mais facilmente, de um ponto de vista teórico, trabalhar com outros conceitos a partir deles construídos. A frase será uma unidade estrutural do

sistema de organização de uma língua, ligada, portanto, fundamentalmente ao conhecimento lingüístico, ao passo que o enunciado, ostentando traços de uma enunciação individual temporariamente demarcada, pertence ao domínio da produção, sendo não uma unidade de sintaxe, como a frase, mas uma unidade de discurso. Quer dizer, que a mesma frase pode estar na origem de tantos enunciados quanto as situações em que é usada e que seqüências de uma ou mais frases podem constituir por si só um enunciado.

A partir desta distinção torna-se possível trabalhar com conceitos como os de significado frástico ou significado literal e significado do enunciado, em que o primeiro diz respeito ao significado veiculado por uma frase, considerando o significado das expressões e os nexos semânticos entre eles estabelecidos e tendo em conta, também, a própria construção sintática e o segundo significado da frase quando pensado em função do contexto em que ocorre, enquanto enunciado. Por exemplo, a expressão *estou limpo*, que independentemente do significado literal, tem diferentes significações, conforme seja utilizada a frase (no final de um jogo qualquer a dinheiro; expressão utilizada por um locutor falido, ou numa esquadra da polícia como resposta à pergunta de um agente da autoridade sobre se o locutor tem ou não cadastro policial). É na tensão que se estabelece entre o significado literal e o significado do enunciado que, por exemplo, as metáforas encontram a sua razão de ser, porquanto o significado metafórico é um significado de enunciação a que nosso interlocutor chega por via do significado literal, única matéria lingüística disponível para a sua interpretação.

O desvio constitui a marca que indica que o enunciado não deve ser interpretado literalmente, ou seja, deve haver uma interpretação figurada. Muitas vezes é difícil explicar a natureza do desvio que leva à interpretação metafórica de provérbios e expressões que não apresentam o desvio característico da metáfora, mas que também permitiam uma interpretação metafórica.

No caso da metáfora, segundo Zanotto (1983: 94), ela apresenta um desvio lingüístico que mostra a incompatibilidade semântica entre os sintagmas do enunciado e, por essa razão, a interpretação ou leitura literal leva a um paradoxo. Então, os provérbios metafóricos ou as frases não convencionalmente metafóricas não contêm desvios lingüísticos ao nível do enunciado e permitem uma leitura literal e uma leitura figurada. Por exemplo, *mais vale pássaro na mão que dois voando*; *matar dois coelhos com uma cajadada só* que possibilita uma leitura literal e uma interpretação metafórica ou das frases *soltar os cachorros*; *por tudo em pratos limpos*; *pisar na bola*; *abrir o olho* (**português**); *dar una mano*; *poner las cartas sobre la mesa* (**espanhol**).

Se quisermos constatar o desvio que gera a interpretação figurada devemos colocar o sentido dentro do contexto de enunciação, por exemplo no

caso de uma pessoa que queira ir fazer pesquisa na França e de repente surge a possibilidade de participar num Congresso de sua área que também se realizaria no mesmo país. A pessoa pode dizer no sentido figurado que pode, assim, *matar dois coelhos de uma cajadada só*. Com as expressões acima colocadas também ocorre o mesmo fenômeno, pois dependendo do contexto a frase introduz um novo assunto que, às vezes, coincide com o sentido literal embora com uma conotação metafórica.

Todo falante reconhece, mais ou menos empiricamente, que sempre que codifica ou interpreta uma frase da sua língua faz uso de determinados conhecimentos que lhe são facultados pela situação em que a frase é usada, pois tem como dado adquirido que a comunicação lingüística não existe fora de um contexto particular, motivado pela interação social. São estes conhecimentos, entre outros, que lhe permitem aceder mais facilmente ao significado de certas mensagens, para cuja decodificação não basta apenas a excelência da sua competência lingüística. Os princípios reguladores da atividade verbal constituem o objeto de estudo da pragmática como disciplina lingüística. Ela encara as línguas como instrumentos de ação e de comportamentos, também regidos por regras, dando simultaneamente conta da relação existente entre as línguas enquanto sistemas formais e a sua materialização em situação de uso.

Contudo, podemos nos questionar sobre quais os aspectos centrais para a comunicação que podemos definir como pragmáticos. Desse grupo faz parte uma série de fatores lingüísticos e não lingüísticos que inclui pelo menos o que é dito, o modo como é dito e a intenção com que é dito, o posicionamento físico, os papéis sociais, as identidades, as atitudes, os comportamentos e as crenças dos participantes, como as relações que entre elas se estabelecem. É o contexto lingüístico que nos permite aceder ao significado de uma palavra ou frase quando temos dúvidas sobre a aceção com que ela é usada, por exemplo, *dizer cobras e lagartos* = xingar.

A partir da sua relação com a semântica a pragmática tem também sido encarada como o estudo dos aspectos do significado, que são descurados na análise semântica das frases. Aliás, as relações da pragmática com a semântica são óbvias no sentido em que ambas consideram as intenções dos falantes e os efeitos dos enunciados destes nos interlocutores, bem como os modelos mentais, o conhecimento, os comportamentos, as crenças, as pressuposições, etc., relativas ao mundo e que determinam a produção de sentido.

Muito tem sido dito sobre o modo como a pragmática pode simplificar a análise semântica, após subtração de certos problemas ao seu campo de análise, permitindo à teoria semântica a sua fundamentação a partir de uma base lógica. Tudo isso, vem confirmar a verdade da interação entre os dois

UNICAMP

componentes, só que a este nível, a pragmática não interage apenas com a semântica, mas também com os outros componentes.

A pragmática tem relação com outras disciplinas da linguagem, sendo ela a ponte significativa entre a descrição formal do sistema lingüístico e a sua materialização em contextos de uso. Mas, assim sendo, o esvaziamento progressivo do conteúdo da disciplina não deixará também de ter lugar, por redefinição do objeto de estudo da ciência de que faz parte. Segundo afirma Lima (1983: 7-40) *a aceitação de uma teoria pragmática do significado revolucionou de tal forma o nosso próprio modo de pôr questões sobre o fenômeno que se justifica falar de uma lingüística pragmática, ou seja, de uma lingüística que adota um ponto de vista pragmático a respeito de qualquer problema lingüístico (seja ele de tipo fonológico, morfológico, sintático ou semântico e também sobre o eixo sincrônico como sobre o diacrônico), em vez de uma pragmática em lingüística.*

Esta formulação é pertinente no que parece ter comandado algumas investigações, as quais, independentemente do caráter menos ou mais restrito da concepção de pragmática nelas envolvida, têm basicamente procurado mostrar: 1) como a interpretação dos enunciados em situação de uso pode ser descrita adicionando um nível pragmático de (de)codificação ao nível lingüístico da gramática; 2) com essa mesma interpretação deve ser descrita em função dos princípios e processos cognitivos que a determinam.

O uso ou não de uma expressão idiomática se justifica pela sua correspondência com as expectativas do usuário em relação ao seu interlocutor e por ser apropriado ao nível de linguagem em que os falantes estiverem envolvidos.

As variações de registros (variações lingüísticas) apresentam uma tipologia de acordo com o grau de formalidade (forma/informal), modalidade (oral/escrito), variantes de adaptação (ajustamento do emissor ao receptor).

Assim, uma expressão idiomática pode ser usada ou abandonada em função de outra expressão que se enquadre no padrão culto da língua, segundo a evolução dos costumes e a redistribuição das classificações sociais. Por exemplo, *fazer birra* num registro mais formal da língua comum ou no padrão culto, seria opor viva resistência; *sair de fininho*, sair sem ser percebido; *dar a volta por cima*, reagir e tocar para frente; *meter os pés pelas mãos*, intervir de maneira errada; *bater as botas*, *esticar o pernil*, *abotoar o paletó*, *apitar na curva*, seria morrer, falecer; *estar em palpos de aranha*, estar em apuros; *pregar os olhos*, dormir.

Mas, além disso, uma expressão idiomática pode ter equivalentes idiomáticos para conformar sua utilização com diferentes usos de linguagem. Na linguagem familiar, por exemplo, se usa a expressão *lamber os dedos* para

expressar a sensação de vontade por alguma coisa, mas não **lamber os beijos**, que talvez seria aceitável na linguagem popular, o que implica uma questão de convenção social.

Por outro lado, existem equivalentes de uma mesma expressão idiomática, consideradas variantes como é o caso de *comer o pão que o diabo amassou (enjeitou)* e *comer o pão que o diabo amassou com o rabo*; ou de *passar o abacaxi* e *passar a batata quente*.

Portanto, podemos concluir que o léxico dos idiomatismos revela a cultura de um povo no momento de sua criação, embora não tenhamos nenhuma possibilidade de encontrar a data exata em que apareceram. Não há dúvida de que nossos antepassados tinham uma imaginação prodigiosa. Eles observavam tudo o que havia ao seu redor e muitas vezes, inclusive, através de comparações com os próprios elementos nasciam as expressões idiomáticas que passavam de uma classe social a outra, de uma região a outra e até de um povo a outro.

3.6. A TEORIA DOS CAMPOS SEMÂNTICOS.

3.6.1. ANÁLISE DAS TEORIAS SOBRE OS CAMPOS SEMÂNTICOS.

Existem várias teorias voltadas para os campos semânticos. Dentre elas citaremos algumas para finalmente limitar a nossa atenção à versão de Trier encontrada praticamente em todos os livros que tratam do assunto, e que, apesar das críticas, teve o mérito de abrir uma nova fase na história da semântica.

Atualmente a teoria dos campos semânticos é conhecida como a **teoria dos campos** e foi primeiro proposta por alguns lingüistas alemães e suíços nas décadas de 20 e 30 do século XX. Trazemos à tona alguns nomes como Ipsen (1924), Jolles (1934), Porzig (1934), Trier (1934). A posteriori, e durante quase 70 anos encontramos um vasto corpo de trabalhos descritivos baseados nessas teorias: Ullmann (1957), Lehrer (1974), Nida (1975), Coseriu (1974), Lyons (1977), dentre outros.

A primeira formulação explícita de campo, anterior a J. Trier, que queremos citar devido, sobretudo, a sua grande influência sobre a terminologia da pesquisa a posteriori, foi a de Ipsen (1924) que assim se expressava:

...as palavras autóctones nunca estão isoladas numa língua, elas ficam agrupadas em grupos semânticos. Com isso não fazemos referência a um grupo etimológico, menos ainda a palavras agrupadas em torno a supostas raízes, senão, pelo contrário, aquelas cujo conteúdo semântico objetivo se

relaciona com outros conteúdos semânticos. Mas essa relação não está pensada como se as palavras estivessem alinhadas numa série associativa, mas de tal maneira que todo o grupo forme um campo semântico estruturado em si mesmo: como num mosaico, uma palavra se une aqui a outra, cada uma limitada de maneira diferente, mas tentando que todas juntas fiquem englobadas numa unidade semântica de ordem superior, sem cair numa abstração...

Consideramos que o termo **campo semântico** aqui é amplo demais, pois o adjetivo semântico não se limita ao domínio léxico da língua. Na citação encontramos o ponto de partida da imagem de mosaico na pesquisa sobre **campo** (que também Trier utilizará posteriormente) e que constituiu um dos pontos de ataque mais importantes à teoria dos campos. O próprio Trier não exclui a influência das idéias de Ipsen quando declara:

...Não saberia dizer se eu desenvolvi a teoria dos campos semânticos com a ajuda de Saussure ou se teria tido também alguma influência de Ipsen. Sinto-me principalmente influenciado por Ferdinand Saussure e especialmente ligado a Leo Weisgerber...

Aqui Trier omite outro autor importante que também influiu na sua teorização, a saber W. Humboldt. A alusão a Saussure nos obriga a dar um passo atrás cronologicamente quando foi publicado o **Cours de linguistique générale** (1916), para poder analisar se o lingüista genebrino pode ser considerado como dos primeiros a considerar a idéia dos campos. A obra de Saussure não dedica nenhum capítulo completo à semântica, só esporadicamente tocando no assunto. O autor formula idéias que podem considerar-se pertencentes à fundamentação da teoria dos campos sem usar, aliás, o termo **campo**: O autor formula idéias que podem considerar-se pertencentes à fundamentação da teoria dos campos sem usar, aliás, o termo **campo**: *Visto que a língua é um sistema cujos termos são solidários e no qual o valor de um resulta apenas da presença simultânea dos outros* ⁽¹⁾. As seguintes palavras de Saussure indicam uma leve tendência para o conceito de campo, inclusive ilustrando com exemplos, antecipando de maneira intuitiva o caráter paradigmático do campo lexical :

...Dentro duma mesma língua, todas as palavras que expressam idéias afins se limitam reciprocamente: sinônimos tais como redouter, craindre, avoir peur não têm valor próprio se não por sua oposição se redouter não existisse, todo o seu conteúdo iria para seus concorrentes...

¹ Puisque la langue est un système dont tous les termes sont solidaires et où la valeur de l'un ne résulte que de la présence simultanée des autres

Voltando a Ipsen, em 1932 o autor publica um artigo onde se refere a sua definição de campo semântico. Com exemplos tomados do vocabulário indo-europeu dos nomes dos metais, o autor ilustra a idéia de como se constitui um campo semântico, nesse caso, por integração de palavras isoladas alheias e sem relação (carentes de relação) no indo-europeu. Nesse sentido, Trier criticando Ipsen, aponta que adaptação na forma e na constituição, integração em sistemas formais não representa para Ipsen um sucesso dentro do **campo** mas um sucesso onde surge o campo. A idéia de campo de Ipsen pode ser considerada como um caso especial dentro da teoria do campo aplicada ao conteúdo.

Jolles (1934) em contraposição às idéias de Trier expõe um conceito particular de campo. Os campos semânticos de Jolles são campos **mínimos**, compostos somente por dois elementos, por exemplo, *pai-filho*; *à direita-à esquerda*; *dia-noite*; *vida-morte*. O autor, dessa forma, mostra a delimitação de seus campos em comparação com os de Trier e retoma também a idéia de mosaico de Ipsen. A imagem do léxico formando um mosaico até cobrir completamente a esfera conceitual era realmente interessante mas pouco econômica, pois obrigava as línguas à criação constante de termos que atualmente se manifestam de uma forma perifrástica. Esta teoria foi rejeitada, principalmente por Coseriu.

Um dos problemas mais sérios da teoria dos campos semânticos está ligado à delimitação dos paradigmas léxicos. Pottier (1970:102) aponta que o campo só poderia existir se colocássemos um limite. Mas são vários os autores que negam a possibilidade de se estabelecerem fronteiras (vide Geckeler, 1976:170; Todorov, 1966:14), que sempre nos advertiram; *não se classificam, jamais as palavras, mas sim os objetos*. No caso de Todorov, o autor adota uma posição negativista. Uma vez constatado que não existe nenhum método seguro que nos permita fixar os limites do campo em algum lugar, invalida qualquer análise, o que é evidentemente equivalente a fugir do problema

Coseriu defende a idéia da necessidade de que cada campo esteja definido por um valor de conteúdo unitário que seja compartilhado por todos os elementos que o integram (arquilexema):

...na prática, o campo se estabelece onde uma nova oposição exigiria que o valor unitário do campo tenha se tornado um traço distintivo, em outras palavras, quando já não são as palavras como tais as que se opõem a outras palavras, mas que o campo inteiro torna-se termo de uma oposição de ordem superior, exatamente da mesma maneira que em fonologia uma vogal não se opõe individualmente a uma consoante...

Essa idéia afeta o princípio de totalidade: aqui a delimitação do campo se realiza de baixo para cima, das propriedades particulares até os valores de campo (archilexemas). O autor sugere que a delimitação dos campos se faça com a utilização do conceito de paradigma, ou seja, farão parte do mesmo campo semântico todas as expressões que comutam em um ponto de cadeia sintagmática. Embora pareça à primeira vista tentadora, esta solução é inviável. Se a formação do paradigma levasse em conta a significação dos itens comutados, o processo seria um círculo vicioso, pois levaria em conta aquilo que pretende determinar; se a formação do paradigma é um processo puramente formal, só se formarão campos semânticos em posições marcadas de cadeia lingüística, mas nunca em posições menos marcadas semanticamente, como sujeito ou objeto.

Mas qual seria, então, o critério para determinar de que signos devemos partir? Se, por exemplo, tomássemos como critério a coexistência de um mesmo domínio da experiência (campo) teríamos de classificar juntos as palavras *mesa, cadeira, armário, lâmpada, colher, prato, faca, garfo, etc.*

Em todas as teorias sobre os campos léxicos defende-se o seu caráter paradigmático. O valor semântico de uma palavra não se faz compreensível partindo da palavra individual. Do ponto de vista do conteúdo, toda palavra depende do conjunto do campo de palavras aparentadas semanticamente. Se não aceitarmos este princípio isso equívale a uma rejeição completa da teoria (Kandler, cit. Geckeler, 1976: 136).

Coseriu mostrou que o léxico se organiza em andares ou níveis. Dentro desse modelo os sistemas se organizam em macroestruturas com um certo grau de independência. A introdução, modificação ou sumiço de um elemento afeta só a microestrutura onde esteja inserido. É evidente, que a sua repercussão será maior quanto mais alta seja a sua posição hierárquica.

Por outro lado, o autor considera que o número de componentes de um campo deve ser limitado necessariamente. No entanto, mesmo que o léxico esteja exposto constantemente à aparição ou sumiço de novos elementos esse não seria um traço que impugnasse seu caráter estrutural. A entrada ou saída de uma unidade produz uma maior ou menor reorganização, mas não mina a estrutura.

A partir do momento em que um campo é concebido como tal, já possui uma delimitação. A dificuldade estaria em encontrar um método que, utilizando critérios imanentes, lingüísticos, chegue a perfilar com nitidez os limites de um paradigma lexical.

O descrivismo norte-americano representado por Harris (1954) admitirá, de forma paradoxal, um conceito de significado não fundamentado na intuição e sim ligado a seus conceitos básicos de distribuição e contextos. O

procedimento distribucional foi aplicado à delimitação dos campos semânticos. Isto quer dizer, que todos os lexemas encontrados num mesmo contexto devem possuir um valor semântico comum. Este seria um fundamento dos chamados campos semânticos distribucionais (Apresjan, 1966). Este critério foi adotado por Lyons e mais tarde por Coseriu. Este último declarava que se se *tem*, por exemplo, o contexto **Estive em Moguncia durante dois ...**a escolha se limita ao paradigma *segundo, minuto, hora, dia, semana, mês, ano, etc.* enquanto os lexemas do tipo *árvore, aluno, caderno etc.* ficam excluídos.

Muitos teóricos ao manipularem significados ficam com medo de estarem trabalhando com conceitos ou com referentes. Não se pode acusar injustamente um lexicólogo que trabalha, por exemplo, com unidades de conteúdo do tipo **felicidade/alegria** de manipular conceitos ou realia. Temos o conceito felicidade e também existe o significado dessa palavra associada a um respectivo significante. O que impede o lingüista de fixar o campo semântico **felicidade** se existe o significado associado à expressão de felicidade? Assim, determinando o valor de campo automaticamente se estabelecem seus limites semânticos. No entanto, em relação às expressões lingüísticas, convém aplicar as regras de homonímia para saber se por trás da expressão selecionada se esconde um significado ou vários. Do mesmo modo, deverão pertencer ao mesmo campo todos os signos (palavras) cujo conteúdo inclua aquelas que definam o campo selecionado. Por exemplo, **construção** (*casa, catedral, ponte, estrada, prédio, edifício, etc.*); **partes do corpo humano** (*cabeça, braços, olhos, coração, mãos, etc.*).

Uma solução teórica para resolver essa questão foi apontada por Greimas ao mostrar que só ao nível dos discursos e textos se dá o fechamento necessário para o cálculo semântico.

Trier criticando Jolles afirma que pela nitidez dos limites e a clareza das relações o autor, neste caso Jolles, aceita a pequenez do mosaico (**pai-filho**).

Poizg desenvolveu uma noção de campos semânticos a partir das relações de sentido existentes entre pares de lexemas sintagmaticamente ligados, oposta à versão de Trier o que criou uma animada controvérsia sobre qual das duas teorias seria a mais frutífera e esclarecedora. Hoje, não existem dúvidas de que tanto as relações paradigmáticas de Trier como as relações sintagmáticas de Poizg devem ser incorporadas em qualquer teoria de estrutura lexical, pois ambas são complementares.

A proposta de Poizg se baseia nas relações existentes dentro de sintagmas compostos (nome + verbo; nome + adjetivo) onde os dois lexemas estariam ligados por uma relação denominada por ele de **significado essencial**. (Por exemplo, *lamber/ língua; preto/ cabelo*). O autor chama a atenção para a impossibilidade de descrever o significado dos lexemas sem ter

em conta o conjunto de lexemas com os quais eles se encontram em relação sintagmática. Dificilmente se poderá explicar o significado do verbo **ladrar** sem mencionar os cães, **morder** sem falar de dentes, **falar** –língua.

Na perspectiva de Poizg,(1969) todas as palavras adquirem o seu significado original em virtude da sua aplicação a pessoas, objetos, qualidades, atividades, processos e relações em situações específicas, o que demonstra quando diz.

...Cada palavra tem um uso que lhe é próprio, no qual ela tem o seu significado concreto...

Porém, quase todos os lexemas, embora possam ainda manter o seu significado original, são aplicados, no decurso do tempo, a uma gama de situações onde se manifesta um alargamento do significado, algumas vezes chamado de **extensão metafórica** (*bater as botas* com o significado de morrer e *bater as botas* com o significado original).

Lehrer (1974:1), por exemplo, define o campo semântico como *um grupo de palavras estritamente relacionadas entre si pelo significado, geralmente resumidas por um termo geral*. O autor explica a validade analítica dos campos e procurando auxílio em Katz (1972) dentre outros, para mostrar que a semântica deve ser formalizada.

Nida (1975: 174) aprofunda mais essa definição apontando que para qualquer língua, um campo semântico (ou domínio semântico, conforme sua terminologia) tem significados com traços (componentes) semânticos em comum, sendo que a relevância e o nível da estrutura hierárquica em que funciona o campo dependem exclusivamente da estrutura global da língua. O autor, discutindo os traços característicos dos campos, classifica-os da seguinte maneira:

No primeiro grupo estariam incluídos;

- entidades ou objetos (*casa, árvore, homem, cachorro*)
- elementos descontínuos ou não contáveis (*areia, água, ar*)
- elementos contáveis ou contínuos (*camisa, zapatos, mesa*)

No segundo grupo entrariam;

- eventos; tanto ações como processos (*falar, cantar, comer, chover, ir, etc.*).

No terceiro teríamos:

- os abstratos; qualidades (*bom, bonito, mal*)
- quantidades (*muito, pouco, pequeno*)
- gradação (*muito, mais*)

O quarto e último grupo incluiria:

- **os relacionais**, que marcam as relações entre objetos, eventos e abstratos (*sobre, quando*) bem como as **relações casuais** (*agente, instrumento, etc.*).

É importante ressaltar que foram Hjelmslev e Jakobson os iniciadores da análise de traços distintivos.

As teorias semânticas devem tentar descrever como as palavras se ligam entre si e revelar como as frases estão organizadas logicamente.

No caso da teoria de Trier, ela tem seu embasamento nas idéias de Humboldt, Saussure, Weisgerber dentre outros. O germânico Jost Trier foi o primeiro, na teoria e na prática, a aplicar extensivamente e a desenvolver a idéia estrutural da totalidade na sua obra *Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes* (1931). Nela o autor apontava que a segmentação da linguagem em campos representava uma valiosa contribuição à teoria do significado. Para fundamentar a sua teoria Trier partia do conceito de língua como sistema analisado por Saussure para poder estabelecer a distinção entre campo lexical e campo conceitual. Segundo o autor, o campo lexical divide o campo conceitual em partes, como se fosse um mosaico. Assim, a palavra adquire seu significado pela posição em face a outras palavras próximas no campo o que ocorre com as expressões idiomáticas. Mas Trier utiliza diversos termos nos quais, aliás, não ficam muito claros os sentidos em que são empregados, por exemplo, como é que o campo lexical se distingue (se for o caso) do campo conceitual (e inclusive o autor evita empregar o termo campo semântico usado por Ipsen, Jolles e Porzig).

Trier considera o vocabulário de uma língua como totalidade semanticamente articulada e estruturada em campos lexicais que podem estar ligados entre si por relações coordenadas ou de hierarquia. A palavra e seus elementos conceituais bem como os elementos vizinhos que se opõem constituem, para Trier, um todo estruturado, isto é, um campo semântico ou de signos lingüísticos. Procurando harmonizar o estudo do campo semântico e da sua evolução, o autor resolve o problema da forma seguinte:

... se só num estado lingüístico completamente estático, ou julgado como tal, se vê a estrutura de campos, se só neste caso se podem ver em geral as normas de grupos conceituais e a dependência dos significados das palavras, então a história também só será possível como estática

comparativa, isto é, como uma descrição comparativa, contínua de estágio para estágio e tendo constantemente em vista as fases anteriores e posteriores no tempo de todo o campo em questão.(pág. 13)...

Trier não se dá por satisfeito e pretende estabelecer o vínculo entre a lingüística estática e a diacrônica ao estudar o vocabulário e considera que o grau de aproximação da realidade histórica depende da densidade de estratos acumulados. Portanto, subsiste o problema de como se pode harmonizar o estudo do campo semântico e da sua evolução e ligá-los para benefício de ambos. A conclusão de Trier consiste em que o grau de aproximação da realidade histórica depende da densidade de estratos acumulados. É claro, que nenhum estrato isoladamente pode oferecer uma imagem completa por falta de material transmitido e, além disso, não existe uma sincronia absoluta em virtude das constantes transformações sociais e históricas.

A mudança de significado da palavra isolada fica anulada na evolução da estrutura do campo porque *significado quer dizer um significado no campo e pelo campo* (pág. 19). O método seguido por Trier em semântica diacrônica não consistiu em comparar estados sucessivos do vocabulário total. Segundo o autor, *os campos são realidades vivas intermediárias entre as palavras individuais e a totalidade do vocabulário; como partes de um todo, partilham com as palavras a propriedade de estarem integrados numa estrutura mais vasta e, com o vocabulário, a propriedade de se encontrarem estruturados em termos de unidades mais pequenas* (Ullmann, 1957:157). Isto quer dizer, que a articularidade ou integração estrutural é um conceito chave para Trier como fora antes para Saussure.

No seu livro **A semântica**, Guiraud (1919) discute os campos de Trier, analisa sua influência, destaca a lexicologia de Matoré, as esferas de pensamento de Sperber, as encruzilhadas lingüísticas de Berlin-Milleron, além da sua própria contribuição que é a dos campos morfo-semânticos que o autor define como *complexo de relações de forma e de sentido formando um conjunto de palavras*. Guiraud afirma que o campo semântico é realmente um conjunto de relações e do qual cada termo tira sua motivação, mas de relações não necessárias e não sistemáticas. Esse caráter contingente das relações parece proibir qualquer esperança de se considerar o léxico como um sistema inteiramente estruturado.

A lingüística se recusa em isolar a palavra, tomando-a na totalidade de seu contexto dentro de suas relações formais, nocionais, estilísticas, históricas, etc. Assim, um determinado termo é delimitado pelas suas relações de forma e de sentido com suas vizinhas e, de ligação em ligação, com todas as outras palavras que constituem o campo, sendo a coerência do conjunto que justifica a identidade e a função de cada uma delas.

Voltando à teoria de Trier vemos que a idéia do autor é a de que nossos conceitos recobrem todo o campo do real sem deixar espaço vazio e sem se sobreporem. Dessa forma, qualquer mudança nos limites de um conceito acarreta uma modificação dos conceitos vizinhos e das palavras que o exprimem.

Sem dúvidas, a noção de campo lingüístico de Trier revolucionou a semântica, mesmo que levasse a inevitáveis críticas e reações. Se formos escolher a noção de campo semântico de Trier, seu criador, a descreveríamos da forma seguinte: *o campo semântico é o conjunto de palavras na maioria sem parentesco etimológico (e também não ligadas umas às outras por associações psicológicas individuais, arbitrárias, contingentes) as quais, colocadas lado a lado, como as pedras irregulares de um mosaico, recobrem exata e inteiramente um domínio bem delimitado de significações constituído tradicionalmente, ou cientificamente, pela experiência humana*. Pode-se, assim, falar em campo semântico constituído pelas palavras que designam entendimento.

Para Trier e seus seguidores existem no pensamento campos conceituais, espécies de mosaicos de noções associadas, recobrendo um domínio bem delimitado, que a experiência humana isola e constitui em unidade conceitual. Colateralmente, existem campos lexicais, cada um deles formado pelo conjunto de palavras que recobrem, fragmentando os campos conceituais correspondentes. A totalidade do léxico de uma língua é constituída pela articulação de todos os campos léxicos restritos e em seguida pela sua inserção em campos lexicais cada vez mais gerais. Assim, constatamos em Trier, a demonstração saussuriana de que a palavra isolada só adquire a sua significação em virtude do conjunto de oposições por ela mantidas com todos os restantes constituintes do campo.

3.6.2. ALGUMAS DAS CRÍTICAS FEITAS À TEORIA DOS CAMPOS SEMÂNTICOS DE TRIER.

As críticas levantadas contra a teoria de Trier estimulou numerosas pesquisas posteriores. Assim, apresentaremos alguns dos critérios principais sobre o seu modelo.

- a maneira idealista de encarar as correlações entre linguagem, pensamento e realidade;
- a não-atenção para a polissemia e a correlação de palavras;
- não levar em conta o significado da palavra como item independente;
- o fato de centrar seus estudos em textos antigos;

- o fato de investigar mais substantivos e adjetivos, deixando os verbos de lado.

Para alguns Trier carregou de um acentuado misticismo a relação linguagem, pensamento e realidade e, no caso dos campos, eles teriam um caráter puramente especulatório e lógico. De especial gravidade foi o fato de Trier ter menosprezado os pressupostos de ordem histórica nos seus estudos. Os seus processos são puramente lingüísticos e, só depois de compreender toda a estrutura do campo lingüístico, ele vê a possibilidade de considerar os fatores extralingüísticos. A dinâmica interna da evolução estrutural do campo de Trier apresenta-se apenas como pseudo-dinâmica. Precisamente, por o vocabulário de uma língua se encontrar tão íntima e diretamente ligado à história do povo que a fala, que o método lingüístico estrutural defendido por Trier falhou. Trata-se de descobrir, do ponto de vista global, (significa considerar os fenômenos no contexto e ter em conta todos os fatores que a realidade histórico-social oferece no caso concreto) as transformações sociais, e o seu reflexo no pensamento dos homens, que atuam na evolução lexical.

Na verdade, nenhuma teoria está isenta de crítica, pelo contrário, isso demonstra que ela tem algo atraente. Ninguém pode duvidar que sempre que se fala em alguma pesquisa de campo semântico se olharmos a bibliografia consultada por qualquer um dos pesquisadores poderemos comprovar que todos remetem à teoria de Trier, o que demonstra que ela teve a sua parcela de contribuição para os estudos semânticos e tem servido de base para as pesquisas subseqüentes. Sempre existe um começo e neste caso o começo foi Trier. O fato de centrar os seus estudos em textos antigos, de maneira alguma ofusca o valor das suas idéias, pois mostra a importância da análise sincrônica, embora desdenhe a língua viva.

As críticas deram origem a novas definições do campo lingüístico também chamado de campo semântico. A partir daí surgiram diferentes classificações de campos semânticos. Bally, por exemplo, em **Français Moderne**, (1940:195) fala de **campos associativos** (*champ associatif*) onde o campo da palavra **boi** faz pensar em *vaca, bezerro, chifre, mugir, ou carne, açogue;* em *junta, lavra* e de alguma forma pode suscitar idéias de *força, trabalho paciente, persistência, lentidão, passividade* e até de *peso*. Isso sem falar da linguagem figurada (metáforas, provérbios, construções estereotipadas, expressões idiomáticas) tais como: *colocar o carro adiante dos bois; ser um pé de boi; ele trabalha como um boi; ele é forte como um boi.*

...Os signos que determinam mais particularmente o valor daquele que rodeiam na memória formam seu campo associativo, noção totalmente relativa, pois tudo dentro da língua está, pelo menos indiretamente associado a tudo... O campo associativo é um halo que rodeia o signo cujas franjas exteriores se confundem com o seu ambiente... (Bally, 1961))

Assim, o autor considera este tipo de campo como pertencente ao plano do sistema da língua mas, por outro lado, não reconhece a validade intersubjetiva plena. As associações que Bally quer ver agrupadas num campo representam, na verdade, relações semânticas muito diferentes que excedem, em parte, o **puramente lingüístico** e se fundam simplesmente nas coisas.

Uma crítica a Bally e seus campos associativos do ponto de vista da semântica estrutural deve incluir segundo Coseriu os seguintes pontos:

- as associações são infinitas;
- as associações são individuais;
- a natureza infinita e individual das associações é a razão de que elas não são nem previsíveis, nem sistematizáveis.

Ipsen (1932) define o campo a partir de critérios formais e lingüísticos, uma definição bem diferente da teoria de Trier.

Matoré (1950) no seu livro *La méthode en lexicologie. Domaine français* já fala de **campo nocional** a partir do critério de que estudando o vocabulário se pode tentar explicar uma sociedade (é preciso destacar que Matoré é sociólogo, portanto se interessa principalmente pelo material econômico, técnico e político do léxico). Primeiro, o autor delimita as **gerações lingüísticas**, os cortes históricos onde estudará a estrutura lexicológica do ponto de vista estático. Daí, em cada estado de língua ele vai perceber que existem neologismos ou **palavras-testemunhas** (como ele chama) que correspondem a noções novas. No entanto, a teoria de Matoré coloca a noção dentro de limites que, aliás, são ultrapassados, o que o próprio autor reconhece.

Assim, a noção empírica de campo semântico, calcado sobre um campo conceitual, foi substituída pela noção lingüística de sistema e pela noção de estrutura como sistema de sistemas. Coseriu (1975) afirma que um campo se estabelece onde uma nova oposição exija que o valor unitário do campo se torne traço distintivo, isto é, termina onde não são mais as palavras como tais que se opõem, mas o campo inteiro com seu valor unitário. Os agrupamentos léxico- semânticos se entrecruzam de modo que uma palavra, pode figurar em vários agrupamentos ao mesmo tempo, segundo o enfoque dado. Por exemplo, a palavra **cotovelo** pode aparecer em dois campos semânticos *dor de cotovelo* (camp. sem. **inveja/ciúme**; *falar pelos cotovelos* (cam. sem. **palavra/fala**).

A nosso ver, o campo semântico é um método de estruturação em que se percebe a interdependência das unidades lexicais. Assim, o sentido não é

propriedade da palavra tomada individualmente. O emprego de uma palavra é regido pela presença, na língua, de outras palavras cujas funções semânticas se referem de uma ou várias maneiras à mesma área de ambiência situacional ou cultural. As expressões idiomáticas estão investidas de um papel tão importante quanto às das restrições semânticas. Por exemplo, tomando como ponto de referência os campos, **água, competição esportiva ou esporte, ira/fúria** poderemos encontrar as seguintes expressões idiomáticas:

Água — *mexer em águas passadas, navegar em águas perigosas, afogar-se em pouca água, cozinhar em água morna (ou banho maria) (português); ser agua pasada, nadar entre dos aguas, ahogarse en un vaso de agua, estar con el agua al cuello (espanhol).*

Competição esportiva (esporte)— *estar com a bola toda, pisar na bola, abrir o jogo, jogo sujo, estar com a bola cheia (português); coger fuera de base, estar en tres y dos, dejarsela en la mano a alguien, no ver pasar la bola (espanhol).*

Ira/fúria — *ferver o sangue, perder as estribeiras, ficar uma fera, virar bicho, perder a cabeça (português); perder los estribos, estar hecho una fiera, perder la cabeza, montar en cólera, estar fuera de si (espanhol)*

3.6.3. TIPOS DE CAMPOS.

Analisando as diferentes teorias sobre campos podemos concluir que não só a nomenclatura é diversa mas também existem diferentes tipos de campo o que nem sempre é fácil distinguir:

- **os associativos**, caracterizados pelo conjunto de palavras relacionadas entre si por uma ligação do tipo **escola** que lembra **aluno-aula-diretor**;
- **os lexicais**, que constituem o subconjunto do léxico de uma língua, sendo que a totalidade dos campos lexicais representa o vocabulário dela;
- **os lingüísticos**, que, segundo o critério de alguns lingüistas e com o apoio de teorias monossistêmicas, abrange as relações sintagmáticas dos lexemas das línguas;
- **os conceituais**, que para Lyons (1977) serve como exemplo, o contínuo das cores, sendo que a substância das cores seria uma área conceitual;
- **os semânticos**, compostos de sememas que representam uma possibilidade de concretização do lexema. Daí podemos estabelecer o relacionamento entre polissemia e campo semântico, em que cada

significado semêmico de um lexema representa determinada experiência cultural (vide esquema embaixo). Da mesma forma, eles esclarecem melhor inúmeras questões de semântica que dizem respeito a relações internas da estrutura das línguas, pois, através da estruturação do léxico em campos, pode-se ter idéia das possibilidades lingüísticas e de seu emprego pelos falantes.

Evidentemente, podemos concluir que apesar dos diferentes argumentos acerca da teoria dos campos existem algumas vantagens proporcionadas por estudos dessa área dentre eles citando; 1) os campos semânticos integram, de maneira coerente, os fatos da língua; 2) esclarecem inúmeras questões de semântica que dizem respeito das relações internas da estrutura das línguas; 3) facilitam estudos de psicolingüística e sociolingüística toda vez que os estudos lexicais podem servir como parâmetros de medição e aferição do comportamento lingüístico do falante, de sua posição interior e social em vista da realidade que o cerca; 4) oferecem condições de se efetuar uma análise sêmica para detectar os traços comuns e traços distintivos dos lexemas de um mesmo campo semântico, o que faz com que se apure o significado das palavras. A transferência de lexemas de um campo para outro é causa de mudança léxica. Recursos estilísticos e expressões idiomáticas podem ser assim explicados de modo mais coerente.

Alguns dicionários organizam as Els em áreas temáticas ou grandes campos semânticos. Neves (1991: 379), por exemplo, apresenta algumas zonas temáticas em que se coligam as frases que integram o seu dicionário: **alegria/riso/felicidade; amizade /gostar/amar/generosidade;zangar-se/enfurecer-se/irritar-se;cabeça; dinheiro/pobreza; doença/velhice; fugir; mulher/gravidez, etc.** As zonas temáticas são inseridas no fim do dicionário (Apêndice) a título exemplificativo, sugerindo uma primeira tentativa de ordenar os lexemas.

Verificamos que na obra de Neves existe uma falta de homogeneidade na definição e seleção dos campos. Por exemplo, um dos campos escolhido é definido por **cabeça**, no entanto, as outras partes do corpo não são referidas. É evidente, que com a palavra cabeça encontraremos um número considerável de expressões, mas as outras partes do corpo que não foram incluídas (mãos, olhos, pernas, orelha, braços, etc.) também formam uma boa parte das Els.

Heaton & Noble (1987) organizaram 1461 Els recenseadas em torno de noções. Os autores propõem 138 noções, dentre elas, **habilidade/ falta de habilidade; inteligência/ estupidez; esforço/energia; dificuldade/facilidade; conhecimento/ ignorância; intuição/ atenção** e assim por diante. Cada uma destas noções engloba algumas Els. Por exemplo, (4) Els para a noção **estupidez**; (31) para o **esforço**; (18) para a **habilidade**, etc. O elevado número de noções desequilibra a repartição. Além disso, as fronteiras entre as várias noções são muito frágeis. Muitas delas são antonímicas.

Outros autores como Gulland & Hinds-Howell (1986) definem 33 tipos chamados por eles de categorias: **cores, elementos naturais, tempo, vida e morte, árvores e flores, animais, pássaros, peixes, insetos, corpo, relações, cidade e redores, casa, comida, línguas e nacionalidades, monarquia e parlamento, guerra e paz**, etc. Estas categorias se dividem também em subcategorias (por exemplo, **cores- as várias cores**). Este tipo de classificação temática seria útil para uma primeira organização geral das Els, mas não dá conta de um quadro conceitual que englobe o conjunto das Els. Por outro lado, a existência num dicionário inglês da categoria **monarquia e parlamento**, ausente dos dicionários espanhóis e portugueses, e talvez dos franceses e brasileiros, fornece informações sobre a sociedade inglesa, e, por exclusão, de outras sociedades.

Lafreud (1984) agrupa as expressões idiomáticas por temas mais gerais: **o corpo humano; o reino animal; a religião; o mar, a navegação, a marinha; os jogos, os divertimentos e os esportes; o beber e o comer; a vida e a morte; o dinheiro e os símbolos**, etc.

Galisson (1984) apresenta uma proposta diferente da dos outros autores citados. Antes de anunciar os campos semânticos o autor elabora um quadro de relações semânticas para a área de produção. Cada expressão ou conjunto de expressões teria uma **étiquette sémantique**, isto é, um significado que desse conta do significante (a expressão idiomática). As etiquetas estão organizadas em sete categorias semânticas: **as relações com o(s) outro (s); os atos; o físico ou o aspecto; a maneira de ser, de se comportar; o estado de espírito, de saúde; a descrição e a situação**.

A proposta do autor pressupõe uma representação conceitual das relações semânticas entre o sujeito e a linguagem figurativa. No entanto, essas relações são dadas sem serem explicitados os fundamentos que geraram tal organização. Nem por isso, a proposta deixa de ser interessante e talvez até mais completa que as anteriores.

As áreas temáticas diferem de autor para autor e de língua para língua. As várias propostas mostram um caminho possível para uma sistematização temática, mas, depois de ter analisado as classificações verificamos a ausência de um suporte teórico capaz de justificar e explicar o conjunto das Els.

As noções, as funções, as zonas temáticas ou os temas tendem a enquadrar-se numa perspectiva geral na relação das Els com as experiências dos sujeitos. As Els retratam as relações que se estabelecem entre o sujeito e a representação que ele têm do mundo, dos outros sujeitos e das situações. Distinguem-se, pois, duas orientações:

- uma orientação referencial. Nestes casos, se procede a uma organização que depende de um dos elementos lexicais incluídos nas EIs (por exemplo, as EIs que se referem às partes do corpo humano, às cores, etc.);
- uma orientação semântica que engloba uma organização em torno de um conceito mais geral e abrangente e que sugere uma interpretação semântica das EIs (**habilidade/ inteligência; ignorância/ conhecimento, etc.**).

O traço distintivo destas duas propostas reside no fato de na orientação referencial não se realçar o valor idiomático da EI, e na orientação semântica o traço operacional é o próprio valor semântico da EI. É a partir desses valores que se organizam as grandes categorias semânticas. Portanto, a perspectiva referencial, ao anular o elemento fundamental da EI - o seu referente idiomático- não favorece o estudo da idiomaticidade. Pelo contrário, com a orientação semântica observamos uma tentativa de conceitualização e de organização dessas expressões em torno de um conceito, que constitui a propriedade comum de um determinado conjunto de EIs, isto é, o grau de generalização e abstração é maior. No capítulo quatro apresentaremos uma amostra da classificação de expressões idiomáticas que elaboramos a partir do estudo e análise das teorias de campos semânticos.

A partir da consulta bibliográfica realizada pudemos verificar que o grau de desenvolvimento da teoria fraseológica ainda é insuficiente. Talvez seja esse um dos motivos pelo qual embora as unidades fraseológicas tenham sido consideradas na hora do processamento lexicográfico, infelizmente apareçam juntas, de maneira desordenada frases, expressões e palavras com sentido metafórico e cujo caráter fraseológico é discutível e, em outros casos, **brilham (primam) pela ausência** as unidades que integram o acervo fraseológico de uma determinada língua servindo freqüentemente só como material ilustrativo nos dicionários.

3.7. PAPEL DO CONTEXTO PARA A COMPREENSÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS.

A palavra **contexto**, segundo Marcushi, (1994:3) tem sido amplamente empregada em vários campos do conhecimento, sendo muitas vezes sem uma devida *noção metodológica e teoricamente fundada*. O autor tenta diante da pluralidade de noções deste termo aceitar a idéia de que as definições surjam moduladas pelo uso que as diversas áreas fazem dela. Assim, apresenta alguns exemplos localizados em ciências afins, dentre elas:

- na Sociolingüística, onde o contexto é visto como *variáveis sociais, dado a priori, exterior à linguagem, servindo para correlacionar aspectos da variação lingüística*;
- na Pragmática, é visto como *lugar de extensões referenciais ou função dos conhecimentos compartilhados*;
- na Etnometodologia, o contexto é conhecido como *um construtor cultural e como fator básico para a compreensão das atividades interacionais*.

Como podemos verificar a noção do termo está embebida na idéia de ambiente, no qual o discurso acontece. No entanto, alguns autores como Gumperz (1982) traz à tona uma nova proposta, que, a nosso ver, poderia ser mais dinâmica para o contexto e sua relação com o discurso. O autor acredita que o contexto é aquele propiciado pelo uso lingüístico que, tanto reflete, situa a produção discursiva, quanto é gerado no processo comunicativo, ou seja o espaço interpretativo vai sendo gerado ao longo da própria produção discursiva que atua reflexivamente.

Para Dascal & Weizman (1987) o contexto representa papel relevante na interpretação de textos orais e escritos. O autor ou interlocutor pode se guiar por informações contextuais chamadas pelos autores de **metalingüísticas** e que se referem aos conhecimentos da estrutura da língua, e de informações **extralingüísticas** que são os conhecimentos sobre o mundo que nos rodeia. Quanto menos transparente e mais implícito for o texto, seja ele oral ou escrito, mais necessidade de usar as informações contextuais como um outro canal de informação. Elas forneceriam ao leitor/ouvinte condições de alcançar a interpretação final do texto.

Sinclair (1993) defende a posição de que a noção de contexto está relacionada a suposições cognitivas que os usuários têm internamente e que vão influenciar na sua interpretação mais do que as condições físicas de produção do enunciado. Dentre as fontes que os auxiliam na formação deste contexto de processamento está a memória que abriga a mais variada gama de conhecimentos, prontos a serem acessados, quando necessário.

Voltando à proposta de Marcushi (1994:17) constata-se uma noção de contexto mais explicativa e menos intuitiva tendo em conta os seguintes fatores:

- os participantes - principalmente a relação entre eles;
- os objetivos - propósitos para a comunicação;
- o tema - assunto tratado e condições prévias;
- os conhecimentos - lingüísticos ou enciclopédicos;

- o estilo - informal ou formal;
- a situação comunicativa - condições em que se dá a produção textual;
- o gênero de textos - refere-se a fenômenos e organização supraestrutural.

Um dado interessante desta proposta é o fato do autor considerar que uma noção teórica de contexto não necessariamente levaria em consideração, como questão relevante, a modalidade de uso da língua (oral ou escrita).

Neste sentido, podemos finalmente deduzir que contexto será entendido mais do que o contexto físico de produção para alcançar o contexto de processamento (Marcushi, 1994: 8) que inclui também os contextos cognitivos de produção e de interpretação da fala:

...Assim, as ações praticadas no discurso, as crenças dos indivíduos, seus conhecimentos enciclopédicos e os conhecimentos prévios, bem como o domínio de normas comunicativas etc., constituem contextos de interpretação (p. 9).

Parece-nos conveniente e de uma grande importância para completar a noção de contexto analisar a proposta de Berns (1990) a respeito do contexto de competência, pois deixa entrever uma certa ligação entre contexto físico, contexto cognitivo de produção e as devidas competências exigidas do falante quando no momento do discurso.

Berns apresenta as idéias que nortearam os estudos de Halliday com a visão da língua como instrumento de comunicação que serve a propósitos sociais bem definidos e nenhum dos elementos da língua pode ser explicado isoladamente, mas sempre em relação aos demais, pois a língua não se fecha em si mesma e não pode existir sem a realidade extralingüística.

De que forma o tipo de contexto pode influenciar o modo como a linguagem é usada?

Inúmeros aspectos, internos ao discurso e relativos à situação social em que se realiza, podem ser rotulados como contextos. Entende-se por situação social a forma como duas ou mais pessoas relacionados entre si de maneira particular se comunicam sobre um determinado assunto em um lugar determinado. Tudo indica que os falantes possuem um repertório lingüístico que pode variar dependendo de onde se encontram e com quem falam, em ambientes mais descontraídos, entre pessoas com quem se tem maior intimidade ou quando não informais. Esses mesmos falantes, em ambientes de maior formalidade, entre pessoas de posição hierárquica diferente, ou em situações em que estão autoconscientes quanto à linguagem, são capazes de

adotar sua maneira de falar e usar com maior frequência as variantes de prestígio, segundo as normas.

Outro aspecto da situação social é a própria interação entre falantes e interlocutores. O falante pode alterar o seu estilo dependendo de com quem ele fala.

O contexto de fala, no qual a negociação de significados é feita constitui um construto semiótico que capacita os participantes preverem as características de cada discurso, impelindo-os a levarem a conversação à frente, agindo como uma interface entre os níveis de cultura (situação) e a forma (gramática, lexis) e estabelecendo relações entre estes níveis e a situação dada. Assim, o contexto influencia o que dizemos e o que dizemos é influenciado pelo contexto.

Berns considera que a Linguística Funcional pode preencher os requisitos teóricos necessários para contextos de ensino de LE, porque enfatiza a língua como um meio de interação social e o papel que a estrutura social desempenha sobre a forma e a função, podendo, assim, comportar e fornecer explicação teórica para a análise de conceitos fundamentais para o desenvolvimento de abordagens, planejamentos e materiais para o ensino comunicativo.

Como Berns explicita o conceito de competência comunicativa? A autora vai se apoiar na tese de Hymes (1972). Para este autor uma criança adquire um determinado conhecimento não só da gramática implícita da língua, mas também um conhecimento das regras sociolingüísticas, de como usar apropriadamente estas regras para poder viver em sociedade. Portanto, haveria necessidade de uma integração entre teoria lingüística e a teoria mais geral da comunicação e cultura pelo reconhecimento e até pela aceitação de diferentes conjuntos de regras determinadas culturalmente para descrever e explicar o uso da língua.

Halliday compartilha com Hymes (vide Berns, 1990) a visão do papel da língua na vida social, a compreensão da vida social como algo a ser construído e constituído pelos participantes através da linguagem durante a interação. No entanto, o ponto de discórdia entre eles está no conceito de competência comunicativa proposta por Hymes, que o separa da competência gramatical.

...Para Halliday é desnecessário falar de competência comunicativa: saber como usar a língua é o mesmo que saber o quê se pode fazer com ela..
(Berns, 1990:31).

Se as idéias de Hymes fossem certas (de que a vida social determina o uso adequado da linguagem, que o contexto determina a competência comunicativa ou se existem vários contextos para os quais diferentes tipos de adequação de linguagem e de regras sociais se fazem necessárias), então, o conceito de competência comunicativa para língua estrangeira teria que ser estendido para competências comunicativas que comportem a noção de nativização ou de adaptação, que ocorre de maneira diferente em cada situação onde a nova língua é falada - **contextos** - , sofrendo influências de cada ambiente, de acordo com o conhecimento cultural prévio dos usuários. Um bom usuário da língua deve saber usar diferentes registros em diferentes situações.

Assim, para a fraseologia e especificamente para as expressões idiomáticas, unidades cristalizadas pelo uso é muito importante o contexto. De acordo com as propriedades dos diferentes tipos de discurso se poderá identificar um enunciado estandarizado. Lembremos que a fraseologia está integrada por unidades que são de uso comum da comunidade lingüística, mas que por razões de desvio de sentido literal não se inserem nas normas do sistema da língua. Ao absorverem um sentido metafórico, as palavras que integram a expressão perdem a sua independência lexical como palavras e ganham um novo sentido a partir de uma subordinação ao conjunto frasal, inclusive podendo adquirir um significado que não se ajusta à realidade referencial.

Portanto, a ausência do contexto dificulta a compreensão da noção global da unidade, principalmente quando estamos ensinando uma língua estrangeira onde, obviamente, o aluno não domina alguns fatos de elocução e também pode desconhecer aspectos culturais que estão por trás dessas unidades e que são específicos da comunidade lingüística cuja língua ele está aprendendo. Daí, pode-se deduzir que não saberia interpretar tais enunciados nem produzi-los.

As propriedades do próprio discurso facilita muito o reconhecimento das unidades cristalizadas. O contexto sentencial de uma expressão considerada idiomática permite determinar se seu sentido é autônomo ou depende do contexto. Algumas delas precisam dele para sua compreensão idiomática (seja um contexto precedente ou subsequente). Em alguns casos a expressão pode ser compreendida sem ter que recorrer a uma explicação ou situação anterior que de conta delas.

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NÃO DEPENDENTES DO CONTEXTO.

Não valer um tostão furado; meter-se em camisa de onze varas; cair na farra; perder as estribeiras (português).

No decir ni esta boca es mía; meterse en camisa de once varas; perder los estribos; vivir del cuento; (espanhol).

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DEPENDENTES DE CONTEXTO.

Existe um grupo de expressões idiomáticas que embora sejam perfeitamente compreensíveis são "frases incompletas". Por exemplo, *nem pensar*, enunciado que ocorre imediatamente após uma pergunta feita por um outro interlocutor. Ela poderia ser resposta a perguntas do tipo:

Você pretende engravidar de novo? Você perdoaria seu marido, mesmo depois de ser traída? Você vai desistir do emprego? Com a violência que hoje em dia invade as ruas de São Paulo, você gostaria morar nessa cidade?

Portanto, o enunciado *nem pensar* é gramaticalmente incompleto, ele não representa por si só uma frase se considerarmos que do ponto de vista distribucional e semântico não é independente, mas que pode ser considerado derivado de uma frase constituída pelo acréscimo de vários dados que estão inseridos dentro do contexto, por exemplo:

*Eu já tenho cinco filhos, não posso **nem pensar** engravidar de novo, pois com a falta de emprego e a inflação aumentando cada dia a gente não dá conta de tantos problemas.*

Existem outros tipos de frases idiomáticas que também precisam de contexto, por exemplo, *só se for amarrada; nem pintado; nem coberto de ouro; nem que a vaca tussa; nem que chova canivete; uma ova; não deu outra; não perdemos por esperar; sei lá o que (português); ni morta; ni que la rana crie pelos; ni pensar; que no sea por mi (espanhol).*

Por exemplo:

*A greve dos funcionários públicos fracassou; **não deu outra**; alunos foram demitidos e por cima foram descontados do salário os dias que ficaram de greve.*

*Acho que você deve ir à casa do seu colega para se preparar pra o vestibular. - Eu vou à casa de meu colega **uma ova!***

Muitas expressões, como já dizemos anteriormente, têm uma combinação homóloga livre. Eis aqui alguns exemplos: *pôr as cartas sobre a mesa; soltar os cachorros; cair no anzol; bater as botas; esticar as canelas; dar bolo; pisar na bola; estar com a corda no pescoço; bater na mesma tecla; saber onde aperta o sapato; apitar na curva; quebrar o galho; botar lenha na fogueira; sair o tiro pela culatra; pular a cerca; roer a corda; meter a colher; perder as*

estribeiras (português); cantar el manisero; estirar la pata; estar en un callejón sin salida; coger fuera de base; chuparle el rabo a la jutia; espantar la mula; coger mangos bajitos; estar en tres y dos; partir el brazo; trabarsele el paraguas; cortar el bacalao; ponerse las botas; amarrarse los pantalones; caerle comején al piano (espanhol). Para uma pessoa que não conheça as artimanhas da língua e seus significados metafóricos seria difícil supor que a expressão é idiomática se ela estivesse fora do contexto recorrendo, então, ao seu sentido literal.

A contextualização das expressões idiomáticas procura indicar condições em que se dá a modificação semântica. A interpretação correta e a compreensão dessas frases que se baseiam em costumes, usos, opiniões, escalas de valores, ideologias, pressupõe a compreensão destes âmbitos de origem, portanto de um contexto de cultura.

A relação significado/referente das expressões idiomáticas não existe fora do discurso que a fundamenta, operando como um recorte específico da realidade e virtualidade de certos efeitos de sentido (Buzon, 1979).

No entanto, no nível discursivo, podemos encontrar expressões idiomáticas com sentido autônomo, isto é, elas não precisam de contexto precedente ou conseqüente para serem compreendidas, como é, também, o caso dos provérbios e refrões. Por exemplo, *ser como cão e gato; morder a isca; estar num beco sem saída; bater na mesma tecla; dar com a língua nos dentes; procurar agulha em palheiro; pegar com a boca na botija; ser Maria vai com as outras; mais vale pássaro em mão que dois voando; matar dois coelhos de uma só cajadada; águas passadas não movem moinho; a cavalo dado não se olha o dente, etc.* Por outro lado, como o português e o espanhol são línguas bem próximas muitas dessas expressões apresentam seu equivalente na outra língua que também não precisaria de contexto para sua compreensão idiomática. O contexto representa um recorte específico de uma realidade e a expressão se insere ou não nele de acordo com a relação significado-referente dessa realidade e dentro do discurso e o ato de comunicação que se realizará entre os parceiros.

Se analisarmos o aspecto lexico-semântico de uma expressão idiomática dentro do contexto oracional poderíamos determinar o seu caráter fraseológico e metafórico. Já no caso do contexto supraoracional (o texto) poder-se-ia verificar a sua idiomatidade analisando, então, o texto circundante onde ela se insere. Por sua vez, o contexto situacional nos indica a convenção e uso fraseológico dessa unidade, mas é importante que o leitor/ouvinte esteja familiarizado com a situação descrita.

É por essa razão que muitas vezes quando procuramos num dicionário o significado de uma expressão e ela aparece fora do contexto, (como acontece

freqüentemente) resulta difícil para o usuário entendê-la e conseqüentemente usá-la. Em outros casos, quando elas aparecem contextualizadas, o exemplo é tão banal que não esclarece seu sentido semântico, pois são exemplos colocados só para confirmar a sua idiomaticidade ou talvez para **encher lingüça**.

Para poder afirmar que uma expressão é idiomática temos que analisar, por um lado, se os traços dela são próprios aos de uma unidade fraseológica desse tipo, e, por outro lado, está a questão da análise contextual.

A maneira de conclusão podemos dizer que o contexto tem um caráter dinâmico, ele não é só um mundo-estado possível, mas também uma seqüência de mundos-estados. Além disso, essas situações do contexto mudam, elas não permanecem idênticas no tempo, portanto ele é um transcurso de fatos e acontecimentos. Se a situação comunicativa representa uma parte empiricamente real do mundo, o contexto é uma abstração altamente idealizada dessa situação comunicativa e contém aqueles fatos que determinam sistematicamente a adequação das expressões convencionais. Formarão parte desses contextos, obviamente, os participantes no ato de comunicação (ouvinte/ falante) com as suas estruturas internas (conhecimentos, crenças, propósitos, intenções) o espaço e tempo onde ele se insere para poder ser localizado dentro de um mundo real possível.

O contexto, pois, determina a fixação do significado numa situação concreta. Essa função determinativa do contexto é muito eficaz, tanto que, inclusive, podemos errar, dependendo do nível de compreensão dos envolvidos no ato de comunicação: o interlocutor, geralmente, compreenderá corretamente o que o seu parceiro quer expressar e tentará dar um retorno (uma resposta) ao enunciado emitido pelo interlocutor utilizando uma outra expressão que combine com o contexto e o enunciado. Também pode ocorrer que apesar de ter utilizado a expressão correta a determinação contextual seja incompleta e o interlocutor não compreenda o que o seu parceiro quis dizer. Então, se produz o mal-entendido.

Muitos dicionários apresentam as palavras e expressões isoladas fora dos seus contextos. Embora os autores tentem dar uma definição e mostrar todas as acepções possíveis que tem a palavra, isso não quer dizer que o leitor que consulta o dicionário entenderá o significado dessa palavra ou expressão. No caso de expressões idiomáticas é preciso lembrar que muitas delas tem sua versão livre também, portanto, para poder entender a mensagem e saber se a expressão é idiomática ou não precisará necessariamente desse contexto. Por exemplo:

Português.

Expressão idiomática.

Expressão não idiomática

apitar na curva → morrer

apitar na curva → buzinar

bater as botas → morrer

bater as botas → perfilar-se em posição militar

soltar os cachorros → fazer escândalo
dizer verdades em público,

soltar os cachorros → soltar, deixar em
liberdade

lavar as mãos → desencumbir-se de
qualquer ajuda a ou responsabilidade
por uma outra pessoa.

lavar as mãos → limpar as mãos com água

apertar o cinto → economizar

apertar o cinto → apertar para ficar mais justo
na cintura

tirar o chapéu → reverência diante de
alguma coisa/pessoa relevante

tirar o chapéu → tirar o chapéu da cabeça

pôr os pontos nos is → colocar tudo a
limpo

pôr os pontos nos is. → colocar os pontos nos
is quando se corrige um texto

saber onde aperta o sapato → saber,
conhecer onde está a dificuldade

saber onde aperta o sapato → saber onde
incomoda/aperta mais o sapato

pôr/botar a boca no trombone → gritar

pôr/botar a boca no trombone → colocar a
boca, soprar para que emane a música.

bananeira que já deu cacho → coisa
que já rendeu o suficiente e não dá
mais

bananeira que já deu cacho → planta da
banana que já deu cacho e precisa ser cortada,
pois não crescerá mais.

estar com a faca e o queijo na mão
estar numa situação boa, ter o controle
dessa situação

estar com a faca e o queijo na mão ter nas
mãos a faca para cortar o queijo

nesse mato tem coelho → tem alguma
coisa errada por trás

nesse mato tem coelho → existe a certeza/
possibilidade de que nesse lugar está esse
animal, o coelho

matar dois coelhos de uma cajadada só
fazer duas coisas ao mesmo tempo

matar dois coelhos de uma cajadada só matar
dois coelhos com um tiro só

Espanhol.

Expressão idiomática.	Expressão não idiomática
<i>chuparle el rabo a la jutia</i> → ficar bêbado	<i>chuparle el rabo a la jutia</i> → chupar o rabo do animal, quando assado.
<i>estar herido</i> → estar com fome	<i>estar herido</i> → estar ferido
<i>jugar en los dos bandos</i> → ser bissexual	<i>jugar en los dos bandos</i> → jogar em dois times (equipes)
<i>quemarse las pestañas</i> → estudar muito	<i>quemarse las pestañas</i> → queimar as pestanas
<i>perder los estribos</i> → perder o controle	<i>perder los estribos</i> → cavalgando perder o controle da besta
<i>darle la patada a la lata</i> → morrer	<i>darle la patada a la lata</i> → dar com o pé numa lata
<i>estirar la pata</i> → morrer	<i>estirar la pata</i> → esticar a perna (os animais)
<i>espantar la mula</i> → morrer; ir embora	<i>espantar a mula</i> → espantar o animal
<i>no hacer el cuento</i> → morrer	<i>no hacer el cuento</i> → não contar
<i>coger cajita</i> → obter alguma coisa	<i>coger cajita</i> → pegar uma caixinha
<i>coger fuera de base</i> → surpreender	<i>coger fuera de base</i> → no jogo de beisebol pegar fora do lugar.
<i>tirar la toalla</i> → proteger, justificar	<i>tirar la toalla</i> → jogar a toalha a alguém

As Els são estruturas que estabelecem entre os sujeitos uma certa cumplicidade, uma certa convivência e a verdade do discurso idiomático é assegurada pelo seu saber implícito, que nem a situação nem o contexto permitem deduzir. As motivações que levam os sujeitos à utilização dessas expressões não podem corresponder a atos arbitrários, mas a uma reflexão criativa sobre a linguagem. É necessário ressaltar também o valor argumentativo das Els, isto é, o papel delas e a sua expressividade num discurso argumentativo e sobretudo na argumentação quotidiana. Elas constituem o pressuposto, aquilo que é partilhado pelos interlocutores, o saber comum.

A contextualização situacional das Els funciona a nível superficial, enquanto a categorização das Els e a reflexão lingüística propriamente dita, não se encontra num nível superficial, mas a um nível mais profundo, nível

esse que seria constituído pelas metáforas subjacentes às Els. A orientação pragmática permite a elaboração de uma reflexão teórica, necessária ao enquadramento geral das Els. Estes lexemas seriam classificados quanto às suas funções pragmáticas, dependentes do contexto situacional, mas que fariam parte intrínseca dos lexemas figurativos.

As Els constituem um objeto privilegiado que se enquadra na perspectiva geral da pragmática. O significado dessas expressões só é ativado quando elas são usadas numa determinada situação. O uso de determinada estrutura idiomática, num contexto específico, pressupõe um saber comum entre locutor e receptor -o saber idiomático- e a seleção de uma expressão idiomática induz um significado inerente à própria expressão.

Um tratamento completo da questão do contexto levaria a esferas mais amplas do que as tradicionais tratadas na Sociolingüística. Como se sabe, o estudo desta dependência do contexto para a interpretação semântica dos enunciados constitui a área de interesse da pragmática, portanto, a Sociolingüística não deveria ser desvinculada da pragmática.

É muito importante o contexto, mais ainda na aquisição de uma língua estrangeira sobretudo se o aprendiz estuda a língua-alvo fora do contexto de imersão. Para ele seria impossível interpretá-las e produzi-las sem um domínio dos fatos de elocução. Por essa razão, também seria importante que o professor, (no caso de um professor não nativo), conheça o significado dessas expressões e os matizes culturais que estão por trás de cada uma delas. O professor deve saber como introduzi-las e explica-las para que o aluno saiba quando e como utiliza-las na sua atividade discursiva. As expressões idiomáticas muitas vezes se confundem com seus homólogos livres, por exemplo, *soltar os cachorros*; *bater as botas*; *pôr lenha na fogueira*, *suar a camisa*, portanto a única maneira de diferenciá-las seria tendo em conta a sua noção global metafórica que está determinada pelo significado do conjunto como um todo e não pela soma dos significados dos componentes, levando em consideração também o contexto onde se inserem.

3.8. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE CONTRASTIVA

O método contrastivo mostra-se muito útil no ensino de línguas estrangeiras: permite prever interferências de uma língua em outra e, por isso mesmo, prever as dificuldades que vão enfrentar os estudantes, a natureza delas, e as técnicas para prevenir e corrigir problemas

(Luft, Celso, 1985)

Evidentemente para se chegar à realização da nossa pesquisa precisou-se de um embasamento teórico que mostrasse a evolução que começou a partir do auge da análise contrastiva, a passagem para a análise de erros, terminando finalmente nos estudos de interlíngua que se apresenta como um patamar de produção teórica que teve suas origens nos estudos precedentes.

Assim, observamos que antes de 1957 a Filologia Comparada dedicava-se às orientações lingüísticas de uma parte do século XIX sendo a motivação central tentar chegar à língua que seria a origem de todas as outras. Algumas obras que comparavam línguas concentravam a sua atenção na comparação de fatos concretos de línguas particulares, tendo uma relação mais direta com os estudos contrastivos que aparecem após a publicação da obra de Lado, mesmo que os objetivos propostos fossem diferentes. Esse segundo tipo de comparação forma parte do que Fisiak (1981) chama de **Comparative Typological Linguistics**.

Durante a pesquisa bibliográfica analisamos um conjunto de obras que comparam fatos concretos de línguas particulares e que, por suas características e enunciados teóricos, constituem os antecedentes imediatos dos estudos contrastivos. Por exemplo, a do famoso fonetista francês Paul Passy **Petite Phonétique Comparée des Principales Langues Européennes**. Este autor junto a Sweet, Franke e Jespersen, foram figuras identificadas dentro da escola lingüística dedicada às pesquisas sobre ensino-aprendizagem de línguas e conhecida como **Reform Movement (Movimento de Reforma)** mais voltada para o enfoque sobre o tema de ensino/aprendizagem. As idéias básicas desta escola seriam:

- a importância da fala, ou seja, o professor deve fazer maior ênfase na expressão oral mais do que nos aspectos mais formais da língua;
- a utilização dos princípios de visualização, associação e aprendizagem através dos sentidos;
- a aprendizagem prática da gramática de uma língua através de um sistema automático de perguntas e respostas;
- no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira o procedimento seria similar ao de uma criança quando começa a interiorizar a sua língua materna. Para atingir esse objetivo devemos evitar ao máximo o contato com a língua materna durante o processo de aprendizagem e tentar reduzir ao mínimo as traduções;
- aprender uma língua na base desses princípios representa aprender uma outra cultura, uma outra forma de vida e outras perspectivas.

Neste último ponto, vemos que existe um enlace com um dos pilares básicos de Lado em ***Linguistics Across Cultures*** onde o autor fala da necessidade de comparar a L1 e a L2 e ao mesmo tempo comparar as suas respectivas culturas, com o que reconhece implicitamente que línguas diferentes não representam só sistemas linguísticos diferentes mas também uma conceituação diferente da experiência.

Na década de 40 nos Estados Unidos era quase obrigatória a elaboração de programas para o ensino de línguas “exóticas” devido a necessidades urgentes da Segunda Guerra Mundial. Neste período, foram desenvolvidas algumas pesquisas baseadas em estudos comparativos, aplicados ao ensino de línguas estrangeiras e outras relacionadas com o bilingüismo. A partir daí, já podemos falar, verdadeiramente, dos antecedentes de estudos contrastivos, pois alguns autores de alguma maneira, adiantaram pressupostos implícitos ou explícitos na teoria desenvolvida por Lado em ***Linguistics Across Cultures*** e que, posteriormente, tornou-se no que hoje conhecemos como Análise Contrastiva.

Em 1948 na revista ***Language Learning*** aparece o artigo de Davis Reed, Yao Shen & Roberto Lado com o título sugestivo ***Importance of Native Language in Foreign Language Learning***, onde os autores tentam trazer à tona a importância, do ponto de vista pedagógico, das comparações de línguas (as implicações didático-pedagógicas). Os princípios teóricos que tentam verificar através desse estudo são:

- todo professor de línguas deve estar consciente de que se se ensina uma mesma língua, com procedimentos idênticos a estudantes com línguas maternas diferentes, os resultados não serão igualmente satisfatórios;
- a explicação para os diferentes resultados, está no fato de que cada língua materna (nativa) apresenta uma combinação de problemas totalmente diferentes, válidos na aprendizagem de uma língua estrangeira.

Para demonstrar como se dá na prática esse fenômeno os autores comparam os sistemas fonológicos do inglês americano, do espanhol de Latinoamérica, do chinês mandarín e do português brasileiro. O objetivo era analisar e descobrir quais os problemas concretos que poderiam surgir para os falantes das três últimas línguas que estivessem aprendendo inglês. Primeiro, os autores analisaram as dificuldades comuns das línguas escolhidas (chinês-espanhol, espanhol-português, chinês-português). Depois, analisaram as dificuldades específicas dos falantes de cada uma das línguas de maneira isolada.

A partir dos dados dessa pesquisa comparada, os autores chegaram a conclusões de tipo quantitativo, sendo que os problemas específicos dos falantes de uma língua representam quase o dobro dos que têm em comum os

falantes das duas ou das três línguas. Portanto, afirmam que se deverá ensinar uma língua estrangeira a falantes com a mesma língua materna, pois desta forma o professor poderá utilizar na sala de aulas um material didático preparado especialmente para atender as necessidades específicas do grupo. Tal afirmação tornou-se um antecedente importante para os princípios básicos da Análise Contrastiva que indica que cada língua representa um sistema lingüístico e cultural diferente. Assim, quando numa situação de aprendizagem o aluno tenta captar o novo sistema lingüístico e cultural sempre, de alguma forma, vai ter influência da sua língua materna.

Do trabalho de Fries & Pike (1949) nos interessa só destacar que os autores propõem um método estrutural para a análise e comparação de línguas (no aspecto fonológico) centrando a atenção em falantes que possuem conhecimentos em duas línguas, mesmo porque são bilingües, mesmo porque na sua LM existem dois sistemas que coexistem.

Sobre o método estrutural proposto por Fries & Pike devemos apontar que ele está baseado principalmente nos seguintes axiomas:

- as comparações devem seguir uma linha empírica, deductiva e descritiva;
- as línguas serão comparadas desde uma perspectiva sincrônica;
- os dados que sejam analisados devem ser considerados em relação com os outros anteriores. Deverão ser comparados sistemas com sistemas e não fatos isolados, pois as línguas constituem sistemas de relações;
- os axiomas teóricos que orientem a pesquisa deverão ser expostos de maneira explícita e demonstrada a sua validade.

Aqui também podemos ver um antecedente de Lado, quando propõe o mesmo método, a mesma perspectiva sincrônica e considera a estrutura “*sui generis*” das línguas como um sistema organizado. Lado também expõe alguns pressupostos teóricos de partida cuja validade tenta demonstrar.

A base científica que aportaram Fries & Pike a Lado está dentro da época de evolução do estruturalismo americano. Os seguidores de Bloomfield (incluído eles) acham que o método empírico é, por primeira vez, um método científico o que, posteriormente, os levará à criação de uma quantidade considerável de trabalhos e pesquisas práticas.

Em 1957 aparece ***Linguistics Across Cultures*** onde nasce a análise contrastiva propriamente dita e a sua originalidade radica em que marcou o começo de uma das correntes da Lingüística Aplicada. O autor de uma maneira clara, concisa e, diríamos, completa propõe uma metodologia que explica como se podem comparar duas línguas no processo de aprendizagem delas e

justifica a necessidade de essa comparação dentro de um axioma importante da psicologia educativa que é a teoria da transferência.

Talvez, a primeira vista, pode parecer que Lado não está aportando nada novo, mas uma análise mais aprofundada nos fará compreender que a partir dessa obra surge a primeira teoria de ensino de línguas. Evidentemente, prática de ensino houve desde a época clássica da antiguidade, inclusive existiam algumas teorias sobre aprendizagem de línguas mas, até então, não havia uma sistematização que orientasse essa aprendizagem. É válido chamar a atenção no sentido de que a aproximação ao tema de aprendizagem de línguas proposto pela Análise Contrastiva estava numa consonância total com o desenvolvimento da Lingüística Aplicada daquela época, a qual surge com status próprio na segunda metade dos anos cinqüenta. A sua prioridade, por não dizer finalidade, foi, segundo o modelo de Corder (1973) a de fazer acessível aos professores de línguas as teorias, técnicas e métodos de descrição derivados da lingüística teórica.

A crença geral era que os profissionais da área de ensino de línguas poderiam se beneficiar, do ponto de vista acadêmico e do ponto de vista profissional, com pesquisas realizadas pelos lingüistas teóricos e desta forma ensinar línguas de maneira mais eficaz.

Posterior à publicação de *Linguistics Across Cultures* aparecem varios trabalhos nos anos sessenta. A obra *Contrastive Structural Series* publicada e editada por Charles Ferguson (com o auspício do *Center for Applied Linguistics da Modern Language Association of America* com sede em Washington) onde o autor fez uma descrição das semelhanças e diferenças entre o inglês e cada uma das quatro línguas mais estudadas nos EUA (francês, italiano, russo e espanhol). Nos EUA achamos alguns estudos contrastivos de línguas como o inglês, francês, alemão e o eslovaco com o russo. Por exemplo, Moulton *The Sounds of English and German*, Chicago, 1962; Stockwell, & Bowen *The Sounds of English and Spanish*, Chicago, 1965; Agard, & Di Pietro *The Sounds of English and Italian*, Chicago, 1966, dentre outras. Também aparecem em Russia os estudos contrastivos da língua russa com outras línguas como o inglês, francês, alemão, português e espanhol, inclusive alguns tornaram-se a base teórica e científica para a elaboração de dicionários bilingües. O projeto de estudo do inglês com um número de línguas ameríndias, por exemplo, Ohannessian, S & Gade, *Teaching English to Speakes of Choctaw, Navajo and Pagogod: A Contrastive Approach*, Washington, 1969 e finalmente os artigos que foram publicados nas revistas internacionais (*Internacional Review of Applied Linguistics, Papers on Contrastive Linguistics, Language Learning*, etc.)

Em 1968 o *19th Round Table Meeting* da Universidade de Georgetown, Washington foi dedicado, de maneira íntegra, à Análise Contrastiva e às suas implicações pedagógicas. Também em 1969 na *Spring Conference* do

Instituto of the German Language em Mannheim foram tratados problemas sobre a linguística contrastiva, também como no **Second International Congress of Applied Linguistics** organizado em Cambridge em 1969.

Na Espanha, no **I Congresso Nacional de Linguística Aplicada** realizado em Múrcia, em 1983 se realizaram debates interessantes por parte dos professores Muñoz Cortés e Emilio Lorenzo sobre a obra de Ferguson **Contrastive Linguistics Series**

Assim, a Análise Contrastiva encontrou um ambiente propício para o seu desenvolvimento e para continuar exercendo a sua influência de forma diferente durante uma boa parte da década de sessenta. Durante esse período, houve uma grande proliferação de estudos contrastivos e uma aplicação dos princípios contrastivistas ao ensino de línguas manifestado na popularidade dos métodos estruturalistas.

Voltando à questão se a Análise Contrastiva é generalista ou particularista concordamos com James (1980) quando afirma que não é nem uma nem outra, ela situa-se na escala intermédia entre os dois extremos. Simplesmente está interessada no gênio inerente à língua estudada bem como à comparabilidade.

Existem dois princípios fundamentais da Lingüística descritiva comparada. Um, sustenta que é preciso descrever antes de comparar; o outro, declara que precisa-se comparar padrões e não língua inteiras. Sem dúvidas, não se pode comparar o modo como as coisas funcionam se não se descreve primeiro o modo como cada uma delas funciona. O segundo princípio, talvez possa parecer evidente, mas é preciso entender que não se trata, digamos, de comparar o português com o espanhol. Não pode haver uma exposição única, geral, explicando todos os padrões de ambas as línguas e, portanto, não há um enunciado comparado global dando conta da diferença entre duas línguas. É possível comparar, por exemplo, as expressões idiomáticas do português com as expressões idiomáticas do espanhol. É impossível extrair dos enunciados comparativos qualquer formulação geral da diferença entre as duas línguas, ou da semelhança entre elas. O que pode ser feito é a realização de comparações úteis e detalhadas de padrões particulares em duas ou mais línguas, uma vez que elas tenham sido descritas.

Neste sentido, levando em consideração esses princípios, poderíamos asseverar que toda exposição comparada pressupõe três etapas importantes. 1) a descrição separada dos aspectos relevantes de cada língua; 2) o estabelecimento da comparabilidade; 3) a comparação em si mesma. No caso da segunda etapa, é necessário salientar que antes de comparar, por exemplo, as expressões idiomáticas do português com as expressões idiomáticas do espanhol é desejável estabelecer que elas são comparáveis partindo de sua equivalência contextual, o que pode ser feito talvez pela referência à tradução.

Uma vez que a comparação depende da descrição, quanto melhor for a descrição subjacente, maior probabilidade da comparação ter sucesso. Porém, não podemos esquecer que uma semelhança aparente esconde importantes diferenças o que significa uma experiência comum às transferências negativas. Para comparar as línguas é preciso dispor de um método que permita compará-las de acordo com o modo de elas funcionarem e não de acordo com a maneira segundo a qual evoluíram.

Em todo estudo contrastivo depois da comparação da L1 e da L2 a tarefa a seguir é analisar os contrastes que posteriormente no processo de ensino aprendizagem nos levarão a determinar as dificuldades na aprendizagem

Em sua obra *Linguistics Across Cultures* (1957), Lado atribui a Fries a idéia original da análise contrastiva, expõe a idéia com detalhes e faz um breve levantamento das obras que já estavam contribuindo aos estudos baseados em tais princípios, como por exemplo a sua própria tese de doutorado. A teoria ganhou enorme aceitação e provocou como resultado análises contrastivas posteriores de alguns pares de línguas, trabalhos que mais tarde foram publicados. Apesar dessas tentativas, nunca foi publicado qualquer estudo comparativo completo de duas línguas, pela simples razão de que tal empreendimento é impraticável. Embora essa tarefa gigantesca possa ser realizada, o resultado seria muito maciço e complicado para ser útil.

As idéias capitais da obra de Lado *Linguistics Across Culture* podem ser resumidas nos seguintes pontos:

- em todo processo de aprendizagem de línguas se produz a transferência da língua nativa (materna, L1) à língua que se apreende (L2). Isso quer dizer, que quando um falante aprende uma língua estrangeira a tendência seria a transferir as formas e significados da língua e cultura nativas à língua e cultura estrangeiras, tanto do ponto de vista onomasiológico quanto do semasiológico;
- Lado afirma que os elementos que são iguais ou parecidos nas duas línguas não levarão a problemas de aprendizagem como seria no caso dos elementos que diferem em ambas as línguas. Com este postulado não concordamos plenamente, pois temos visto na prática que justamente a proximidade leva a erros graves.

Desta forma, Lado expoe os dois tipos de transferência que existem: a transferência pode facilitar a aprendizagem se a L1= L2 ou L1 é semelhante a L2. Este tipo de transferência é denominada como **facilitação**. A transferência da língua materna pode dificultar a aprendizagem quando (se L1 não é = a L2). Neste caso, estaríamos diante da chamada **interferência**.

Assim, podemos deduzir que muitas das dificuldades que tem uma pessoa quando aprende uma língua estrangeira dependerão em grande parte da sua língua materna (L1). Para descobrir numa situação de aprendizagem quais serão os aspectos da nova língua que trarão problemas e quais não, é preciso um estudo comparativo prévio de L1 e L2, também como de suas culturas.

Lado acredita que esta comparação deverá ser feita a nível fonético-fonológico, morfosintático, léxico-semântico, gráfico e cultural.

Com os resultados obtidos a partir da comparação das duas línguas e das duas culturas o professor estará em condições de prever os erros que os alunos possam ter e que possam causar problemas no aprendizado.

Evidentemente, para Lado aprender uma língua significa aprender a superar as diferenças entre a língua materna e a língua que está se aprendendo (diferenças lingüísticas e diferenças culturais). Uma nova língua é um novo sistema de signos e também um sistema cultural diferente. A comparação, além disso, pode ter outras aplicações didáticas, sobretudo, por exemplo, a preparação de material didático, a possibilidade de avaliar o conteúdo lingüístico e cultural nos livros de textos.

No momento de realizar a análise contrastiva das expressões idiomáticas das duas línguas envolvidas na pesquisa levamos em consideração os aspectos mais relevantes da teoria de Lado e que mostraremos a seguir:

- a nível morfosintático

- analisar as construções da L1 e L2, tentando localizar a melhor descrição estrutural de ambas as línguas dando conta da forma, significados e distribuição das estruturas morfosintáticas da L1 e L2;
- fazer um sumário das estruturas das expressões idiomáticas em ambas as línguas, constatando em que sentido elas diferem ou não tendo em conta a forma, significados e distribuição;
- a partir dos resultados da análise passamos a estudar os contrastes e/ou diferenças que poderiam causar possíveis dificuldades no processo de aprendizagem e finalmente os reunimos em diferentes grupos.

- a nível léxico-semântico

- selecionar as expressões idiomáticas na língua de partida (o português) com seus equivalentes em espanhol.

- comparar as expressões idiomáticas levando em consideração a forma, o significado, a distribuição e a conotação dos elementos léxicos que as integram o que pressupõe:
 1. levando em conta a forma das expressões idiomáticas selecionadas podemos classifica-las em dois grupos: a) as que são iguais em ambas as línguas; b) as que são diferentes, tentando descobrir se a diferença é só na forma ou também no tipo de construção;
 2. com relação ao significado, os elementos lexicais foram comparados da forma seguinte:
- selecionando as expressões que são iguais na forma e têm o mesmo significado ou as que são iguais na forma mas apresentam significados diferentes.
- no caso das expressões que diferiam na forma se comparou o seu significado para descobrir se era similar na L1 e na L2, se era totalmente diferente ou representava numa língua só parte do significado que ela têm na outra língua.
- 3. o estudo de distribuição e conotação de elementos inclui:
 - a comparação na distribuição das palavras nas expressões duas línguas analisando se em ambas as línguas as restrições de distribuição de ordem gramatical, geográfico, social e de estilo são iguais ou não.
 - a descrição dos problemas de aprendizagem a partir das diferenças léxico-semânticas detectadas nas línguas analisadas.

- **a comparação de duas culturas**

Considerando que também vai ocorrer uma transferência de hábitos culturais, a comparação de duas culturas, segundo Lado, vai nos ajudar a **predizer** os problemas que podem surgir numa situação de aprendizagem de uma determinada língua e cultura estrangeira. Dita comparação (p.111) só será possível no caso de termos conhecimentos suficientes sobre a cultura da L1 e da L2.

O fato de Lado reconhecer a necessidade de comparar não só as línguas, mas também as culturas de L1 e L2 significa que reconhece que duas línguas não só diferem na forma de construir suas frases, elas também diferem na maneira de conceituar a experiência. Nesta obra o autor reconhece que aprender uma nova língua é adquirir uma nova visão do mundo. Na verdade, Lado aqui aceita o princípio de relatividade lingüística de Benjamin Lee Whorf, (1940) que chegou à conclusão de que a língua que nós usamos influi na nossa maneira de pensar e atuar e que a sintaxe da língua constitui um dos

fatores que contribuem para que possamos determinar o nosso mundo conceitual. As diversas línguas vêm o mundo de forma diferente, o qual significa que os falantes de cada uma das línguas possuem diferentes visões da realidade. Whorf define a relatividade lingüística como um princípio que determina que todos os observadores não percebem de forma idêntica a evidência física do mesmo quadro do universo. Isso aconteceria só se eles tivessem línguas parecidas ou equiparáveis de algum modo.

Para comparar duas culturas é necessário:

- selecionar alguns modelos de comportamento (conduta) que em varias culturas eram unidades funcionais importantes.
- utilizar informação dos nativos que pertencentes a essas culturas e comparar a informação, através da observação sistemática, com a realidade.

Se revisarmos a bibliografia crítica que existe sobre o tema, poderemos constatar que a teoria de Lado tem sido esmiuçada nas suas partes integrantes e uma a uma submetida a uma revisão crítica. Foram discutidos e analisados os pressupostos teóricos, foi colocada em tela de juízo a sua validade, do ponto de vista pedagógico. Finalmente, se propuseram algumas inovações a partir da mudança de alguns pressupostos básicos a raiz das novas teorias surgidas depois da obra de Lado sobre ensino aprendizagem de línguas.

Assim observa-se que Fries(1945) e Lado(1957) representam o marco para a análise contrastiva que leva a determinar em que áreas existem as dificuldades e ao mesmo tempo prevê os problemas que o aprendiz pode ter. Smith (1991) considera que é discutível que a análise contrastiva consiga explicar o porquê das diferenças entre duas línguas ou porquê um determinado aluno possa ter dificuldade com a estrutura **x** e não com a **y**.

Santos Gargallo (1993) aponta que apesar de tudo a análise contrastiva representa o início da pesquisa em Lingüística Aplicada centrada no aluno e no seu processo de aprendizagem e constitui o alicerce da análise de erros que teve como precursor Corder (1967). O autor fundamenta-se no estudo empírico e sistemático dos erros produzidos por estudantes de L2. Corder reconhece o valor da análise contrastiva mas tenta dar um rumo diferente ao conceito de erro dado através da análise contrastiva e visto como um desvio da norma da língua-alvo, originado pela interferência com a estrutura da L1. Certamente, a análise de erros criou uma mudança de foco no processo de ensino/aprendizagem, pois o aluno passa a ser visto como um ponto central nesse processo o que posteriormente desemboca nas teorias e estudos sobre interlíngua.

A década de 70 é marcada pelo interesse suscitado pela interlíngua levando a estudos que enfocaram as estratégias dos alunos com especial

ênfase nas estratégias de comunicação que já na década de 90 leva a uma visão holística de interlíngua como competência de comunicação e que, segundo Besse & Porquier (1991:237), comporta vários componentes: lingüístico, discursivo, referencial e sócio-cultural. Os autores consideram que é preciso distinguir as estratégias de comunicação observáveis no discurso, assim como a questão do contexto de ensino/aprendizagem, pois os sistemas intermediários que constituem a interlíngua não podem ser descritos sem fazer referência à competência da comunicação nativa e à experiência comunicativa na língua-alvo.

Tarone(1988) também aborda a questão da interlíngua assinalando a existência de vários modelos que se agrupam em abordagens específicas que tentam identificar a sistematicidade na língua.

Assim, podemos resumir no seguinte quadro a evolução das pesquisas a partir da análise contrativa até os estudos de interlíngua:



É claro, que a AC não pode **predizer** todas as dificuldades e conseqüentemente os erros, pois ela não leva em consideração alguns fatos que tem lugar no próprio processo. Na verdade, o objetivo principal é descobrir como uma determinada categoria lingüística universal se manifesta nas duas ou mais línguas selecionadas.

No caso dos estudos contrastivos aplicados, eles não pertencem à lingüística teórica, senão à lingüística aplicada. Dentre os possíveis campos de aplicação podemos incluir como os mais significativos o ensino/aprendizagem de línguas, a tradução e os estudos sobre bilingüismo, sendo o ensino de línguas onde realmente a análise contrastiva tem se desenvolvido mais. Evidentemente, os estudos contrastivos aplicados estão dentro do domínio das ciências aplicadas e, como tal, propoe que o conhecimento científico seja útil para a práxis, que neste caso seria o ensino de línguas.

CAPÍTULO IV.

ANÁLISE DOS DADOS

A fraseologia é onde a identidade lingüística se define, afirma na plenitude da sua originalidade e autenticidade conceituais e formais, onde a índole da língua depura e cristaliza experiências históricas, valores e juízos morais, atitudes e vivências sociais que lhe são próprias e vão sendo assimiladas num patrimônio comum com o decorrer do tempo.

4.1. ANÁLISE MORFOSINTÁTICA DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Concluída a fase de coleta de registros, deu-se o processamento deles, a fim de facilitar o manuseio dos dados. Procurou-se analisar mais a fundo a composição das unidades em ambas as línguas envolvidas tanto do ponto de vista morfosintático quanto do ponto de vista semântico.

Para a análise comparativa das expressões idiomáticas elaboramos um corpus, partindo da lista de expressões do português do Brasil e anotando ao lado as expressões cubanas equivalentes. O procedimento consistiu em selecionar as expressões que reapareciam nos diferentes dicionários consultados (dicionários de expressões idiomáticas, dicionários de língua, dicionários fraseológicos, dentre outros). Hipotetizamos que essas eram as expressões mais comuns e que, portanto, perfariam o núcleo fundador do estudo e posteriormente do dicionário que será elaborado futuramente. É importante salientar que o levantamento das expressões brasileiras foi feito a partir de dicionários de ampla consulta do público e completo com expressões escolhidas da imprensa escrita, (jornais, revistas) textos de livros didáticos, de programas humorísticos da TV e telenovelas. Alguns dados que compõem o corpus foram obtidos em situações diferentes; a partir de informantes nativos de idades diversas, sem critérios que distingam nível de escolaridade, profissão ou qualquer outro dado psicolinguístico que nos permita identificar o uso dessas expressões a qualquer parcela em especial da sociedade. Assim, o fator aleatório nos leva a um corpus que pode representar no conjunto o caráter geral de seu uso.

No caso das expressões cubanas foi impossível gravar capítulos de telenovelas cubanas, onde com certeza aparece um número considerável dessas frases. No entanto, o levantamento se realizou a partir do DISFRAS (Dicionário de Fraseologia Cubana) elaborado por especialistas cubanos de renome que durante vários anos tem se dedicado aos estudos da fraseologia (a Dra. Antonia Ma. Tristá a Dra. Zoila V Carneado, a Dra.

Gisela Cárdenas, dentre outros) e com as quais manteve contato sistemático numa dada altura da composição do corpus. Em especial o trabalho de Carneado causou imenso efeito impulsionador do trabalho à época da sua concepção.

Para a análise semântica, baseamo-nos primeiro numa classificação elaborada para tornar a análise mais ágil e a qual mostraremos a seguir:

- as expressões idiomáticas de elementos formais e conteúdos semelhantes;
- as expressões com elementos formais semelhantes e conteúdo diferente;
- as expressões idiomáticas de elementos formais diferentes, mas semelhantes no que se refere ao sentido. Neste grupo incluímos as expressões idiomáticas com um ou mais elementos semelhantes e outros elementos diferentes, mas com igual sentido;
- as expressões idiomáticas numa língua sem equivalente na outra.

Neste capítulo procuraremos refletir acerca da relevância de uma análise morfo-sintática das expressões idiomáticas, pois tradicionalmente o que se tem considerado nas análises não é a sua estrutura formal e semântica, mas seu significado convencional, não composicional. Por outro lado, é conveniente verificar as relações entre o nível sintático e o nível semântico das expressões idiomáticas, observando até que ponto as alterações em sua estrutura sintática poderão interferir em sua interpretação semântica.

Mesmo não tendo em conta a forma nem o significado dos componentes da expressão, ela só será entendida como frase idiomática e fornecerá seu significado ao usuário da língua se a estrutura estiver de acordo com o que foi cristalizado pelo uso e a memória coletiva dos falantes da língua.

Esse significado idiomático, convencional, é proporcionado pela própria estrutura da expressão, o significado formal que adotou, despojando-a do seu significado literal ou composicional.

A análise morfo-sintática permite também identificar e/ou caracterizar a expressão idiomática, ou seja, pode-se verificar se existem características formais identificadoras da expressão e se dentre os critérios utilizados para a análise que define se uma expressão é idiomática ou não existe algum vinculado ao aspecto formal. Este tipo de análise é válido ainda para um estudo das funções semânticas e pragmáticas das unidades fraseológicas incluindo as expressões idiomáticas.

Antes de começar a análise sugerimos o conceito de expressão idiomática com base em estudos anteriores e como resultado da nossa pesquisa.

Entendemos por expressão idiomática a combinação (sintagma) metafórica de traços característicos próprios que se cristalizou pelo uso e frequência de emprego (passando do individual para o social) numa determinada língua apoiada na sua tradição cultural. Do ponto de vista estrutural ela representa uma lexia indecomponível e está constituída por mais de uma palavra. Do ponto de vista semântico o significado dos seus elementos constituintes não corresponde ao sentido geral do todo, o sentido global do conjunto não é igual a somatoria do significado das partes, portanto a sua interpretação semântica não pode ser calculada a partir da soma dos seus elementos.

Para realizar uma descrição morfológica tomemos como exemplo as expressões **botar a boca no trombone**, **botar a boca no mundo**. Aqui podemos ver que existem possibilidades de: 1) flexão no caso do verbo botar (*botaram*, *botam*); 2) permuta lexical (*mundo*, *trombone*, que embora não tenham essencialmente o mesmo significado parcialmente podem coincidir); 3) inserções, se for o caso.

Quanto à estrutura interna dessas expressões temos:

Verbo	+ artigo	+ substantivo	+preposição	+substantivo
<i>Botar</i>	+ <i>a</i>	+ <i>boca</i>	+ <i>no</i>	+ <i>trombone/mundo</i>
<i>Poner</i>	+ <i>el</i>	+ <i>grito</i>	+ <i>en</i>	+ <i>el + cielo</i>

Verbo	+preposição	+artigo	+substantivo	+preposição	+substantivo
<i>Pega</i>	+ <i>com</i>	+ <i>a</i>	+ <i>boca</i>	+ <i>na</i>	+ <i>botija</i>

A estrutura externa da expressão está ligada ao seu pragmatismo. Por exemplo, *Depois da crise econômica desses últimos meses ninguém mais quer acreditar em FHC. A popularidade do presidente diminuiu. O povo desfilou nas ruas de Brasília e botou a boca no trombone.*

Com relação à estrutura dos constituintes vemos que existem os tipos **SN** e **SV** (por exemplo, *prato cheio*, *conversa mole* (**português**); *mosquita muerta*, *cara de palo* (**espanhol**) (**SN**); *cair fora*, *estar na pindaíba*, *soltar os cachorros* (**português**) *ir echando*, *estar con una mano alante y otra atrás*, *formar un salpafuera* (**espanhol**) (**SV**). Este grupo é chamado por alguns autores de **bicume** ou **multicume** (**binuclear** e **multinuclear**) onde a expressão idiomática está integrada por duas ou mais palavras plenas como já apontamos anteriormente, e pode apresentar

diversas estruturas. As de tipo nominal estão constituídas por um substantivo + um adjetivo *mosquita muerta*; *gallo tapado*; *diente de perro* (**espanhol**); *angu de caroço*; *amigo da onça*; *água morna*; *bicho de sete cabeças*; *braço direito*; *boca de siri* (**português**).

Ser harina de otro costal (**espanhol**); *ser farinha do mesmo saco* (**português**); *estar en la tea*; *estar con una mano alante y otra atrás* (**espanhol**); *ser Maria vai com as outras*, *estar na lona*, *ser bananeira que já deu cacho* (**português**) são expressões idiomáticas multicumes verbais que poderiam ser confundidas com as nominais, pois os verbos **ser e estar** dão uma certa insegurança devido ao seu grau de dependência, não podendo ser substituídos por outro verbo nem tirados da frase, sob pena de a expressão perder o significado.

Em outros casos, por exemplo, *como água para chocolate*; *com a corda toda*; *com a corda no pescoço*; *com o pé na cova*; *com a faca e o queijo na mão*, *numa boa*, *por cima da carne seca*, *com o rabo entre as pernas*, *como sardinha em lata* (**português**); *con la cara de quien comió y no le gustó*, *con cara de pocos amigos*; *ser todo oídos*; *al duro y sin guante*, *a paso de jicotea*; *estar con la lengua afuera* (**espanhol**), a expressão idiomática independe de tal forma que não precisa ser colocada dentro da estrutura da frase e nem por isso ela vai perder o seu significado. Temos constatado através da nossa análise que as expressões idiomáticas multicumes são muito difundidas tanto na língua espanhola quanto na língua portuguesa.

Em geral podemos identificar expressões idiomáticas com as estruturas:

Sintagma nominal: *marinheiro de primeira viagem*; *cara de poucos amigos*; *amigo do peito*; *amigo da onça*; *boca de siri*; *angu de caroço*; *água morna*; *boi na linha*; *conversa mole*; *papo furado*; *conversa para boi dormir*; *cachimbo apagado*; *corda e caçamba*; *corpo mole*; *dor de cotovelo*; *carta fora do baralho*; *fim da picada*; *farinha do mesmo saco*; *pé rapado*; *mãe coruja*; *olhos de peixe morto*; *pé de chumbo*; *unha e carne*; *bóia fria*; *carne de pescoço*; *cara de pau* (**português**); *mosquita muerta*; *cara de perro*; *cara de palo*; *lengua de trapo*; *pico de oro*; *cuarto bate*; *carne fresca*; *carne de cañon*; *ñame con corbata*; *cabeza de chorlito* (**espanhol**).

Nos meus dados pode observar que a maior parte das expressões idiomáticas tem a estrutura de um sintagma verbal ou de outra estrutura que pode constituir um predicado o que mostra que elas funcionam como comentários que se fazem com relação a temas ou sujeitos.

Com relação à estrutura interna das expressões detectamos que em alguns casos existe:

A) **PARALELISMO DE ESTRUTURAS**

• **Binominais idiomáticas**

- Ellos son **uña y carne** a pesar de ser solo amigos.
- Ele não tem opinião própria por isso todo mundo fala que não são **nem carne nem peixe**.
- Cuando le dije a Mónica que estaba mas gordita, se puso roja y, **ni corta ni perezosa**, me soltó una bofetada.
- Si yo fuera tú no me compraría ese carro: no es un utilitário, pero tampoco es un carro elegante. A mi me parece que no es **ni chicha ni limoná**.

• **Binominais não-idiomáticas**

- Quando foi no pedicura a moça que atendeu era tão inexperiente que acabou cortando a **unha e a carne** do dedo.
- Eles são vegetarianos, portanto não comem **nem carne nem peixe**.
- Es verdad que el amor es ciego. Amelia aguanta del marido **carretas y carretones**. Además de engañarla con una amante, muchas veces la agrede físicamente.

• **Biverbal idiomática**

- Poema, senhores, **não fede e nem cheira**.
- El es como el gato ortelano **ni come ni deja comer**.
- En esta empresa mandan todos menos el director que **ni pincha ni corta**.

• **Biverbal não-idiomática**

- Meu marido faz de conta que **não ouve** e até **nem fala**. É discreto demais para meu gosto.

• **Esquema idiomático**

- A Márcia é muito sem vergonha. Para conseguir os seus objetivos ela passa por cima dos outros e **não está nem aí** com tal sacanagem.
- A Candido le **importa un bleo** que tú lo critiques, pues siempre seguirá haciendo lo que mejor entiende.

- **Esquema não idiomático**

- *A discussão de ontem sobre os resultados da prova passou dos limites.*
 - **Não estava previsto** que acontecesse essa briga entre professores por causa da quantidade de alunos com nota baixa.

B) ELEMENTOS LEXICAIS QUE COMPÕEM A EXPRESSÃO IDIOMÁTICA

- **Substantivo**

Os substantivos são na sua maioria concretos, tanto masculinos quanto femininos principalmente no singular. Muitas vezes ocorrem como núcleos de objeto direto e indireto, de predicados do sujeito e do objeto ou em sintagmas preposicionais.

Por exemplo:

- *dar a mão à palmatória* (**português**); *dar en el clavo* (**espanhol**) (núcleo de objeto)
- *estar de saco cheio* (**português**) *estar con los pelos de punta* (**espanhol**) (núcleo de predicado)

- **Adjetivo**

- a) **preposto ao nome**

- *Esse cara sempre foi **bom garfo**. Ele come de tudo e a qualquer hora.*
- *Ele se acha **boa pinta** e fica paquerando todas as mulheres que freqüentam o calçadão. Ele é mesmo um galinha.*
- *Hoje em dia os pais não vêm com **bons olhos** a relação sexual precoce entre adolescentes.*
- *Com os filhos a gente tem que ter mão dura para que eles aprendam a respeitar as pessoas adultas e não tem **meias palavras**; o negócio tem que ser pra valer.*
- *Esse tipo es **cuarto bate**, come sin medida y está engordando por dia.*
- *El no es hombre de **medias palabras**, lo que promete lo cumple.*

b) posposto ao nome

- *Todo el mundo piensa que Katia es una muchacha buena, pero por detrás de ese rostro injenuo se esconde una **mosquita muerta**.*
- *Quem recebe tudo de **mão beijada** não valoriza pequenos favores.*
- *Vive falando que era **amigo do peito** da diretora do colégio, mas a mim ele não engana, nesse mato tem coelho.*
- *Nem sempre a vida é um **mar de rosas**, às vezes as coisas não saem do jeito que a gente quer.*
- *La vecina de Lucia es una **lengua de trapo**, se pasa todo el dia chismoseando y entrometiendose en la vida de los demás en vez de ocupar ese tiempo en cosas mas útiles.*

Em algumas expressões idiomáticas os substantivos que aparecem não apresentam artigos ou outro determinante, o que seria previsível pela função sintática que desempenham, neste caso a de predicado.

Por exemplo:

- *A parabólica do prédio estava com problemas, mas a síndica não mandava arrumar. Como alguns moradores têm TV a cabo os que infelizmente não tem **ficam a ver navios**.*
- *Eu queria ir no restaurante, mas meu marido queria ficar em casa. Como é difícil agradar **gregos e troianos**.*
- *Há dez anos ele traz a São Paulo o cinema que o mundo faz, **dando murro em ponta de faca**.*
- *Ayer decias que Luis tenia razón, hoy dices que quien tiene la razón es Tólvias. A final de cuentas tú **estás con los indios o con los cowboys**.*

Às vezes, os substantivos componentes da expressão são acompanhados de um artigo indefinido.

Por exemplo:

- *E aí, cara, dá **uma** mãozinha pra a gente, precisamos de você.*
- *E a nossa pobre vidinha, meu, já não vale **um** tostão.*
- *Mexer com drogas não é **nenhum** barato, pelo contrário, é um túnel sem saída, um caminho que não tem volta. Por isso, meu irmão, não entra nessa.*

- *Esos zapatos me costaron **un** ojo de la cara. Mira ver si los cuidas.*
- *Tienes que estar atento en la reunión de hoy no vaya a ser que te **saquen un sable**.*
- *Dame **una** manito, compadre, eso no te cuesta nada.*

Mas quase sempre quando há um determinante numa expressão idiomática, este será um artigo definido.

- *Esse livro é tão bom que é capaz de tirar **o** sono da gente.*
- *Não temos quase nada de comida na geladeira, mas um macarrãozinho instantâneo pode quebrar **o** galho.*
- *No te hagas **el** bobo, que te conocemos bien, como dicen por ahí, engañame bien chaleco que te conocí sin mangas.*
- *Cuando le dieron la noticia que la policia lo estaba buscando, espantó **la** mula y no se le vió mas **el** pelo.*
- *Esa gente no tiene piedad, están pendientes de la vida ajena, le arrancan **la** tira del pellejo a cualquiera y además comentan todo con el vecindario.*

• Possessivos

Na verdade, os possessivos não fazem parte das expressões idiomáticas, mas muitas vezes podem ser inseridos sem alterar o significado da expressão.

- *Essa garota é bonita e sensual. Quando ela anda vai balançando de uma maneira especial o corpo, como quem quer mostrar toda a sua beleza feminina vendendo **seu** peixe a quem queira olhar.*
- *Eu não tenho nada a ver com isso, João, eu lavo, as **minhas** mãos.*
- *Senhor JCM esperou o lançamento de "Um Trem para as Estrelas" para tentar tirar **sua** casquinha, exigindo créditos, fazendo escândalos para aparecer na imprensa de carona no sucesso de outrem.*
- *Leonardo no está en **sus** cabales, imagínate que llegó destruyendo todo lo que encontraba a su paso, parecia un loco.*

• Numerais

- *Adotaremos por base da gramática o morfema e partiremos de um ponto de vista distribucional, característico dos períodos mais recentes*

da lingüística pós-bloomfieldiana. Com isto, podemos, por assim dizer, matar **dois** coelhos numa só cajadada.

- Convidamos um casal de amigos com as crianças para passar um fim de semana no sítio. Nem te conto, aquelas crianças fizeram o diabo a **quatro**, já vocês podem imaginar como seria nosso fim de semana.
- Dicen que Gonzalo quedó en la página **dos**. Ayer estaba en un bar conversando con unos amigos, de repente comenzó a sentirse mal. Dicen que fue un infarto.
- Llegó a las **mil y quinientas** a la reunión, sabe Dios por que y ni siquiera se disculpó.
- Martin tiene dos propuestas de trabajo fantásticas, mas no sabe cual va a elegir. Mañana tiene que dar uma resposta definitiva y no sabe que hacer, el pobre está en **3 y 2**.
- Hemos trabajado bastante, ya es hora de coger **un diez**.
- El novio de Ana le dijo que se casaria con ella dentro de un mes. Hace una semana que no se le ve el pelo, creo que Ana se quedó como la **43**.
- Pelo amor de Deus, Roxana, tentar pelo menos uma vez ser um pouco mais organizada e arrumar direitinho seu quarto. É tão simples, não é um bicho de **sete** cabeças. A final de contas a empregada é que sempre arruma. Não custa nada tentar uma vez, pois a moça está com problemas de saúde.
- Para um hispanofalante aprender a língua portuguesa não é um bicho de **sete** cabeças. Mas se aprender a língua portuguesa falada no Brasil e depois tentar passar um tempinho em Portugal, serão outros **quinhentos**.

• Quantificadores

- Na CPI dos Bancos saíram à luz algumas falcatuas. Muitos implicados para salvar a pele preferiram dar nome a **todos** os bois.
- Essa comida está boa pra **chuchu**.
- En el supermercado habia una **pila/un montón de gente**, parecia como si todos se estuvieran preparando para una manifestación.

• Intensificadores

- E nesse céu de São Paulo passa avião **que não é mole**.

- *A coisa está preta, aumentou o desemprego e a inflação **não é brincadeira**.*
- *El jefe hoy está **que arde**. Es mejor no molestarlo porque, como dicen, el horno no está para pastelitos.*
- ***No es para menos**, la madre de Rodrigo está irritada. Toda su vida la dedicó a la educación del hijo y ahora él es viciado en drogas.*

• **Conjunções.**

As conjunções podem ser coordenativas quando na expressão as palavras componentes estão relacionadas sintaticamente por coordenação de verbos, por exemplo:

- *É muito desagradável esse leva **e** traz que acontece aqui. É muita fofoca, muito bla-bla-bla e muita gente sempre se metendo na vida dos outros.*
- *Ese lleva **y** trae me irrita. No me gusta que las personas se entrometan en mi vida ni en los asuntos que no les competen.*

Também por coordenação de substantivos, por exemplo:

- *Eles foram criados a ferro **e** fogo, sem lei, sem valor à própria vida ou à dos outros. Esses assassinos são máquinas de matar, prisioneiros do seu próprio destino.*
- *Esos hombres defienden sus principios y moral a capa **y** espada y con mucha dignidad.*
- *Los padres de Janette dieron una fiesta y celebraron con bombo **y** platillo el noviazgo de la hija con un empresario famoso.*
- *No se puede hablar a tontas **y** a locas. Hay que saber lo que se quiere decir y como quiere decirse.*

• **Pronomes relativos.**

- *Esse meu chefe não é flor **que** se cheire, é chato pra caramba. Outro dia fiz uma crônica de arreentar, descendo o pau em São Paulo, falando da violência como aumentou e que o governador tem que tomar alguma providência a respeito e resolver os problemas que atingem a grande São Paulo. Pois bem, a cobra fumou, o chefe não gostou, ele não vai com minha cara e não publicou a matéria.*
- *Nicolás chegou com uma cara de **quem** comeu e não gostou. Não falou uma palavra com ninguém.*

- *Esse assunto é bananeira **que** já deu cacho. Ninguém mais quer saber disso, é assunto encerrado.*
- *Evelio está **que** corta. Llegó al aula para hacer el examen, terminó en menos de media hora y sacó nota máxima.*

• Preposições.

É muito freqüente o uso de preposições nas expressões idiomáticas. Uma grande parte é constituída de sintagmas preposicionais ou apresentam adjuntos.

• Sintagmas preposicionais.

Por exemplo:

- ***com** a corda no pescoço; **com** cara de poucos amigos; **com** cara de quem comeu e não gostou; **com** a faca e o queijo na mão; **com** a corda toda; **por** cima da carne seca; **em** carne e osso; **em** corpo e alma; **com** a pulga atrás da orelha; **com** o rabo entre as pernas (**português**); **con** la soga al cuello; **con** las manos en la masa; **con** un pié en el estribo; **en** cuerpo y alma; **en** un dos por tres; **en** un santiamén; **en** un abrir y cerrar de ojos; **en** menos de lo que canta un gallo (**espanhol**).*

• Adjuntos.

*fazer o diabo **a** quatro; estar **por** fora; estar comprometido **até** o pescoço; ficar **para** semente; ficar **em cima do** muro; dar com os burros **na** água; tirar o cavalinho **da** chuva; apitar **na** curva; estar **com** a macaca; **com** a pulga **atrás da** orelha (**português**); estar curado **de** espanto; levar **hasta** la tabla; estar **en** Babia; estar **en** las nubes; estar/nadar **entre** dos aguas; estar **en** el hueso; estar **hasta** la coronilla.*

• Verbos

Um aspecto importante a destacar é a acentuada freqüência de alguns tipos de verbos também como de certos tipos de predicação verbal. Observa-se a produtividade idiomática de determinados verbos que são usados com bastante sistematicidade. Tal seria o caso dos verbos **dar, pôr, ser, ter, estar, ficar, fazer, puxar, levar** em português e **dar, poner, colocar, estar, ser, hacer, tener** em espanhol.

DAR

Português

*dar bolo
dar calote*

Espanhol

*dar calabazas, dejar en los callos
dar un palo, dar un golpe*

<i>dar um jeito</i>	<i>encontrar una manera de resolver un problema</i>
<i>dar com os burros n' água</i>	<i>salir el tiro por la culata</i>
<i>dar nome aos bois</i>	<i>darle nombre a los bueyes</i>
<i>dar o braço a torcer</i>	<i>dar su brazo a torcer</i>
<i>dar com a língua nos dentes</i>	<i>dar un chivatazo, soltar la lengua</i>
<i>dar a volta por cima</i>	<i>superar alguna dificultad</i>
<i>dar água sem caneco</i>	<i>sacar agua en canasta</i>
<i>dar de bandeja</i>	<i>dar en bandeja</i>
<i>dar carta branca</i>	<i>dar carta blanca</i>

PÔR

Este verbo, no caso do português do Brasil pode ter suas variantes (**botar, meter, enfiar, colocar**) nas expressões idiomáticas quando a frase o permita.

Português	Espanhol
<i>pôr água na fervura</i>	<i>poner un punto final/calmar los animos</i>
<i>pôr a mão no fogo</i>	<i>poner la mano en la candela</i>
<i>pôr os pés no chão</i>	<i>poner los pies en la tierra</i>
<i>pôr as barbas de molho</i>	<i>estar en remojo</i>
<i>pôr as manguinhas de fora</i>	<i>lavarse las manos como Poncio Pilatos</i>
<i>pôr os pingos nos is</i>	<i>poner los puntos sobre las ies</i>
<i>pôr o carro na frente dos bois</i>	<i>colocar los bueyes delante de la carreta</i>
<i>pôr lenha na fogueira</i>	<i>colocar leña en el fuego</i>
<i>pôr o preto no branco</i>	<i>poner las cosas en claro</i>
<i>pôr tudo em pratos limpos</i>	<i>poner las cartas sobre la mesa</i>
<i>pôr no olho da rua</i>	<i>poner de patitas en la calle</i>
<i>pôr o dedo na ferida</i>	<i>poner el dedo en la llaga</i>
<i>pôr as cartas na mesa</i>	<i>poner las cartas sobre la mesa</i>

SER

Português	Espanhol
<i>ser língua de trapo</i>	<i>ser un lengua de trapo/bretero</i>
<i>ser Maria vai com as outras</i>	<i>ser donde va Vicente va la gente</i>

ser Zé ninguém
ser outros quinhentos
ser farinha do mesmo saco
ser água morna
ser pão duro
ser uma faca de dois gumes
ser o maior barato
não ser flor que se cheire
ser osso duro de roer
ser corda e caçamba
ser um túmulo

ser un Don nadie
ser otros 20 pesos
ser de la misma laya
ser un muerto
ser un tacaño
ser un arma de doble filo
ser un fenómeno
no ser santo de devoción
ser hueso duro de roer
ser uña y carne
ser una tumba

TER

Português

ter o diabo no corpo
ter o rabo preso
ter boi na linha

não ter papas na língua
ter culpa no cartório
ter as cartas na mão
não ter onde cair morto
ter a língua solta
não ter letreiro na testa
ter debaixo do nariz
não ter sangue de barata
ter a vida por um fio

Espanhol

tener el diablo en el cuerpo
estar con el rabo preso
haber moros en la costa; las paredes tienen oídos

no tener pelos en la lengua
tener gallo tapado
tener las cartas en la mano
no tener donde caerse muerto
tener la lengua suelta
no tener letrero en la frente
tener delante de las narices
no tener sangre de cucaracha
estar con la vida por un hilo

ESTAR

Português

estar fulo da vida
estar nas nuvens
estar na pindaíba
não estar nem aí

Espanhol

estar hecho una fiera
estar en las nubes
estar en carne/sin un quilo
no importar un comino/un bledo

<i>não estar pra peixe (o mar)</i>	<i>el horno no está para panecitos</i>
<i>estar de olho</i>	<i>estar atento</i>
<i>estar em maus lençóis</i>	<i>estar en apuros/andar en malos pasos</i>
<i>estar com a macaca</i>	<i>estar con la cara amarrada</i>
<i>estar com a bola toda</i>	<i>estar en alza</i>
<i>estar conforme manda o figurino</i>	<i>estar conforme la marea</i>
<i>tá jóia!</i>	<i>estar OK</i>
<i>tá legal!</i>	<i>estar chevere</i>
<i>estar com a corda no pescoço</i>	<i>estar con la soga al cuello</i>
<i>estar entre a cruz e a caldeirinha</i>	<i>estar en tres y dos/entre la espada y la pared</i>
<i>estar no mato sem cachorro</i>	<i>estar en un callejón sin salida/estar en apuros</i>
<i>estar liso</i>	<i>estar en la tea</i>
<i>estar de molho</i>	<i>estar en remojo</i>
<i>estar na lona</i>	<i>estar en carne/ sin estilla</i>
<i>estar por cima da carne seca</i>	<i>estar en alza</i>
<i>estar com a faca e o queijo na mão</i>	<i>estar con la batuta en la mano/con la sarten por el mango</i>

FICAR

Português	Espanhol
<i>ficar de olho</i>	<i>estar en ascuas</i>
<i>ficar a ver navios</i>	<i>quedarse en esa</i>
<i>ficar de queixo na mão</i>	<i>quedarse boquiabierto</i>
<i>ficar frio</i>	<i>no preocuparse</i>
<i>ficar fulo de raiva</i>	<i>estar hecho una fiera</i>
<i>ficar com cara de cachorro que quebrou panela</i>	<i>estar con cara de perro</i>
<i>ficar no mato sem cachorro</i>	<i>estar en un callejón sin salida</i>
<i>ficar para semente</i>	<i>quedarse para semilla</i>
<i>ficar de braços cruzados</i>	<i>estar de brazos cruzados</i>
<i>ficar em cima do muro</i>	<i>nadar entre dos aguas</i>
<i>ficar no limbo</i>	<i>estar en el limbo</i>
<i>ficar encalhada</i>	<i>quedarse para vestir santos</i>

FAZER

Português	Espanhol
<i>fazer de tripas coração</i>	<i>hacer de tripas corazón</i>
<i>fazer a cama</i>	<i>hacerle la cama a alguien</i>
<i>fazer a cabeça de alguém</i>	<i>inculcarle algo a alguien</i>
<i>fazer de gato sapato</i>	<i>hacer de alguien un monigote</i>
<i>fazer bico</i>	<i>hacer una pinchita/buscarse la vida</i>
<i>fazer uma boquinha</i>	<i>engañar el estómago/echarse un calzo</i>
<i>fazer bonito</i>	<i>hacer un agrado</i>
<i>fazer fita</i>	<i>hacerse el bobo/el chivo loco</i>
<i>fazer feio</i>	<i>hacer un desprecio/una mala acción</i>
<i>fazer vista grossa</i>	<i>hacerse el de la vista gorda</i>
<i>fazer tempestade num copo de água</i>	<i>hacer una tempestad en un vaso de agua</i>
<i>fazer suar o topete</i>	<i>hacer sudar la camisa</i>
<i>fazer confusão</i>	<i>armar la de San Quintín</i>

PUXAR

Português	Espanhol
<i>puxar o saco</i>	<i>ser un tracatán/guataca</i>
<i>puxar a orelha</i>	<i>halarle las orellas a alguien</i>

QUEBRAR

Português	Espanhol
<i>quebrar a cara</i>	<i>coger una curda</i>
<i>quebrar o galho</i>	<i>tirar un cabo</i>
<i>quebrar o pau</i>	<i>bajar una galua/ dar una zurra</i>

Com relação à predicação verbal podemos observar a presença de verbos transitivos, com certeza os mais frequentes.

Por exemplo:

Português	Espanhol
<i>não mover uma palha</i>	<i>no mover un dedo</i>
<i>pendurar a chuteira</i>	<i>colgar los guantes</i>

<i>puxar saco</i>	<i>ser un tracatán</i>
<i>encher o saco</i>	<i>sacar de las casillas/hacer perder la paciencia</i>
<i>abotoar o paletó</i>	<i>cantar el manisero/colgar el piojo/el sable, no hacer el cuento, quedarse en la página dos</i>
<i>esticar as canelas</i>	<i>estirar la pata</i>
<i>virar a casaca</i>	<i>virar la casaca</i>
<i>matar o bicho</i>	<i>matar el gusanillo/chuparle el rabo a la jutia</i>
<i>dar bola</i>	<i>dar cajita</i>
<i>forçar a barra</i>	<i>meter fuerza</i>
<i>meter a colher</i>	<i>meter la cuchareta</i>
<i>dizer cobras e lagartos</i>	<i>decir disparates</i>
<i>chorar pitangas</i>	<i>llorar miseria</i>
<i>perder as estribeiras</i>	<i>perder los estribos</i>
<i>suar a camisa</i>	<i>sudar la camisa</i>
<i>apertar o cinto</i>	<i>apretar el cinturón</i>
<i>queimar as pestanas</i>	<i>quemarse las pestañas</i>
<i>dar corda</i>	<i>darle cuerda a alguien</i>
<i>quebrar o galho</i>	<i>tirar un cabo</i>
<i>dar um jeito</i>	<i>resolver un problema/asunto</i>
<i>morder a isca</i>	<i>morder el anzuelo</i>
<i>passar a perna</i>	<i>echarse al pico/meter línea</i>
<i>tirar sarro</i>	<i>coger para el trajín/ buscarle las pulgas a alguien</i>
<i>prometer mundos e fundos</i>	<i>prometer villas y castillas</i>

Em outros casos temos o objeto direto e sintagma preposicional.

Português

botar lenha na fogueira
procurar agulha no palheiro
ter carne debaixo do angu
botar a boca no trombone
pôr as barbas de molho
pôr o preto no branco
custar os olhos da cara
cortar o mal pela raiz

Espanhol

echarle leña al fuego
procurar aguja en un pajar
hay gato encerrado
formar escándalo
estar en remojo
poner los puntos sobre las íes
costar un ojo de la cara
cortar el mal por la raíz

<i>pôr as cartas na mesa</i>	<i>poner las cartas sobre la mesa</i>
<i>comprar gato por liebre</i>	<i>comprar gato por liebre</i>
<i>pôr fogo na canjica</i>	<i>poner leña en el fuego</i>
<i>pôr água na fervura</i>	<i>dar un punto final</i>
<i>pôr o dedo na ferida</i>	<i>colocar el dedo en la herida</i>
<i>dar água sem caneco</i>	<i>sacar agua en canasta</i>
<i>pôr a mão no fogo</i>	<i>poner las manos en la candela/el fuego</i>
<i>ter mouros na costa</i>	<i>haber moros en la costa</i>
<i>botas as manguinhas de fora</i>	<i>estar fuera del negocio/del asunto</i>
<i>não ter papas na língua</i>	<i>no tener pelos en la lengua</i>
<i>tapar o sol com a peneira</i>	<i>tapar el sol con un dedo</i>
<i>sair o tiro pela culatra</i>	<i>salir el tiro por la culata</i>
<i>tirar o cavalinho da chuva</i>	<i>olvidarse de los peces de colores</i>
<i>pôr os pés em polvorosa</i>	<i>poner los pies en polvorosa</i>

Do mesmo modo, encontramos expressões com verbos transitivos indiretos, mas em poucos casos.

Português	Espanhol
<i>tocar no assunto</i>	<i>tocar un asunto</i>
<i>agradar gregos e troianos</i>	<i>estar con los indios y con los cowboys</i>
<i>reduzir a cinzas</i>	<i>hacer/reducir a cenizas</i>
<i>dar com a língua nos dentes</i>	<i>ser un bretero/chiva/chismoso</i>
<i>dar de bandeja</i>	<i>dar en bandeja</i>
<i>pôr em pratos limpos</i>	<i>poner las cartas sobre la mesa</i>
<i>falar pelos cotovelos</i>	<i>hablar hasta por los codos</i>
<i>conhecer pela pinta</i>	<i>conocer por la pinta/por el caminao</i>

Também existem expressões idiomáticas com:

- verbos transitivos diretos e indiretos respectivamente.

Português	Espanhol
<i>ensinar o padre nosso ao vigário</i>	<i>enseñarle el padre nuestro al cura</i>
<i>botar lenha na fogueira</i>	<i>echarle leña al fuego</i>
<i>pôr água na fervura</i>	<i>poner un punto final</i>
<i>procurar agulha no palheiro</i>	<i>buscar una aguja en un pajar</i>

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

<i>não dar o braço a torcer</i>	<i>no dar el brazo a torcer</i>
<i>fazer boca de siri.</i>	<i>cerrar el pico</i>
<i>fazer bicho de sete cabeças</i>	<i>ahogarse en un vaso de agua</i>
<i>pôr o preto no branco</i>	<i>poner las cosas en claro</i>
<i>pôr as cartas na mesa</i>	<i>poner las cartas encima de la mesa</i>
<i>carregar água em peneira</i>	<i>cargar agua en canasta</i>
<i>comprar porcos na lama</i>	<i>comprar gato por liebre</i>
<i>pôr o dedo na ferida</i>	<i>poner el dedo en la llaga</i>
<i>pôr a mão no fogo</i>	<i>poner la mano en la candela/el fuego</i>
<i>dar nome aos bois</i>	<i>darle nombre a los bueyes</i>
<i>sair o tiro pela culatra</i>	<i>salir el tiro por la culata</i>
<i>pôr os pontos nos is</i>	<i>poner los puntos sobre las ies</i>

- verbos intransitivos, seguidos de sintagma preposicional

Português	Espanhol
<i>cair das nuvens</i>	<i>caer del cielo</i>
<i>estar no mato sem cachorro</i>	<i>estar en un callejón sin salida</i>
<i>viver no mundo da lua</i>	<i>vivir en la luna de Valencia</i>
<i>ficar a ver navios</i>	<i>quedarse en esa</i>
<i>dar com os burros n' água</i>	<i>" "</i>
<i>pôr no olho da rua</i>	<i>poner de paticas en la calle</i>
<i>cair no anzol</i>	<i>caer en el anzuelo</i>
<i>sair de fininho</i>	<i>salir sin ser visto</i>

- verbos de ligação ou copulativos (**ser, estar, ficar, etc.**) também podem ser encontrados nas expressões idiomáticas, como apontamos acima.

Português	Espanhol
<i>Permanecer de bico fechado</i>	<i>estar con el pico cerrado</i>
<i>Estar com a corda no pescoço</i>	<i>estar con la soga al cuello</i>
<i>Ficar de orelha em pé</i>	<i>estar con la antena conectada</i>
<i>Estar no mato sem cachorro</i>	<i>estar en un callejón sin salida</i>
<i>Estar num beco sem saída</i>	<i>estar en un callejón sin salida</i>
<i>Estar no mundo da lua</i>	<i>estar en la luna de Valencia</i>

<i>Estar como peixe na água</i>	<i>estar como pez en el agua</i>
<i>Ficar de orelha murcha</i>	<i>estar con el moco caído</i>
<i>Ficar por cima da carne seca</i>	<i>estar en alza</i>
<i>Ser um pé rapado</i>	<i>ser un Don nadie</i>
<i>Ser outros quinhentos</i>	<i>ser harina de otro costal</i>

Nas expressões idiomáticas, junto com os verbos e substantivos podemos deparar com locuções adverbiais ou preposicionais.

Português	Espanhol
<i>à flor de pele</i>	<i>a flor de piel</i>
<i>aos trancos e barrancos</i>	<i>a toda costa</i>
<i>ao pé da letra</i>	<i>al pié da letra</i>
<i>em carne e osso</i>	<i>en carne y hueso</i>
<i>em carne viva</i>	<i>en carne viva</i>
<i>na ponta da língua</i>	<i>en la punta de la lengua</i>
<i>na hora h</i>	<i>en la hora cero</i>
<i>a todo vapor</i>	<i>a todo vapor</i>
<i>de vento em popa</i>	<i>de viento en popa</i>
<i>de cabo a rabo</i>	<i>de punta a punta</i>
<i>de mão beijada</i>	<i>de bandeja</i>
<i>da boca para fora</i>	<i>de boca para afuera</i>
<i>de fonte limpa</i>	<i>de buena tinta</i>
<i>sem eira nem beira</i>	<i>sin mas ni menos</i>
<i>sem pé nem cabeça</i>	<i>sin pies ni cabeza</i>
<i>sem piscar</i>	<i>sin pestañear</i>
<i>sem tom nem som</i>	<i>sin ton ni son</i>
<i>sem se fazer de rogado</i>	<i>sin hacerse de rogar</i>
<i>sem mais nem menos</i>	<i>sin mas ni menos</i>
<i>pra ninguém botar defeito</i>	<i>para que nadie critique</i>
<i>pra chuchu</i>	<i>a borbotones/montones</i>
<i>pra burro</i>	<i>“ “</i>
<i>pra cachorro</i>	<i>“ “</i>
<i>pra cacete</i>	<i>“ “</i>
<i>por baixo do pano</i>	<i>por debajo del tapete</i>
<i>por cima da carne seca</i>	<i>en alza</i>
<i>com unhas e dentes</i>	<i>con uñas y dientes</i>

<i>com o rabo entre as pernas</i>	<i>con el rabo entre las piernas</i>
<i>com água na boca</i>	<i>hacerse la boca agua</i>
<i>com a corda no pescoço</i>	<i>con la soga al cuello</i>
<i>com a faca e o queijo na mão</i>	<i>con la sarten por el mango</i>
<i>com a corda toda</i>	<i>en alza</i>

Geralmente, quando analisamos a estruturação léxica das expressões idiomáticas detecta-se:

- a ocorrência de um número considerável de substantivos concretos, relacionados com o homem, e seu cotidiano, o contato dele com a natureza, e com os animais. Nota-se também a presença do ser humano, suas crenças e sua maneira de agir;
- uma produtividade de alguns verbos de ação e de verbos copulativos, dentre eles, **dar, pôr, fazer, botar, colocar, puxar ser, estar, ficar**, em português e **ser, estar, hacer, colocar dar, poner, tener**, em espanhol;
- a quantidade de expressões idiomáticas preposicionais e com objeto direto. Observa-se uma grande ocorrência de verbos transitivos;
- a frequência de uso de locuções adverbiais ao lado dos substantivos e verbos;
- a ocorrência de substantivos e verbos, categorias mais frequentes que compõem as expressões idiomáticas;

Dentro da análise das funções sintáticas tentei focalizar a estrutura em si e a função dela bem como a de cada elemento que a compõe. Apresentaremos uma tipologia das expressões idiomáticas do português e do espanhol baseada nas pesquisas de vários autores e apoiados também na resenha elaborada no capítulo 2 com relação a este tópico.

Ao coletarmos os dados, verificamos que as expressões idiomáticas tinham estruturas semelhantes às expressões não idiomáticas, portanto, era possível classificá-las segundo as mesmas fronteiras sintáticas com que se classificam outros elementos sintáticos da língua. Assim, concluímos que, conforme sua natureza, as expressões idiomáticas estavam associadas aos seguintes grupos: sintagma nominal (SN); sintagma adjetival (S Adj); sintagma preposicional (S Prep) e sentença (S).

O sintagma nominal, em português e em espanhol, pode desempenhar tanto uma função referencial, quanto uma função avaliativa. Por exemplo, *Esse cara é um **pé rapado*** (avaliativa); *O **pé rapado** do*

André estava no bar fazendo bico tentando ganhar alguma grana (referencial).

Algumas expressões, no entanto, são preferencialmente referenciais enquanto outras preferencialmente avaliativas. Por exemplo, *João é **pão-duro**. O **pão-duro** já foi.* Na primeira sentença, a decodificação da frase independe de um contexto maior. Neste caso o elemento nominal (o adjetivo) que compõe a sentença é preferentemente avaliativo. No segundo caso, o sintagma será referencial, embora dependa de um contexto maior com a citação do referente em alguma sentença anterior ou de qualquer conhecimento prévio do ouvinte do referente assim nomeado.

As expressões de sintagma nominal e as de sintagma adjetival podem desempenhar as mesmas funções. Portanto, as últimas podem ser analisadas e classificadas de avaliativas e referenciais como no caso dos SNs.

Com função referencial podemos encontrar expressões do tipo:

Português	Espanhol	Sentido
<i>dar o bilhete azul</i>	<i>Poner de patas en la calle</i>	demitir alguém
<i>arranca rabo</i>	<i>Tremenda rebambarambara</i>	briga feia, discussão
Com função avaliativa temos:		
<i>bom garfo</i>	<i>Cuarto bate</i>	pessoa que come muito/que come bem e de tudo
<i>bunda mole</i>	<i>Come bola</i>	que não serve para nada, bobalhão
<i>puxa saco</i>	<i>Lambe botas, tracatán</i>	Bajulador
<i>maracujá de gaveta</i>	<i>Viejo verde</i>	velho, enrugado
<i>angu de caroço</i>	<i>Gato encerrado</i>	confusão ou coisa oculta.
<i>cara de pau</i>	<i>Cara de palo</i>	sem vergonha

Muitas expressões não aceitam nenhum tipo de adjunção e em outros casos somente são aceitas algumas adjunções dependendo da estrutura interna da expressão. A natureza enfática, pleonástica e hiperbólica das adjunções em nada interferem no sentido da expressão como um todo de significado próprio. Por exemplo, *Antônio é um **grande** cara de pau, ele não tem limite para pedir e muito menos quando se trata de grana.*

Acreditamos que a substituição de um termo por pronome e a pronominalização de constituintes não é possível porque um elemento não funciona isoladamente. Ao deslocá-lo como acontece nas expressões literais existe a ênfase no elemento deslocado. No caso da pronominalização, se não há um correspondente de sentido para o termo isolado de sua estrutura é impraticável a substituição exclusiva de um termo. Por exemplo, esse *sujeito é um puxa saco*. Não existindo um sentido específico para este elemento fora da estrutura idiomatizada, qualquer deslocamento quebra seu sentido idiomatizado.

Com relação aos sintagmas verbais observamos que existe um número considerável, principalmente estruturas do tipo SV /VSN; SV /VS Prep; V(SN) N S Prep. Por exemplo:

No Português *dar a volta por cima* (recuperar-se depois de ter passado por uma situação difícil); *botar para quebrar* (não se conter, espalhar-se); *ficar a ver navios* (não receber nada); *dar em cima de alguém* (tentar conquistar). No espanhol temos *quedarse en esa* (esperar em vão pensando ter algum resultado positivo), *coger cajita* (ter a chance de conseguir algo que se pretende alcançar), *bailar con la mas fea* (diz-se quando a pessoa não tem escolha e fica com o pior).

A inversão de constituintes neste tipo de expressão pode ocorrer naturalmente sem que por isso percam o sentido idiomático. Por exemplo;

Eu vou botar para quebrar nestas festas juninas. É pra quebrar que eu vou botar nestas festas juninas.

Ele pensa que eu vou ficar a ver navios. A ver navios é que eu não vou ficar.

Você está pensando que eu estou dando em cima desse cara? Ah! Em cima desse cara eu já dei há muito tempo, antes de conhecer você.

Em alguns casos a inversão de constituintes nas expressões soam como proverbiais. Por exemplo, *dar ponto sem nó* (não fazer nada sem interesse) *Ponto sem nó, só dá otário*. Tal fato se deve, talvez, por essas expressões encerrarem uma lição de vida, algo que não deva ser contestado.

A pronominalização pode ocorrer em caso de sentenças do tipo, O cara ***puxa o saco*** de todos o dia inteiro. Já ***puxou também o seu***? Hoje é sexta-feira e se ela ***picou a mula***, eu vou ***picar a minha***. As expressões não perdem o sentido se entendermos que ***seu*** e ***minha*** indicam que vai acontecer a mesma coisa com outras pessoas. Por outro lado, o verbo precisa de um complemento, o tempo verbal traz implícito o sujeito da ação e a substituição pelo pronome engloba todo o sintagma nominal complemento do SV.

Os sintagmas preposicionais do tipo *Ele é bonito pra chuchu*; *A gente estudou pra burro* perderiam completamente o sentido idiomatizado e até o próprio sentido literal se juntássemos a elas algum elemento ou tentássemos mover algum dos elementos do seu lugar, ou ainda tentássemos uma pronominalização.

Outros exemplos como *onde Judas perdeu as botas* (*Anos atrás a gente morava num bairro nobre da cidade mas agora eu moro onde o Judas quase perdeu as botas*). A expressão admite a adjunção de uma palavra que imprime à expressão um dado enfático ou um aspecto que amenize o sentido dela.

Algumas expressões idiomáticas do tipo *Maria vai com as outras* (pessoa sem personalidade) se comportam e ocupam posições de nomes, adjetivos ou substantivos, não aceitam mudança, pois exercem funções semelhantes às que os nomes exercem (sujeito, predicativo) mas como uma unidade, um todo. Elas funcionam como os sintagmas nominais ora referencial, ora avaliativa. No caso das expressões do português *aí é que a porca torce o rabo* (hora decisiva); *o tiro saiu pela culatra* (aconteceu o inesperado contra quem ia agir), *a cobra fumou* (confusão formada), *o circo pegou fogo* (briga, confusão), *é aí que a vaca vai pra o brejo* (motivo porque algo dá errado) *sai da lama jacaré* (incentivo à reação) elas se comportam como orações, portanto as estruturas sintáticas dessas expressões são semelhantes às estruturas padrão da língua. Na condição de sentenças não denominadoras as expressões idiomáticas oferecem-se ao exercício da criatividade do falante que, segundo sua intuição, pode inserir, deslocar ou pronominalizar constituintes sem que se perca o sentido idiomatizado da expressão.

Assim, podemos concluir que as estruturas das expressões idiomáticas são semelhantes às estruturas das expressões literais em ambas as línguas o que confirma a separação dos domínios sintáticos e semânticos, pois, semanticamente, as expressões idiomáticas são blocos de sentido próprio, na medida em que as adjunções aceitas nada alteram o sentido global da expressão (apenas intensificam ou enfatizam o sentido). Por outro lado, apesar de um núcleo sintático, o sentido da expressão não parte dele. Os complementos é que dão sentido ao núcleo da expressão idiomática. Ela permanece uma unidade semântica dissociada da segmentação em constituintes sintáticos. Do nosso ponto de vista, a partir do momento em que o significado dos morfemas não existam isoladamente, qualquer adjunção que não seja destinada à ênfase ou intensificação torna seu sentido literal.

Com relação à classificação das expressões idiomáticas do ponto de vista estrutural analisamos vários autores dentre eles Casares (1950), Carneado & Tristá (1985), Wotjak (1983), Zuluaga (1980), Shemann (1992), Tagnin (1989), Xatara (1994, 1998), Vinogradov (1950).

O trabalho das pesquisadoras Zoila Carneado Moré e Antonia Maria Tristá (1985: 15) por exemplo, nos parece bastante detalhado. Obedecendo a um critério sintático-estrutural elas dividem as expressões idiomáticas (as autoras não utilizam o termo expressão idiomática, elas utilizam o termo fraseologismo). Baseados na tipologia apresentada pelas pesquisadoras anteriormente citadas e a realizada por Zuluaga, elaboramos nossa classificação agrupando as expressões idiomáticas da forma seguinte:

- nominais: *ñame con corbata, mosquita muerta* (**espanhol**); *conversa fiada, amigo da onça* (**português**)
- adjetivais: *pez gordo* (**espanhol**); *grana preta, crime de colarinho branco* (**português**)
- adverbiais: *a troche y moche, a sangre y fuego, a toda costa* (**espanhol**); *a torto e direito; ao pé da letra, aos trancos e barrancos* (**português**)
- conjuntivas: *nadar y guardar la ropa, oír campanas y no saber donde* (**espanhol**); *ser unha e carne; sem eira nem beira* (**português**)
- participais: *hecho leña, hecho polvo, hecho talco, hecho tierra, hecho un traste* (**espanhol**); *feito um arara, feito uma fera* (**português**)
- propositivos: *hacersele la boca agua, calentarsele la sangre, aguardele el día/la fiesta, caersele la baba, subirsele los humos a la cabeza, subirsele la bilirrubina, sabersela todas* (**espanhol**); *fazer água na boca, esquentar cabeça* (**português**). Este tipo de expressão constitui uma oração de sujeito e predicado.
- interjectivas: *vá pentear macacos* (**português**); *ve a freir espárragos* (**espanhol**)
- reflexivos: *agarrarse a un clavo ardiendo, mirarse en el espejo de alguien, no tener donde caerse muerto, calentarse los sesos, calentarse la cabeza, romperse la cabeza, salirse con la suya, hacerse el de la vista gorda, caerse del caballo, caerse de la mata, quedarse para vestir santos; meter-se em camisa de onze varas* (**espanhol**).
- verbais: *coger mangos bajitos, bailar con la mas fea, hacer de tripas corazón, cantar el manisero, guindar el piojo, parquear una tiñosa, vender el cajetín, morder el cordovan, aguantar esa mecha* (**espanhol**); *fazer de tripas coração, esticar as canelas, bater papo* (**português**).

Zuluaga (1980) subdivide as unidades fraseológicas em locuções e enunciados. A tipologia criada por Zuluaga está baseada no contexto, isto é, dependendo da necessidade de um contexto verbal imediato ou não. Neste sentido pensamos que o autor remete à classificação de Amosova.

Como apontamos no início da análise morfo-sintática, é freqüente o uso da predicação, isto é, acredita-se que esta seja uma função exercida por um número considerável de expressões idiomáticas. Por sua vez, os predicados são constituídos, em grande parte por verbos seguidos de um substantivo formando uma unidade gramatical e semântica.

Por exemplo: *descer o pau; descer a lenha; chorar pitangas; bater papo; abotoar o paletó; bater as botas; soltar os cachorros; entornar o caldo; pôr panos quentes; encher os olhos; cair na real (português); cantar el manisero; llamar a capítulo; mover cielo y tierra; meter la cuchareta; salvar el pellejo; mover el esqueleto; perder la línea (espanhol).*

*E tentou embarcar para melhor, ingerindo aquela dose de barbitúricos que só é forte mesmo quando a figura **abotoou o paletó**. Não abotoou. Do hospital ele vai sair para casa.*

*Woody Allen e Sean Penn fizeram as pazes e o ator retomou seu trabalho no set do novo filme do diretor americano. Os dois tinham se desentendido feio fim do ano, por conta das constantes ausências de Pena. O clima ficou tão pesado que Allen chegou a processar o ator por quebra de contrato. Mas amigos em comum **puseram panos quentes** e eles voltaram a falar a mesma língua.*

*Bonita de **encher os olhos**, a gaúcha Renata Fan disputa quarta-feira que vem o título de Miss Brasil com um pé na passarela e outro no parlamento.*

*A idéia do governo de privatizar a CEDAE **entornou** de vez **o caldo** entre os partidos da base governista da Câmara.*

*Decompor artistas menores ou que não tenham o aplauso unânime é natural. Agora, **descer o pau** em um poeta que é unanimidade nacional, pelo amor de Deus. É muito corajoso!*

Em todos os casos, observa-se uma forte coesão entre o verbo e o objeto (**entornar + o caldo; encher + os olhos; abotoar + o paletó; pôr + os panos quentes; descer + o pau**) a ponto de tornar essas palavras estáveis tanto gramatical como semanticamente, formando um significado único a partir da própria combinação que se estabelece entre as mesmas que aos poucos com o freqüente uso se estandardizam(cristalizam).

O significado de cada uma delas está dado a partir do conjunto cristalizado.

entornar o caldo = *excitar o conflito, zangar-se, estragar uma situação com ato desastrado*

pôr panos quentes = *pôr ponto final*

abotoar o paletó = *morrer*

encher os olhos = *causar admiração, agrado, impressionar.*

descer o pau = *criticar, subestimar*

É relevante também a relação que se estabelece entre o verbo e o complemento em algumas expressões idiomáticas, sobretudo com o verbo fazer, sendo que o complemento é objeto de resultado ou efeito.

Por exemplo:

*Márcia é um exemplo de garota. De dia ela trabalha para poder sustentar os seus pais que estão aposentados e com renda muito baixa. Ela se propus passar no vestibular e **está fazendo de tripas coração** para se preparar nas horas vagas para os exames que começam daqui a um mês.*

Leis profundas são um prato cheio.

*Luxemburgo está sempre **batendo boca** com alguém por alguma coisa.*

*O problema era que, quando não conseguia o que queria, **forçava a barra** com uma certa prepotência.*

No primeiro exemplo, o substantivo coração seria o objeto resultado e o verbo fazer seria descrito como o causativo existencial se o analisarmos do ponto de vista semântico.

Outros exemplos seriam:

Fazer a cabeça, fazer fita, fazer questão, fazer bonito, fazer um cavalo de batalha, fazer feio, fazer sala, fazer o diabo a quatro, etc. (português) onde o objeto não tem uma referência autônoma, portanto ele precisa formar um todo significativo com o verbo pois, do contrário não terá sentido nenhum fora do conjunto.

- **Predicativo do objeto:**

Por exemplo: *fazer de gato sapato*

*Ele era um cara muito legal, calmo, nunca reclamava de nada nem de ninguém. Por isso ~~todo mundo~~ **fazia de gato e sapato**.*

4.2. ANÁLISE SEMÂNTICA DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Para realizar a análise semântica das expressões levantadas primeiro baseamo-nos numa classificação preliminar que elaboramos para tornar a análise mais fácil, a qual mostraremos a seguir:

- as expressões idiomáticas de elementos e conteúdos semelhantes.
- as expressões com elementos semelhantes e conteúdo diferente
- as expressões idiomáticas de elementos diferentes, mas semelhantes no que se refere ao sentido. Neste grupo incluímos as expressões idiomáticas com um ou mais elementos semelhantes e outros elementos diferentes, mas com igual sentido.
- as expressões idiomáticas numa língua sem equivalente na outra.

Uma questão muito importante que devemos ter em conta na hora de comparar Els de duas ou mais línguas, sem dúvidas, seria a noção de correspondência ou equivalência.

VIETRI (1985: 115-132), por exemplo no seu estudo comparativo das Els do italiano e do inglês apresenta três tipos de equivalências:

- **lexical;**
- **estrutural;**
- **semântica;**

Depois de observar alguns exemplos de Els nas duas línguas o autor verifica que uma grande parte delas não apresenta uma correspondência lexical e estrutural perfeita. Portanto, elabora uma nova organização de equivalências:

- **equivalência lexical perfeita;**
- **equivalência lexical limitada a alguns elementos;**
- **equivalência lexical ausente;**

Segundo a autora, esses mesmos tipos de equivalência seriam válidos para a sintaxe e a semântica. Mais adiante tentaremos agrupar as Els segundo o critério de VIETRI, mas antes preferimos reuni-las de acordo com a nossa própria classificação que não difere muito da autora acima citada.

Passemos, então a analisar os seguintes exemplos:

De acordo com a classificação apontada acima, dentro do primeiro grupo estariam as seguintes expressões idiomáticas:

PORTUGUÊS	ESPANHOL
queimar as pestanas	<i>quemarse las pestañas</i>
meter-se em camisa de onze varas	<i>meterse en camisa de once varas</i>
perder as estribeiras	<i>perder los estribos</i>
suar a camisa	<i>sudar la camisa</i>
cortar casaca	<i>cortar leva</i>
comer bola	<i>comer bola</i>
esticar as canelas	<i>estirar la pata</i>
estar nas mãos de alguém	<i>estar en las manos de alguien</i>
apertar o cinto	<i>apretarse el cinturón/cinto aguantar la mano</i>
afogar-se num copo de água	<i>ahogarse en un vaso de agua</i>
andar com cara de poucos amigos	<i>andar con cara de pocos amigos</i>
cair no anzol/morder a isca	<i>Morder el anzuelo</i>
abrir o bico	<i>abrir el pico.</i>
botar(pôr) a mão no fogo	<i>poner las manos en el fuego</i>
bater na mesma tecla	<i>tocar la misma tecla</i>
pôr as cartas na mesa	<i>poner/colocar las cartas sobre la mesa</i>
não dar o braço a torcer	<i>no dar su brazo a torcer</i>
lavar as suas mãos como Pilatos	<i>lavarse las manos como Poncio Pilatos</i>
estar de braços cruzados	<i>estar de brazos cruzados</i>
falar pelos cotovelos	<i>hablar hasta por los codos</i>
custar os olhos da cara	<i>costar un ojo de la cara</i>
dar carta branca	<i>dar carta blanca</i>
cortar o mal pela raiz	<i>cortar el mal por la raiz</i>
tirar o chapéu	<i>tirar el sombrero</i>
como sardinha em lata	<i>como sardina en lata</i>

A equivalência lexical perfeita pressupõe a possibilidade de uma tradução literal de uma língua para a outra, daí decorre que todos os elementos da EI encontram um elemento correspondente na outra língua. Assim, esta correspondência implicaria também uma correspondência estrutural. Os exemplos (1), (2), (3), (4), (5), (6), (7), dentre outros, ilustram tal correspondência. Todos os elementos constituintes da EI de uma língua encontra seu equivalente na outra língua. Nestes casos falaremos de uma correspondência lexical, sintática e semântica perfeita.

Como podemos observar nestes exemplos encontramos uma correspondência lexical e sintática quase perfeita. Todas as partes constituintes destas expressões encontram seu equivalente na outra língua o que possibilita uma tradução literal de uma para outra língua. No entanto, não podemos esquecer que a proximidade de certas estruturas (de uma língua para a outra) nos obriga a prestar bem atenção e a ter uma maior precisão, pois a proximidade não quer dizer sempre literalidade e, por outro lado, literalidade pode levar a uma perda da idiomatidade. Por isso, é muito importante conhecer as diferenças do sistema idiomático de ambas as línguas. Os exemplos acima referidos não apresentam essa anomalia, pois, tanto numa língua como na outra as expressões têm esse tom de idiomatidade. Em algumas, os especificadores mudam, mas isso depende das características das combinações em cada língua, do seu sistema lexical, da distribuição e organização dos elementos constituintes das expressões em cada língua e de seu grau de lexicalização.

Em alguns exemplos se dá o caso de um substantivo da expressão em português não coincidir com o substantivo na língua espanhola *estar num **beco** sem saída* (*estar en un **callejón** sin salida*); *meter a **colher*** (*meter la **cuchareta***); *tirar uma **pestanda*** (*tirar un **pestañazo***); *dormir a **sono solto*** (*dormir a **pierna suelta***); *salvar a **pele*** (*salvar **el pellejo***); ou no caso do uso do plural numa língua e singular na outra podendo também mudar o tipo de especificador, neste caso o artigo determinado *un* (*custar **os olhos** da cara/ **costar un ojo** de la cara*).

Daí que as transformações que se operam na passagem de uma língua para outra são de vários tipos:

- variação de um único elemento lexical: *estar num **beco** sem saída*; *estar en un **callejón** sin salida*.
- variação dos especificadores: *buscar agulha em **palheiro***; *procurar agulha en **un** pajar*. Aquí na expressão em espanhol aparece o artigo determinado *um*.
- variação do número (singular/plural): *custar o olho da cara*; *costar **los ojos** de la cara*.
- junção de algum elemento: *não esquentar cabeça*; *no **calentarse la** cabeza*; *lavar as **minhas** mãos*; *lavarse las manos*
- variação de um verbo por um verbo reflexivo: *não esquentar **cabeça***; *no **calentarse la** cabeza*.

No segundo grupo, segundo nossa classificação, incluímos as seguintes expressões:

PORTUGUÊS

ESPAÑHOL

prometer mundos e fundos	<i>prometer villas y castillas</i>
ser posto no olho da rua	<i>poner de paticas en la calle</i>
estar com a faca e o queijo na mão	<i>estar con la sarten por el mango</i>
acertar na mosca	<i>dar en el clavo</i>
passar a batata quente	<i>parquear una tiñosa/pasar la papa caliente</i>
debaixo desse angu tem carne	<i>ahí hay gato encerrado</i>
buscar sarna para se coçar	<i>comprar sogá para su pescuezo</i>
botar a boca no trombone	<i>ser un chivato/ un chiva</i>
bananeira que já deu cacho	<i>ser arbol que ya dió frutos</i>
estar liso(na lona)	<i>estar en carne</i>
mexer em casa de marimbondo	<i>bailar en casa del trompo</i>
cair na armadilha	<i>morder el anzuelo/ caer en la trampa</i>
pegar com a boca na botija	<i>coger/agarrar/sorprender con las manos en la masa</i>
entre a cruz e a caldeirinha	<i>entre la espada y la pared</i>
tirar o cavalo da chuva	<i>poder esperar sentado</i>
matar o bicho	<i>darse un cañangazo/ un buche/chuparle el rabo a la jutia</i>
fazer de gato morto	<i>ser/hacerse el mosquito muerta</i>
encher a cara	<i>estar en curda</i>
pão pão, queijo,queijo	<i>al pan pan y al vino vino</i>
ficar encalhada	<i>quedarse para vestir santos</i>
andar numa roda viva/ tocar vários burros ao mesmo tempo	<i>ser músico, poeta y loco</i>
mandar plantar batatas/pentear macacos	<i>mandar a paseo</i>
fazer um bicho de sete cabeças	<i>ahogarse en un copo de água</i>
nem carne nem peixe	<i>ni chicha ni limoná</i>
panos quentes	<i>medias tintas</i>
pagar o pato	<i>pagar los platos rotos</i>
ser outros quinhentos	<i>ser harina de otro costal</i>
pagar o pato	<i>cargar con el muerto</i>
ter as costas quentes	<i>tener un padrino</i>
ficar à vontade	<i>estar a sus anchas</i>

Todos estes exemplos apresentam uma correspondência semântica, mas se afastam lexicalmente. Nelas a correspondência lexical está ausente.

GRUPO III

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
jogar a toalha	<i>tirar la toalla</i>
pendurar as chuteiras	<i>colgar los guantes</i>
afiar os dentes	<i>afilarse los dientes</i>

Neste grupo entram aquelas Els que nos chamamos de falsos cognatos, que confundem, pois apresentam uma correspondência lexical, que engana quem não conhece o verdadeiro significado e faz pensar que em ambas as línguas significam a mesma coisa, por exemplo, **jogar a toalha** em português significa desistir de alguma coisa e em espanhol **tirar la toalla** significa intervir em favor de alguém.

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL
bater papo, dar uma prosa	<i>conversar, falar de acontecimentos da vida alheia</i>
puxar saco/ fazer salamaleques	<i>adular, cortejar com subserviência</i>
misturar alhos e bugalhos	<i>tomar uma coisa por outra, confundir coisas que são totalmente diferentes.</i>
amigo da onça	<i>falso amigo; amigo fingido; ser um amigo hipócrita, inconveniente, maldoso.</i>
pôr/deitar água na fervura	<i>dizer ou fazer alguma coisa com a intenção de apaziguar os espíritos, uma disputa; trazer calma.</i>
água morna	<i>diz-se de pessoas apáticas, sem vivacidade, inseguras, incapazes ou sem iniciativa; indivíduo moleirão.</i>
dar com os burros n' água	<i>perde/ estragar um negócio; fracassar; causar a própria ruína, dar-se mal, ser malsucedido; não conseguir levar adiante um empreendimento; falir.</i>
armar um rolo	<i>armar barulho.</i>
aos trancos e barrancos	<i>marcha violenta através de obstáculos.</i>
ser o bode expiatório	<i>arcar com toda a responsabilidade.</i>
andar com a pulga atrás da orelha	<i>suspeitar alguma coisa, desconfiar, estar inquieto.</i>
atucanar a paciência	<i>estar irritando, aborrecendo.</i>
virar pizza	<i>dar em nada</i>

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

sair de fininho	<i>sair sem ser percebido</i>
ter as costas largas	<i>pessoa capaz de assumir grande responsabilidade, de aceitar culpas que nem sempre lhe cabem.</i>
pescar em águas turvas	<i>tentar explorar, em proveito próprio, uma situação confusa, difícil.</i>
embarcar em canoa furada	<i>tomar decisões cujas consequências podem ser funestas; envolver-se em empreendimento arriscado.</i>
fazer o diabo a quatro	<i>fazer coisas espantosas; desordenadas, caóticas, indescritíveis.</i>
fazer birra	<i>opor viva resistência</i>
descer a lenha	<i>dar uma surra, baixar o pau</i>
dar um calote	<i>dar um golpe sujo</i>
dar murro em ponta de faca	<i>tentar coisa difícil e arriscada</i>
pintar o demônio	<i>fazer barulho ou distúrbio</i>
pintar o diabo	<i>fazer travessuras; protestar em termos exaltados.</i>
ser um cachimbo apagado	<i>ser um inútil</i>
agüentar o tranco	<i>enfrentar/suportar os problemas e adversidades</i>
cair na arapuca	<i>deixar-se apanhar</i>
adoçar a pílula	<i>aliviar com palavras doces numa situação tensa.</i>
aqui já não está mais quem falou	<i>formula de retratação que se ouve comumente quando alguém desmente com provas uma acusação leviana.</i>
andar no mato sem cachorro	<i>estar numa situação embaraçosa ou perigosa sem auxílio.</i>
descascar o abacaxi	<i>tentar resolver uma situação difícil ou crítica.</i>
passar o abacaxi para alguém	<i>fugir da responsabilidade.</i>
apanhar o ganso	<i>estar ébrio</i>
agüentar/segurar a barra	<i>suportar uma situação difícil, desagradável.</i>
ser barra pesada	<i>ser uma situação difícil em que existem sérios problemas; desentendimento, violência, perigo.</i>
dar um baile em alguém	<i>ridicularizar; repreender; dominar totalmente um adversário.</i>
perder o bonde	<i>perder a chance, uma boa oportunidade.</i>
botar para quebrar	<i>fazer alguma coisa com muito sucesso de maneira inesquecível.</i>

botar panos quentes	<i>remediar temporariamente, medidas ineficazes para solucionar dificuldades.</i>
pisar na bola	<i>fazer alguma coisa errada com alguém</i>
botar os cachorros	<i>xingar, dizer muitos desaforos, falar de forma severa.</i>
bater o trinta e um	<i>Morrer</i>
botar a boca no trombone	<i>fazer alarde, divulgar.</i>
fazer boca de siri	<i>não revelar, manter em segredo os seus planos</i>
fazer bonito	<i>exibir-se</i>
fazer um biscate/bico	<i>fazer um trabalho ocasional.</i>
boi na linha	<i>deparar com obstáculos; problemas inesperados Quando se diz esta expressão, anuncia-se que surgiu uma dificuldade inesperada..</i>
conversa para boi dormir	<i>conversa fiada/mole; conversa sem resultados práticos; enganar.</i>
falar com seus botões	<i>falar consigo mesmo</i>
bananeira que já deu cacho	<i>pessoa ou coisa que não presta mais para nada.</i>
ser boa bisca/mau caráter	<i>ser pessoa de mau caráter.</i>
limpar a barra	<i>resolver uma situação problemática.</i>
forçar a barra	<i>forçar uma situação</i>
sujar a barra	<i>admirar uma situação problemática; criar problemas para si e para outrem.</i>
bagunçar o coreto	<i>interferir com má intenção.</i>
boca de siri	<i>ficar de bico calado</i>
puxar a brasa para sua sardinha	<i>defender os seus próprios interesses.</i>
jogar com o pau de dois bicos	<i>ora dizer uma coisa, ora dizer outra.</i>
bancar o esperto	<i>tentar/querer passar alguém para trás.</i>
passar a perna em alguém	<i>enganar; levar vantagem a uma pessoa.</i>
cair na real	<i>enfrentar a realidade, os fatos.</i>
ser um casca grossa	<i>ser mal-educado</i>
ter dor de cotovelo	<i>ter ciúmes, inveja de outra pessoa.</i>
ficar com cara de cachorro que quebrou panela	<i>mostrar-se desajeitado depois de ter feito alguma coisa que não devia.</i>
cada macaco no seu galho	<i>cada um no seu lugar.</i>
dar um jeito	<i>encontrar uma maneira de resolver um problema; conseguir o que outra pessoa pretende.</i>

ficar sem jeito	<i>ficar sem graça</i>
comprar a parada	<i>tomar a defesa de alguém.</i>
fundir a cuca/cozinhar os miolos	<i>pensar muito</i>
criar caso	<i>brigar; encrencar</i>
comer o pão que o diabo amassou	<i>sofrer privações, passar por apuros</i>
ser carta fora do baralho	<i>pessoa sem prestígio, afastada do caso</i>
chorar pitangas	<i>lamuriar-se contando desventuras</i>
fazer de gato sapato	<i>ridicularizar; tratar com desprezo; maltratar</i>
dar um baile em alguém	<i>Humilhar</i>
dançar na corda bamba	<i>estar em situação embaraçosa.</i>
dar o fora	<i>terminar uma relação.</i>
dar murro em ponta de faca	<i>tentar coisa difícil e arriscada.</i>
entrar na dança	<i>entrar num negócio ou projeto, empresa ou atividade a que é estranho.</i>
dizer cobras e lagartos	<i>insultar, fazer referências desagradáveis e injúrias, maldizer, difamar.</i>
dar um calote	<i>passar a perna</i>
falar abobrinha	<i>dizer coisas sem sentido</i>

ESPAÑHOL

y tu abuela donde está	<i>diz-se da pessoa que não reconhece ser mestiça.</i>
no comer miedo	<i>ser corajoso, decidido</i>
ponerle el cuño	<i>confirmar alguma coisa</i>
no tener abuela	<i>diz-se da pessoa que sempre fala sobre si mesma, se elogiando.</i>
tener agallas	<i>ser ousado; manifestar resistência perante às adversidades.</i>
ser agua pasada	<i>pertencer ao passado de tal maneira que não tem influência alguma no presente</i>
darse aires	<i>fazer-se de importante com ares de superioridade</i>
caersele el alma a los pies	<i>sentir-se decepcionado, sem animo.</i>
venir como anillo al dedo	<i>ser oportuno.</i>
ser mas viejo que el Morro/ ser del año de la nana	<i>ser muito velho, de tempos remotos.</i>
entrar por el aro/andar derecho	<i>ficar exposto às exigências de outro</i>

caersele la baba	<i>experimentar complacência vendo ou ouvindo coisas agradáveis, ficar babando.</i>
bailar al son que le tocan	<i>adotar uma atitude conforme a situação imperante</i>
estar en Babia	<i>estar distraído</i>
bailar con la mas fea	<i>estar obrigado a realizar a parte mais desagradável de alguma tarefa.</i>
quedarse en blanco	<i>esquecer de repente aquilo que sabemos de cor.</i>
a pedir de boca de boca	<i>conforme os próprios desejos.</i>
meterse a alguien en el bolsillo	<i>ganhar a confiança de alguém</i>
a bombo y platillo	<i>com grande publicidade</i>
borrón y cuenta nueva	<i>dar por encerrado algum assunto, negócio, projeto.</i>
apearse (alguien) del burro	<i>reconhecer um erro, ceder.</i>
calentar (a alguien) la cabeza	<i>tratar de convencer com argumentos insistentes.</i>
levantar cabeza	<i>recuperar-se, voltar à normalidade.</i>
romperse la cabeza	<i>meditar muito</i>
tener mala cabeza	<i>fazer as coisas sem juízo, sem pensar nas conseqüências.</i>
atar cabos	<i>relacionar dados e fatos para poder chegar a uma conclusão</i>
a cajas destempladas	<i>despedir o botar no olho da rua de forma grosseira.</i>
entrar en caja	<i>ser disciplinado</i>
dar calabazas	<i>não corresponder ao amor de alguém.</i>
echar una cana al aire	<i>pular a cerca</i>
cantar las cuarenta	<i>dizer para alguém sem rodeios o que se pensa dessa pessoa.</i>
meter caña	<i>começar a realizar alguma atividade que já tinha programada.</i>
sacar la cara por alguien	<i>defender a alguém</i>
ponersele (a alguien) a carne de gallina	<i>assustar-se, ficar angustiado.</i>
aguantar carretas y carretones	<i>soportar tudo sem reclamar.</i>
a carta cabal	<i>Completamente</i>
ponerle el cascabel al gato	<i>realizar uma ação de risco, mas necessária para poder resolver uma situação ou problema.</i>

sacar (a alguien) de sus casillas	<i>irritar, esgotar a paciência de alguém.</i>
estar curado de espanto	<i>estar preparado para qualquer eventualidade ou situação.</i>
pasar de castaño oscuro	<i>situação ou coisa intolerável</i>
meterse (alguna cosa) entre ceja y ceja	<i>decidir-se a fazer alguma coisa custe o que custar.</i>
ver los cielos abiertos	<i>ser o momento oportuno, ser uma ocasião favorável para sair de uma situação difícil e conseguir atingir os objetivos propostos.</i>
sacar en claro	<i>esclarecer algum assunto; conseguir compreender o que antes era difícil de entender.</i>
como un clavo	<i>pontual, certo.</i>
saber de que pié cojea	<i>saber quais as idéias, interesses de alguma pessoa.</i>
sin ton ni son/sin comerla ni beberla	<i>sem ter tido participação, nem intervenção num determinado assunto, sofrer as consequências.</i>
importar un comino	<i>não se importar com nada, não ter nada a ver com isso.</i>
estar hasta la coronilla	<i>estar farto de alguma coisa (que saco!)</i>
cortar por lo sano	<i>pôr fim definitivamente a uma situação indesejável.</i>
ni corto ni perezoso	<i>com absoluta decisão</i>
como quien no quiere la cosa	<i> fingindo indiferença, simulando.</i>
como si tal cosa	<i>sem dar a menor importância(não ligar)</i>
decir (a alguien) cuatro cosas	<i>dizer tudo o que sente.</i>
buscarle (a alguien) las cosquillas	<i>provocar</i>
donde el diablo dio las tres voces	<i>muito longe</i>
cantarle (a alguien) las cuarenta	<i>dizer para alguém tudo o que o pensa sem medo nem rodeios.</i>
ajustarle a alguien las cuentas	<i>dar o que merece.</i>
andar/bailar en la cuerda floja	<i>estar numa situação precária.</i>
vivir del cuento	<i>viver sem trabalhar, aproveitando-se de uma situação vantajosa.</i>
al dedillo	<i>com os mínimos detalhes.</i>
no tener dos dedos de frente	<i>ser de pouco entendimento</i>
manzana de la discordia	<i>objeto de disputa.</i>
como dos y dos son cuatro	<i>Evidentemente</i>

a duras penas	<i>apenas, dificilmente, com muito trabalho, muita dificuldade.</i>
partir (a alguien) por el eje	<i>impossibilitar alguém de chegar a atingir seus objetivos.</i>
aguar la fiesta	<i>malograr uma atividade festiva.</i>
en menos de lo que canta un gallo	<i>num instante, rapidamente.</i>
como el gallo de Morón	<i>Humilhado</i>
llevarse el gato al agua	<i>conseguir sair-se bem de alguma situação.</i>
armarse la gorda.	<i>confusão, tumulto, briga.</i>
sudar la gota gorda	<i>conseguir alguma coisa com um grande esforço</i>
ir al grano	<i>ir direto ao assunto</i>
echarle el guante a alguien	<i>capturar. Se refere quase sempre a detenção de pessoas que fugiram da justiça</i>
poner como un guiñapo	<i>como um trapo</i>
no entender ni jota	<i>não compreender nada</i>
dormirse en los laureles	<i>descuidar um assunto pensando que pode fazê-lo tendo em conta o sucesso anterior.</i>
tener, llevar o guardar algo en la manga	<i>guardar ou reservar alguma coisa ou segredo para utiliza-lo no momento que for preciso.</i>
de primera mano	<i>o que vem diretamente do original; fato que se conhece por si mesmo sem a ajuda de nenhum relator</i>
echar mano	<i>pegar alguma coisa/ descobrir capturar, localizar</i>
echar una mano	<i>ajudar, prestar ajuda</i>
irsele la mano.	<i>fazer alguma coisa em excesso</i>
meter la mano	<i>Roubar</i>
tener a mano	<i>estar ao alcance</i>
traer entre manos	<i>estar elaborando algum projeto, idéia para realizar no futuro.</i>
untar la mano	<i>Subornar</i>
torrar del mapa	<i>fazer desaparecer, assassinar</i>
a toda mecha	<i>com muita rapidez.</i>
a las mil e quinientas/a las tantas	<i>muito tarde, tarde demais.</i>
no saber de la misa la media (mitad)	<i>tener conhecimento incompleto.</i>

estar en las musarañas	<i>estar distraído</i>
nadar y guardar la ropa	<i>se comprometer num assunto só até o momento que estejam em perigo os próprios interesses.</i>
asomar las narices	<i>aparecer num lugar geralmente com o objetivo de saber sobre qualquer acontecimento</i>
meter las narices en algo	<i>intrrometer-se sem ser chamado</i>
vérselas negras	<i>estar numa situação difícil, passar por maus bocados</i>
dar la nota	<i>se destacar em qualquer discussão com um comportamento impecável</i>
dar oídos	<i>acreditar naquilo que ouviu sem ter certeza que é verdade.</i>
hacer oídos sordos	<i>fingir que não ouviu.</i>
ser todo oídos	<i>prestar a máxima atenção</i>
oir campanas y no saber donde	<i>não compreender sobre o que se está falando mudando a idéia ou mensagem que deve ser transmitida</i>
de oreja a oreja	<i>diz-se quando uma pessoa sorri de forma ampla</i>
de pacotilla	<i>da pior categoria</i>
llevar los pantalones	<i>quem manda dentro de uma família.</i>
estar en panáles	<i>alguma coisa que está começando a se fazer.</i>
conocer el paño	<i>conhecer suficientemente uma pessoa ou uma situação, tanto que seria difícil ser enganado.</i>
de Pascua a San Juan	<i>de vez em vez.</i>
aquí paz y después gloria	<i>expressão utilizada quando se dá um assunto por encerrado.</i>
tomar a pecho alguna cosa	<i>levar muito a sério.</i>
ser (alguien) un pedazo de pan	<i>ser muito bom, bom demais, ser uma pessoa extremamente bondosa.</i>
como Pedro por su casa.	<i>fazer alguma coisa com muita familiaridade e soltura dentro de algum recinto que não é de sua propriedade.</i>
ser de película	<i>maravilhoso ou horrível dependendo do contexto onde seja usada a frase.</i>
no verle el pelo a alguien	<i>deixar de ver uma pessoa durante algum tempo por não frequentar um determinado lugar que era ponto de encontros anteriormente.</i>

ponersele a alguien los pelos de punta	<i>ser de arrepiar por motivo de alguma consternação ou medo</i>
reírse de los peces de colores	<i>não ter razão para se preocupar por nada.</i>
buscarle los tres pies al gato	<i>ser obstinado em procurar encontrar defeitos, explicações, possíveis conseqüências, razões, etc. só complicando mais as coisas.</i>
nacer de pié	<i>nascer com sorte.</i>
no dar pié con bola	<i>não acertar, errar talvez por estar preocupado por algum problema ou por estar cansado ou também por não saber mesmo.</i>
hablar en plata	<i>falar com sinceridade, sem rodeios.</i>
buscarle las pulgas a alguien	<i>provocar a ira de alguém.</i>
tener malas pulgas	<i>ter mau gênio, ser uma pessoa difícil de tratar.</i>
coger el rábano por las hojas.	<i>Interpretar mal.</i>
echar raíces	<i>estabelecer-se num lugar, ficar para sempre.</i>
campar por sus respetos	<i>obrar conforme a sua vontade sem considerar a opinião e decisões dos outros.</i>
ser el vivo retrato	<i>parecer muito com alguém.</i>
sacar a alguien de sus casillas/ de quicio	<i>provocar a ira de outra pessoa, esgotar a paciência.</i>
no ser santo de su devoción	<i>causa-lhe antipatia, desagrado.</i>
a la sazón	<i>nesse instante, nesse momento.</i>
como la sogá tras el caldero	<i>pessoas que estão sempre juntas, que são inseparáveis.</i>
bailar al son que le tocan	<i>adaptar-se as circunstâncias que lhe são impostas.</i>
de buena tinta	<i>de fonte fidedigna.</i>
no dejar/ no quedar títere con cabeza	<i>destruir; desorganizar; criticar ou falar mal de todo mundo.</i>
sacar los trapos sucios	<i>fazer públicas as falhas ou defeitos de alguém</i>
hacer trizas	<i>destruir completamente em pedaços miúdos.</i>
no darle vela (a alguien) en ese entierro	<i>não ter justificativa para se intrometer ou intervir em assuntos ou conversas onde não foi chamado.</i>

perder güiro, calabaza y miel	<i>se arruinar nos negócios, fracassar.</i>
chuparle el rabo a la jutía	<i>gostar das bebidas alcoólicas</i>
hacerse el muerto para ver el fingir.	
entierro que le hacen	

É claro, que a EI não corresponde a um mecanismo aritmético de adição de constituintes, mas a uma operação de criação, em que a junção de certos elementos, num dado momento, operou um significado inviolável (o saber implícito, ou seja, a identidade idiomática da estrutura. A sintaxe nessas expressões é, de certa maneira neutralizada, na medida em que não sofre modificações. A existência desse tipo de sintaxe favorece as propriedades semântico-pragmáticas das EIs. Como afirmaram Lakoff & Johnson (1980), existe uma relação entre o significado idiomático da EI e o conteúdo conceitual que permitiu a elaboração desse significado.

Na construção de um sistema conceitual, a orientação semântica é um passo importante na construção desse sistema e dentro dele a metáfora (na perspectiva de Lakoff & Johnson, 1980 e Lattey, 1986) que cobre as várias relações implícitas na linguagem, as relações já enunciadas entre a linguagem e os homens, entre os homens e a sociedade. A força das EIs advém da existência na sua construção de metáforas conceituais que operam sobre o visível, sobre a experiência e pela capacidade contínua de recriação.

Muitos autores, inclusive na área da Psicolinguística interessam-se pela problemática do sentido literal e sentido figurado. Os últimos resultados apontam para o modelo de processamento idiomático (Gibbs, 1980, 1994), isto é, o sentido figurado seria processado em primeiro lugar e o sentido literal seria de importância mínima na compreensão idiomática. O processamento das EIs não passa pelo processamento de um conjunto de palavras individuais (as palavras que constituem a EI), mas a expressão é processada como um todo, como uma palavra individual.

O sentido figurado incide no grau de lexicalização e no tipo de combinações dos elementos constituintes. A existência ou inexistência do sentido literal depende do tipo de relações sintáticas entre os constituintes e do universo referencial representado pela combinação desses elementos. Deste modo, quando a EI permite a existência do sentido literal, a expressão perde sua autonomia e tem o mesmo comportamento das estruturas não idiomáticas, ou seja existem expressões que podem ser interpretadas no sentido literal, por exemplo, *pisar na bola; soltar os cachorros; quebrar a cara; cair das nuvens; echar leña al fuego; abrir los ojos; dar la nota*. Quando isto ocorre o sintagma não estaria funcionando como uma unidade lexical, pois para ser uma EI os lexemas devem ter uma relação fixa com um todo significativo gerando um novo sentido. Essa

relação fixa entre lexemas é definida por Pottier (1974) como integração significa o movimento de lexicalização, a passagem de uma sintaxe livre original, criada no momento da comunicação, para uma sintaxe em via de fixação que pode chegar a ser memorização total como resultado de sua cristalização.

Observemos os seguintes exemplos:

Português: *abrir os olhos; dar a mão; pegar com a boca na botija.*

Espanhol: *abrir los ojos; dar la mano; agarrar con las manos en la masa; coger el rábano por las hojas.*

Estas Els permitem a existência de um duplo sentido: sentido literal e sentido figurado. Para ativar o sentido literal seria necessário usá-las num dado contexto comunicativo atribuindo-lhes um dado sentido (literal), e um dado valor referencial. Ao contrário das Els em que o valor referencial corresponde ao valor idiomático da própria EI, o valor referencial das expressões utilizadas com o sentido literal é função do significado dos seus elementos, de um conjunto de parâmetros (ou índices) enunciativos, de que fazem parte o locutor, o receptor, o tempo, o espaço, o discurso anterior e o universo de referência.

O uso das Els com sentido literal só é possível se a combinação dos elementos constituintes respeitar as regras sintáticas da língua e se a interpretação semântica corresponder ao universo referencial do mundo real. Numa EI como *estar com o estômago nas costas/estar com a barriga dando horas/ estar com a barriga no espinhaço (português); estar con la barriga pegada al espinazo (espanhol)* mesmo que as regras sintáticas sejam respeitadas, a própria expressão não permite o uso do sentido literal porque o universo de referência facultado pela adição dos valores semânticos dos constituintes não é possível no mundo real. Pelo contrário, as estruturas *abrir os olhos (português); abrir los ojos (espanhol)* obedecem aos dois parâmetros enunciados (sintático e semântico), permitindo, quando inseridos nas devidas situações, o uso literal e o sentido figurado.

No caso das expressões *comer com os olhos, lançar mão, afiar a língua, estar com a barriga no espinhaço (português); comer con los ojos; estar con la barriga pegada al espinazo, ser un ñame con corbata (espanhol)*, elas não permitem o uso do sentido literal pois as combinações lexicais que produzem as imagens idiomáticas constroem situações que não se adequam ao mundo real. Os exemplos *comer com os olhos (comer con los ojos)* responde à inadequação apontada anteriormente e que reside na relação semântica do predicado com o OBL. Numa construção não idiomática, por exemplo, *comer com a colher (português); comer con la cuchara (espanhol)*, a relação semântica é a de instrumento. Essa relação,

embora válida em termos formais não é possível em termos semânticos, pois os olhos não servem de instrumento para comer.

Como já apontamos, uma alteração das regras combinatórias que organizam a expressão pode destruir o seu sentido idiomático. No entanto, algumas substituições paradigmáticas são possíveis, mantendo a idiomaticidade da expressão, isto é, sem modificar o grau de lexicalização já existente na EI. Lembremos que o processo de lexicalização implica uma forte coesão dos elementos que constituem a expressão, obedecendo a regras internas e externas. O passar do tempo permite uma fixação da estrutura sintática e do valor semântico. A respeito Galisson (1974: 315) afirmava que a lexicalização é *um processo lingüístico que transforma um grupo livre em um grupo estável, isto é, que une uma sequência de morfemas para transformá-los em uma única e mesma unidade lexical*. Assim, não podemos deixar de referir a importância do valor do uso na lexicalização, pois é impossível abordar este fenômeno de um ponto meramente formal sem ter em conta a sua inserção na experiência humana.

Analisemos algumas expressões idiomáticas:

Português

pôr/botar/jogar água na fervura; morder o anzol /cair no anzol; cair na farra/na gandaia; comprar porcos na lama/gato por lebre/nabos em saco; estar liso/na pior/teso/na pindaíba/na lona; estar entre a cruz e a caldeirinha/a espada e a parede/espada e bigorna/fogo e martelo; ficar/estar por cima da carne seca; atirar/lançar/deitar foguetes antes da festa.

Espanhol

atizar el fuego/echar leña al fuego; coger/agarrar/pegar con las manos en la masa/ asando maíz; estar/encontrarse entre la espada y la pared; estar/ en la tea/en carne/con una mano adelante y la otra atrás; ponersele a alguien la piel/carne de gallina; botar/tirar/echar la casa por la ventana; cambiarle el agua a los pececitos/a los pajaritos.

As EIs apontadas acima permitem substituições paradigmáticas e de um componente por outro componente, desde que esse novo elemento não faça com que a expressão perca o seu valor semântico nem sua estrutura sintática. Em outros casos não é possível nenhuma substituição pois qualquer alteração de um dos elementos pode acarretar a perda de idiomaticidade.

Resumindo podemos dizer que as EIs em ambas as línguas como acontece em outras (francês, inglês, etc.) apresentam características essenciais, dentre elas:

- a EI é uma unidade sintática e lexical;
- uma EI às vezes pode funcionar como uma palavra;
- a EI está composta por dois ou mais elementos;
- uma EI tem as propriedades formais de uma estrutura não idiomática;
- a EI apresenta uma distribuição única ou muito restrita dos seus elementos;
- numa EI o significado não pode ser decomposto, pois seu sentido é completo;
- sentido completo só pode surgir quando a EI está contextualizada;
- a EI tem um valor metafórico.

As características abrangem dois vectores principais: a forma (grupo de palavras) e o conteúdo (o significado idiomático).

4.3. CLASSIFICAÇÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM CAMPOS SEMÂNTICOS.

Para realizar uma análise em traços semânticos é preciso de alguma base linguística, a saber: **nomeação; paráfrase; definição e classificação.** No caso das expressões idiomáticas, para nós seria importante analisar as três últimas. A paráfrase, por exemplo, pode ocorrer com lexemas (sinonímia). Às vezes, encontramos expressões idiomáticas que podem ser substituídas por paráfrases (*dizer cobras e lagartos = xingar*). A definição também ocupa um lugar destacado, pois em ocasiões não existe uma expressão equivalente na língua de chegada ou simplesmente o que seria uma expressão idiomática numa determinada língua, não necessariamente o seria numa outra cultura. Portanto, é preciso se valer da definição através da explicação do significado da expressão. Finalmente temos a classificação que compreende três procedimentos:

- reunir as unidades que tenham componentes ou traços comuns (campo semântico - **briga** ; *armar barulho; comprar barulho; comprar briga; criar caso; dar rolo; engrossar o caldo; dar bode*. Campo semântico - **ira**; *perder as estribeiras; cuspir fogo; ficar uma vara; fazer o sangue ferver*. Campo semântico **palavra/fala**; *ser tagarela; falar pelos cotovelos; beber água de chocalho*;
- separar as unidades de acordo com seus componentes ou traços distintivos;

- determinar as bases de tais agrupamentos;

Qualquer que seja o campo semântico, determinado por um conceito empírico (o significado ou a noção de parentesco, etc.) o problema reside sempre em achar critérios objetivos que justifiquem as relações que se estabelecem entre as palavras ou os termos.

A investigação lexicológica e semântica deve observar o comportamento da palavra na frase, as suas diferentes combinações possíveis e verificar as condições em que isso ocorre. Depois de estabelecida a constituição interna de cada campo semântico podem se prever as causas da mudança léxica. Para o léxico também há escolhas mais ou menos limitadas por regras de combinações semânticas.

As teorias semânticas, principalmente as que visam a estruturação de campos semânticos e lexicais, têm contribuído grandemente para o desenvolvimento da lexicologia e a lexicografia e, conseqüentemente, têm trazido subsídios ao ensino do léxico. As teorias distribucionais, salientando a importância do contexto para o estudo do significado têm dirigido a atenção dos professores para o estudo global da palavra, nas suas relações paradigmáticas e sintagmáticas, para o estudo da palavra como elemento de um subsistema que se relaciona com os elementos de outros subsistemas de que se compõe a língua.

Assim, os itens lexicais constitutivos das Els coletadas podem ser relativos:

- à vida cotidiana
- aos sentimentos
- aos divertimentos e costumes
- ao corpo humano, representado em inúmeras expressões idiomáticas
- aos ambientes
- às crenças e superstições
- às relações sociais dos homens
- às formas de comportamento
- a pessoas, qualidades
- a aspectos da natureza

A seguir ilustraremos com exemplos algumas expressões idiomáticas dentro de um campo semântico escolhido.

CAMPO SEMÂNTICO	EXEMPLOS	SIGNIFICADO
água	<i>cozinhar em água morna; mexer nas águas passadas; se afogar em pouca água</i>	
palavra/fala	<i>falar pelos cotovelos, abrir a torneira; ser tagarela</i>	falar muito
	<i>dar com a língua nos dentes ter língua de trapo</i>	falar demais, ser indiscreto
	<i>ser conversa mole; ser conversa para bóí</i>	falar sem conteúdo
	<i>dormir; ser papo furado</i>	sem seriedade
	<i>bater papo; dar uma prosa</i>	Conversar
	<i>a fechar a torneira; segurar / engolir / morder a língua</i>	abster-se de falar
violência/briga verbal	<i>dizer cobras e lagartos</i>	Xingar
	<i>puxar as orelhas; passar um sabão</i>	Admoestação
	<i>dar uma bronca; procurar sarna para se coçar</i>	
	<i>por em pratos limpos; ajustar as contas</i>	esclarecimento de
	<i>tirar satisfação; armar um barraco</i>	Desavença
violência/agressão física	<i>comprar/armar barulho; criar caso</i>	briga desencadeiada
	<i>dar rolo; engrossar o caldo</i>	briga generalizada
	<i>descer o braço; dar um pau/zurra</i>	Agressão
	<i>partir para a ignorância estar/viver como cão e gato</i>	estado permanente de desentendimento
violência/ira associada com briga	<i>perder as estribeiras; cuspir fogo ficar um arara/puto da vida</i>	perder totalmente o controle

Conhecendo a extraordinária riqueza de metáforas das quais dispõe a gíria, as expressões idiomáticas e a língua familiar, elas tomam-se uma fonte privilegiada de imagens e colore o nosso pensamento e atuam sobre a linguagem. As metáforas provocam uma mudança semântica desempenhando um papel decisivo na formação da língua comum.

A despeito das observações de Lehrer tentei valer-me da Teoria dos Campos Semânticos agrupando as expressões idiomáticas em conjuntos ou domínios, ou seja, pelo que esses itens lexicais apresentassem em comum no seu significado, embora formalmente distintos. Assim, segundo

Trier, Lehrer e outros especialistas da área o campo semântico é um grupo de palavras intimamente relacionadas no significado e englobadas sob um termo geral. A análise, então, teria como um primeiro passo coletar as palavras que pertençam a um campo e mostrar a relação entre elas dentro de um mesmo nível hierárquico, também como as relações entre essas palavras e o termo mais geral, de um nível mais elevado.

Se tentarmos fazer uma análise de Campos Semânticos de acordo com as expectativas apontadas por Lehrer poderíamos exemplificar o primeiro tipo de relação como segue: *bater as **botas**; suar a **camisa**; abotoar o **paletó**; meter-se em **camisa** de onze varas; fazer de gato **sapato**; de tirar o **chapéu**; vestir o **pijama** de madeira; falar com seus **botões**.*

As palavras *botas, camisa, paletó, sapato, chapéu, pijama, botões* pertencem a um mesmo nível hierárquico e tem em comum se referirem a peças do vestuário. Por um lado, existe uma relação entre essas palavras e, peças do vestuário, por outro, a relação entre elementos de nível hierárquico diferentes.

Assim, estaríamos organizando o vocabulário das expressões idiomáticas por hiponímia, ou seja, de um termo mais geral para um mais específico. A respeito Lyons (1979) aponta que *o mais importante fator na organização hierárquica do vocabulário pela hiponímia é a estrutura da cultura, em cujo seio opera a língua*. Se a língua é considerada como o espelho da cultura de um povo, então ela deve refletir o universo em que vive e se desenvolve o falante dessa língua. Desde essa perspectiva, acredito que o domínio das unidades fraseológicas, reflexo vivo das características de uma determinada comunidade lingüística, permite captar as vocações e tendências desse povo, cuja língua se estuda.

O acervo idiomático tanto rural quanto urbano é um material disponível que faz parte do léxico. Ele constitui a base da língua e representa o resultado de um processo de muitos séculos de cristalização na cultura tanto brasileira, quanto cubana. Por exemplo, existem muitos idiomatismos que talvez emergiram quando o homem ainda estava voltado para as coisas do campo, mas com o tempo depois de um processo de urbanização entrou num estágio mais refinado, porém os idiomatismos mantiveram-se com seu significado original (*o motor do carro tem trezentos **cavalos** de força*). A palavra **cavalo** mantém sua representação de força motriz no transporte de homens e animais.

Outras unidades foram se incorporando ao léxico das línguas, ligados aos meios de comunicação e transporte, por exemplo: *ficar a ver **navios**; perder o **bonde**; pegar o **bonde** errado; colocar a **carreta** na frente dos bois; tirar o **cavalinho** da chuva; embarcar em **canoa** furada; dar com os **burros** na água (português); *poner la **carreta** delante de los bueyes; ser um **barco**; irse a **pique**; apearse del **burro**.**

O acervo lexical das expressões idiomáticas tanto em português como em espanhol (variante cubana) refletem recortes da realidade que são relatados, temas ou tópicos ao que os itens lexicais estão relacionados formando diversos campos semânticos, embora o primeiro valor da significação dos itens estejam combinados com uma significação global bem diferente. Por exemplo, *colocar a mão na massa* (**português**); *coger con las manos en la masa* não exatamente tem a ver com o sentido original /literal da matéria a que freqüentemente o padeiro deve dar forma, mas significa intervir pessoalmente em algum assunto, no caso do português. No caso do espanhol significa pegar em flagrante/surpreender fazendo alguma coisa que não é permitida.

Em português e espanhol a maioria das expressões idiomáticas correspondem aos mesmos temas e/ou campos em ambas as línguas.

Eis alguns dos campos nas duas línguas;

Campo	Português	Espanhol
natureza (animais)	<i>vermelho como camarão</i>	<i>rojo como un camarón</i>
	<i>lágrimas de crocodilo</i>	<i>lágrimas de cocodrilo</i>
	<i>comprar gato por lebre</i>	<i>comprar gato por liebre</i>
	<i>estômago de avestruz</i>	<i>estómago de avestruz</i>
	<i>picar a mula</i>	<i>espantar la mula</i>
	<i>como peixe n' água</i>	<i>como pez en el agua</i>
	<i>ser como cão e gato</i>	<i>ser como el perro y el gato</i>
	<i>pagar o pato</i>	<i>pagar los platos rotos</i>
	<i>dizer cobras e lagartos</i>	<i>decir villas y castillas</i>
	<i>tirar o cavallinho da chuva</i>	<i>olvidarse de los peces de colores</i>
	<i>dar com os burros n'água</i>	<i>quedarse en esa</i>
	<i>mandar pentear macacos</i>	<i>mandar para el carajo</i>
	<i>amigo da onça</i>	<i>amigo falso</i>
	<i>amigo urso</i>	<i>amigo faalso</i>
	<i>ser uma cobra</i>	<i>ser una cobra</i>
	<i>matar o bicho</i>	<i>chuparle el rabo a la jutia</i>
(vegetais)	<i>bananeira que já deu cacho</i>	<i>árbol que ya dió sus frutos</i>
	_____	<i>coger mangos bajitos</i>
	<i>mandar plantar batata</i>	_____
	<i>ser um banana</i>	_____
	_____	<i>estar aplatanados</i>

(astros)	<i>mover céu e terra</i>	<i>mover cielo y tierra</i>
	<i>tapar o sol com a peneira</i>	<i>tapar el sol com un dedo</i>
	<i>estar/andar nas nuvens</i>	<i>estar en las nubes</i>
	<i>estar no mundo da lua</i>	<i>estar en la luna de Valencia</i>
(alimentos bebidas)	<i>farinha do mesmo saco</i>	<i>no ser harina del mismo costal</i>
	<i>com a faca e o queijo na mão</i>	<i>con el sartén por el mango</i>
	<i>pão, pão, queijo, queijo</i>	<i>al pan pan y al vino vino</i>
	<i>estar por cima da carne seca</i>	<i>estar en alza</i>
	<i>debaixo desse angu tem carne</i>	<i>hay gato encerrado</i>
(saúde/ doença)	<i>forte como um touro</i>	<i>fuerte como un toro</i>
	<i>estar nas últimas</i>	<i>estar en las ultimas</i>
(vestuário)	<i>suar a camisa</i>	<i>sudar la camisa</i>
	<i>não chegar à sola do sapato</i>	<i>no llegar a la zuela de su zapato</i>
	<i>tirar o chapéu</i>	<i>tirar el sombrero</i>
	<i>meter-se em camisa de onze varas</i>	<i>meterse en camisa de once varas</i>
	<i>fazer de gato sapato</i>	<i>hacer de una persona lo que se quiere</i>
	<i>apertar o cinto</i>	<i>amarrarse los cinturones</i>
(dinheiro)	<i>jogar dinheiro pela janela</i>	<i>tirar dinero por la ventana</i>
	<i>não ter um tostão</i>	<i>no tener ni un quilo</i>
(jogos)	<i>pôr as cartas na mesa</i>	<i>poner las cartas sobre la mesa</i>
	<i>jogar a última cartada</i>	<i>jugar a ultima carta</i>
	<i>esconder o jogo</i>	_____
	<i>abrir o jogo</i>	_____
	<i>pisar na bola</i>	<i>errar</i>
	<i>pegar com a boca na botija</i>	<i>coger fuera de base</i>
	<i>estar entre a cruz e a caldeirinha</i>	<i>estar en tres y dos</i>

<i>(superstições, crenças, religião)</i>	<i>ficar para titia</i>	<i>quedarse para vestir santos</i>
	<i>dar uma de santo</i>	<i>hacerse el santo</i>
	<i>vender sua alma ao diabo</i>	<i>vender su alma al diablo</i>
	<i>comer o pão que o diabo amassou</i>	<i>morder el cordobán</i>
	<i>renascer das cinzas</i>	<i>renacer de las cenizas</i>
<i>(morte)</i>	<i>esticar as canelas</i>	<i>estirar la pata</i>
	<i>ir para o pais dos pés juntos</i>	<i>ir para la ciudad de los bocarriba</i>
	<i>virar a página</i>	<i>quedar en la página dos</i>
<i>(corpo humano)</i>	<i>não ter papas na língua</i>	<i>no tener pelos en la lengua</i>
	<i>não dar o braço a torcer</i>	<i>no dar su brazo a torcer</i>
	<i>ter jogo de cintura</i>	<i>tener juego de cintura</i>
	<i>com a corda no pescoço</i>	<i>con la soga al cuello</i>
	<i>estar com a pulga atrás da orelha</i>	<i>con la pulga atras de la oreja</i>
	<i>perder a cabeça</i>	<i>perder la cabeza</i>
	<i>defender com unhas e dentes</i>	<i>defender com uñas y dientes</i>
	<i>lavar as mãos</i>	<i>lavarse las manos como Pilatos</i>
	<i>falar pelos cotovelos</i>	<i>hablar por los codos</i>
	<i>abrir os olhos</i>	<i>abrirle los ojos a alguien</i>
	<i>queimar as pestanas</i>	<i>quemarse las pestanhas</i>
	<i>boca de siri</i>	<i>ceerrar el pico</i>
<i>(cores)</i>	<i>pôr o preto no branco</i>	<i>poner en claro</i>
	<i>estar roxo de raiva</i>	<i>ponerse rojo de rabia</i>

Existem algumas construções idiomáticas onde aparecem dois termos paralelos, coordenados, que talvez se pudesse dizer que estejam em certa oposição.

Por exemplo; *de corpo e alma*; *cara ou coroa* (**português**); *en cuerpo y alma*; *escudo o estrella* (**espanhol**).

*Entregou-se **de corpo e alma** ao estudo sem medir esforços.*

*Se entregó **en cuerpo y alma** a la lucha por los derechos humanos.*

*Era **cara ou coroa**, a decisão teria que ser naquela hora e eu não tinha escolha.*

*No habia otra salida, era **escudo o estrella**, la suerte estaba echada.*

Pode ser que a existência de um número de palavras antônimas no vocabulário esteja relacionada a uma tendência humana geral de polarizar a experiência e o juízo.

A sinonímia é uma categoria tradicional de relacionamento de significado onde duas ou mais formas distintas podem associar-se a um mesmo significado extensivo a elas, ou seja, equivalente ou semelhante, como seria no caso das expressões idiomáticas *bater as botas*; *esticar o pernil*; *esticar as canelas*; *vestir o pijama de madeira*; *abotoar o paletó*; *dar com o rabo na cerca*; *ir desta para melhor*; *apitar na curva*; *ir para o país dos pés juntos* (**português**); *estirar la pata*; *vestir el pijama de madera*; *guindar el piojo*; *darle la patada a la lata*; *quedarse en la página dos*, *cantar el manisero*, *irse para el mundo de los boca-arriba* (**espanhol**).

Do ponto de vista da estrutura semântica de seu léxico, as expressões idiomáticas podem ser analisadas em função das relações de sentido que existem entre as palavras no plano paradigmático e no sintagmático. Juntas elas dão aos campos lexicais sua estrutura semântica específica. Desta forma, um lexema terá seu sentido determinado pela rede de relações existente entre ele e seus lexemas vizinhos dentro de um mesmo campo.

Por outro lado, dentro das expressões idiomáticas pode existir também um mecanismo (funcionamento) interno de comparação quando a sujeitos comparados, de traços semânticos específicos são atribuídas propriedades adjetivas ou propriedades verbais, ligadas aos comparantes, isto é, aos parâmetros escolhidos e convencionalizados pelos usuários da língua constituídos por diferentes campos semânticos (Xatara, 1994), por exemplo *viver como cão e gato*, *teimoso como uma mula*, *rico como um marajá*, *gordo como uma baleia*, *feia como diabo*, *morrer como um passarinho* (**português**); *morir como una palomita*, *vivir como perro y gato*, *terco como una mula*, *rico como un marajá*, *gordo como una ballena*, *alto como una girafa*, *flaco como un fideo*, *mansa como um cordeiro*, *mansa como una paloma*, *feo como un diablo* (**espanhol**).

Tais expressões idiomáticas de matriz comparativa apresentam uma estrutura de frase mínima e precisam de elementos comparantes. Nota-se que em ambas as línguas os exemplos coincidem plenamente tanto do ponto de vista estrutural quanto do ponto de vista semântico. A análise dos dados apresentada neste tópico constitui uma base para as propostas que aparecem no Capítulo V.

CAPÍTULO V.

PROPOSTAS PARA A INSERÇÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NO PROCESSO DE ENSINO/ APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA.

Nosso trabalho surgiu em sintonia com o desejo de buscar inovações para tornar o ensinar e o aprender mais eficazes e oferecer conteúdos e atividades que motivem, criem estratégias de aprendizagem de uma perspectiva comunicativa tendo em consideração o fato de que estamos num período de profundas mudanças em todas as atividades humanas.

A proliferação de abordagens e métodos tornou-se uma característica proeminente do ensino contemporâneo de línguas estrangeiras tentando-se adaptar às necessidades dos aprendizes, às preferências dos professores, às situações e circunstâncias onde é aprendida a língua- alvo, bem como às exigências institucionais regidas pela estrutura educacional. Julgo relevante o tema da inserção das expressões idiomáticas no processo de ensino/aprendizagem de qualquer que seja a língua estrangeira por acreditar que o estudo dessas expressões pode enriquecer e facilitar o ambiente de ensino/aprendizagem. Elas, além de oferecer informação cultural, oferecem também materiais funcionais e interativos na língua-alvo. Do mesmo modo, estas expressões trazem à sala de aula um contexto que aproxima os participantes da aula de LE do mundo real fazendo com que os estudantes estejam motivados para o uso da língua-alvo. Podemos com a ajuda dessas unidades fraseológicas propiciar atividades significativas para os alunos apresentando situações/problemas sobre as quais eles serão obrigados a refletir na busca da solução. Por outro lado, tais situações os farão projetarem-se na posição do outro (idiomático).

Estamos às portas do novo milênio, e essa condição faz intensificar nossa preocupação em renovar nossas aulas, atualizar nossa metodologia, orientando nossos alunos para uma maior criatividade, capacidade de apresentar soluções para os problemas, e contribuir para desenvolver neles habilidades que os capacitem a se comunicar com falantes/nativos da língua- alvo (mesmo estando fora do meio de imersão) de uma maneira natural e de acordo com os padrões culturais da comunidade da língua-alvo, ao contrário do ensino nos moldes tradicionais que preconizava o uso da gramática normativa e caracterizava-se pela concepção da língua como produto, existindo uma ausência de ênfase no processo de aquisição da língua em estudo, isto é, não se consideravam as etapas de interação do aprendiz com a língua-alvo.

As tendências contemporâneas estimulam o ensino orientado para uma abordagem comunicativa no sentido amplo da palavra (quando nos referimos ao

sentido amplo da palavra quer dizer falar sobre uma verdadeira reflexão sobre o que significa ser comunicativo com a concepção de que os aprendizes só serão capazes de desenvolver uma competência comunicativa na língua estrangeira a partir do momento que essa aprendizagem *seja dada numa matriz comunicativa de interação social* (Almeida Filho, 1993:08).

O ensino comunicativo de língua estrangeira é aquele que organiza as experiências de aprender em termos de atividades/tarefas de real interesse e/ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a língua-alvo na realização de ações de verdade na interação com outros falantes-usuários dessa língua. O professor promove materiais e procedimentos que incentivam o aluno a pensar e interagir na língua-alvo e a expressar aquilo que ele deseja ou de que precisa e tenta proporcionar experiências de aprender com conteúdos de significação e relevância para a prática e uso da nova língua que o aluno reconhece como experiências válidas de formação e crescimento intelectual (Almeida Filho, 1993). Assim, o aluno deixa de ser um simples recipiente de ensino para se tornar um agente ativo e assume atitudes críticas e refletidas. Por outro lado, este tipo de abordagem faz com que o conceito de interação seja foco de reflexão e estudo na pedagogia de línguas estrangeiras. Nesse sentido, na opinião de Allwright & Bailey (1991) hoje assumimos que não é apenas através de estudos metodológicos implementados em sala de aula que visualizamos o que acontece nesse cenário, mas sim sentimos que algo acima dos métodos e técnicas (algo mais interacional e menos pedagógico) acontece, e essa interação é o que fornece tópicos para a investigação na área de ensino e aprendizagem de LE.

Nas análises sobre a abordagem comunicativa especialmente quando se fala de ensino de línguas fora do contexto de imersão a questão da autenticidade é um dos temas recorrentes e tem sido alvo de pesquisas nesta área. Os trabalhos mais conhecidos são os de Widdowson (1979), Breen (1985), Nunan (1989), Franzoni (1992), Gallien (1998), dentre outros. Os aspectos principais que devem ser considerados na hora de discutir a autenticidade no ensino de línguas seriam: material/texto autêntico; atividades/tarefas autênticas; espaço da sala de aulas. Os documentos e textos autênticos são aqueles que não foram feitos para fins didáticos, por exemplo, textos de revistas, jornais, programas de rádio, televisão, entrevistas, propagandas. Muitos pesquisadores argumentam sobre as vantagens de se expor os aprendizes a exemplos concretos de uso da língua-alvo. Se o objetivo é tornar o aprendiz capaz de produzir e processar o uso real da língua, então ele deverá ser exposto a dados autênticos de língua para que possa ter contato imediato e direto com o insumo que reflete comunicação genuína na língua meta (Widdowson, 1979; Breen, 1985). Franzoni (1992) lembra que materiais autênticos (fotos, contos, etc.) já eram utilizados em métodos anteriores como complemento às unidades didáticas só que nem sempre tinham ligação com o conteúdo da lição.

As notícias de jornal, por exemplo, apresentam assuntos variados. Ter familiaridade com textos jornalísticos significa ter superado um forte obstáculo ao acesso à informação e, indiretamente, à língua culta (se bem que muitos textos

jornalísticos utilizam também a linguagem popular para ironizar). Para os jovens, especificamente da faixa etária com que nós trabalhamos na universidade, a leitura dos jornais é praticamente diária. Eles passam os olhos por todas as manchetes e selecionam apenas aquelas que são do seu interesse. Há um certo prazer de ter o jornal em mãos e não ser obrigado a ler cem por cento do que está escrito. Há também o prazer de descobrir novidades e saciar a curiosidade em relação a detalhes sobre notícias já veiculadas anteriormente em rádios e TVs. Manter todas essas fontes de interesse resultam um aspecto essencial quando vai ser utilizado o jornal em sala de aulas. O professor poderia escolher as manchetes de interesse que incluam expressões idiomáticas, recortá-las e levá-las à sala de aulas para trabalhar sobre essas matérias.

Da mesma forma, o aspecto da cultura e da interculturalidade são vertentes importantes que devem ser consideradas no processo de ensino de LE. Infelizmente, até hoje, embora muitos professores e até autores de livros didáticos tentem enfatizar que aplicam no seu desenvolvimento profissional uma abordagem comunicativa, se esquecem que a comunicação pressupõe o conhecimento da questão cultural. Almeida Filho (1993:) sobre esse ponto nos alerta que *quando a questão é adquirir uma capacidade de uso de uma nova língua, o cultural não é outra faceta do porte gramatical. Se o nosso propósito, explícito, ou como é mais normal ocorrer, implícito, é ensinar sobre a língua-alvo, o cultural também poderá aparecer como **algo sobre**. O cultural num cenário de aprendizagem comunicativa precisa atravessar o limite da própria cultura (sentido transcultural) quando a consciência dela o permitir instalar-se no intercultural que implica a reciprocidade de viver mesmo que temporariamente) na esfera cultural do outro e simultaneamente ter o outro na nossa esfera de cultura dentro da qual opera a nova língua*. Neste sentido, é evidente que ainda hoje a preocupação fundamental é ensinar a gramática e talvez de maneira complementar introduzir algumas curiosidades culturais.

Se o nosso objetivo de ensinar LE é oferecer ao aluno condições para que possa fazer uso real da nova língua, sem dúvidas, o componente cultural ganha um lugar significativo, pois tornar-se sensível à situação intercultural significa dominar o seu próprio código cultural até ter consciência dele, e fundar nesta consciência uma abertura ao Outro na sua diferença e na sua diversidade. É claro, que antes de penetrar no sistema cultural do Outro devemos refletir sobre a complexidade do nosso próprio sistema, e estabelecer quais os aspectos que convergem e os que divergem em ambas as línguas.

Mas, como podemos relacionar a cultura com o ensino de língua estrangeira? Busnardo & Braga (1987) consideram que aprender uma língua implica a negociação de significados e a criação de interpretações dentro de contextos sócio culturais concretos e o contato com conteúdos referenciais e valores culturais característicos das pessoas que usam essa língua.

A cultura significa diferença, variabilidade e também fonte potencial de conflito. Kramsch (1993) enfatiza, neste sentido, que não se pode falar de cultura

de um determinado país como se ela fosse única. Essa simplificação pode invadir o processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira e conseqüentemente tentará tratar a cultura como um repertório de clichês, aspectos "panorâmicos" do país cuja língua se estuda, assim como as formas de comportamentos de uma determinada comunidade, questões a serem aprendidas.

Assim, embora o ensino dos aspectos culturais tenha sido defendido há anos por alguns profissionais de LE, o componente cultural tem permanecido superficial, esporádico e quase imperceptível em muitas salas de aulas. Existem casos em que até se sugere a distinção entre o conhecimento lingüístico e o conhecimento cultural. Assim, a aquisição desses aspectos da LE seria de forma separada. Nesses casos, o componente cultural da metodologia refere-se ao tipo de informação sobre o modo de vida, organização social, valores e tradições da comunidade dos falantes nativos da língua. Em outras palavras, ele é visto simplesmente como opcional usado para estimular o interesse, para melhorar ou ampliar o leque do conhecimento do estudante sobre a civilização dos falantes da língua-alvo.

É bem provável que essa concepção do aspecto cultural no ensino de LE seja uma conseqüência do tratamento dado à aprendizagem do cultural antes da década de 60, quando só se incluíam aspectos da alta cultura como a música, a literatura e as artes. A natureza do processo de aprendizagem era uma mera recepção passiva de códigos lingüísticos sem ser considerada a dimensão cultural.

Existem dois momentos importantes que marcaram pauta e abriram o caminho para a entrada triunfal do componente cultural no ensino de uma língua estrangeira: primeiro, veio à luz a obra de Robert Lado *Linguistics Across Cultures* (1957) onde o autor apresenta o conceito de cultura com que o professor deve trabalhar e fornece subsídios sobre os tópicos dela que devem ser abordados. Na década de 60 Lado (1964:10,27) retoma novamente a defesa da sua posição com relação à introdução dos aspectos sócio-culturais e históricos no ensino de uma LE afirmando:

... Não se pode entender uma linguagem sem entender alguns dos significados de distinção cultural expressos através dela. Isso envolve conhecimento de fatos específicos relacionados à cultura e algum entendimento da maior parte dos pensamentos, crenças, tradições e valores que indicam o modo como o povo vive e se comporta e dá significado para suas atitudes (...) Uma visão dos grandes acontecimentos da cultura também é necessária.(p.10) No entanto, é preciso desmistificar os falsos clichês. O conteúdo cultural precisa ser autêntico (p.27)

Posteriormente na década de 70 Hymes (1972) introduz o aspecto sociolingüístico que surgiu como alternativo ao modelo de competência de Chomsky que se interessava apenas pelo conhecimento gramatical, ou seja o

conhecimento implícito da estrutura da língua. Segundo o conceito hymesiano, o aspecto sociolingüístico deverá ser um dos componentes da competência comunicativa. Tanto um autor como o outro tem sido alvo de estudos subseqüentes por parte de pesquisadores com o objetivo de delinear e especificar melhor que tipo de conhecimento sócio-cultural subjaz ao componente cultural.

Mesmo assim, o termo cultura em si mesmo e no que tange a sua inserção na aula de LE parece ser um verdadeiro quebra-cabeça que precisa encaixar todas as pecinhas para podermos descobrir o enigma dela e a partir daí formular uma proposta para o ensino crítico deste aspecto tão polêmico. Sem dúvidas, a questão da inclusão de elementos culturais no ensino de LE até hoje tem sido alvo de discussões e críticas para aqueles que querendo-se esconder por trás da máscara de uma suposta abordagem comunicativa com alguns traços e fenômenos culturais, carregam ainda o peso do formalismo Assim, concordamos totalmente com Robinson (1988) quando afirma:

...Muitos educadores enfatizam a importância de se praticar cultura na sala de aula ao invés de se tentar defini-la. Embora essa ênfase seja bem aceita na prática, estabelecer um conceito geral sobre o que é cultura e como ela é adquirida irá determinar o que deve ser praticado na sala de aula visando a comunicação intercultural e como esse entendimento deve ser praticado...

A sensibilidade às diferenças de registros (aspectos do contexto, do uso da língua referentes à área do discurso e estilo do discurso); a naturalidade que permite ao usuário formular ou interpretar expressões peculiares à cultura da língua-alvo; a habilidade de interpretar referências culturais e figuras da linguagem que são normalmente incorporadas ao léxico de qualquer língua, são questões que podem ser pesquisadas e conscientizadas pelos professores de língua estrangeira para poder tornar o ensino num processo autêntico onde o aluno sinta que está aprendendo não só as questões essenciais do sistema da língua, mas também o mais prezado que tem o povo falante dessa língua, a sua cultura. Ao relacionar a cultura nativa e a cultura alvo promovem-se contatos de confrontos, através da análise de valores, da interpretação e recepção de significados desses valores o que desenvolve a sua capacidade de avaliar essa nova cultura tentando-se aproximar e inserir nela.

Bally (1961) acreditava que para julgar o estado de evolução de uma língua não basta só ler os autores contemporâneos. Torna-se necessário ouvir o povo, sentir o seu modo de falar, às vezes bastante diferente do que lemos nas páginas dos livros. Quem não ouviu, por exemplo, frases do tipo *procurar sarna para se coçar; embarcar em canoa furada; estar com a corda toda; conversa mole para boi dormir; procurar agulha em palheiro; pintar um clima; tal pai tal filho; dar bolo em alguém; por as barbas de molho; pegar com a boca na botija; dor de cotovelo; pagar o pato; a cavalo dado não se olha o dente, etc.* Elas e muitas outras frases

constituem um meio expressivo cheio de vida, dinâmico e versátil. Todas elas são unidades fraseológicas que através da sua representação metafórica caracterizam um conceito, às vezes, já denominado por uma palavra ou o concretizam e fazem mais expressivo. Muitas dessas expressões se referem a situações, idiossincrasias ou posturas de acordo à moral estabelecida ou aos costumes de uma determinada comunidade lingüística. Em alguns casos, a representação metafórica permanece, mas perde a sua atualidade porque os fatos reais, os fenômenos que refletem tem perdido a sua importância.

Mesmo sendo de natureza tipicamente oral os fraseologismos já invadiram a linguagem da mídia o que ajudou a sua maior divulgação na linguagem popular. Hoje eles aparecem na TV, na rádio no cinema, nos jornais, nas revistas, atingindo também a modalidade escrita da língua na fala das personagens criados pelos escritores e na linguagem dos seus narradores.

Atualmente muitas pessoas acreditam que a melhor forma de ensinar uma língua é a de ensinar as suas variações (gírias, expressões idiomáticas, provérbios, refrões e outras unidades fraseológicas) porque todas elas cumprem algum papel na interação dos falantes nas diferentes situações em que se envolvem. Essas unidades fazem parte da linguagem informal que usamos no dia-a-dia e de nosso saber lingüístico.

As tendências contemporâneas no ensino, segundo Almeida Filho (1995), levam à utilização de materiais realistas sobre os quais podemos exercitar o pensamento crítico; fazem ênfase no uso fluente e na habilidade de se comunicar com propriedade cultural e não apenas com precisão das formas gramaticais; permitem o aluno trabalhar com esforço na consecução de tarefas coletivas ou individuais; incentivam para que a sala de aulas seja um cenário com um ambiente que possa contribuir para o uso real de linguagem com fins perceptíveis realistas e específicos em boa medida. Portanto, é preciso pensar de que forma podemos incluir no planejamento de nossas aulas de língua estrangeira os aspectos culturais para tornar, assim, o ensino dessa língua mais dinâmico, mais interessante e mais rico.

Para a aquisição das expressões idiomáticas em língua estrangeira, o aprendiz precisa de um conhecimento extralingüístico, ou seja, ele deve tentar fazer analogias sócio culturais, embora nem sempre sejam suficientes porque existem valores enraizados na comunidade autóctone que estão contidos nessas expressões e que o falante não nativo desconhece sobretudo se estuda a língua fora do contexto de imersão (fator importante que permite entender melhor de onde e porque surgiu a expressão). Por exemplo, temos algumas frases, eu diria, típicas que precisam de um contexto para serem corretamente entendidas *crimes de colarinho branco, virar pizza, sair de fininho, a vaca foi para o brejo, zorra total, rodar a baiana; armar um barraco, tirar sarro, quebrar o galho, ser um barato, beleza não põe mesa, dar um jeito* (português); *y tu abuela donde está, se formó la de San Quintin; parquear una tiñosa, quedarse como el gallo de Moron, ser un ñame con corbata, chuparle el rabo a la jutia, cortar el bacalao, cantar las*

cuarenta, vivir del cuento, quemar el tenis, ser un maceta, chiflar el mono, cuadrar la caja, hacer zafra, ir al grano, tener guayabitos em la azotea, trabarsele el paraguas (espanhol).

No caso de ensinar uma LE fora do contexto de imersão, a aula (que a rigor denominamos L2) não permite viver uma situação de comunicação intercultural autêntica. Por outro lado, constitui um grande desafio para um professor não nativo que ensina a LE fora do contexto de imersão. Então, a primeira questão a analisar aqui é como introduzir as expressões idiomáticas quer na L1, quer na LE?

Segundo a proposta de Laurian (1979) o ensino das EI na LE poderia ser feito progressivamente, posição com a qual concordamos plenamente. Começar-se-ia pelas estruturas semelhantes e com equivalência idiomática nas duas línguas. Depois, no segundo nível, passar-se-ia às que possuem estruturas aproximadas e aquelas cuja tradução corresponde a expressões também idiomáticas na língua de chegada, mas de estrutura sintáticas diferentes. Finalmente, num nível mais avançado aquelas que não tem correspondência na outra língua e, portanto, são traduzidas por paráfrases.

Os alunos mais avançados poderão utilizar textos literários ou jornalísticos onde apareçam expressões idiomáticas cujo sentido terão de descobrir através do contexto. Uma outra forma de trabalho poderia ser a realização de um levantamento aprofundado das expressões idiomáticas equivalentes na sua língua materna e sistematizar as conclusões retiradas da análise contrastiva.

A seguir pretendo apresentar algumas propostas de utilização das expressões idiomáticas em sala de aulas, dado que o material se presta a atividades diversificadas. O corpus de expressões idiomáticas elaborado e colocado nesta tese poderá ser usado tanto por tradutores quanto por professores, selecionando apenas as que sejam de interesse de acordo com os conteúdos e as atividades a realizar. Poder-se-á utilizar este corpus para ajudar os alunos não só a assimilar o referido vocabulário mas, sobretudo para poderem compreender a perspectiva que na cultura brasileira está subjacente à utilização das mesmas e poderão também abordar as semelhanças e/ou diferenças de utilização numa língua e na outra.

Levando em consideração tudo isso, apresentamos a seguir algumas propostas de exercícios com fraseologismos que poderão ser utilizados na sala de aula de língua estrangeira, neste caso de português, para falantes de espanhol. É importante salientar que a maioria das atividades propostas são centradas no nível lexical muitas delas sem contextualização. O objetivo principal é que o aluno seja quem as contextualize, pois anteriormente essas expressões foram estudadas na sala de aulas. Uma outra questão é que a maioria dos exercícios são direcionados aos alunos iniciantes e de nível intermédio. Em trabalhos posteriores pretendemos ampliar mais o horizonte e preparar exercícios para alunos de nível avançado. No entanto, somos da opinião que esta primeira tentativa serve como um primeiro

passo para reconsideração da proposta de inserção desses cristais da linguagem no ensino de línguas.

PROPOSTAS DE EXERCÍCIOS.

1.- Quais das seguintes expressões idiomáticas você escolheria para ensinar em nível intermediário tendo em conta que o objetivo principal para o aluno não é a aprendizagem passiva mas sim a produtiva? (Esta tarefa é para o professor)

Fazer de gato sapato, perder as estribeiras, fundir a cuca, dançar ao som da música, estar com cara de poucos amigos; picar a mula, tirar o cavalinho da chuva, pôr as cartas na mesa, desse mato não sai coelho, soltar os cachorros, passar a perna, pagar o pato ser carta fora do baralho, dançar na corda bamba, estar com a faca e o queijo na mão, ficar de olho, custar o lho da cara, estar num beco sem saída, ser um bico de sete cabeças, comprar gato por lebre, achar a forma de seu pé, estar em cana, estar como sardinha em lata, passar a batata quente, ser da mesma laia, pegar alguém com a boca na botija, não bater bem da bola, acertar na mosca.

2.- Identifique qual das seguintes estruturas são provérbios, quais são expressões idiomáticas e quais são gírias. Tente explicar brevemente o significado delas. (Este exercício é para alunos de nível avançado)

Apelar para a ignorância; bóia fria; barra limpa; ser bicho de sete cabeças; bom pra chuchu; ser um cafajeste; cair na real; ser um capanga; comer o pão que o diabo amassou; dar um calote; deixar de fazer onda; pedra que rola não cria limo; mais vale um cachorro amigo que um amigo cachorro; a esperança é a última que morre; embaixo desse angu tem carne; desencahar; descascar o abacaxi; a união faz a força; estar jururu; rei morto, rei posto; estar no mato sem cachorro; quem conta um conto aumenta um ponto; fim da picada; falar abobrinha; forrar o estômago; não deixes para amanhã o que podes fazer hoje; filé mignon; galera; praga; sacana; zorra.

3.- Quais das seguintes expressões idiomáticas que utilizam animais com termo de comparação são similares em espanhol e português? Coloque o equivalente. (Este exercício pode servir para a área de tradutologia)

Espanhol	Português
<i>Maria está gorda como una foca</i>	<i>chorar como um bezerro desmamado</i>
<i>Pedro está mas loco que una cabra</i>	<i>bêbado como um gambá</i>
<i>Tiene siete vidas como los gatos</i>	<i>falar/tagarela como papagaio</i>
<i>Es lento como una tortuga</i>	<i>cantar como uma sereia/passarinho</i>
<i>Todos están como sardina en lata</i>	<i>ser sujo como um porco</i>
<i>Morirse como pajarito</i>	<i>ser/viver como cão e gato</i>

4.- Procure na coluna B um sinônimo da expressão idiomática da coluna A

A	B
<i>não dar o braço a torcer</i>	<i>estudar muito</i>
<i>esticar as canelas</i>	<i>ser intransigente</i>
<i>ter boi na linha</i>	<i>estar em alta</i>
<i>estar na pindaíba</i>	<i>dar nome aos bois</i>
<i>queimar as pestanas</i>	<i>morrer</i>
<i>estar com a bola toda</i>	<i>ter alguém que não pode ouvir a conversa</i>
<i>pão, pão, queijo, queijo</i>	<i>não ter um tostão</i>
<i>abotoar o paletó</i>	<i>ser tagarela</i>
<i>não dar o braço a torcer</i>	<i>esticar as canelas</i>
<i>passar a batata quente</i>	<i>estar num beco sem saída</i>
<i>estar por cima da carne seca</i>	<i>cair na gandaia</i>
<i>estar no mato sem cachorro</i>	<i>estar numa boa</i>
<i>cair na farra</i>	<i>passar o abacaxi</i>
<i>conversa para boi dormir</i>	<i>dançar conforme a música</i>
<i>ser Maria vai com as outras</i>	<i>comprar briga</i>
<i>Falar pelos cotovelos</i>	<i>conversa mole</i>

5.- Procure o equivalente dos seguintes fraseologismos na sua língua materna e aplique-os em contexto. (Este exercício é para nível intermediário e avançado)

amor com amor se paga; casa de ferro espeto de pau; olho por olho, dente por dente; panela velha é que faz comida boa; o olho do dono engorda o boi; quando o gato sai o rato dança; pau que nasce torto, morre torto; diz-me com quem andas e te direi quem es; caiu na rede é peixe; despiu um santo para vestir outro; ajoelho, tem que rezar; o macaco olha o rabo dos outros mas não olha o dele; cutucar a onça com a vara curta; em festa de jacu iambu não vai; pular a cerca; dizer cobras e lagartos; engolir sapo; pagar o pato; prometer mundos e fundos; pôr as barbas de molho; tirar o cavaleiro da chuva; ficar a ver navios; estar com a pulga atrás da orelha; pegar com a boca na botija; conversa pra boi dormir; fazer de tripas coração; embarcar em canoa furada; tapar o sol com a peneira.

6.- Decifre as seguintes frases. Procure uma expressão idiomática que contenha a palavra que você adivinhou. (O exercício poderia ser utilizado no nível inicial e/ou intermédio)

Por exemplo:

Tem coroa mas não é rei, tem escama mas não é peixe (abacaxi) Descascar o abacaxi

Casa caiada, dentro é amarela, telhado de vidro, quem mora nela? (ovo)

Altas varandas, formosas janelas, que abre e fecha sem tocar nelas (olho)

O que é que entra em casa e sai na janela? (botão)

O que é que cai em pé e corre deitado ? (chuva)

O que é que quando a gente está de pé ele está deitado, quando a gente está deitado, ele está em pé? (pé)

O que é que quanto mais enxuga, mais molhado fica? (toalha)

O que é que é verde, fala como gente, mas não é gente? (papagaio)

O que é que entra na boca da gente todos os dias e a gente não engole? (colher)

O que é o que corre o mundo inteiro, entra em todas as casas sem pedir licença? (vento)

O que é que de dia tem quatro pés e de noite seis? (cama)

7.- Muitas expressões fazem referência a diversos animais. Tente deduzir o significado delas. (Exercício para o nível inicial)

Quando alguém está como peixe na água, que faz?

nada bem

está molhado porque chove muito

está numa situação favorável

Quando alguém anda com o passo de tartaruga

vai olhando a paisagem

sempre vai com uma mochila nas costas

anda muito devagar

8.- Observe os desenhos e tente contar uma história engraçada utilizando as expressões idiomáticas que você já conhece.

9.- Quais as expressões idiomáticas que contêm como palavra chave um instrumento musical ou têm a ver com o campo referencial música em português e espanhol? Contextualize as expressões, inserindo-as em discursos criativos.

Exemplos: *entre pito e flauta, llevar la voz cantante, llevar la batuta, ir con la música a otra parte, cantar el manisero (espanhol) balançar o careto, botar a boca no trombone, dançar conforme a música, levar as coisas (a vida) na flauta (português).*

10.- Complete os as frases. (Este exercício é para o nível inicial)

<i>A cavalo dado</i>	_____
<i>A ocasião</i>	_____
<i>Quem arrisca</i>	_____
<i>Em terra de cegos</i>	_____
<i>Tamanho não é</i>	_____
<i>Casa de ferro</i>	_____
<i>Olho por olho</i>	_____
<i>Longe dos olhos</i>	_____
<i>Deus escreve certo</i>	_____
<i>De grão em grão</i>	_____
<i>Para bom entendedor</i>	_____
<i>Desse mato</i>	_____
<i>Quem canta</i>	_____

11.- Escolha dentre um grupo de expressões aquela expressão idiomática mais adequada à definição.

Não falar, calar-se (*morder a língua; ter um nó na garganta; engolir em seco; não abrir o bico; cortar o fio da conversa*).

Censurar (*chamar alguém a capítulo; dar um puxão de orelhas; dar uma colher de chá; dar uma lição; rezar o pai nosso a alguém; mostrar com quantos paus se faz uma canoa*).

Fala sem sentido, vazia (chover no molhado; encher lingüiça; falar à toa; conversa mole; conversa para boi dormir; falar abobrinha; confundir alhos com bugalhos; falar para o boneco).

Acusar, incriminar (soltar a língua; abrir o jogo; bater/dar com a língua nos dentes; dar à língua).

Falar com sinceridade (pôr as cartas na mesa; abrir o jogo; chamar os bois pelo seu nome; não ter papas na língua)

Falar mal de alguém (ter língua de trapo; cortar casaca; deitar o veneno; cortar na pele; falar nas costas; estar/cair na boca do mundo; morder a língua; por lenha na fogueira; botar a boca no trombone).

Molestar /importunar (tirar sarro; puxar saco; encher o saco; ferver o sangue; botar fogo na canjica; botar/soltar os cachorros; encher a paciência).

Morrer (bater as botas; vestir o pijama de madeira; ir/passar desta para melhor; ir para a cidade dos pés juntos; esticar as canelas; dormir o sono eterno; dar o último suspiro).

Estar numa posição/situação favorável (estar na pindaíba; estar com a corda toda; estar num beco sem saída; estar numa boa; estar na sua).

12.- Complete os seguintes enunciados com expressões idiomáticas. A palavra em negrito faz parte da expressão.

Com as investigações da polícia descobriu-se que ele freqüentava bares _____ **pesada** na periferia de Goiânia. Em menos de 24 horas, quase três meses de negociações voltaram à _____ **zero** (*Revista Veja, 24 de março de 1999 p.112, Sobre o seqüestro de Wellinton José Camargo*).

Lília conta que, nas pesquisas sobre dom Pedro II deparou com um manual de etiqueta do século XIX que primeiro defendia a pontualidade, depois _____ **na real**. (*Revista Veja de 24 de março de 1999, p 82-83, Sobre comportamento e pontualidade*).

Quando a Isaura soube da história da sua vizinha não resistiu. Deu _____ **dentes**; contou tudo para a empregada e ainda para o pessoal do prédio. Claro, como tinha _____ **língua** _____, divulgou a história aos quatro ventos.

No início ela não resistiu, não se conformou com a perda do filho, mas depois _____ **coração** e voltou ao trabalho e começou uma nova vida tentando recuperar o tempo perdido e engravidar de novo.

Não _____ **saco** que estou farta de todas as tuas falcatruas e desse nhe nhe nhem. Tenta mudar e ser mais útil, isso não custa nada.

13.- Substitua nos diálogos que aparecem a seguir os enunciados em itálico por uma expressão idiomática.

A. Já ouviste o que dizem?

B. Sim. O Francisco *contou tudo o que sabia* sobre o namoro da Elisa.

A. É não sabe guardar segredos.

B. E a Elisa que desabafava com ele, sempre foi uma excelente amiga e *nunca teve medo de dizer as verdades para ninguém*.

A. E agora, pobre dela, é *a vida dela que é tema de conversa de toda a cidade*.

B. É por isso que eu digo como minha avó quem a ferro mata a ferro morre.

A. Aquele homem é inacreditável! *Diz tudo o que sente sem ter medo*.

B. Mas, minha amiga, olha aqui, ele não é tão ingênuo como parece, *difficilmente se deixa enganar*

A. Eu lhe conheço essa faceta. Na minha opinião *deixa-se convencer* com bastante facilidade.

Lamento muito, mas tudo isso não passa de uma farsa.

c) A. Ontem soube que o Sé *está sem dinheiro*, perdeu tudo no jogo B. Ele merece, agora está numa situação difícil.

A. Acho que temos que ajuda-lo, os amigos são para isso, é verdade?

B. Nem pense, eu estou muito mal. Meu salário não dá nem para me sustentar. Imagina se eu vou carregar com as despesas de um irresponsável.

A. Nunca pensei que você fosse tão mesquinho. Que custa ajudar, apoiar um colega quando ele mais precisa?

B. Basta, eu estou cansado de ouvir essa história. Espero que o Sé aprenda a lição.

14.- Substitua as expressões idiomáticas que aparecem em itálico nos seguintes microtextos por definições.

1. Aquele desgraçado *tinha uma lábia!* Sabia ir direto ao coração das pessoas. Todo mundo *ficava babando* quando ele falava. Só eu sabia das falcatuas dele. Até a mãe dele não conseguia resistir e falava: será que meu filho ficou mudou, mesmo? Ninguém conseguia entender como da noite para o dia ele supostamente teria mudado. Só o Sr. Francisco *ficou com a pulga atrás da orelha* tentando descobrir a verdade, até o ouvi dizer (*debaixo desse angu tem carne*) *esse angu tem caroço*. E conseguiu. Um dia o Sr. Francisco querendo *matar o bicho* foi até o bar da calçada encontrou o desgraçado de *cara cheia* contando para o Maurício aos quatro ventos que ele tinha enganado todo mundo com a lábia dele. Coitado, meu amigo, nem imaginava que *estava metido em camisa de onze varas*, pois o Sr. Francisco quando ouviu a história partiu para cima dele e exigiu toda a verdade. O meu amigo *ficou com cara de cachorro que quebrou panela* e deu se muito mal. Depois disso meu amigo aprendeu a lição.
2. Pedro *saiu de fininho*, não se despediu de ninguém. Queria mostrar para todos que tinha saído de casa porque ele sabia se virar sozinho. Todos tentaram *abrir lhe os olhos*, mas ele recusou qualquer ajuda. Só que como diz um velho adágio em casa de pobre a alegria dura pouco e João chegou uma hora onde *não tinha nem onde cair morto* e teve que voltar para casa *com o rabo entre as pernas* e reconhecer o erro.
3. Cada dia aumenta mais a corrupção neste país mas o governo e a justiça não parecem se sensibilizar com esse problema. Toda vez que abrem uma CPI para investigar casos de calotes ou fraude com certeza, mais tarde ou mais cedo *tudo vira em pizza*. O povo é quem mais sofre, os juizes *não estão nem aí*. Os filhos de classe média aproveitam a imunidade para fazer todo gênero de atrocidades *cair na farra* fazendo gato sapato de alguns pais. Ninguém mais quer *engolir essa pílula* de que são inocentes, eles são culpados, sim. Cada um tem de responder pelo dano que fez, mas sobretudo para esses pais que tentam *passar uma esponja* em tudo ou *esconder o jogo* que não bem assim que se educa um filho, pois amanhã ele pode passar a engrossar a fila de corruptos, ou talvez a de tantos e tantos que morrem na rua sem saber quem é o assassino.

15.- Segundo o campo semântico enunciado escolha as expressões idiomáticas que, de acordo com o significado formariam parte das seguintes categorias semânticas. Coloque-as num quadro.

Amizade

Irritação

Censura

Pobreza

Morte

Difamação

Partes do corpo humano(cabeça, olhos, braços, nariz, orelha, pernas).

16.- Seguindo o exemplo proposto, restitua as EI correspondentes a cada definição com base no elemento formal dado.

Definição

Elemento formal

Por exemplo:

Destituir, mandar embora

Rua

EI: *Por no olho da rua*

Intrometer-se

Colher

EI: _____

Sentir ciúme

Cotovelo

EI: _____

Perder a paciência

estribeira, fulo.

EI: _____

Loucura, doença mental

bola, cuca

EI: _____

Estar/ocupar uma boa posição **corda, bola, carne**

EI: _____

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

17.- Imagine que a porteira de um prédio faz juízos acerca de todos os inquilinos, intromete-se na vida dessas pessoas, discute com todos. Um amigo seu vai mudar-se para esse prédio. Faça a caracterização da porteira com ajuda das expressões idiomáticas e tente imaginar qual será o futuro que seu amigo vai ter como inquilino utilizando expressões idiomáticas de acordo com o contexto.

18.- Exercícios com a ajuda de textos

Os objetivos do seguinte tipo de exercício são:

- *permitir que os alunos interpretem objetivamente a informação contida nas expressões;*
- *explicitar a importância da escolha de certas expressões na determinação do valor argumentativo do texto.;*
- *permitir que os alunos sejam capazes de interpretar sistematicamente as intenções de comunicação de seus interlocutores, principalmente quando estão explícitas no texto.*

Por exemplo, o trabalho com o texto *Pescaria no Rio Paraná*

Tarefa: 1.-O que está pressuposto no título do texto? Que tipo de pescaria era feita pelos maridos-personagens da história. Argumente sua resposta.

Os maridos pescavam sereias?

As mulheres pescaram os maridos?

a) *localize expressões idiomáticas no texto e explique o significado a partir da sua contextualização.*

b) *encontre o equivalente das expressões localizadas no texto na sua língua materna.*

c) *procure dentre as seguintes expressões idiomáticas aquelas que poderiam ser substituídas por as que já foram utilizadas no texto.*

c) *redija um pequeno texto sobre uma história real acontecida com você ou com alguém conhecido que esteja relacionado com o tema do texto utilizando expressões idiomáticas sinônimas às que aparecem no texto. Leiam as suas histórias e explicitem o que vocês tentaram mostrar nos seus relatos.*

19.- Observe os desenhos. Imagine, imagem por imagem, o que pensam as pessoas e utilize expressões idiomáticas adequadas ao texto que você elaborou.

20.- Procure o equivalente, na sua língua materna, das seguintes expressões idiomáticas e diga:

- a) quais têm a mesma forma (estrutura), mas sentido diferente;
- b) quais têm o mesmo sentido, mas forma diferente;
- c) quais têm a mesma forma, o mesmo sentido, mas distribuição diferente dos seus elementos;
- d) quais não têm equivalente na língua materna.

21.- Classifique as expressões idiomáticas em espanhol e português segundo a área de referência (religião, mitologia, comida, bebida, partes do corpo, sentimentos, afetos e estados, morte, animais, instrumentos musicais, roupa).

PORTUGUÊS

dar com a língua nos dentes
Bananeira que já deu cacho
Chorar pitangas
Descascar o abacaxi
botar a boca no trombone
com a faca e o queijo na mão
Encher lingüiça
estar no mato sem cachorro
pagar o pato
Descer a lenha
Falar abobrinha
dar com os burros n' água
meter-se em camisa de onze varas
com a corda no pescoço
comer o pão que o diabo amassou
bater na mesma tecla
Misturar alhos e bugalhos
estar lelé da cuca
virar a casaca
fazer de gato sapato
dizer cobras e lagartos
Dançar segundo a música

ESPAÑHOL

no tener vela en ese entierro
ser un ñame con corbata
parquear una tiñosa
coger asando maíz
ser un chiva
irse con la musica a otra parte
lavarse las manos como Poncio Pilatos
hacerse la mosquita muerta
vivir como perro e gato
hacer de tripas corazón
estirar la pata
estar en talla
cantar el manisero
meter la pata
haber moros en la costa
nadar y guardar la ropa
dormir la mona
halar las tiras del pellejo
virarse la tortilla
buscarle las tres patas al gato
dejar a las manos de Dios
ser el Talón de Aquiles

22.- Nas nossas conversas do dia-a-dia usamos com muita frequência as analogias. Complete as frases utilizando o tipo de comparação/analogia que convêm.

As palavras dessa mulher eram tão venenosas como _____

João malha todo dia e se alimenta bem por isso tem uma saúde de _____

Ele teve um acidente mais escapou dessa. Tem sete vidas como _____

Mariano é um bom rapaz só que é muito lerdo, tão lento como uma _____

Ontem na festa ela estava bêbado como _____

Aquela mulher não tem limite, passa o dia todo falando com as outras, é tagarela como _____

O cara é cheio da grana e é lógico vive como um _____

Gretel é uma mãe muito dedicada e ciumenta como _____

Eu conheço esses meninos como _____

As crianças passaram o dia todo brincando. Na hora que a babá chamou para tomar banho ela percebeu que estavam sujos como _____

Deixe ele, mamãe. Ele dorme como _____

(marajá, galinha por seus pintinhos, gatos, tartaruga, gambá, passarinho, túmulo, sereia, matraca, a palma da mão, papagaio, porco, anjo, palito, cobra, ferro).

23.- Os nomes de animais também são utilizados com sentido figurado. Algumas vezes eles tem sentido negativo, outras positivo. Com ajuda dos seguintes nomes de animais construa expressões idiomáticas.

Por exemplo: *estar como peixe fora d' água.*

(burro, cobras, lagartos, pato, arara, lebre, gato, cachorro, galo, galinha, gambá, peixe cabrito, papagaio).

24.- Quais das seguintes expressões idiomáticas são similares em português e espanhol? Coloque o equivalente em espanhol e compare.

queimar as pestanas; prometer mundos e fundos; morder a isca; bater na mesma tecla; chover no molhado; queimar os últimos cartuchos; falar pelos cotovelos; pôr a carreta diante dos bois; com o rabo entre as pernas; abrir o pé; ser duro de roer; dar com a língua nos dentes; pegar com a boca na botija; ser posto no olho da rua; estar com a faca e o queijo na mão; estar no beco sem saída; acertar na mosca; tirar o cavalo da chuva; fazer de gato morto; deixar alguém a pão e laranja; nesse mato tem coelho; tirar o corpo fora; passar a batata quente; estar por cima da carne seca; estar com a bola toda; bater papo; andar com a pulga atrás da orelha; misturar alhos com bugalhos; virar pizza; história para boi dormir; botar os cachorros; ficar sem jeito; fazer de gato sapato.

25.- Leia os exemplos onde aparecem as expressões idiomáticas e explique a situação e o que ela significa dentro do contexto.

1. O problema era que, quando não conseguia o que queria, **forçava a barra** com uma certa prepotência intelectual.
2. Frank Sinatra perdeu a cabeça por Ava Gardner com razão. Ao comentar a relação com Sinatra, a estrela confidenciou: "Éramos grandes na cama. Quando o casamento **foi para o brejo** e Sinatra se amarrou a Mia Farrow, Ava foi arrasadora.
3. Se algumas das principais nações do mundo estão **abrindo mão** voluntariamente de um elemento essencial de soberania moeda própria, é porque aceitaram fatos dolorosos da vida.
4. Que continuem chutando o balde (o pau da barraca também), **colocando o dedo na ferida, botando a boca no trombone** e fazendo o jornalismo que há tantos anos, no Brasil, foi deixado de lado.
5. Lula e Brizola querem agora consolidar e, se possível, ampliar a frente de esquerda, que é composta por cinco partidos, e **estão de olho** no PPS de Ciro Gomes.
6. O melhor é **cortar este papo** em nome da nossa amizade.
7. Mulher quando **está a fim** não vai ligar pra essas besteiras.
8. Seduzidos pela histeria dos telejornais e pelas ofertas, o cara não **resiste**, vai lá, compra, não tem grana e **dá calote**.
9. Parece que as colunistas sociais Marilyn Beck e Stacy Jenel Smith **estavam com a corda toda** quando concederam uma entrevista ao programa americano Entertainment para divulgar quais são os astros mais indesejados nas festas de Hollywood.

26.- Desenhe ou encene uma situação representada por expressões idiomáticas.

27.- Escreva um conto ou história utilizando as seguintes expressões idiomáticas e unidades fraseológicas (aqui o aluno deve imaginar situações).

28.- Explique o conteúdo do texto sem utilizar os fraseologismos que nele aparecem. Substitua-os por outras frases homônimas ou paráfrases.

O uso da linguagem (tanto verbal quanto visual) é essencialmente determinada pela sua natureza socio-interacional, pois quem a usa considera aquele a quem se dirige ou quem produziu um enunciado. Portanto, a aprendizagem de uma língua estrangeira vai permitir que o aluno aumente o seu conhecimento sobre a linguagem que ele construiu sobre sua LM por meio de comparações com a língua estrangeira em vários níveis e possibilita que o aluno, ao se envolver nos processos de construir significados nessa língua, se torne um ser discursivo no uso de uma LE.

No ensino/aprendizagem de língua materna e estrangeira nunca foi reconhecida a importância desses sintagmas cristalizados, ou seja, eles *nunca foram flor que se cheirasse*. Uma das razões poderia ser a ausência de sistematicidade do estudo da fraseologia e também a necessidade de incluí-la nas obras de referência e manuais de ensino. Isso foi o que procuramos fazer nesta tese.

Inserir conteúdo cultural no ensino de LE além de significar retirar a língua do vazio e restituir-lhe vida, significa também emprestar-lhe o papel catalisador de crescimento pessoal promovendo um interesse crescente pela cultura que se desestrangeiriza, além da tolerância e o respeito pela identidade e pelos valores de seu povo.

O conteúdo cultural aproxima as pessoas de comunidades lingüísticas diferentes podendo ajudar a eliminar estereótipos, desmistificar diferenças de costumes e reduzir choques culturais, ao mesmo tempo que permite ao indivíduo refletir sobre sua própria cultura e fortalecer seus laços com ela.

Como podemos verificar, a introdução e interpretação de elementos culturais na sala de aula de LE permite ampliar a perspectiva do indivíduo. É uma maneira de recuperar categorias como interlocutores, modalidade, lugar, elementos responsáveis pela conversão da linguagem em discurso. Pode ser

voltada também para a produção do enunciado e não apenas para a interpretação delas dentro de um determinado texto, também como as situações em que os fraseologismos são utilizados de acordo com os instrumentos da sua significação. Por outro lado, constitui um grande desafio para um professor não nativo que ensina a LE fora do contexto de imersão, pois ele necessariamente precisa conhecer de perto os aspectos que caracterizam a cultura do povo cuja língua está ensinando. Ele deve também ser capaz de transmitir esses valores aos alunos para que eles possam usá-los numa determinada situação comunicativa.

Abordagens que lidam com textos autênticos podem ser uma alternativa viável para se trabalhar a língua-alvo de forma crítica. Além de serem recursos de mais fácil obtenção, os textos autênticos de vários tipos produzidos na cultura-alvo refletem essa cultura (seus valores, ideologia e crenças) permitindo a realização de um trabalho intercultural, que parte de comparações entre visões de mundo da cultura1 e da cultura2, podendo atingir também um nível de criticidade através do entendimento das práticas de construção de sentidos e interpretação de significados refletidas no texto. O texto autêntico, em várias modalidades (jornalística, literária, propagandista, fílmica, televisão, etc.) refletirá sistema de valores da língua-alvo, com os quais nossos alunos precisam lidar e entrar em diálogo crítico. Os valores culturais ocasionam impacto nas relações humanas, especialmente na interação face a face.

Conhecer a cultura do outro significa sensibilizar-se com as convenções do uso da língua do parceiro, determinadas pelas características do contexto de uso. Estudá-la permite alcançar a habilidade de interpretar referências culturais e figuras da linguagem que são normalmente incorporadas ao léxico dessa língua, significa o entendimento das crenças, valores, tabus e valores da comunidade-alvo. Esperamos que nossas proposições neste capítulo fundadas no conhecimento que sintetizamos sobre os idiomatismos contribuam para que os professores possam entender e dar mais valor a um aspecto tão importante e transcendental como é o tema da cultura.

O caráter definitório e, ao mesmo tempo, peculiar das unidades fraseológicas; ser uma combinação fixa; ter um significado que independe do significado de seus elementos constituintes, explica o esforço que deve realizar, por exemplo, o aprendiz de uma língua estrangeira para incorporar a sua competência unidades como *falar abobrinha*, *sair de fininho*, *matar o cachorro a grito*, dentre outras. Mas os problemas não partem só do aprendiz nem se relacionam de maneira exclusiva com o caráter intrínseco das unidades fraseológicas. Dito de outra maneira, fica difícil para o professor de língua estrangeira ensinar esses tipos de unidades não só por sua fixação formal e por sua idiomaticidade, mas também pela carência de pesquisas que indiquem quais os tipos de expressões idiomáticas que deve ensinar em cada nível e, por outro lado, a falta de material específico em que poderia se apoiar sem contar as deficiências de alguns dicionários, livros didáticos e a falta de adequação de alguns recursos didáticos utilizados na sala de aulas (exercícios) que incluíssem o estudo dessas unidades.

Como professores de LE, cabe-nos avaliar as contribuições e as lacunas de cada modelo de ensino. Como analistas do nosso próprio fazer pedagógico, cabe-nos refletir acerca das implicações, pressupostos e determinantes desse fazer para poder, além de interpretá-las e contextualizá-las, superá-las constantemente.

A questão não é pensar se as unidades fraseológicas devem ser ensinadas ou não, mas saber quais delas devem ser apresentadas ao aluno de acordo com seu nível. Seria necessária ter uma noção de a frequência e condições de uso delas e a que tipo de registro de fala pertencem.

A inserção das EI no processo de ensino/aprendizagem só poderá beneficiar esse processo. Tanto a língua materna quanto a língua estrangeira encontrarão nas EIs uma outra maneira de se dizer, oferecendo aos alunos uma nova motivação, uma outra dinâmica de língua. As EIs poderão oferecer-lhes um colorido mais popular, mais cotidiano, mais espontâneo, mais próximo de todos nós, onde as palavras ao se juntarem constroem sentires e valores criados no âmago da alma do povo.

CONCLUSÕES.

A grande semelhança da América Latina está na sua unidade lingüística, ou seja, no Português e no Espanhol, línguas irmãs mutuamente inteligíveis e base da nossa unidade cultural.

Gadotti, 1992

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da nossa pesquisa temos observado que o tema da fraseologia é bem polêmico e até escorregadiço, mas ao mesmo tempo o seu estudo nos oferece um enorme potencial teórico e a possibilidade de conhecer o importante acervo cultural representado por frases que emergem do povo refletindo sua sabedoria e experiência de vida.

O constante manuseio, o contato permanente com o corpus levantado de expressões idiomáticas, permitiu-me a proximidade da realidade que essas frases do cotidiano possuem. As expressões idiomáticas formam um todo indissolúvel como resultado de uma compacta articulação e cristalização de todo um saber amadurecido que as comunidades codificaram na oralidade. Está implícito, então, o conceito de que a expressão idiomática é uma unidade de significação associada a uma estrutura indecomponível e relativamente estável ao longo do tempo.

A polêmica reside em que apesar do tempo transcorrido a partir do início dos estudos fraseológicos, ainda hoje são discutidas questões referentes ao conteúdo dessa disciplina e aos critérios ligados à fraseologicidade, às características essenciais das unidades fraseológicas, à inclusão dos provérbios e refrões dentro da fraseologia, à abundância de termos para se referir às expressões idiomáticas que só leva a uma confusão de conceitos como teria apontado anteriormente Casares (1975) (*modismos, locuções, frases feitas, expressões idiomáticas, expressões fixas*, não é evidente se todos esses termos referem-se ao mesmo conceito ou não). Todos esses aspectos foram analisados e eventualmente respondidos neste nosso trabalho.

Se quisermos traçar uma panorâmica do desenvolvimento dos estudos fraseológicos poderíamos dividi-lo em duas fases ou etapas; uma primeira seria a que abrange o período a partir da primeira metade do século XX, principalmente da década de 50 até os anos setenta onde se estabelecem os critérios fundamentais para a definição de quais seriam as unidades que integrariam o caudal fraseológico. A segunda etapa começa na década de setenta quando tentou-se delimitar o objeto de estudo da fraseologia e os

processos, que como consequência da integração sintagmática de termos com sentidos, às vezes, totalmente incongruentes, adquirem um valor significativo novo que se distancia bastante do que para a lógica do sentido seria admissível e que constitui um aspecto essencial na análise.

Nisso, reside a faceta extraordinária e admirável dessas unidades fraseológicas. A esse respeito, Walter Porzig (1969) na sua obra ***El mundo maravilloso del lenguaje*** afirma: *Observando a fala diária damos de cara com um notável fenômeno. Nela põem claramente interesse os falantes para não usarem aquelas palavras e expressões mais usuais, pelo contrário, utilizam expressões insólitas, ilógicas, rebuscadas, em forma de piada, parodia, às vezes intencionalmente extravagantes. Estamos tão acostumados a essas formas de expressão que passam despercebidas; mas se prestássemos mais atenção ficaríamos surpresos do frequentes que elas são. O notável fenômeno, que para a relação do homem com a sua língua é significativo, não tem sido ainda objeto de uma pesquisa especial (p.273)⁽¹⁾.*

O trabalho levou-nos a recorrer a uma bibliografia bastante extensa e diversificada, mas essa diversificação nem sempre significou heterogeneidade, pois procuramos alinhar autores e teorias de modo a formar um aparelhamento teórico-metodológico coerente.

Assim, através da análise constatamos que o funcionamento das expressões idiomáticas em ambas as línguas apresenta as seguintes características:

- as estruturas dessas expressões muitas vezes coincidem plenamente com as estruturas das expressões livres (literalmente homólogas). As expressões idiomáticas são estruturas sintagmáticas que, embora similares às demais estruturas canônicas da língua, desta diferem, por serem estruturas convencionalizadas;
- apesar de terem um núcleo sintático, o sentido da expressão não parte dele. Ela permanece uma unidade semântica dissociada da segmentação em constituintes sintáticos;
- embora as expressões idiomáticas possam ter, às vezes, estruturas semelhantes às estruturas das expressões livres da língua, semanticamente são blocos de sentido próprio, na medida em que as adjunções aceitas em nada alteram o sentido global da expressão, apenas enfatizam esse sentido. Este fato confirma, então, a separação dos domínios sintáticos e semânticos;

¹)... en la observación del habla diaria se tropieza con un notable fenómeno. En ella ponen claramente interés los hablantes en no usar precisamente las palabras y giros corrientes, sino expresarse en forma insólita, rebuscada, de broma y parodia y a menudo intencionalmente extravagante. Estamos tan acostumbrados a estas formas de expresión que nos pasan desapercibidas; pero si se presta atención se asombra uno de lo frecuentes que son. El notable fenómeno, que para la relación del hombre con su lengua es significativo, no ha sido aún objeto de una investigación especial. (p.273)

- as expressões idiomáticas são estruturas sintagmáticas predicativas, de forma congelada ou semi-congeladas, cujos significados são do tipo não composicional ou global desde que convencionalizados;
- qualquer adjunção que não se destine à ênfase ou intensificação torna o seu sentido literal sendo que o significado dos morfemas que a constituem não existem isoladamente;
- existe uma origem metafórica que cobre o deslocamento metonímico no processo de idiomatização;
- apresentam uma violação às restrições semântico pragmáticas;
- o contexto onde a expressão idiomática ocorre facilita a aceitação do processo efetuado.
- A convivência com essas expressões é um fator indiscutível para sua interpretação, pois não basta alguém nos dizer o que significam, é preciso tê-las dito e ouvido muitas vezes para que nos pareça natural usá-las como se fossem frases que freqüentemente utilizamos no nosso dia-a-dia.

Com as reflexões acerca do caráter metafórico das unidades analisadas pude constatar e concordar plenamente com Lakoff & Johnson (1980) que o homem, agindo de uma maneira criativa, através de uma linguagem metafórica (ora eufemística, ora jocosa, ora humorística, ora hiperbólica) escapa das abstrações de alguns conceitos valendo-se, intencional ou criativamente, de um referencial próximo a ele. Neste sentido, o homem estaria agindo conscientemente sobre sua linguagem e revelaria o contexto físico e cultural onde ele propriamente se desenvolve.

Verificou-se também que a freqüência dessas unidades é principalmente na oralidade, sendo que na escrita seria a representativa dessa oralidade. A mídia, principalmente a propaganda, artigos jornalísticos e a TV valem-se muito das expressões idiomáticas e de ditados populares de aceitação coletiva, introduzindo a mensagem de **marketing** (estratégia mercadológica) pretendida como seria o caso do comercial:

“Roupa suja se lava em casa. Louça também. Sabão Vencedor, um produto Matarazzo.

Em outros contextos, podemos ver o efeito conclusivo, ou seja a moral, por exemplo, expressa através dessas unidades fraseológicas que seria como um tipo de coda na estrutura narrativa. Por exemplo, *A Ministra Dorothea Werneck ligou para o economista Walter Barelli, para argumentar que as perdas salariais provocadas pelo Plano Verão não seriam tão grandes quanto calcula o DIEESE, do qual ele é o diretor-técnico. Barelli desconversou, bem-*

humorado:- Ministra, meu presidente é do Corinthians e quem está na chuva é para se queimar.

A partir da análise das expressões idiomáticas também surgiram algumas hipóteses decorrentes:

- a ausência de contextualização das expressões idiomáticas dificulta a interpretação semântica;
- o maior grau de fixação ou lexicalização da expressão idiomática permite um melhor reconhecimento do seu valor idiomático;
- o grau de familiaridade ou de uso contribui para um melhor reconhecimento do sentido literal ou figurado da expressão idiomática;
- muitas vezes existe uma correspondência lexical, sintática e semântica mas nem sempre é perfeita, embora haja uma grande proximidade que facilita o reconhecimento da expressão idiomática quando o falante a identifica com uma expressão idiomática existente na sua língua materna.

Cada língua contém, pré-fabrica e impõe a seus falantes uma determinada maneira de encarar o mundo, de analisar a experiência que dele temos. Por conseguinte, os fenômenos publicamente observáveis, a situação comum, aparentemente semelhantes em duas línguas e designados por dois enunciados lingüísticos, não podem servir de medida comum imediata para esses dois enunciados.

Neste momento conclusivo de nosso trabalho, gostaríamos de salientar algumas idéias que resumem as linhas fundamentais que o orientaram e que nos permitiram enquadrá-lo numa perspectiva interdisciplinar e pedagógica. Poucos são os trabalhos que além de fazer uma ponte entre língua e cultura, discutem o papel do ensino das expressões idiomáticas nas aulas de língua estrangeira. Na verdade, existem mais indicações de como usar textos, orientando a atenção para a leitura, interpretação e produção de textos na sala de aulas do que como procurar neles expressões idiomáticas com uma perspectiva mais centrada na interação.

Nossa intenção primeira foi privilegiar uma área que ainda precisa ser mais pesquisada. As expressões idiomáticas constituem um objeto de estudo importante, uma manifestação de um saber plural, um enriquecimento do idioleto do sujeito, facilitam a comunicação, estabelecem com os outros falantes uma certa partilha lingüística, cultural e humana. A necessidade de um trabalho deste tipo encontra sua justificação no ensino de LE e de LM. O conhecimento insuficiente da idiomaticidade da LE e o relativo bom conhecimento da idiomaticidade na LM, permitiram-nos refletir sobre o papel central dessas unidades fraseológicas no processo de aquisição/aprendizagem de LE e a importância que a análise contrastiva salienta nesse processo.

Observando que a abordagem gramaticalista e tradicional não examina com o devido cuidado as características das expressões idiomáticas para tomar uma posição consciente, constata-se que daí resultam duas conseqüências de ordem prática no ensino de língua: primeiro, alguns estudiosos, despertados para o problema, sabem estar lidando com uma estrutura diferente, uma espécie de conglomerado, mas não se definem quanto ao tratamento adequado para o caso; segundo, existe uma indiferença, como se o problema não existisse e, além disso, não se reconhece o valor cultural que contem essas expressões, sendo dada a essas estruturas a mesma abordagem dispensada às outras construções sintáticas em geral.

Ao longo do trabalho enfatizamos a necessidade de um estudo sistemático e coerente dos fenômenos idiomáticos das duas línguas escolhidas que leve aos estudantes e/ou falantes a um contato progressivo com a idiomatidade. A análise contrastiva de expressões idiomáticas tenta dar conta das dificuldades que os professores e alunos têm de enfrentar, portanto, propusemos alguns tipos de exercícios que poderão ser utilizados e/ou reelaborados pelos professores na sala de aulas de língua estrangeira.

As expressões idiomáticas, elementos representativos da linguagem figurativa constroem um microcosmo metafórico, que advém da lexicalização dos constituintes, ou seja, a seleção lexical obedece a uma seleção metafórica e o léxico perde seu valor referencial. Assim, o universo de referência daí decorrente encontra uma justificação na relação da língua com a sociedade, isto é, as expressões idiomáticas só são perceptíveis se o falante fizer abstração do valor referencial das palavras e as interpretar como uma estrutura lexicalizada, formando uma outra combinação, portadora de um outro sentido, de um outro universo de referência. No entanto, podemos observar que um conjunto de expressões idiomáticas permite a existência de dois universos de referência (literal e figurado), por exemplo, *soltar os cachorros, apitar na curva, ter as costas largas* (português); *cantar el manisero, dejarsela en las manos, jugar a los bomberos* (espanhol), dentre outras. Nesse caso, o contexto terá um papel importante na distinção desses universos. O literal será o que corresponde ao mundo real, à língua não-idiomática.

Um outro objetivo que me propusera atingir era a tentativa de registro e organização das expressões idiomáticas, classificando-as do ponto de vista estrutural e semântico conforme podemos conferir no capítulo 3, epígrafes 3.5 e 3.6.

A categorização das expressões idiomáticas por campos semânticos e do ponto de vista formal permitiu a construção de um quadro geral de organização das EIs. Os conceitos selecionados adequam-se às duas línguas em análise. O estudo comparativo serviu para mostrar as regularidades existentes entre as duas línguas no interior do universo de referência idiomática. As expressões idiomáticas de ambas as línguas apresentam

comportamentos semelhantes quanto às operações de individualização e de generalização.

Várias questões foram surgindo ao longo da elaboração do trabalho, sobretudo, na hora de realizar a análise comparativa e no momento de levantar o corpus de expressões idiomáticas que compõe o dicionário. Algumas vezes, o motivo era a insuficiência de material existente, outras a gama de opiniões que existe sobre o tema.

Constatou-se que maioria dos dicionários fraseológicos prestam mais atenção à macroestrutura pretendendo recolher um número elevado de unidades, porém, não dão a devida informação do seu uso na prática cotidiana, das situações onde é utilizada a frase registrada. Os lexicógrafos até agora hesitam diante de tais expressões, às vezes, colocando-as como subentradas de um verbete base.

Tendo em conta que o dicionário constitui junto com as outras obras de referência (consulta) a ponte entre a prática comunicativa e o usuário, sua tarefa é preencher as lacunas herdadas da etapa de aprendizagem e servir ao falante não nativo de constante fator retroalimentador no uso da língua adquirida. Estamos confiantes de que lingüistas e lexicógrafos unam esforços de maneira que a este fenômeno lingüístico que são as unidades fraseológicas se preste maior atenção tanto na prática comunicativa quanto na lexicografia moderna.

Para um tradutor profissional, preocupado com a especificidade das palavras e frases e com a precisão na correspondência dos níveis de linguagem, a existência de obras bilingües como dicionários de expressões idiomáticas, de gíria, de falsos cognatos, de provérbios, de colocações, de frases feitas, etc. representa uma economia de esforços considerável, uma vez que os dicionários de língua (bilingües ou unilingües) não comportam em grande número essas nuances, ou unidades lexicais ditas "especiais".

Quanto aos dicionários de língua unilingües, faltam critérios semânticos e estruturais para incluírem as unidades especiais e, em um mesmo dicionário, podem-se observar diferentes critérios na definição do material fraseológico inserido nele. O inventário dessas unidades, que praticamente nunca vêm acompanhadas de qualquer indicação sobre suas condições de emprego, é geralmente reduzido em sua nomenclatura. Por estarem muitas vezes sujeitas à restrição da nomenclatura ditada por normas e interesses editoriais, as unidades metafóricas só podem mostrar toda sua riqueza e importância nos dicionários especiais, pois frases como *rodar a baiana*; *virar pizza*; *crimes de colarinho branco*; *sair de fininho*; *armar um barraco*; *soltar a franga*; *parquear uma tiños*; *estar encarnado*; *darle la pata a la lata*; *no hacer el cuento*, dentre outras não se encontram nos dicionários.

Todas as dificuldades acima apontadas constituem um fértil campo de trabalho dentro da lexicografia. Nossa proposta de elaboração de um dicionário de expressões idiomáticas bilingüe português-espanhol, representa um grande desafio, em virtude do grande número de dados a considerar, além de ser preciso analisar os diferentes recortes culturais que essas duas línguas fazem com relação aos idiomatismos. Nosso objetivo futuro é produzir um dicionário bilingüe confiável sobre expressões idiomáticas que chegue a atender as necessidades específicas de usuários virtuais (profissionais e especialistas da área, pesquisadores, estudantes, tradutores) partindo da língua portuguesa do Brasil e tendo o espanhol de Cuba como língua de chegada. Trata-se, pois, de um dicionário de decodificação, na tentativa de se fornecer equivalentes idiomáticos (se houver) que, além de corresponderem ao sentido, possam adequar-se estilisticamente.

A fraseologia em geral constitui um domínio rico em expressividade. Convém, em pesquisas futuras, analisar a EI enquanto elemento discursivo, observar a relação entre a utilização das EIs e os vários tipos de discurso (jornalístico, publicitário, político, literário, etc.) e qual o papel delas nesses discursos. Também seria interessante abordar, numa perspectiva sociolingüística, a relação entre os grupos etários e o uso das EI.

ANEXOS



Pescaria no Rio Paraná

Ana estava convencida de que pescar era apenas uma desculpa para o marido dela e os das amigas caírem na farra. E resolveu tirar isso a limpo...



► Cândia Etoile

– Comadre Rosa, esses nossos maridos são todos uns safados!

– Que isso, comadre? Que é que houve?

– Ora! Cê acredita que eles foram mesmo é pescar? Ninguém me convence que eles não vão ficar entafuiados na zona com a mulherada. Uma semana pescando? Conheço bem o meu marido. Cê acha que o Zeca tem paciência pra isso? E o Fredão, comadre, me desculpe que ele é teu marido e eu não tenho nada com isso. Mas que eu acho que ele também é meio chegado numa safadeza, ah, isso eu acho!

Alfredo, ou Fredão, como é conhecido, sempre foi pescar numa ilha do Rio Paraná com os amigos. Levavam bastante comida, bebida e ficavam lá uma semana ou pouco mais, só pescando, comendo e bebendo. Pelo menos é o que diziam. Pois

dessa vez levaram o Zeca, marido da dona Ana, e ela estava indignada.

– Vão é pra sem-vergonhice! Pescar coisa nenhuma! – ela protestou logo de cara.

Ele nem ligou. Foi à revelia, deixando a patroa braba que nem cascavel. Ela foi direto à casa do responsável pelo desenca-minhamento do marido, o Fredão, e ficou lá tentando convencer a mulher dele, Rosa, que tinha rolo nessa história.

– Debaixo desse angu tem carne, Rosa.

– Calma, comadre Ana. Eles vão sempre nessas pescarias e sempre trazem um monte de peixes.

– Tudo comprado na peixaria!

– Pescador bebe é pinga, e eles levaram mais foi uísque e cerveja. Isso é lá bebida de levar em pescaria? Isso é bebida de farra com mulher, isso sim!

AnaMária

E foi pondo dúvida na cabeça de todas as mulheres que ficaram, segundo ela, cuidando dos filhos, trabalhando e se matando, enquanto eles iam pra gandaia. Dúvida para algumas. Na cabeça de dona Ana e de mais duas havia mesmo era certeza.

Quando os maridos voltaram, uma semana depois, a receptividade não foi a de sempre. Quando o Fredão tirou do isopor um baita dourado, por exemplo, e ia começar a contar como pegou o bicho, dona Rosa já se antecipou perguntando em que peixaria ele tinha comprado aquilo. Ele perdeu o rebolado e o fio da meada, se enrolou todo.

– Pode perguntar ao Lazinho!

– Dois mentirosos! – retrucou ela.

E em todas as casas, a mesma coisa. Só uns filhos fizeram festa pelos peixes e queriam ouvir os pais contando como foi a pescaria.

A coisa ficou tão séria que o próprio Fredão falou, primeiro pra mulher dele e depois para as outras, que na próxima pescaria ia levar todas elas.

E assim ficou marcado. Em outubro iria todo mundo pra pescaria. Maridos e mulheres, com a promessa de que elas não iriam precisar fazer nada, só ficar na vida boa, tomando umas cervejas e refrigerantes, enquanto os maridos pescariam, lavariam toda a louça, cozinhariam, fariam tudo como se não tivesse nenhuma mulher ali. Ia ser umas férias para elas.

– E na hora de contar piada, nós vamos escutar também – já foi dizendo dona Ana. Aqui em casa o Zeca fala bobagem o dia inteiro, por que que vai querer separar os homens das mulheres lá, na hora de dar risadas? E vamos pescar também!

Os homens aceitaram tudo. Fredão e

AnaMária

Afonso conversaram com um por um e todos foram acalmando as patroas, para ficarem tranquilas, que eles iam mostrar como era uma pescaria inocente, tirando a bebedeira e as piadas.

E cumpriram mesmo a palavra. No dia combinado, três caminhonetes de cabine dupla saíram da cidade rumo ao Rio Paraná, levando seis homens e seis mulheres mais toda a tralha de pescaria, cervejas, refrigerantes, comida suficiente para dar e sobrar, além de roupa de cama.

Na beira do rio, um barco já os esperava. As mulheres ficaram se divertindo, só vendo os homens descarregarem tudo e acomodarem no barco. Suados, depois de fazer esse esforço naquele calorão, eles entraram no barco e foram para a ilha, tomando umas cervejas para refrescar.

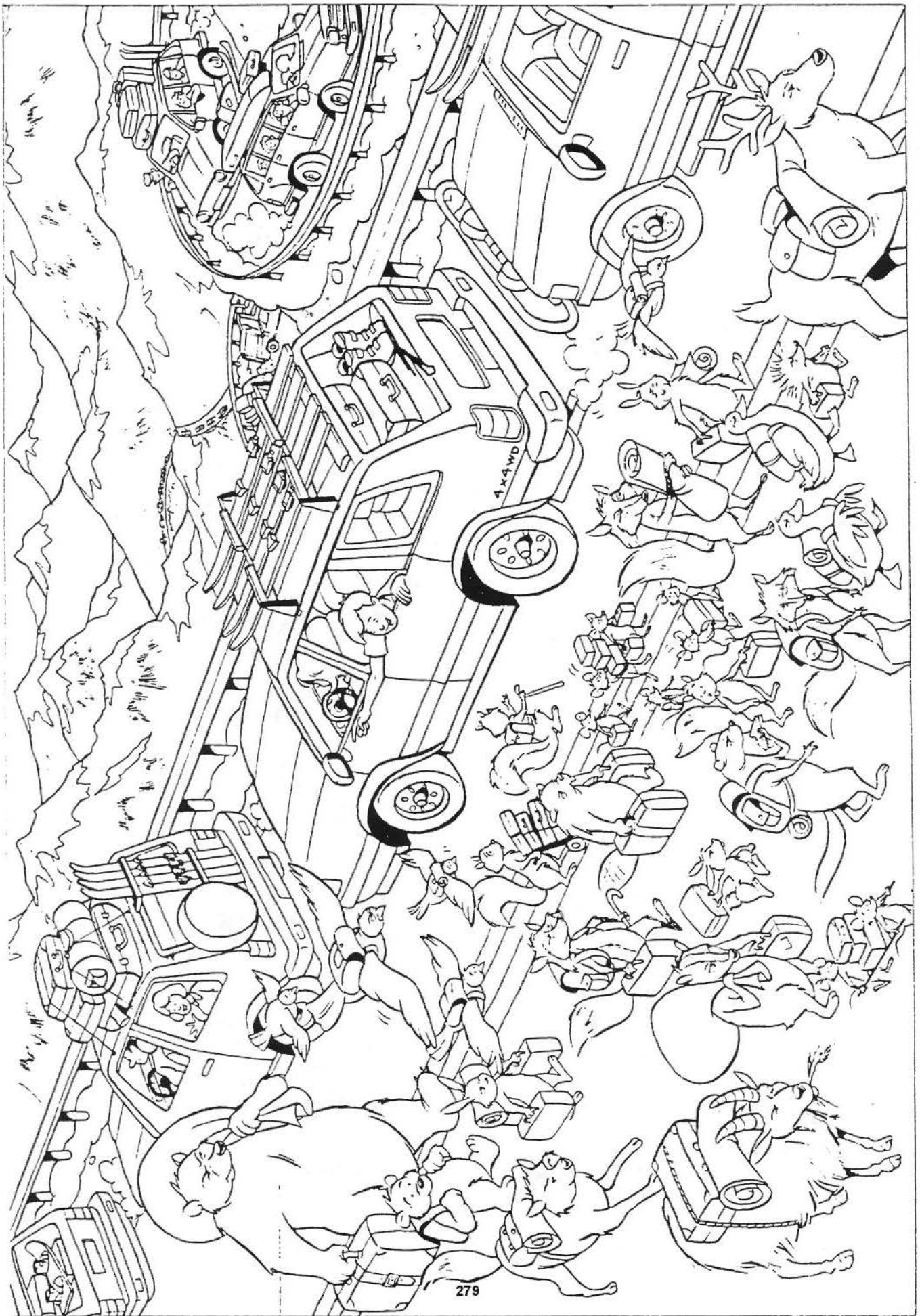
– E aí, dona Ana? Trouxemos ou não trouxemos vocês? – perguntava o Afonso, bebendo a cerveja no gargalo, enquanto ela tentava ler um livro de pescaria.

Dona Dulce também folheava um livro desses, procurando identificar os peixes que poderia pegar, enquanto o marido, Tião da Farmácia, falava da dificuldade que era tirar um peixe grande da água.

– Se fílgar um dourado desses, me chame. Se você tentar tirar o peixe sozinha, pode cair no rio. Ele tem uma força que só vendo, quando tá dentro d'água.

Quando o barco foi encostando no trapiche da ilha, uns pescadores pobres, moradores da região, se aproximaram da canoa. Olharam, olharam, um deles deu um sorriso maroto e perguntou, gritando:

– É, seu Afonso! Em que porto que ocêis pegaram essa mulherada feia desta vês? ①





O LIVRO DO ÓDIO MAD DAS ACADEMIAS DE MALHAÇÃO

VOCÊ NÃO ODEIA...



...o papo intelectual e profundo das academias?

VOCÊ NÃO ODEIA...



...pessoas que simplesmente não precisam malhar?

VOCÊ NÃO ODEIA...



...monstros que acham que vão se dar bem só porque estão mais fortes?

VOCÊ NÃO ODEIA...



...coroas que acham que ainda estão na adolescência?

VOCÊ NÃO ODEIA...



...bichas atléticas que ficam o tempo todo admirando seus músculos no espelho?

VOCÊ NÃO ODEIA...



...malhar, malhar e malhar e ver que não está adiantando nada?

ABSTRACT

Idiomatic expressions reflect the dynamic side of the language, its constant adaptation to the communications needs of each moment, so much so that they can and also disappear after its initial sprouting. Others are incorporated to the lexical language as innovation. The present research has carried out a thorough study of idioms, standardized by their use in the Portuguese language in Brazil and the Spanish language in Cuba including lexical-morphosyntactic-semantic approach that allows, first, to observe their behavior in syntactic, lexical and semantic situations, secondly, to analyze what happens inside each one of them thorough a specific model of analysis and, thirdly, to establish a typological of these units in accordance with their own approach. The analysis showed that the idioms can correspond fully to equivalents in the other language in terms of their identical formulation, they can be partly similar, or totally different. In some cases, it was not possible to find equivalents at all. All eventually depends on inherent cultural and linguistic features of each community or people. This particular research effort has demonstrated that such units are systematizable and, therefore, they can be a source of input in the process of teaching/learning of languages and in practical the lexicographical work as well.

Key words:

idiomatic expressions, idioms, phraseological units, morphosyntactic and semantics analysis of idioms, foreign language teaching/learning

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ABAKUMOV, S. I. (1936) A composição estável das palavras. In: **Revista A língua russa na escola**. Moscou.(em russo)
- ALLRIGHT, R. L. & BAILEY, K. M. (1991) **Focus on the Classroom**. Cambridge: Cambridge University Press.
- ALMEIDA FILHO, JCP (1993) **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas, SP: Editora Pontes.
- _____. (1995) **Português para estrangeiros interface com o espanhol**. Campinas, SP: Editora Pontes.
- ALONSO, A. (1967) **Estudios lingüísticos. Temas hispanoamericanos**. 3ra edición. Madrid: Gredos.
- ALVAR, A. (1972) **Juan Castellanos: tradición española y realidad americana**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo.
- AMOSOVA, N. N. (1963) **Princípios da fraseologia inglesa**. Moscou: Nauka. (em russo).
- ANCHIETA, J (1874) **Arte da Grammatica da língua mais usada na costa do Brasil**.
- ANDERSEN, E.(1978) Lexical universals of body-part terminology. In: **GREENBERG, J. ed. Universals of human language**. Vol. 3 Word Structure, Stanford: Stanford University Press.
- ANDRADE, M (1972) **O Empalhador de Passarinho**. SP: 3ra edição.
- APRESJAN, J. D. (1966/1980) **Idéias e Métodos de Lingüística Estrutural Contemporânea**. SP: Editora Cultrix.
- ARITIUNOVA, V. (1978) Funções sintáticas da metáfora. In: **Izvestija A N SSSR. Série Literatura e Língua**. T. 37 No. 4. Moscou: Nauka. (em russo).
- ARITIUNOVA, N.D. (1976) **As orações e seus significados**. Moscou: Nauka. (em russo).
- ARJANGUELSKI, V. I. (1964) **As frases feitas na língua russa**. Rostov. (em russo)

- BALLY, CH. (1909/1961) *Traité de stylistique française*. Paris: Klincksieck. Vol. 1.
- _____. (1940) Sur la motivation des signes linguistiques. In: *Bolletín de la Sociedad de Linguística de Paris*. T. 4 Faz 1, 21. Paris.
- _____. (1940) *Français moderne*. Paris.
- BARROS, M.C. et. al. (1996) A Língua Geral Como Identidade Construída. In: *Revista de Antropologia v. 39, n. 1*. SP: USP.
- BASÍLIO, M. (1989) *A Teoria lexical*. SP: Ática.
- BAXTER, A. N. (1987) *Creole-like traces in rural Brazilian Portuguese dialects*. Department of Spanish, La Trobe University. Melbourne, Australia.
- BENVENISTE, E. (1989) *Problemas de Lingüística Geral II*. SP: Pontes V.2.
- BERKELEY, H (1984) *Tratado sobre os princípios do conhecimento humano; Três diálogos entre Hilas e Filonous em oposição aos cétricos e ateus*. SP: Abril Cultural. (*Os pensadores*)
- BERNS, M. (1990) *Contexts of Competence*. New York: Plenum Press.
- BESSE, H. & PORQUIER, R (1991) *Grammaires et Didactique des Langues*. France: Didier.
- BIDERMAN, M. T. (1992) *Dicionário contemporâneo de português*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1997) A unidade lexical e o lema do dicionário de língua. In: *Corpo e Voz*, série Encontros, Ano XV, No. 1 pp. 71-76.
- BLASELMANN, P (1991) Humanistische Grammatik und Volkssprache: *Zur Gramática de la Lengua Castellana von Antonio de Nebrija*. Düsseldorf: Droste Sarmiento
- BOYD - BOWMANN (1968) *Índice geográfico de 40,000 pobladores españoles de América (1520-1539)*. México. XX.
- BUARQUE DE HOLANDA, A (1986) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. RJ: Nova Fronteira.
- BUDAGOV, P.A (1974) *O homem e sua língua*. Moscou: Editora Ruski lazik.(em russo)
- BUSNARDO, J & BRAGA, D. (1987) *Language and power: on the necessity of rethinking English language pedagogy in Brazil. Initiative in*

- communicative Language Teaching II. A Book of readings.** In: Sauvignon & Bern's (eds.) Addison-Wesley Publishing Co. pp 15-32.
- BURGER, H. et. al. (1982) **Handbuch der Phraseologie**. Berlin: Walter de Gruyter.
- BURKE, P & PORTER, R. (org.) (1993) **Linguagem, indivíduo e sociedade: história social da linguagem**. SP: Editora UNESP.
- BUZON, C. (1979) Dictionnaire, langue, discours, idéologie. In: **Langue française**. No.43. pp 27-44.
- CÂMARA MATTOSO, J. (1965) Línguas européias de ultramar: o português do Brasil. In: **Revista do Livro VIII** (27-28). Rio de Janeiro, pp. 107-118.
- _____. (1976) **História e estrutura da Língua Portuguesa**. RJ: Padrão Livraria Editora. 2da ed.
- CÂNDIDO, A (1981) **Formação da Literatura Brasileira**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia. 6ta ed.
- CANFIELD, D. L. (1988) **El español de América: Fonética** Traducción de Joaquín Llisterri y Dolores Poch. Barcelona: Crítica.
- CARNEADO MORÉ, Z. (1987) Algunas clasificaciones de la composición fraseológica de la lengua (aspecto semántico-estructural). In: **Anuario del instituto de Literatura y Lingüística**. No. 18. La Habana: Editorial Ciencias Sociales.
- CARNEADO MORÉ, Z. & TRISTÁ, A M. (1985) **Estudios de fraseología**. La Habana: Editorial Ciencias Sociales.
- CARONE, F. (1986) **Morfossintaxe**. Série Fundamentos. SP: Editora Ática.
- CARRETER, L.F. (1980) **La lengua de los refranes. Espontaneidad o artificio?** Madrid: Gredos.
- CASARES, J. (1950) **Introducción a la Lexicografía Moderna**. Madrid.
- CASSEB GALVÃO, V.C. (1999) **O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização**. Dissertação de Mestrado em Lingüística. UNICAMP. Campinas.
- CASTRO, I. (1996) Para uma história do português clássico. In: **Duarte e I. Leiria (org.) Atas do Congresso Internacional sobre o Português**. Lisboa: Colibri, pp. 132-150.
- CHAFE, W.L. (1979) **Significado e estrutura lingüística**. RJ/SP: Livros Técnicos e Científicos Editora.

- _____ (1968) Idiomaticity as an Anomaly in the Chomskyan Paradigm. In: **Foundations of Language 4: 2**. Pp. 109-127.
- CHERDANTSEVA, T. Z. (1977) **A língua e as imagens**. Moscou: Nauka. (em russo).
- CHERNISHEVA, I.I. (1977) Problemas atuais da fraseologia. In: **Revista Problemas da lingüística**. No.5. (em russo).
- CHOMSKY, N. (1970) Remarks on Nominalization. In: **Reading in English Transformational Grammar**. Waltham, Gin and Co
- COHEN, B. (1992) Méthodes de repérage et de classement des cooccurrents lexicaux. In: **Terminologie et traduction**, 2-3. Commission des Communautés Européenes, 505-512.
- COLLINS, C. (1987) **English Language Dictionary**. Cambridge: Cambridge University.
- CORDER, S. P (1967) The significance of learners errors. In: **IRAL**, 5.
- _____ (1973) Contrastive Linguistic Studies. In: **Corder, S, P** .1973 a.
- _____ (1973) **Introduction to Applied Linguistics**. London: Penguin.
- COSERIU, E. (1977) **Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje**. Madrid: Gredos.
- _____ (1962) Sistema, norma y habla. In: **Teoria del Lenguaje y Lingüística general**. Madrid: Gredos.
- _____ (1975) Campos semânticos e relações lexicais. In: Lobato, L, MP et. al. **Análises lingüísticas**. Petrópolis: Vozes. P. 87.
- _____ (1990) **Introducción a la Lingüística**. México: UNAM.
- COWLES, E.N. (1962) Características lexicográficas del español usado en Hispanoamérica y según aparece en las obras literarias regionales. In: **Iberoamericana. American Association of Teachers of Spanish and Portuguese**. Mexico.
- CUERVO, R. J. (1947) **El castellano en América**. Buenos Aires: El Ateneo
- CUNHA, C. (1986) Conservação e Inovação no português do Brasil. In: **EIXO E RODA**. Belo Horizonte.
- DA SILVA NETO, S. (1960) Problemas do português da América. In: **Língua, Cultura e Civilização**. RJ: Livraria Acadêmica.

- _____. (1976) *Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. RJ: Presença, 3ra edição.
- DANLOS, L. (1981). La morphosyntaxe des expressions figées. In: *Langages*, 63. Paris: Larousse, pp.53-74.
- DASCAL, M. & WEIZMAN, E. (1987) *Contextual exploitation of interpretation clues in text understanding: An integrated model*.
- DIEGUES JUNIOR, M. (1952) *Etnias e culturas no Brasil*. RJ: Imprensa Nacional.
- DOBROVOLSKI, A. (1990) *Tipologia dos idiomatismos*. Moscou: Nauka. (em russo)
- DUBOIS, J. et al. (1978) *Dicionário de Lingüística*. SP: Cultrix.
- EFIMOV, A. I. (1952) *Acerca do estudo da linguagem das obras artísticas*. Moscou: Nauka. (em russo).
- ELIA, S. (1940) *O problema da língua brasileira*. RJ: Instituto Nacional do Livro.
- _____. (1989) *A língua brasileira no mundo*. SP: Ática.
- ESPINOLA, P. (1795) *Memorias sobre los defectos de pronunciación de nuestro idioma y medios de corregirlos*. La Habana.
- ETTINGER, S. (1982) Formación de palabras y fraseología en la lexicografía. In: HAENSCH, G. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos.
- FERREIRA, C. (1969) *Remanescentes de um falar crioulo brasileiro*. RJ: Padrão.
- FÍALA, P. (1988) Pour une approche discursive de la phraséologie: Remarques en vrac sur la locutionnalité et quelques points de vue qui s'y rapportent, sans doute. In: *Langage et société*, 42, Maison des Sciences de l'Homme/Centre National de la Recherche Scientifique, 27-44.
- FILLMORE, CH. (1979) On Fluency. In: FILLMORE, C. et alii (eds.). *Individual Differences in Language Ability and Language Behavior*. New York: Academic Press. P. 85-101.
- FILLMORE, CH. KAY, and J.P. & O' CONNOR, M. (1988) Regularity and idiomatcity in grammatical constructions: the case of *let alone*. In: *Language*, No. 64 pp. 501-538
- FISIAK, J. (1981a) *Contrastive Linguistics and the Language Teacher*. Oxford: Pergamon Institute of English.

- _____. (1981b) Some Introductory Notes Concerning Contrastive Linguistics. In: **FISIÁK, J** eds. 1981 a.
- FRANZONI, P. H. (1992) **Nos bastidores da Comunicação Autêntica: uma reflexão em Lingüística Aplicada**. Campinas: Editora da UNICAMP.
- FRASER, B (1970), Idioms within a Transformational Grammar. In: **Foundations of Language**, 6:1, pp. 22-42.
- FRIES C.C. (1945) **Teaching and Learning English as a Foreign Language**. Ann Arbor. University of Michigan Press.
- FRIES, C.C. & PIKE, K.L. (1949) Co-existent Phonemic Systems. In: **Language** 25, pp-29-50.
- GABRIN, G. S. (1960) **Acerca da consistência na composição léxica das unidades fraseológicas**. Moscou. Editora Ruski lazik. (em russo)
- GAK, V. G. (1971) As unidades fraseológicas à luz da assimetria do signo lingüístico. In: **Questões da Fraseologia**. Samarkanda. t VII. (em russo).
- _____. (1976) **Lexicologia comparada**. Moscou. Nauka. (em russo)
- GALISSON, R. (1984) **Dictionnaire de compréhension et de production des expressions imagées** Paris: CLE Internacional.
- GECKELER, H. (1976) **Semantica estructural y teoria del campo léxico**. Madrid: Gredos.
- GIBBS, R. (1980) Spilling the Beans on Understanding and Memory for Idioms in Conversation. In: **Memory and Cognition**, 8.
- _____. (1994) **The Poetics of Mind: figurative thought, language and understanding**. Cambridge: Cambridge University Press.
- GLÄSER, R (1988) The grading of idiomaticity as a presupposition for a taxonomy of idioms. In: **HÜLLEN, WERNER & RAINER SCHULZE** (Eds.) **Understanding the lexicon. Meaning, sense and world knowledge in lexical semantics**. Tübingen. Niemeyer. Pp.264-274.
- GRANDA, G. (1969) Posibles vías de introducción de africanismos en el habla de negros literaria. In: **Thesaurus**. Bogotá: 24 (3) pp. 459-469.
- GREGORI TORADA, N. (1999) Los cubanos ante la lengua materna: valores, actitudes y políticas lingüísticas. In: **Boletín de la Academia Cubana de la lengua**. Vol. 4. La Habana.
- GRENAND, F. & EPAMINONDAS, H. F. (1989) **Pequeno dicionário de língua geral**. Manaus: SEDUC.

- GROSS, M. (1988) Les limites de la phrase figée. In: **Langage**, 90. Paris: pp. 7-22.
- GUIRAUD, P. (1919) **A semântica**. Paris.
- GULLAND, D.M. & HINDS-HOLLEW, D.G. (1986) **Dictionary of English Idioms**. London. Penguin Books.
- GUMPERZ, J. C. (1982) **Discourse Strategies**. Cambridge: Cambridge University Press.
- HALLIDAY, M. A K. (1966) Lexis as a Linguistic Level. In: BAZELL, C. E. & CATFORD, J.C., HALLIDAY, M.A K e ROBINS (eds.) **In Memory of John FIRTH**. London: Longmans.
- HARRIS, Z. (1954) Transfer Grammar. In: **IRAL**, 20, 4. Pp. 259 -270.
- HAUSMANN, F (1984) Wortschatzlernen ist Kollokationslernen. In: **Praxis des Neusprachlichen Unterrichts** 31, 395-406.
- HEATON, J. & NOBLE, T. N. (1987) **Using Idioms: A Learner's Guide**. New York: Prentice Hall.
- HOLM, J. (1994) A semicrioulização do português vernáculo do Brasil: evidência de contato nas expressões idiomáticas. In: **Papia, Revista de Crioulos de Base Ibérica**. Vol. 3 No.2. Thesaurus Editora, Universidade de Brasília.
- HONECK, R (1980) Historical notes on figurative language. In: HONECK & HOFFMAN. Pp25-46.
- HOUAISS, A (1985) **O Português do Brasil. Pequena Enciclopédia da Cultura Brasileira**. RJ: 2da Ed.
- HYMES, D. (1972) On Communicative competence. In: J.B. PRIDE and J. HOLMES (eds.), **Sociolinguistics: Selected readings**. Harmondsworth, U. K.: Penguin, pp. 269-93.
- IPSEN, G (1932) Der neue sprachbegriff. In: **Zeitfdeutschkunde XLVI**.
- IRRIBARREN, J. M. (1956) **El por qué de los dichos**. Madrid: Gredos.
- JAKOBSON, R. (1963) **Essais de linguistique générale**. Paris: Les éditions de minuit.
- _____ (1980) **Linguística e comunicação**. SP: Cultrix.
- JAMES, C. (1980) **Contrastive Analysis**. London: Logman.
- JOLLES, A (1934) **Antike bedeutungsfelder PBB 58**. Pp. 97-109.

- KANY, CH.E (1969) ***Semántica Hispanoamericana***. Madrid: Editorial Aguilar.
- KATZ, J.J. (1972) ***Semantic theory***. New York: Harper and Row.
- KJAER, A L. (1990) Phraseology research - State-of-art.Methods of describing word combinations in language for specific purposes. In: ***Terminology science & research***, 1/1-2, Vienna, ITTF, 3-20.
- KRASHEN, S. D. (1982) ***Principles and Practice in Second Language Acquisition***. Oxford: Pergamon Press.
- KRAMSCH, C. (1993) ***Context and Culture in Language Teaching***. Oxford: Oxford University Press.
- KUNIN, A. A. (1964) ***Bases para a compreensão da fraseologia inglesa como disciplina lingüística: elaboração do dicionário fraseológico russo/inglês***. Moscou: Hauka (em russo).
- LADO, R. (1957) ***Linguistics Across Cultures***. Michigan: University Michigan Press.
- LADO, R. (1964) ***Language Teaching. A Scientific Approach***. McGraw-Hill.
- LAFREUD, B. (1984) ***Dictionnaire des expressions***. París: Bordas.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. (1980) ***Metaphors We Live By***. Chicago: Chicago University Press.
- LAKOFF, G. & TURNER, M. (1989) ***More Than Cool Reason. A field guide to poetic metaphor***. Chicago: Chicago University Press.
- LAPESA, R. (1981) "Alma" y "anima" en el Dicionario Histórico de la Lengua Española: su fraseología. In: ***Logos Semantikos***, H. Geckeler et. al. (eds.), Berlin: Walter de Gruyter, 223-228.
- LATTEY, E. (1986) Pragmatic Classification of Idioms as Aid for the Language Learner. In: ***International Review of Applied Linguistics in Language teaching***, 25/3.
- LAURIAN, A. M. et. al. (1979) Pour une étude contrastive des lexies complexes. Cas particulier "des lexies à chiffres em français, portugais et finnois. In: ***Cahiers de Lexicologie*** 34 pp. 61-86.
- LISBOA, J..F. de ***Obras de João Francisco de Lisboa*** . Vol. 1 Lisboa: editora Mattos Moreira & Pinheiro. S/d
- LEHRER, A. (1977) Structures of the Lexicon and Transfer of Meaning. In: ***Lingua*** 45 (1978), Amsterdam: North Holland Publishing Company, pp 95-123.

- _____ (1974) Idioms. In: **Semantic fields and lexical structure**. Amsterdam: North Holland Publishing Company. Pp 184-187.
- LOPE BLANCH, J. M. (1983) El supuesto arcaísmo del español americano. In: **Estudios sobre el español de México**. México: UNAM, pp.33-53.
- LOPES, E. (1987) **Metáfora: da retórica à semiótica**. SP: Atual.
- LYONS, J. (1979) **Introdução à Lingüística Teórica**. SP: Editora Nacional.
- _____ (1977) **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press.
- MACÍAS, DOMINGUEZ, I (1978) **Cuba en la primera mitad del siglo XVII**. Sevilla: CSIC.
- MAKKAI, A (1972) **Idioms Structure in English**. La Haya: Mouton.
- MALARET, A (1943) **Semántica americana**. Imprenta San José. San Juan.
- _____ (1946) **Dicionário de Americanismos**. 3ra edição. Buenos Aires.
- MARCUSCHI, L. A. (1994) **Contextualização e explicitude na relação entre fala e escrita**. Mimeo.
- MATTHIAS, P. (1975/1988) **Rasgos poscriollos léxicos en el lenguaje coloquial cubano. Criollística Comparada**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo.
- MATORÉ, G. (1950) **La Méthode en Lexicologie. Domaine français**. Paris: Didier.
- MAYANS, G. (1737) **Origens da língua espanhola**.
- MEL'CUK, Y; IORDANSKAJA, N.; ARBATCHEWSKY, J. (1981) Un nouveau type de dictionnaire: le dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain. In: **Cahiers de lexicologie**, 38-1, 3-24.
- MENDONÇA, R. (1933) **A influência africana no português do Brasil**. RJ: Sauer.
- MEYER LÜBKE, W (1916) **Introdução ao estudo da glotologia**. Lisboa: Livraria clássica editora de A M. Teixeira.
- MIEDER, W. (1994) Consideraciones generales acerca del proverbio. In: **Paremia** 3, pp. 17-26.
- MOLOTKOV (1966) Algumas particularidades no uso dos fraseologismos na língua russa contemporânea. In: **Normas para o uso das palavras do russo literário contemporâneo**. Moscou: Editora Ruski Iazik. (em russo)

- MORRIS, CH. (1938) *Foundations of the Theory of Signs*. Chicago.
- NARO, A.J. & SCHERRE, M.M.P (1993). Sobre as origens do português popular do Brasil. In: *D.E.L.T.A.* Vol. 9 No. Especial (pp. 437-454).
- NASCENTES, A. (1988) *Dicionário da língua portuguesa*. RJ.
- NAVARRO, T. (1966) *Manual de pronunciación española*. Edición Revolucionaria. 12 ed.
- NAZARIAN, A G. (1976) *Fraseología de la lengua francesa contemporánea*. Moscou: Nauka. (em russo)
- NEBRIJA, A. (1492, 1980) *Gramática de la Lengua Castellana*. Madrid: Editora Nacional
- NEVES, O. (1991) *Dicionário de frases feitas*. Porto: Lello & Irmão Editores.
- NEWMYER, F. J. (1974) The Regularity of Idiom Behavior. In: *Língua*, 34:4 pp326-342.
- NIDA, E. (1975) *Componential analysis of meaning, an introduction to semantic structures*. The Hague Mouton.
- ORTIZ, F. (1922) Los afronegrismos de nuestro lenguaje. In: *Revista Bimestre Cubana* 17(6) nov. -dic. pp. 321-336.
- ORTONY, A. (1979, 1982) *Metaphor and Thought*. Illinois: Cambridge University Press.
- OZHEGOV, S. I. (1957) Acerca de la estructura de la fraseología. In: *Colección de artículos sobre fraseología*. Moscou: Nauka.
- PAZ PÉREZ, C. (1994) *Diccionario cubano de términos populares y vulgares*. La Habana: Editorial Ciencias Sociales.
- PEÑALVER, J. M. (1795) *Memorias que promueve la edición de un diccionario provincial de la Isla de Cuba*. La Habana.
- PERL, M. (1975) Semantische Selektionsbeschränkungen (semantische Valenz) und sprachlich usuell bedingte restriktionen. In: *Linguistische Arbeitsberichte* 11, 48-51.
- PICHARDO, E. (1836/1976) *Diccionario provincial casi razonado de voces y frases cubanas*. La Habana: Editora Ciencias Sociales.
- POLIVÁNOV, E. D. (1931) Acerca dos traços fonéticos dos dialetos sócio-grupais e em particular da norma russa. In: *Por uma lingüística marxista*. Moscou. (em russo)

- POTTIER, B. (1978) *Lingüística Geral: teoria e descrição*. RJ. Presença.
- _____. (1970) *Lingüística moderna y filología hispánica*. Madrid: Gredos
- _____. (1974) *Présentation de la linguistique. Fondements d'une théorie*. Paris: Klincksiek.
- PORZIG, W. (1969) *El mundo maravilloso del lenguaje*. Madrid: Gredos.
- PRETI, D. (1997) A gíria e o ensino de segunda língua. In: *Cadernos do Centro de línguas* No. 1. SP: Humanitas. Pp. 89-96.
- RAIMUNDO, J. (1933) *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. RJ: Renascença Editora.
- REED, D., Yao S. & Lado R. (1948) Importance of Native Language in Foreign Language Learning. In: *Language Learning*, 1, 1 pp.17-23.
- REDDY, M. (1979) The conduit metaphor. In: ORTONY, A (ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 284-324.
- REISZ, S. (1977) Predicación metafórica y discurso simbólico. In: *Lexis* Vol. 1 No. 1. Perú.
- REY, A. (1986) Les écarts culturels dans les dictionnaires bilingues. In: *Lexicographica*, No.2 pp33-42.
- RIBEIRO, J. (1933) *A língua nacional: notas aproveitáveis*. SP: Companhia Editora Nacional.
- ROBERTS, I. & KATO, M. (1996) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora Pontes.
- ROBINSON, G. L. N. (1988) *Cross-cultural Understanding*. New York: Prentice Hall.
- RODA, R. (1993) La phraséologie: état des recherches. In: *Terminologies nouvelles* No.10. Québec.
- RODRIGUES, N. (1932) *Os africanos no Brasil*. SP.
- ROTHKEGEL, A (1994) Kollokationsbildung und Textbildung. In: *Europhras* 92, B. Sandig (Hg.), Bochum Univverlag, 499-523.
- ROZEINZON, L.L. (1961) *A fraseologização como fenômeno lingüístico*. Samarkanda. (em russo)

- RWET, N. (1983) Du bon usage des expressions idiomatiques dans l'argumentation en syntaxe générative. In: **Revue Québécoise de Linguistique**, Vol. 1, No. 13. Montreal.
- SALINAS, P. (1993) **La responsabilidad del escritor**. San Juan, Puerto Rico.
- SANTAMARIA, F. J. (1946) **Diccionario general de Americanismos**. México.
- SANTOS GARGALLO, I. (1993) **Análisis Contrastivo, Análisis de Errores e Interlengua en el marco de la Lingüística Contrastiva**. Madrid: Editorial Síntesis.
- SARMIENTO, D. (1843) Memoria sobre ortografía americana. In: **Obras Completas**. T. IV. Buenos Aires: Editorial Luz del Día.
- _____. (1842) Artículos críticos literarios. In: **Obras Completas**. T. I. Buenos Aires: Editorial Luz del Día.
- SAUSSURE, F. (1973) **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot.
- SHANSKI, N. M. (1963) **A fraseologia da língua russa contemporânea**. Moscou: Nauka (em russo).
- SHEMANN, H. & SHEMANN DIAS, L. (1992) **Dicionário Idiomático Português/Alemão**. Max Hueber Verlag/Braga., Livraria Cruz.
- SELVA, J.B. (1940) Algo sobre la semántica. In: **Boletín Academia Argentina de Letras**. Buenos Aires.
- SILVA NETO, S. (1976) **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. RJ: Presença (1ra ed., 1950).
- SILVEIRA, B. (1965) **Tratado de Semântica Brasileira**. SP: Editora. Saraiva, 4ta edição.
- SILVEIRA, H (1982) **Folha de São Paulo**.
- SINCLAIR, M. (1993) Are academic texts really decontextualized and fully explicit? A pragmatic perspective on the role of context in written communication. In: **Text**, Vol. 13. Pp. 529-558.
- SCHNEIDER, J. (1991) **Dictionary of African Borrowings in Brazilian Portuguese**. Hamburg: Buske.
- SMIRSKI, A (1956) **Lexicologia da língua inglesa**. Moscou: Nauka. (em russo)
- SMITH, M. et. al. (1981) Metaphor as intellectual history: conceptual categories underlying figurative usage in American English from 1675-1975. In: **Linguistics** 19:9. Pp. 911-935.

- SMITH, J.R. (1991) Alguns subsídios para o ensino de espanhol a falantes de português. In: **Revista do Instituto de Letras**. Vol. 10, No. 1-2. Campinas: PUC
- TAGNIN, S (1989) **Expressões idiomáticas convencionais**. SP: Ática.
- _____ (1999) **Convencionalidade e produção de texto: um dicionário de colocações verbais inglês/português, português/inglês**. Tese de livre-docência: SP: USP.
- TADDONI PETER, M.M. (1998) Línguas especiais, línguas secretas na África e no Brasil. In: **Revista da ANPOLL**. SP: Humanitas. No. 4. Jan/jun. pp135-201.
- TARALLO, F. (1990) **Tempos Lingüísticos. Itinerário histórico da Língua Portuguesa**. SP: Editora Ática.
- _____ (1992) Turning different at the turn of the century: 19th century Brazilian Portuguese. In: GUY, G.; BAUGH, G, SCHIFFRIN, D. Ed. Festschrift to William Labov.
- TARONE, E (1988) **Variation in Interlanguage**. London: Edward Arnold.
- TELIA, V. N. (1966) **O que é fraseologia?** Moscou: Nauka.(em russo)
- _____ (1968) Fraseologia. In: **Questões da teoria lingüística russa**. Moscou. Pp.257-277.(em russo)
- TODOROV, V. T. (1966) **Littérature et signification**. Larousse. Paris.
- TRIER, J. (1934) Das sprachliche feld. Eline auseinandersetzung. **Neve jahrbuecher fuer wissenschft und jugendbildung** 10. 428-49.
- _____ (1931) **Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes**.
- TRISTÁ, A.M. (1988) **Fraseologia y contexto**. La Habana: Editora Ciencias Sociales.
- UFINTSEVA, A (1977) A essência lingüística. In: **A nomeação lingüística**. Moscou. Nauka.(em russo)
- ULLMANN, S. (1977) **Semántica. Introducción a la ciencia del significado**. Madrid: Aguilar.
- _____ (1977) **Lenguaje y estilo**. Madrid: Aguilar. Coleccion cultura e historia.
- _____ (1957) **The principles of semantics**. 2da edição. Glasgow. Glasgow University publications

- UREÑA HENRÍQUEZ, P. (1930) Observaciones sobre el español de América. In: **Revista de Filología Española**. Madrid.
- VALDÉS BERNAL, S. (1988) Las lenguas africanas y el español coloquial de Cuba. In: ORLANDI, E. (org.) **Política lingüística na América Latina**. Campinas: Pontes.
- VENDRYES, J. (1923/1943) **El lenguaje: introducción lingüística a la historia**. Barcelona: Cervantes.
- VIETRI, S. (1985) **Lessico e Sintassi delle Espressioni Idiomatichhe: una Tipologia Tassonomica dell'Italiano**. Napoli: Liguori Editore.
- VILLAÇA-KOCH, I. G. (1996) **Argumentação e linguagem**. RJ: Cortes editora.
- VINOGRADOV, V. V. (1938) **O idioma russo contemporâneo**. Moscou: Academia de Ciências (em russo).
- _____. (1947) Sobre a tipologia das unidades fraseológicas na língua russa. In: **Cadernos de artigos sobre lingüística**. Moscou. (em russo).
- _____. (1946) As questões principais acerca da fraseologia russa como disciplina lingüística. LGU. Leningrado. (em russo).
- VOGT, C. (1996) **Cafundó: A África no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP.
- VOGT, C. & FRY, P. (1982) A descoberta do Cafundó: alianças e conflitos no cenário da cultura negra no Brasil. In: **Religião e Sociedade No. 8**. RJ. Pp.44-51.
- WEINREICH, U. (1966/1969) **Problems in the analysis of idioms. Substance and structure of language**. Los Angeles, University of California Press. P 23-80.
- WIDDWSON, H. G. (1979) **Teaching language as communication**. Oxford: Oxford university Press.
- WHORT, B. L. (1940) Science and Linguistics. In: **Technology Review 6**. Reimpresso in CARROLL, J. (eds. 1964).
- WOTJAK, G. (1985) Algunas observaciones acerca del significado de expresiones idiomáticas verbales en el español actual. In: **Anuario de Lingüística Hispánica. Vol. 1**. Universidad de Valladolid, Valladolid. pp. 213-226.
- _____. (1984) No hay que estarse con los brazos cruzados. Algunas observaciones acerca del significado de expresiones idiomáticas verbales del

- español actual. In: *Leipziger Linguistische Arbeitsberichte/LAB*, 45. Leipzig pp.77-84.
- XATARA, C. (1998) *A tradução para o português das expressões idiomáticas em francês*. Tese de Doutorado em Letras. UNESP. Araraquara.
- _____. (1994) *As expressões idiomáticas de matriz comparativa*. Dissertação de Mestrado em Letras: Lingüística e Língua Portuguesa) UNESP. Araraquara.
- ZANOTTO, P.M. (1990) Em busca da elucidação do processo de compreensão da metáfora. In: PONTES, E. (org.) *A metáfora*. Campinas: ed. UNICAMP, pp. 115-130.
- _____. (1995) Metáfora, cognição e ensino de leitura. In: *D.E.L.T.A* Vol. 11. No 2. Campinas.
- _____. (1983) Metáfora discursiva. In: *Anais do Seminário do GEL*. SP.
- ZHUKOV, V. P. (1978) *A semântica dos fraseologismos*. Moscou. Nauka (em russo).
- ZULUÁGA, ALBERTO. (1975) Estudios generativo- transformativistas de las expresiones idiomáticas. In: *Thesaurus* Boletín do Instituto Caro y Cuervo, 30:1. Bogotá. Pp.1-48.
- _____. (1980) *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfort: Verlag.
- _____. (1998) Sobre fraseologismos e fenômenos colindantes. In *Atas do I Colóquio galego de Fraseologia*. Santiago: Xunta de Galicia. Pp15-30.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.

- ABRAHÃO, M. H. V. (1996) **Conflitos e incertezas na renovação da prática da sala de aulas do professor de língua estrangeira: um estudo de caso**. Tese de Doutorado IEL/UNICAMP.
- La lexicographie des collocations. In: **ACTES DU XVIII^e Congrès International de Linguistique et philologie Romanes**. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1989, 470-474.
- AGUILAR-AMAT, A. (1993) En torno a la combinatoria del léxico: los conceptos de colocación e idiomatismo. In: **C. Martín Vide** (ed.), 267-272.
- _____. (1990) Caracterización sintáctica de los idiomatismos y propuestas de "parcer" para un sistema de traducción automática. In: **Actas del Congreso de la Sociedad Española de Lingüistas. XX Aniversario**. Tenerife 2-6 abril. Tomo II. Madrid: Gredos. Pp. 824-833.
- AIT TALEB, S. (1993) Rapport de la phraséologie avec la terminologie. In: **Terminologies Nouvelles**, 10, RINT, 13-15.
- ALLEN, S. (1976) On Phraseology in lexicology. In: **Cahiers de Lexicologie**, 29-2, 83-90.
- ALMEIDA FILHO, JCP. & LOMBELLO, L. (1992) **Identidade e caminhos no ensino de português para estrangeiros**. Campinas/ SP: Editora Pontes.
- ALMEIDA FILHO (1987) O que quer dizer ser comunicativo em sala de aula de língua estrangeira. In: **Revista CEDES**. No. 8 pp. 33-39.
- _____. (1992) O professor de língua estrangeira sabe a língua que ensina? A questão da instrumentalização lingüística. In: **Contexturas**. No. 1 pp. 77-85.
- _____. (1997) **Parâmetros atuais para o ensino de português/língua estrangeira**. Campinas: Editora Pontes.
- _____. (1996) **O planejamento de um Curso de Línguas: A Harmonia do Material-Insumo com os Processos de Aprender e Ensinar**. Campinas/SP, Universidade Estadual de Campinas. (mimeo)

- ALMEIDA FILHO, JCP & LOMBELLO, L. (1998) **O ensino de português para estrangeiros. Pressupostos para o planejamento de cursos e elaboração de materiais.** Campinas, SP: Editora Pontes. 2da edição.
- ALONSO, A. (1935) **El problema de la lengua en América.** Madrid: Editorial Espasa-Calpe.
- ALPIZAR, R. (1989) **Apuntes para la historia de la lingüística en Cuba.** La Habana: Editorial Ciencias Sociales.
- ALVAR, M. (1990) **Norma lingüística sevillana y el español de América.** Madrid: Ediciones de Cultura Hispánica.
- _____. (1992) **El Español de las dos orillas.** Madrid: MAPFRE.
- ALVAREZ DE LOS RIOS, T. (1978) **Las Farfanes.** La Habana.
- ANDRADE FILHO, S.V. (1993) **O léxico africano do Cafundó.** Tese de Doutorado. SP: USP.
- APRECIAN, D. (1995) **Semántica lexical.** Moscú: Nauka. (em russo)
- ARITIUNOVA, N. D. (1976) **A lógica do significado.** Moscou. Nauka. (em russo)
- ARNAUD, J. (1986) **La comparaison dans les expressions idiomatiques du français. Littéraire, familial, populaire et argotique: équivalences allemandes.** Lebende Sprachen. No. 31 pp 165-172.
- BARANOV, A. N. & DOBROVOLSKI, D.O (1996) Idiomatidade e idioms. In: **Revista Problemas da Lingüística.** No. 5. Moscou. (em russo)
- BARBOSA, M. A (1990) Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: **Anais do II Simpósio Latino-americano de Terminologia e I Encontro Brasileiro de Terminologia Científico-técnica.** Brasília: IBICT.
- _____. (1990) Da função semiótica, das funções metassemióticas e suas aplicações à elaboração da macro e microestrutura e do processo de remissivas da obra lexicográfica. In: **Estudos Lingüísticos XIX. Anais de Seminários GEL.** Bauru: GEL/FAAC-UNESP.
- _____. (1992) O percurso gerativo da enunciação, a relação de equivalência lexical e o ensino do léxico. In: **Anais do Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos,** 39. Franca Jaú. Vol. 21 No.21. pp.258-265.

- _____. (1995) Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. In: **Revista Brasileira de lingüística**. Vol. 8 No. 1 SP: Editora Plêiade Ltda.
- _____. (1981) **Léxico, produção e criatividade. Processos do neologismo**. SP: Global editora.
- _____. (1996) Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: **Revista do CITRAT**. SP: FFLCH/USP.
- _____. (1996) Conceituar e definir: Percursos lexicográficos-terminológicos. In: **Anais de Seminários do GEL XXV**. Taubaté, SP.
- _____. (1998) Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações. In: **Acta Semiótica et Lingüística** Vol. 7. SP: Editora Plêiade.
- BARBOSA LIMA, S. (1977) **A Língua Portuguesa e a unidade do Brasil**. RJ: INL.
- BASÍLIO, M (1980) **Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa**. Petrópolis: Vozes.
- BAXTER, A N. (1992) A Contribuição das comunidades afro-brasileiras isoladas para o debate sobre a crioulação prévia: um exemplo do Estado da Bahia. In: ANDRADE, E & KIHM, A (org.). **Actas do Colóquio sobre "Crioulos de Base Lexical Portuguesa"**. Lisboa: Colibri, 7-35.
- BEJOINT, H; THOIRON, Ph. (1992) Macrostructure et microstructure dans un dictionnaire de collocations en langue de spécialité. In: **Terminologie et traduction**, 2-3. Commission des Communautés européennes, 513-522.
- BELLO, A. (1987/1988) **Gramática de la Lengua Castellana destinada al uso de los americanos**. Madrid: Arco libros.
- BENSON, Morton. (1985) Collocations and idioms. In: ILSON, R. (ed.) **Dictionaries, lexicography and language learning**. Oxford: Pergamon Press and British Council, 61-68.
- BERBENA, Henk.(1996) Idiomaticity and terminology: a multi-dimensional descriptive model. In: **Studia Linguistica**, 50-2, 125-162.
- BERNARD, G. (1974) Les locutions verbales françaises. In: **La Linguistique**, 10: 2, pp5-17.
- BEVILACQUA, C. (1993) Tipologia e dicionário. In: **Cadernos do Instituto de Letras da UFRS**. (Porto Alegre), No. 10 pp17-22.

- _____(1995) Da fraseologia In: **Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL**. Ling. Vol. 2. Paraíba, 1995.
- BIDERMAN, M. T. (1993) A definição lexicográfica. In: **Terminologia. Projeto Termisul. Cadernos do I.L.** RGS: UFRS: No. 10. Pp. 23-43.
- _____(1993) A nomenclatura de um dicionário de língua. In: **Anais do Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos, 41**. Ribeirão Preto: SP: Vol. 1 No.23 pp. 26-42.
- BLAIS, E. (1993) La phraséologie. Une hypothèse de travail. In: **Terminologies Nouvelles**, 10, Belgica: RINT, p 50-56.
- BLAMPAIM, D. (1993) Notions et phraséologie. Une nouvelle alliance?. In: **Terminologies Nouvelles**, 10, RINT, 43-49.
- BORBA, F. S. (1984) **Introdução aos estudos lingüísticos**. SP: Nacional, 8 edição.
- _____(1971) **Pequeno Vocabulário da Lingüística Moderna**. SP: Nacional
- _____(1990) Lexicografia e descrição da língua. In: **Anais do V Encontro Nacional da ANPOLL**. Porto Alegre. Vol 2 pp 81-86.
- BOBROW, S. & BELL, S. (1973) On Catching on the Idiomatic Expressions. In: **Memory and Cognition**, 1.
- BOCQUET, C. (1992) Phraséologie et traduction dans les langues de spécialité. In : **Terminologie et traduction**, 2-3. Commission des Communautés européennes, 271-284.
- BOSI, A (1992) **A cultura brasileira**. Temas e situações. São Paulo: Ática. 2da edição.
- _____(1996) **Dialética da civilização**. São Paulo: Companhia das Letras. 3ra edição.
- _____(1986) **Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias**. Petrópolis: Vozes.
- BOSQUE, I (1982) Mas allá de la lexicalización. In: **Boletín de la Real Academia Española**, 62, pp. 103-158.
- _____(1982) Sobre la teoría de la definición. In: **Verba**, 9, pp105-123.

- BOUCHÉ, R (1989) Le syntagme nominal, une nouvelle approche des bases de données textuelles. In: **Meta**, 34-3, 428-434.
- BOULANGER, J.C. (1989) La place du syntagme dans le dictionnaire de langue. In: **Meta**, 34-3, 516-528.
- _____ (1989) Le statut du syntagme dans les dictionnaires généraux monolingues. In: **Meta**, 34-3, 360-369.
- BOUKENA, H. (1996) Idiomaticity and terminology: a multidimensional descriptive model. In: **Studia Lingüística 50-2**. pp125-162.
- BROWN, H. D. (1994) **Principles of Language learning and teaching**. New Jersey: Prentice Hall.
- _____ (1993) Contrastive analysis, interlanguage and error analysis. In: **Principles of language learning and teaching**. Englewood Cliff, N.J: Prentice Hall.
- BUDIN, G. (1990). Terminological analysis of LSP phraseology. In: **Terminology science & research**, vol.1, n. 1-2, Viena, ITTF, 64-69.
- BUDIN, G; GALINSKI, C. (1992) Übersetzungsorientierte Phraseologieverwaltung in terminologiedatenbanken. In: **Terminologie et traduction**, 2-3. Commission des Communautés européennes, 565-574.
- BUITRAGO JIMENEZ, A (1997) **Diccionario de dichos y frases hechas**. Madrid: Espasa-Calpe ediciones.
- BÜLHER, H. (1992) Of terms and texts. HERBERT, E. Retrouver le cliché en langue d'arrivée, ou du bon usage du cliché. In: **Terminologie et traduction 2/3**. Commission des Communautés Européennes, 423-430.
- CABALLERO DIAZ, L. (1989) Introducción teórica al estudio semántico e ideográfico de la valoración en el español de Cuba. In: **Dos aproximaciones al español en Cuba**. La Habana: ENPES.
- _____ (1991) **Diccionario ideográfico y semántico. Bondad**. La Habana: ENPES.
- _____ (1990) Semántica e ideografía del español de Cuba: ensayo sobre la semántica de "bueno". In: **Revista Cubana de Ciencias Sociales**. V. 27. La Habana: pp 57-69.
- CABALLERO, F. (1947) **Diccionario de modismos de la lengua castellana**. Buenos Aires.

- CABRAL, T. (1972) **Dicionário de termos e expressões populares**. Fortaleza, Ceará.
- CABRÉ, M.T. (1994). Terminologie et dictionnaires. In: **Meta**, 39/4, 589-597.
- _____. (1993) **La Terminología. Teoría, metodología, aplicaciones**. Madrid: Editorial Antártida/Empúries.
- _____. (1998) Elementos para una teoría de la terminología: hacia un paradigma alternativo. In: **Revista El Lenguara**. Buenos Aires.
- CABRÉ, M.T.; ESTOPÀ, R.; LORENTE, M. (1996) **Terminología y fraseología**. V Simposio de Terminología Iberoamericana, Ciudad de México, 3-8 de noviembre de 1996, 21p.
- CALDAS, A. (1958) **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. RJ: Editora Delta S.A.
- CÂMARA CASCUDO, L (1977) **Locuções tradicionais no Brasil**. RJ: 2da. Ed. FUNARTE.
- CAMARGO, S. & STEINBERG, M. (1987) **Dicionário de expressões idiomáticas metafóricas inglês/português, português/inglês**. SP: Mc Graw-Hill.
- CANFIELD, D. L. (1975) Functional constraints on deletion of word final /s/ in Cuban Spanish. In: **Berkeley Linguistics Society**, I.
- CANO, R (1981) **Estructuras sintácticas en el español actual**. Madrid: Gredos.
- CARBONELL BASSET, D. (1995) **Diccionario fraseológico inglés/castellano; castellano/inglés**. Barcelona: Ediciones del Serbal.
- CARDENAS MOLINA, G. (1996/1997) El componente cultural-nacional en los complejos estables de palabras. In: **Anuario del Instituto de Literatura y Lingüística. No. 27/28**. La Habana: Editorial Ciencias Sociales.
- _____. (1988) La variabilidad en el español de Cuba. In: **Revista Santiago** No. 70. Universidad de Santiago de Cuba.
- CARDENAS, MOLINA, G. & PÉREZ GONZÁLEZ, G. (1996/1997) Algunas hipérboles en el habla coloquial cubana. In: **Anuario del Instituto de Literatura y Lingüística. No. 27/28**. La Habana: Editorial Ciencias Sociales.

-
- (1973) Metáforas en el habla popular de Cuba. In: **Anuario del Instituto de Literatura y Lingüística de Cuba**. No. 3/4 pp. 40-67.
- CARNEADO MORÉ, Z. (1985) Notas sobre las variantes fraseológicas. In: **Anuario del Instituto de Literatura y Lingüística de Cuba**, n.16 pp. 269-277.
-
- (1985) **La fraseología cubana en los diccionarios cubanos**. La Habana: Editorial Ciencias Sociales.
-
- (1984) **Cualidades nominativas y comunicativo funcionales de los fraseologismos en el español de Cuba**. Tesis de Doctorado. Moscou.
-
- (1989) Tipología de las obras fraseográficas. In: **Anuario del Instituto de Lingüística y Literatura**. No. 20. La Habana: Editorial Ciencias Sociales.
-
- (1996) Acerca del contenido de la fraseología y criterios fundamentales sobre la fraseologicidad. In: **Anuario del Instituto de Literatura y Lingüística No.27/28**. La Habana: Editorial Ciencias Sociales.
- CARNEADO MORÉ, Z. & TRISTÁ, A M. (1990) Notas acerca de la fraseología en la esfera de los procesos cognitivos. In: **Revista Cubana de Ciencias Sociales. No 24**. La Habana: Editorial Academia. Año VIII septiembre/diciembre.
- CARNEADO MORÉ, Z. & TRISTA, A M. & PÉREZ, G. (1986) Elementos somáticos en las unidades fraseológicas. In: **Anuario del Instituto de Literatura y Lingüística. No 17**. La Habana: Editorial Ciencias Sociales.
- CARNEADO, Z., TRISTÁ, A & CARDENAS, G. (1990) La notación lexicográfica y los diccionarios cubanos. In: **Anuario do Instituto de Literatura y Lingüística**. No. 21. La Habana: Editorial Ciencias Sociales.
- CARNEIRO DA SILVA, E. (1975) **Dicionário de locuções da língua portuguesa**. RJ: Edições BLOCH.
- CARNEIRO, R. (1978) Dos idiomatismos, brasileirismos, provincianismos. In: EDITH PIMENTEL PINTO **O Português do Brasil. Textos críticos e teóricos**. SP: EDUSP.
- CARVALHO, N. (1995) Cultura, léxico e publicidade. In: **Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL. Área Lingüística. Vol. 2** Paraíba: João Pessoa.

- CASARES, J. (1975) ***Diccionario ideológico de la lengua española***. Barcelona: G. Gili.
- CASTRO, Y. P (1980) ***Os falares africanos na interação social do Brasil colônia. I***. Salvador: UFBA.
- CATFORD, J.C. (1968) ***Contrastive Analysis and Language Teaching***. London: Alatis, J (eds.).
- CAVALCANTI, M. & MOITA LOPES, L. P. (1991) Implementação de pesquisa na sala de aula de línguas no contexto brasileiro. In: ***Revista Trabalhos em Lingüística Aplicada***.n.17 pp. 133-144
- CHAFE, W. L.(1971) ***Meaning and the structure of language***. Chicago, London: The University of Chicago Press.
- CHANSKI, N. & BYSTROVA, H. (1976) ***700 tournures phraséologiques de la langue russe***. Moscou: Editions la langue russe.
- CHAVES DE MELO, G. (1975) ***A língua do Brasil***. RJ: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- CHERDANTSEVA, T. Z. (1988) ***A metáfora e o símbolo nas unidades fraseológicas***. Moscou: Nauka. (em russo)
- _____(1996) A idiomática e a cultura. In: ***Revista Problemas da Lingüística***. No.1. Moscou: Nauka. (em russo)
- _____(1990) ***A pragmática e a semântica dos idiomatismos***. Moscou: Nauka. (em russo)
- CHOMSKY, N. (1981) ***Regras e representações***. (trad. M. W. Averbug et al.). RJ: Zahar Editores.
- _____(1965) ***Aspects of the theory of syntax***. Cambridge: The M.T.T. Press.
- _____(1968) ***Language and mind***. New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- COLIN RODEA, M (1990). ***Você não é brasileiro? Um estudo dos planos pragmáticos na relação português/espanhol***. Dissertação de Mestrado.
- COLLINS, D. E. & GOMES, L. L.(1980) ***Dicionário de Gíria Americana Contemporânea***. SP: Livraria Pioneira Editora. 2a. edição.
- _____(1993) ***Dicionário de expressões idiomáticas americanas***. 9.ed. SP: Livraria Pioneira.

- COLSON, J.P. (1993) Ebauche d'une didactique des expressions idiomatiques en langue étrangère. In: **Terminologie et traduction. n.2-3**. Luxembourg pp. 165-179.
- CONCA, M (1987) **Paremiologia**. Valencia: Universitat de Valencia.
- CORDER, S. P. (1973) Linguistic theory and Applied Linguistics. In: **Corder, S. P. & Roulet, E.** (eds.).
- _____ (1974) The Elicitation of Interlanguage. In: **NICKEL, G** eds.
- CORPAS PASTOR, G. (1998) Expressões fraseológicas e colocações: classificação. In: **Actas do I Colóquio galego de fraseologia**. Santiago: Xunta de Galicia.
- CORPAS, G. (1997) **Manual de fraseologia española**. Madrid: Gredos.
- CORREAS, G. (1992) **Vocabulario de refranes y frases proverbiales**. Madrid: Visor Libros.
- COSERIU, E. (1956) **La creación metafórica en el lenguaje**. Montevideo: Edición del Departamento de Lingüística de la Universidad de la República. Facultad de Humanidades y Ciencias.
- _____ (1979) Sistema, norma e fala. In: **Teoria da Linguagem e Lingüística Geral: cinco estudos**. RJ/SP: Presença, EDUSP.
- _____ (1973) **Cinco estudios**. 3ª edición. Madrid: Editorial Gredos.
- COWIE, A.P; HOWARTH, P. (1996) Phraseology a select bibliography. In: **Lexicography**, 9-1.
- COWIE, A et. al. (1993) **Dictionary of English Idioms**. Advanced Oxford: Oxford University Press.
- CUTLER, A (1982) Idioms: The Colder The Older. In: **Linguistic Inquiry, 13, 2**.
- DANLOS, L. (1988) Les expressions figées construites avec le verbe être Prep. In: **Langages**, No. 90, pp. 23-38.
- DANTE MOREIRA, L. (1969) **O caráter brasileiro**. SP: Livraria Pioneira.
- DA MATTA, R. (1991) **O que faz o brasil, Brasil?** RJ: Rocco.
- DE ALMEIDA, V. (1989) **Pequeno dicionário de gíria entre delinqüentes**. RJ: Editora Pongetti.

- DE AZEVEDO, F. (1963) **A cultura brasileira**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- DE GRANDA, G. (1980) **Estudios lingüísticos hispánicos, afrohispanicos y criollos**. Madrid: Gredos.
- DE HERNANDEZ E. R. (1991) **Diccionario de modismos del lenguaje coloquial español/alemán**. Madrid: Editorial Paraninfo.
- DE MOURA NEVES, M.H. (1999) A prática lexicográfica: onde a ciência e arte se encontram. In: **Revista Alfa**. Vol. 40. SP: Editora UNESP, pp.124-135.
- DEL ROSAL, F (1975) **La razón de algunos refranes**. London: Tamesis Books Limited.
- DEPESTRE CATONY, L. (1985) **Consideraciones acerca del vocabulario cubano**. La Habana: Editorial Ciencias Sociales.
- DESMET, I. (1994) Propositions pour la recherche en phraséologie contrastive. In: **La banque de mots, Revue de terminologie française**. Quebec, Conseil de la langue française 6 (numéro spécial), 41-59.
- _____(1991) Terminologia e fraseologia: tendências atuais. In: **Terminologias**, abril-dez, 3-4. Lisboa: Associação Portuguesa de Terminologia. p. 10-31.
- DIAS L. F. (1996) Os sentidos do Idioma Nacional. As bases enunciativas do Nacionalismo Lingüístico no Brasil. In: **Sínteses. Teses**. Campinas: Editora da UNICAMP. p.75.
- DIETER PAUFLER H. (1987) Algunas observaciones acerca del nivel da las investigaciones relativas al desarrollo de la lengua española en Cuba. In: **Revista Santiago** No. 67. Universidad de Santiago de Cuba.
- DOBOVIN, M. N. & MELLO, M.J. (1986) **Locuções russas por imagens**. Moscou: Ruski Yazik.
- DOBOVOLSKI, D. O (1996) A composição metafórica na semântica dos idiomatismos. In: **Revista Problemas da Lingüística** No. 1. Moscou: Editora Nauka. (em russo)
- DO COUTO, H. H. (1986) **O que é português brasileiro**. São Paulo: Editora Brasiliense.
- DOMINGUEZ GONZÁLEZ, P. & MORERA PÉREZ, M.(1988) **El Español idiomático. Frases y modismos**. Barcelona: Editorial Ariel S.A..

- DOVAL, G. (1995) ***Del hecho al dicho. Análisis del origen o sentido de las frases hechas, dichos, modismos, locuciones, frases célebres y expresiones proverbiales de la lengua castellana.*** Madrid: Ediciones del Prado.
- DOVROVOL'SKIJ, D. (1992). Phraseological universals: theoretical and applied aspects. In: KEFER, M; AUWERA J. (eds.) ***Meaning and grammar: cross-linguistic perspectives.*** Berlin: Mouton de Gruiter, 279-301.
- _____ (1990) ***Tipologia dos idiomatismos.*** Moscou: Nauka.
- DUARTE, M.E. L. (1991) A perda do ordem V(erbo) S (ujeito) em interrogativas no português do Brasil. In: ***D.E.L.T.A.*** No. 8. Especial.
- DUARTE MARQUES. M. H. (1990) ***Iniciação à Semântica.*** RJ: Jorge Zahar Editor.
- DUSCOVÁ, L. (1969) On Sources of Errors Foreign Language Learning. In: ***IRAL***, Vol. VII, No. 1.
- EBNETER, T. (1982) ***Lingüística Aplicada.*** Madrid: Gredos.
- ELIA, S. (1979) ***A unidade lingüística do Brasil.*** RJ: Editora Padrão.
- ELLIS, R (1990) ***Instructed Second Language Acquisition- Learning in the classroom.*** London: Basil Blackwell.
- FEIJÓO HOYOS, LORENZO, B (1992) ***Diccionario de falsos amigos del español y del portugués.*** SP: Editora Página Abierta.
- FEIJÓO S. (1981) ***Del piropo al dicharacho.*** La Habana: Editorial Letras Cubanas.
- FERNANDO, C & FLAVELL, R. (1981) On idiom: critical views and perspectives. In: ***Exeter Linguistic studies***, 5ta ed. R HARTMANN Exeter. University of Exeter.
- FERREIRA, A B. H. (1986) ***Novo Dicionário de Língua Portuguesa.*** 2da. edição. RJ: Nova Fronteira.
- FILLMORE, CH. (1977) Scenes-and- frames semantics. In: ***A ZAMPOLLI(eds.) Linguistics Structures Processing.*** Amsterdam: North Holland. Pp. 55-81.
- _____ (1985) Frames and the semantics of understanding. In: ***Quaderni di Semantica VI-2*** pp. 222-254.

- _____(1992) Toward a frame-based lexicon: the semantics of RISK and its neighbors. In: **A LEHRER & KITTAY** (eds.) **Frames, Fields and Contrasts. New Essays in Semantic and Lexical Organization**. Hillsdale.: New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates. Pp. 75-102.
- FONTANELLA DE WEINBERG, M.B. (1993) Historia del Español de América. In: **Atas do IX Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina. (ALFAL)**. Vol. II. Campinas: Editora Campinas. p 203.
- FONTÃO DE PATROCÍNIO, E (1993) **Repensando o conceito de competência comunicativa no "aquecimento" da aula de português/língua estrangeira: uma perspectiva estratégica**. Dissertação de Mestrado. Campinas.
- _____(1991) Os bastidores do Processo de Ensino/Aprendizagem: Uma análise de abordagem de ensino em sala de aula. In: **Letras**. Universidade Federal de Santa Maria. Vol. 10. No. 1 e 2 pp 153-164.
- FRASER, B. (1974) **The Verb-Particle Combination in English**. Tokyo: Taishukan.
- FREITAS, M. A (1996) **Uma análise das primeiras análises de abordagem de ensino do professor de língua estrangeira**. Dissertação de Mestrado IEL/UNICAMP.
- GAK, V.G. (1970) La langue et le discours dans un dictionnaire bilingüe. In: **Langages**, 19.pp. 103-115.
- _____(1988) A fraseologia e a Cultura. In: **Revista Lexicografia Soviética**. Moscou: Nauka. (em russo)
- GALINSKI, C. (1990) Terminology and phraseology. In: **Terminology science & research**, 1/1-2, ITTF Journal, 70-86.
- GAMBIER, Y. (1992) Phraséologie et terminologie en traduction et interprétation. In: **Multilingua**, 11-3, 325-329.
- GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, M. (1989) Sobre los procesos de deslexicalización en las expresiones fijas. In: **Revista Español Actual**, 52. ICI, 59-79.
- _____(1990) Sobre implicaciones lingüísticas. Solidaridad léxica y expresión fija. In: **Estudios Humanísticos. Filología**, 12, pp.215-227.

- _____(1991) Locuciones adverbiales con palabras idiomáticas. In: **Revista Española de Lingüística**, 21: 2, pp. 233-264.
- _____(1995) Sobre las variantes fraseológicas en español. In: **Revista del Centro de Estudios Humanísticos (e.p.)**.
- _____(1995) Problemas en el empleo de la fraseología española por hablantes extranjeros: la violación de restricciones. In: **Actas del VI Congreso Internacional de ASELE**. León.
- _____(1998) Expresión fija y sinonimia. In: **WOTJAK G. (ed) Estudios de fraseología y fraseografía del español actual**. Frankfurt: Vervuert.
- GARRIDO DOMÍNGUEZ, A (1992) **Los Orígenes del Español de América**. Madrid: MAPFRE.
- _____(1992) La base del español de América y su realidad actual. In: **Anuario Brasileño de estudios hispánicos**. Vol. II.
- GECKELER, H. (1997) **Diachronic Prototype Semantics. A contricution to Historical Lexicology**. Oxford: Oxford University Press.
- GEERAERTS, D. (1995) Looking back at anger: Cultural traditions and metaphorical patterns. In: **Taylor & Maclaury** (eds.) pp. 153-179.
- GHALI, D. D. (1993) Questions de prhaséologie. In: **Terminogramme**, 69, 14.
- GIBBS, R. (1985) On the Process of Understanding Idioms. In: **Journal of Psycholinguistic Research**, 14.
- _____(1985) **Syntactic frozenness in processing and remembering idioms**. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____(1986) Skating on Thin Ice: Literal Meaning and Understanding Idioms in Conversation. In: **Discourse Processes**, 9.
- GIBBS, R. et al. (1989) How to Kick the Bucket and Not Decompose: Analyzability and Idiom Processing. In: **Journal of Memory and Language**, 28, 5 de October.
- _____(1989) Speaker's Assumptions about the Lexical Flexibility of Idioms. In: **Memory and Cognition**, 17. 1 de Janeiro.
- _____(1989) Psycholinguistic Studies on the Syntactic Behavior of Idioms. In: **Cognitive Psychology**, 21. 1 de Janeiro.

- _____. (1996) What's cognitive about cognitive linguistics?. In: **Casad** (eds.) pp. 27-53.
- GIBBS, R & GONZALES, G. (1985) Syntactic Frozenness in Processing and Remembering Idioms. In: **Cognition**, 20.
- GIL, BÜRMANN, M. & PALOMA, LEON, A (1998) El componente cultural en los manuales de español/lengua extranjera: análisis de materiales. In: **Revista REALE**, No 9-10. Pp. 87-105.
- GLADSTONE, CH. M. (1975) **A língua do Brasil**. RJ: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- GLÄSER, R. (1994/95) Relations between Phraseology an Terminology with Special Reference to English. In: **Alfa. Actes de langue française et de linguistique**, vol. 7/8. Nova Scotia, Canada, Universitat Dalhousiana, Halifax, 41-59.
- _____. (1988) **Phraseologie der englischen Sprache**. Leipzig.
- GLEDHILL, C. (1995) **Scientific innovation and the phraseology of rhetoric: posture, reformulation and collocation in cancer research articles**. Dissertation Abstracts International, 57: 4, 1996.
- GOFFIN, R (1992) Du système au phraséologème en terminologie différentielle. In: **Terminologie et traduction** 2/3. Commission des Communautés Européenes, 431-438.
- GOMES. L.L. & COLLINS, D. E. (1993) **Dicionário de expressões idiomáticas americanas**. SP: Livraria Pioneira. 9na. Edição.
- _____. (1990) **Dicionário de gíria americana contemporânea**. SP: Editora Pioneira. 4ta edição.
- GONZÁLEZ GUTIERREZ, O (1971) **Diccionario de expresiones idiomáticas y modismos ingleses**. Buenos Aires: EUDEBA.3ra ed. Editorial Universitaria de Buenos Aires.
- GOUADEC, D. (1994) Nature et traitement des entités phraséologiques. In: **Terminologie et phraséologie. Acteurs et aménageurs. Actes du deuxième Université d'Automne en Terminologie**. Paris: La Maison du Dictionnaire, p. 164-193.
- _____. (1993) Extraction, description, gestion et exploitation des entités phraséologiques. In: **Terminologies Nouvelles**, 10, RINT, 83-91.

- _____(1992) Terminologie et phraséologie: principes et schémas de traitement. In: **Terminologie et traduction** 2/3. Commission des Communautés Européennes, 549-564.
- GRANDA, G. (1986) **Estudios lingüísticos, hispánicos, afrohispanicos y criollos**. Madrid: Editora Gredos.
- GRÉCIANO, G. (1997) Collocations rythmologiques. In: **Meta**, 42-1, 32-44
- _____(1993) Vers une modélisation phraséologique: acquis et projets d'EUROPHRAS. In: **Terminologies Nouvelles**, 10, RINT, 16-22.
- _____(1992) Priorités phraséographiques pour l'allemand et le français. In: **Terminologie et traduction** 2/3. Commission des Communautés Européennes, 345-358.
- GREIMAS, A. J. (1975) Os provérbios e os ditados. In: **Sobre o sentido. Ensaios semióticos**. Petrópolis: Vozes. Pp. 288-295.
- _____(1960) Idiotismes, proverbes, dictons. In: **Cahiers de lexicologie**. No. 2 pp.41-61.
- GROSS, G; VIVES, R. (1986) Les constructions nominales et l'elaboration d'un lexique-grammaire. In: **Langue française**, 69, 5-27.
- GROSS, M. (1982) Une classification des phrases figées du français. In: **Revue québécoise de linguistique**. Montreal. Vol. 2 No. 11. Pp. 151-185
- _____(1985) Sur les déterminantes dans les expressions figées. In: **Langages**, 79, . Paris: Larousse. 89-117.
- _____(1993) Les phrases figées en français. In: **L'Information grammaticale** 59, 36-41.
- _____(1986) Les nominalisations d'expressions figées. In: **Language Française**. No. 69. Pp. 64-84.
- GUANCHE, J. (1996) **Componentes étnicos de la nación cubana**. La Habana: Ediciones Unión.
- GUDIN, F. (1995) Les mots du droit et le droit au mot. In: **L'Actualité terminologique** 28-4, 19-25.
- GUIRAUD, P. (1961) Les locutions français. In: **Colection Que sais je?** No. 903. Paris: Puf.

- GUITART, J.M. (1980) Aspectos del consonatismo habanero: reexamen descriptivo. In: **Revista Dialectología Hispanoamericana. Estudios actuales**. Washington: Georgetown University Press, GARY E. SCAVNICKY Editor.
- GUTIÉRREZ, ORDOÑEZ, S. (1992) **Introducción a la semántica funcional**. Madrid: Editorial Síntesis.
- GURGEL SERRA, J.B. (1995) **Dicionário de gíria, modismo lingüístico. O equipamento falado do Brasil**. Brasília: 2da edição.
- HALLIDAY, M. A K., INTOCH, Mc & STREVENS, A (1974) **As ciências lingüísticas e o ensino de línguas**. Petrópolis: Vozes.
- HAMILTON, I. (1992) Phraseology in translation at the United Nations: some examples. In: **Terminologie et traduction** 2/3. Commission des Communautés Européenes, 245- 250.
- HAUGEN, E. (1956) **Bilingualism in the Americans**. Alabama: University of Alabama Press.
- HEID, U. (1992) Décrire las collocations: deux approches lexicographiques et leur application dans un outil informatisé. In: **Terminologie et traduction** 2/3. Commission des Communautés Européenes, 523-548.
- HEINZ, M. (1993) Les locutions figurées dans le Petit Robert. In: **Lexicographica**, 49. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 5-11.
- HERBERT, E. (1992) Retrouver le cliché en langue d'arrivée, ou du bon usage du cliché. In: **Terminologie et traduction** 2/3. Commission des Communautés Européenes, 367-374.
- HERBERT, E. (1995) Les locution figurées dans le Petir Robert. Description critique de leur traitements. In: **Cahiers de lexicologie**, 66, 95-101.
- HERNANDO CUADRADO, L.A (1990) Sobre las unidades fraseológicas en español. In: **Actas del Congreso de la Sociedad Española de Lingüistas. XX aniversario**. Tenerife, 2-6 de abril. Madrid: Gredos. Pp. 536-547.
- HERNÁNDEZ LEÓN, B.I. (1990) Las variantes verbales en el Diccionario cubano de fraseologismos. In: **Anuario do Instituto de Lingüística y Literatura**. No. 21. La Habana: Editorial Ciencias Sociales.
- HOFFMAN, J. (1991) **Avaliação- mito & desafio: uma perspectiva contructivista**. RGS: Editora Educação e realidade. UFRGS.

- HOUAISS, A. (1960) **Sugestões es para uma política da língua**. RJ: Instituto Nacional do Livro.
- HUMBLEY, J. (1993) Exploitation d'un vocabulaire combinatoire: syntaxe, phraséologie, analyse conceptuelle. In: **Terminologies Nouvelles**, 10, RINT, 95-102.
- HUNDT, C. (1994) Construções de verbo+substantivo: estrutura, semântica e posição dentro da fraseologia. In: **Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literatura**. Anexo VI. Porto.
- HUNDT, D.H. (1993) **Expressões idiomáticas: estáveis e variáveis** (eds.)
- HYMES, D. (1980) Modèles pour l'interaction du langage et de la vie sociale. In: **ELA** No 37
- ILARI, R. (1992) **A lingüística e o ensino de português/língua estrangeira**. SP: Martins Fontes 4ta. edição. Coleção Texto e Linguagem.
- IORDANSKAJA, I.; MEL'CUK. (1997) Le corps humain en russe et en français. Vers un dictionnaire explicatif et combinatoire bilingue In: **Cahiers de lexicologie**, 70-1, 103-125.
- ÍRSULA, J. (1992) Colocaciones sustantivo-verbo. In: **WOTJAK, G. Lexicographica. Series maior 47. Estudios de lexicología y metalexicología del español actual**. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 159-167.
- JENSEN, J. B. (1975) A Lingüística Contrastiva onde está hoje?. In: **Revista LITTERA**. No. 13. Ano V. janeiro/junho. RJ: Grifo edições.
- JOHNSON, M. (1987) **The Body in the Mind. The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason**. Chicago: Chicago University Press.
- _____. (1992) Philosophical implications of Cognitive Semantics. In: **Cognitive Linguistics** III-4. Pp. 345-366.
- JONES, S.; SINCLAIR, J. (1974) English lexical collocations: a study in computational linguistics. In: **Cahiers de lexicographie**, 24-1, 15-61.
- JORGE, G. (1992) Les expressions idiomatiques correspondantes: analyse comparative. In: **Terminologie et traduction**, 2/3, 127-134.
- JORGE, G. & JORGE S. (1997) **Dar à língua. Da comunicação às expressões idiomáticas**. Lisboa: Edições Cosmos.

- JURUENA DE MATTOS J.M. & BRETAUD, R. (1990) **Dicionário de idiomatismos francês-português/ português-francês**. RJ: Editora Marquês Saraiva.
- KANY, CH. E. (1969) **Sintaxis Hispanoamericana**. Madrid: Editorial Gredos.
- KATAMBA, F. Idioms and compounds: the interpretation of the lexicon, morphology and syntax. In: **BOURTON-ROBERTS, N. SPENCER, A.** (eds.) **Morphology**. Modern linguistics series. MacMillan, 291-329.
- KITTAY, E.F. (1989) **Metaphor its Cognitive Force and Linguistic Structure**. Oxford: Claredon Press.
- KJAER, A L. (1990) Context-conditioned word combinations in legal language. In: **Terminology science & research**, vol.1/1-2, Vienna, ITTF, 21-32.
- KJELIMER, G. (1990) **Theory and practice in corpus linguistics**. Amsterdam: Rodopi, 163-175. Patterns of Verlag, 178-187. collocability. In: AARTS, Jan; MEIJS, W. (Eds.).
- KLARE, Johannes. (1989) Le Statut des phraseolexemes dans le cadre d'une lexicologie et d'une lexicographie moderne. In: **KREMER, D. (ed.) Actes du XVIIIe Congres International de Linguistique et de Philologie Romanes**. Tübingen: Max Niemeyer.
- KNAK, G. (1980) **Polissemia e campo semântico**. Porto Alegre: Editora da URG
- KOJTEV, N.N. & ROZENTAL, D. E. (1986) **A fraseologia russa**. Moscou: Ruski Yasik. (em russo).
- KORNELIUS, J. (1995) From the printed dictionary to electronic. Dictionary of collocation. Theoretical, methodological and practical considerations. In: **Lexicographic** 11, 153-171.
- KOVÉCSES, Z. (1988) **The Language of Love: The Semantics of Passion in Conversational English**. London/ Toronto: Associated University Press.
- _____. (1986) Metaphor of anger, pride and love. In: **Pragmatics & Beyond**. Vol. 8. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company.
- KRAMSCH, C. (1998) The privilege of the intercultural speaker. Language Learning in intercultural Perspective- Approaches Through Drama and Ethnography. In: **Byran & Fleming (eds.)**. Cambridge: Cambridge university Press. Pp. 16-31.

- KUBARTH, H. (1998) Elaboración de um diccionario fraseológico del español hablado moderno. In: WOTJAK, G. (ed) **Estudios de fraseología y fraseografía del español actual**. Frankfurt Vervuert.
- KUNIN, A A (1972) **A fraseologia inglesa**. Moscou: Nauka. (em russo)
- LABELLE, J. (1988) Lexiques-grammaires comparés: formes verbales figées en français du Quebec. In: **Langages**, 90.
- LAINÉ, C., PAVEL, S., BOILEAU, M. (1992) La phraséologie - nouvelle dimension de la recherche terminologique. Travaux du module canadien du RINT. In: **L'Actualité terminologique**, 25/3, 5-9.
- LAKOFF, G. (1987) **Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal About The Mind**. Chicago: Chicago University Press.
- _____. (1993) The Contemporary Theory of Metaphor. In: **ORTONY, A. Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press. Pp. 202-215.
- _____. (1985) A metáfora: As Teorias Populares e as possibilidades do Diálogo. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. SP.
- _____. (1990) The Invariance Hypothesis: is Abstract Reason Based on Image-Schemas? In: **Cognitive Linguistics**, 1-1. (p. 39-74).
- _____. (1986) The Meaning of Literal. In: **Metaphor and Symbolic Activity**, 1 (4). (p. 291-296).
- _____. (1986) A figure of thought. In: **Metaphor and symbolic activity**. V.1, No. 3. Pp. 215-225.
- LAKOFF, G & JOHNSON, M. (1991) **Metáforas de la vida cotidiana**. Madrid: Cátedra.
- LAMB, S., M. (1993) Idioms, lexemes and syntax. In: CROCHETIERE, A; BOULANGER, J-C. et all. **Actes du XVe Congres International des Linguistes**. Québec, Université Laval, 347-450.
- LAPESA, R. (1997) **Historia de la Lengua Española**. Madrid: Editorial Gredos.
- LARA, L.F. et. al. (1979) **Investigaciones lingüísticas en Lexicografía**. México: El Colegio de México.
- LAROUSSE (ed.) (1998) **Diccionario de frases hechas de la lengua española (más de 3.500 locuciones)**. Barcelona: Larousse Editorial S. A.

- LEBLANC, J. (1992) Phraséologie et marques de fabrique. In: **Terminologie et traduction 2/3**. Commission des Communautés Européennes, 211-218.
- LEMLE, M. (1984) **Análise Sintática**. SP: Editora Ática.
- LEÓN, V. (1992) **Diccionario de argot español**. Madrid: Alianza Editorial.
- LEVY, S. (1987) Some Views on Metaphor: from Classical Rhetoric to Robbe-Grillet. In: **The Linguist**. V. 26. No 2. Pp. 66-68.
- L'HOMME, M. C. (1997) Méthode d'accès informatisé aux combinaisons lexicales en langue technique. In: **Meta**, 42-1, 15-23.
- _____. (1992) Les unités phraséologiques verbales et leur représentation en terminographie. In: **Terminologie et traduction 2/3**. Commission des Communautés Européennes, 493-503.
- _____. (1991) Constitution de bases de données textuelles: une définition des unités lexicales complexes. In: **Le langage et l'Homme**, 26-1, 33-45.
- LIMA ARAGÃO, M. C. (1988) **Expressões fixas de base verbal. Um fenômeno lexical**. Dissertação de Mestrado defendida na PUC RJ.
- LIPÁTOVA, O. I. (1987) **Acerca de algunas particularidades de la lengua española en Cuba**. Santiago de Cuba: Editorial de la Universidad de Santiago.
- LIPSHITZ, E. (1981) La nature sémanto-structurelle des phraséologismes analytiques verbaux. In: **Cahiers de lexicologie**, 38-1, 35-44.
- LISBOA DE OLIVEIRA, A. (1986) **O livro Didático**. RJ: Tempo Brasileiro. 3ra edição.
- LLEAL, C. (1990) **La formación de las lenguas romances peninsulares**. Barcelona: Editorial Barcanova.
- LOBO, T. (1994) Variantes nacionais do Português: sobre a questão da definição do Português do Brasil. In: **Revista Internacional de Língua Portuguesa**. No. 12. Lisboa, dezembro.
- LODOVICI, F. M. (1989) **Elementos constitutivos dos idiomatismos no português do Brasil**. Dissertação de Mestrado defendida na PUC de SP.
- LOPE BLANCH, J.M. (1977) El habla culta de la Habana. Análisis fonológico preliminar. In: **Estudios sobre el español hablado en las principales ciudades de América**. México, DF: UNAM.

- _____. (1980) Perspectivas de la investigación lingüística en Hispanoamérica. In: **Memorias do Instituto de Investigações filológicas**. México: UNAM.
- _____. (1993) El Proyecto de estudio histórico del español de América. In: **Atas do IX Congresso Nacional da ALFAL**. Vol II. Campinas: Editora UNICAMP. pp. 213.
- LÓPEZ MORALES, H. (1977) Tres calas léxicas en el español de la Habana (indigenismos, afronegrismos, anglicismos) In: **Estudios sobre el español hablado en las principales ciudades de América**. México: UNAM.
- LÓPEZ VALDÉS R.L. (1985) **Componentes africanos en el etnos cubano. Etnología**. La Habana: Editora Ciencias Sociales.
- LORENCINI, M. (1993) Da tradução. In: **Cadernos do IL. RGS**: No. 10 UFRGS
- LORENTE, M. (1996) **Terme i fraseologia**. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra. IULA.
- LUFT, C. P. (1985) **Língua & Liberdade**. Porto Alegre: Globo.
- _____. (1982) **Linguagem e Lingüística. Uma introdução**. RJ: Zahar Editores.
- MABUCHI, M. N. (1997) Humor e ironia no material didático para o ensino de português/língua estrangeira. In: **Cadernos do Centro de línguas**. No.1. SP: Humanitas.
- MACHADO, J. P. (1996) **Estrangeirismos na língua portuguesa**. Lisboa: Editora Notícias.
- MAGALHÃES JÚNIOR, R (1974) **Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos**. RJ: Editora Documentário. 3ra. Edição.
- _____. (1982) **Dicionário de provérbios, locuções, curiosidades verbais, frases feitas, etimologias pitorescas, citações**. RJ: Editora Tecnoprint Ltda.
- MALARET, A. (1925) **Diccionario de americanismos**. San Juan. (3ra de. Buenos Aires) .
- MARCUSCHI, L. A (1993) **O tratamento da oralidade no ensino de línguas**. Recife.
- _____. (1986) **Análise da conversação**. SP: Editora Ática.

- MARTINEZ MARIN, J. (1990) Las expresiones fijas del español y la relación de antonimia. In: **Actas del Congreso de Sociedad de Lingüistas. XX aniversario**. Tenerife 2-6 de abril. Madrid: Gredos. 622-629.
- _____ (1996) **Estudios de fraseología española**. Málaga: Agora.
- MATTOS E SILVA, R. V. (1994) A sócio-história do Brasil e a heterogeneidade do português brasileiro: algumas reflexões. In: **ABRALIN, Boletim da Associação Brasileira de Lingüística** No. 17.
- MEGENNEY, W. M. (1985) La influencia criollo-portuguesa en el español caribeño. In: **Anuario de Lingüística Hispánica**. Vol. 1. Valladolid: Universidad de Valladolid. Pp. 157-180.
- MELO, G. C. (1946) **A língua do Brasil**. RJ: Padrão
- MENACERE, M. (1992) Arabic Metaphor and Idiom in Translation. In: **Meta** Vol. XXXVII, No. 3. p. 567-572.
- MENDES CAMPOS, A (1980) **Dicionário francês/português de locuções**. SP: Ática
- MENDOÇA DE LIMA, L. (1997) La traducción de los modismos en la enseñanza de español/lengua extranjera. In: **Anuario Brasileño de Estudios hispánicos VII**. Brasilia. Edición de la Embajada de España en Brasil.
- MENEGHETTI, A (1993). **Campo semântico**. Porto Alegre: RS: ABO.
- MEUNIER-CRESPO, M. (1997) Les locutions nominales dans les dictionnaires de spécialités. In: **Meta**, 42-1, 68-71.
- MEYER, I; MACKINTOSH, K. (1996) Refining the terminographer's concept-analysis methods: How can phraseology help? In: **Terminology** 3:1, 1-26.
- MOESCHLER, J. (1992) Idiomes et locutions verbales: à propos de quelques bizarreries syntaxiques et mystères sémantiques. In: **Terminologie et traduction**, 2/3, 135-147.
- MOTEIRO, C. (1931) **Português da Europa e Português da América. Aspectos da evolução do nosso idioma**. RJ: Livraria J. Leite.
- MORENO DE ALBA, J.G. (1988) **El Español de América**. México: Fondo de Cultura Económica.

- _____. (1992) *Diferencias léxicas entre España y América*. Madrid: MAPFRE.
- MORGAN, J.R. (1997) *1800 expressões idiomáticas português/inglês*. SP: 4ta ed.
- _____. (1997) *Expressões idiomáticas espanhol/português*. SP: Editora. Morgan
- MORÍNIGO, M. A. (1996) *Diccionario del español de América*. Madrid: Ed. Anaya & Muchnik.
- MORWAY, K. (1997) *Problemas de fraseología catalana – fraseologismos y frasemoides*. Budapest: Universidad Eötvös Loránd
- MUELLER, R. A & GIBBS, R. (1987) Processing Idioms with Multiple Meanings. In: *Journal of Psycholinguistic Research*, 16, 1.
- MUSSA, A.B, N. (1991) *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*. RJ: Dissertação de Mestrado. UFRJ.
- NAKAYAMA, H. (1993) Estabelecimento de equivalência terminológica entre duas línguas. In: *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Goiânia.
- NAKOS, D. (1989) Étude comparée des modes de formation des lexies complexes dans deux domaines différents. In: *Meta*, 34-3, 352-359.
- NASCENTES, A (1986) *Tesouro da Fraseologia Brasileira*. RJ: Freitas Bastos.
- NATTINGER, J. R. & CARRICO, J.C. (1992) *Lexical phrases and Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press.
- NAZARÉ DE CARVALHO, M. (1994) Processos de formação de novas palavras. In: *Manual de Morfologia do Português*. Campinas: Pontes Editora.
- NEWMAYER, F. J. (1974) The Regularity of Idiom Behavior. In: *Língua*, 34:4 pp326-342.
- NEUHAUS, J-P. (1992) Phraséologie dans l'entreprise: marotte de quelques linguistes ou pain quotidien du traducteur?. In: *Terminologie et traduction* 2/3. Commission des Communautés Européenes, 237-246.
- NEUMARK, L. & REIBEL, D.(1968) Necessity and Sufficiency in Language Learning. In: *IRAL*, 6, 2 pp.145-164.
- NOBRE, E. (1986) *Dicionário de Calão*. Lisboa: Publicações Don Quixote.

- NOGUEIRA SANTOS, A (1997) **Novos Dicionários de expressões idiomáticas**. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 2da ed.
- ORLANDI, E. (1988) **Política lingüística na América Latina**. Campinas: Pontes.
- ORTÍZ, F. (1975) **Los negros esclavos**. La Habana. Editorial Ciencias Sociales.
- _____(1985) **Nuevo catauro de cubanismos**. La Habana: Editora Ciencias Sociales.
- ORTÍZ ALVAREZ, M.L.(1997) As expressões idiomáticas dentro da obra lexicográfica. In: **Revista brasileira de lingüística**. Vol. 9 No. 1. São Paulo: Editora Plêiade.
- _____(1998) Expressões idiomáticas: ensinar como palavras, ensinar como cultura. In: **Antologia sobre ensino de português a hispanofalantes Para acabar de vez com Tordesilhas**. Lisboa: Editora da APP (Associação de Professores de Português).
- _____(1998) O fenômeno da transferência na aprendizagem de expressões idiomáticas. In: de STAUBER CAPRARA, L & ZINI ANTUNES, L. (org.) **O italiano falado e escrito**. SP: Humanitas.
- ORTIZ, R. (1994) **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Editora Brasiliense. 5ta edição.
- ORTONY, A., REYNOLDS, R, ARTER, J. (1978) Metaphor: Theoretical and Empirical Research. In: **Psychological Bulletin**. Vol. 85, No.5 pp 919-943
- ORTONY, A, SHALLERT, R.E, REYNOLDS, R., and ANTOS, S. (1978) Interpreting Metaphors and Idioms: Some Effects of Context on Comprehension. In: **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**. No.17. Pp. 465-477.
- PAES, J. P. (1989) Metáfora e memória. In: **Jornal O Estado de São Paulo**. No. 476. Ano VII. p. 4.
- PAPPROTTE, W & DIRVEN, R (1985) **The Ubiquity of Metaphor (Current Issues in Linguistic Theory)**. Amsterdam: John Benjamin's Publishing Company vol. 29.
- PARC, F. (1993) La phraséologie en langue de spécialité. Méthodologie de consignation dans les vocabulaires terminologiques. In: **Terminologies Nouvelles**, 10, RINT, 67-82.

- _____(1992) **Bibliographie de la phraséologie**. (1905-1992). Canadá: Bureau de la Traduction & RINT (Réseau International de Néologie et Terminologie), 18p.
- _____(1992) **Guide de la recherche phraséologique en langue de spécialité**. Canadá, Bureau de la Traduction, 19 p.
- PARDO PROL, A (1995) **La fraseología en la lengua francesa, sus fuentes y su valor estilístico a través de la obra de Honoré de Balzac**. La Habana: Editorial Felix Varela.
- PEDERSEN, J. (1995) The identification and selection of collocation in technical dictionaries. In: **Lexicographica**, 11, 60-73.
- PELLY MEDINA, M.E. (1985) Acerca de los estudios sobre un criollo cubano. In: **Anuario del Instituto de Lingüística de Cuba**. n. 16. Pp. 326-333.
- PENADES, MARTINEZ, I. (1998) Materiales para la didáctica de las unidades fraseológicas: estado de la cuestión. In: **Revista REALE (Revista de Estudios de Adquisición de la Lengua Española)**. No. 9-10. Pp 125-145.
- PEREZ, G. & CÁRDENAS, G. (1973) Metáforas en el habla popular de Cuba. In: **Anuario del Instituto de Literatura y Lingüística de Cuba**. n. 3-4. pp. 40-67.
- PERL, M. (1988) **Rasgos poscriollos léxicos en el lenguaje coloquial cubano. Criollística comparada**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo
- _____(1990) Acerca de la morfosintaxis del habla bozal. In: **Papia I** pp. 4-14.
- PICHT, H. (1991) Fraseología LSP desde el punto de vista terminológico. In: **Sendebar**, 2, 1991, 91-105.
- _____(1990). A Study of LSP phraseological elements in Spanish technical texts. In: **Terminology science & research**, vol.1, n. 1-2, Vienna, ITTF, p. 49-58.
- PINTO, M. J. (1977) **Análise semântica de línguas naturais: caminhos e obstáculos**. RJ: Forense-universitária.
- PIRES DE OLIVEIRA, R. (1996) Aspectos de uma teoria da metáfora. In: **Anais de Seminários de GEL XXVI**. Taubaté. Pp. 691-696.
- PLIEGO SANCHEZ, I (1993) La traducción de la metáfora. In: **Essays on Translation**. No. 1. Pág. 97-103.

- POLIO, H. et. al. (1990) Figurative Language and Cognitive Psychology. In: **Language and Cognitive Processes**, 5, 2.
- POPIEL, S & MCRAE, K. (1988) The Figurative and Literal Senses of Idioms, or All Idioms Are Not Used Equally. In: **Journal of Psycholinguistic Research**, 17, 6.
- POTTIER, B. (1987) La subduction la métaphore et les lexies. In: **Cahiers de lexicologie**. Vol. 1, No. 50. Pp. 209-218.
- PRETI, D. (1998) **Estudos de língua falada: variações e confrontos**. SP: USP: Humanitas.
- _____(1997) **O discurso oral culto**. SP: Humanitas
- PUGLESI, M. (1981) **Dicionário de expressões idiomáticas, locuções usuais da língua portuguesa**. SP: Editora Parma Ltda.
- RABADAN, ALVAREZ, R. (1991) **Equivalencia y Traducción. Problemática de la Equivalencia Translémica inglés/español**. León. Universidad de León.
- RANCHHOD, E.M. (1990) Análise sintática de expressões idiomáticas. Formas comparativas. In: **Atas do II Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa**. Évora : pp. 91-114.
- RASPALL, J & MARTI, J.(1991) **Diccionari de locucions i de frases fetes**. Barcelona: Editora Barcelona.
- REICHLING, A. (1992) Le traitement de la phraséologie dans EURODICAUTOM. In: **Terminologie et traduction**, 2/3, 485-492.
- RENAUD, R (1997) (coord.) **Diccionario de hispanoamericanismos (no recogidos por la RAE): formas homónimas, polisémicas y otras derivaciones morfosemánticas**. Madrid: Huertas AS.
- REY, A. (1992) Traduire, interpréter: les mots pour le dire. In: **Terminologie et traduction**, 2/3, 13-24.
- _____(1973) La phraséologie et son image dans les dictionnaires de l'âge classique. In: **Travaux de linguistique et de littérature**, Strasbourg, 11-1, 97-107.
- _____(1980) **La lexicologie: Initiation à la linguistique**. Paris: Editions Klincksiek.

- _____. (1984) Les implications théoriques d'un dictionnaire phraséologique. In: **Le Moyen Français**, 14/15.
- REY, A & CHANTREAU, S. (1994) **Dictionnaire des expressions et locutions**. 2 ed. Paris: Robert.
- RIBEIRO, D. (1970) **As Américas e a civilização. Processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos**. RJ: Editora Civilização brasileira.
- _____. (1995) **O Brasil como Problema**. RJ: Francisco Alves. 2da edição.
- RIBEIRO, J. (1979) **A Língua Nacional**. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1960) **Frases feitas**. RJ: Francisco Alves Eds.
- RICHARDS, J.C., PLATT, J. & WEBER, H. (1985) **Dictionary of Applied Linguistics**. London: Longman.
- RICHARDS, J. C. & RODGERS, T. S. (1996) **Approaches and Methods in Language Teaching**. Melbourne: Cambridge University Press.
- RICOEUR, P. (1983) **A metáfora viva**. Porto: Res Editora Ltda.
- RIVOLA, J.L. (1990) **La formación del español de América**. Madrid: Gredos.
- ROBERTS, R. (1995) Identifying the phraseology of languages for special purposes (LSPs). In: **Alfa. Actes de langue française et de linguistique** 1994/95, vol. 7/8. Canada: Universitas Dalhousiana, Halifax, 61-69.
- _____. (1993) La phraséologie: état des recherches. In: **Terminologies Nouvelles**, 10, RINT, Belgica. 36-42.
- ROCHA, R. (1995) **A enunciação dos provérbios: descrições em francês e português**. SP: ANNABLUME.
- RODRIGUES ADRAGÃO, J.V. (1991) A dimensão cultural no ensino de língua estrangeira. In: **Atas do Seminário Internacional de Português como língua estrangeira**. Macau
- RODRIGUES, A (1993) Línguas indígenas. 500 anos de descobertas e perdas. In: **D.E.L.T.A** 9 (1) pp. 83-104.
- RÓNAI, P. (1981) **A tradução vivida**. RJ: Nova Fronteira. 3ra edição.

- RONCOLATTO, E. (1997) ***Estudo contrastivo das expressões idiomáticas do português e do espanhol***. Dissertação de Mestrado em Letras. Assis: Universidade Estadual Paulista
- RÖSEL, P. (1995) Collocations et inventaire de sous-entrées. État réel et nominal dans les dictionnaires anglais monolingues et bilingues de la direction de langue anglais-allemand. In: ***Lexicographica***, 11, 172-196.
- ROSSI, N. (1980) A realidade lingüística brasileira. In: ***Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*** No.22. SP: USP.
- RUIZ GURILLO, L. (1997) Relevancia y fraseología: la desautomatización en la conversación coloquial. In: ***Español actual. Revista de Español vivo*** No.68. Madrid: Arco/libros S.L.
- RUIZ HERNÁNDEZ, J.V & MIYARES BERMUDEZ, E. (1984) ***El Consonatismo en Cuba***. La Habana: Editorial Ciencias Sociales.
- RUIZ MIYARES, L (1998) Informatização de dicionários fraseológicos: O Dicionário Automatizado de Fraseologia cubana. In: ***Atas do I Colóquio galego de fraseologia***. Santiago: Xunta de Galicia.
- SAGER, J.C. (1992) Future developments and research in phraseology and terminology related to translation. In: ***Terminologie et traduction***, 2/3, 583-588.
- SAID ALI, M (1951) ***Meios de Expressão e Alteração Gramatical***. RJ: Edição da Organização Simões. 2a edição.
- SALAGER-MEYER, F. (1996) Metaphors in Medical English Prose: a comparative study with French and Spanish. In: ***English for Specific Purposes***. Vol. 9 No. 2 pp. 145-155.
- SALVADOR, V. (1995) De la fraseología a la lingüística aplicada. In: ***Caplletra***, 18, 11-29.
- SALVADOR, V.; CALATAYUD, J.V. (1995) Fraseología y modelos cognitivos en lingüística aplicada. In: ***Interlingüística***, 2. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, Asociación de Jóvenes Lingüistas, 53-62.
- SANCHEZ BOUDY, J. (1989) ***Diccionario de cubanismos más usuales. Como habla el cubano***. Miami; Florida: Ediciones Universal. Tomo V.
- SANSONE, R. (1993) Meaning changing collocates and lexical field analysis. In: ***Cahiers de lexicologie***, 63-2, 191- 207.

- SANTAMARIA PEREZ, M.I. (1998) El tratamiento de las unidades fraseológicas en la lexicografía bilingüe. In: **Revista Estudios de Lingüística** (Universidad de Alicante). No. 12. Alicante.
- SANTIESTEBAN, A (1982) **El habla popular cubana de hoy**. La Habana: Editorial Ciencias Sociales.
- SANTOS, A M. da S. (1989) **Ser um osso duro de roer: algumas considerações sobre as expressões idiomáticas em SER N MOD**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SANTOS, A N. (1990) **Novos dicionários de expressões idiomáticas**. Lisboa: Editora João Sá da Costa.
- SARAIVA, J. H. (1991) **Historia concisa de Portugal**. Lisboa, Portugal: Publicações Europa/América.
- SCHAETZEN, C. de (1993) Un accès rapide aux collocations. In: **Terminologies Nouvelles**, 10, RINT, 103-114.
- SCHWARTSMAN, H. (1999) O mar sem fim da Língua Portuguesa. In: **Folha de São Paulo**. SP. 4 de abril.
- SCHMID, A. (1992) Phraseologismen - Crux der Maschinenübersetzung. In: **Terminologie et traduction**, 2/3, 387-396.
- SCHNEIDER, J (1991) **Dictionary of African Borrowings in Brazilian Portuguese**. Hamburg: Buske.
- SCHWEIGERT, W. A (1986) The comprehension of Familiar and Less Familiar Idioms. In: **Journal of Psycholinguistic Research**, 15.
- SCHWEIGERT, W. A & MOATES, D. R. (1988) Familiar Idiom Comprehension. In: **Journal of Psycholinguistic Research**, 17, 4.
- SEARLE, N. (1979/1993) Metaphor. In: ORTONY, A (ed.) **Metaphor and thought**. Cambridge: CUP. 2da ed., Pp. 83-111.
- SECO, M. (1987) **Estudios de la lexicografía española**. Madrid: Paraninfo.
- _____. (1979) El contorno de la definición lexicográfica. In: **Homenaje a Samuel Gili Gaya (in memoriam)**, Barcelona: Vox.
- SEGRILLO, A (1996) **Pequeno dicionário trilingüe de gíria e linguagem coloquial inglês/português/russo**. Niterói, RJ: Muiraquitã.
- SERRA, J. B. e GURGEL (1993) **Dicionário de gíria. Modismo lingüístico. O equipamento falado do brasileiro**. Brasília: 2da edição.

- SEVILLA MUÑOZ, J. (1992) La terminologie parémiologique française et sa correspondance espagnole. In: **Terminologie et traduction** 2/3. Commission des Communautés Européennes, 345-358.
- SERPA, O (1982) **Dicionário de expressões idiomáticas inglês/português, português/inglês**. RJ: FENAME.
- SIGNER, R. (1998) **Dicionário brasileiro francês/português, português/francês**. SP: Oficina de textos.
- SILVA, E. C. (1975) **Dicionário de locuções da língua portuguesa**. RJ: Bloch.
- SILVA DE ARAGÃO, M. S. (1983) **Linguística Aplicada aos falares regionais**. João Pessoa, Paraíba: Editora União.
- SIMÕES, G.A. (1984) **Dicionário de expressões populares portuguesas**. Lisboa: Perspectiva & Realidades.
- SIQUEIRA DE MARRONE, C. (1990) **Português/Espanhol. Aspectos comparativos**. SP: Editora do Brasil.
- SPINA, S. (1987) **História da Língua Portuguesa. Segunda metade do século XVI e século XVII**. SP: Editora Ática.
- STEINBERG, M. (1985) **1001 provérbios em contraste (provérbios ingleses e brasileiros)**. SP: Ática.
- STELL, B. **Diccionario de Americanismos**. Madrid: Sociedad General Española de Librerías AS, 1990.
- STEEN, G. (1989) Metaphor and literary comprehension. In: **Poetics**, No. 18. Pp. 113-141.
- _____(1994) **Understanding metaphors in literature**. London & New York: Longman.
- STERN, H. H. (1987) **Fundamental Concepts of Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press.
- STOCKWELL, R. P. & BOWEN, J.D. (1965) **The Sounds of English and Spanish**. Chicago.
- STREVEIS, P. (1976) On Defining Applied Linguistics. Proceedings of the Fourth. In: **International Congress of Applied Linguistics 1**, 81-85.
- TADDONI PETER M.M.(1993) Perspectivas para o estudo de línguas africanas no Brasil. In: **Boletim de ABRALIN 14**. SP: julho/agosto.

- TAGNIN, S. (1992) What's in a verbal colligation? A Project for a bilingual Dictionary of Verbal Colligations: English-Portuguese/Portuguese-English. In: **Terminologie et traduction**, 2/3, Luxembourg. Pp.149-156.
- _____(1988) A tradução dos idiomatismos culturais. In: **Trabalhos de Lingüística Aplicada**. No. 11. Pp.43-52.
- TARALLO, F. (1993) Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: **ROBERTS, I & KATO, M.** (org.) **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP.
- _____(1989) **Fotografias Sociolingüísticas**. Campinas: Pontes.
- _____(1994) **A pesquisa sociolingüística**. SP: Editora Ática. 4ta edição.
- TELIA, V. N. (1992) Lexicographic description of words and collocations: feature-functional model. In: EURALEX'90. In: **Actas del IV Congreso Internacional**. Barcelona: p. 315-320.
- _____(1990) **A semântica dos idiomatismos dentro dos parâmetros funcionais de sua representação**. Moscou: Nauka. (em russo).
- TERRELL, T.D. (1977) Aspiración y elisión en el español cubano. Implicaciones para la teoría fonológica dialectal. In: **Sobre el español hablado en las principales ciudades de América**. México: UNAM
- THUN, H. (1975) Quelques relations systématiques entre groupements de figées. In: **Cahiers de lexicologie**, 27-2, 52-71.
- TORREJÓN, A (1990) El castellano de América en el siglo XIX: creación de una nueva identidad lingüística. In: **Revista de Estudios Filológicos**. No. 25. Valdivia, Chile. Editorial de la Facultad de Filosofía y Humanidades de la Universidad Austral de Chile.
- TOVAR, A. (1961) **Catálogo de las lenguas de América del Sur**. Buenos Aires: Editora Sudamericana.
- TRANZILLO BARRETO, M. (1996) Extensão de significado em sintagmas do português: uma perspectiva de interpretação léxico-sintático-semântica. In: **Estudos Lingüísticos GEL XXV. Anais do Seminário do GEL**. Taubaté, SP: Editora UNICAMP.
- TRAVAGLIA, L. C. (1996) **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino no 1º e 2º graus**. SP: Cortez.

- TRISTÁ, A. M. (1976) La fraseología como disciplina lingüística. In: **Anuario del Instituto de Literatura y Lingüística de Cuba**, n. 7-8.
- _____ (1985) Fundamentos para un diccionario cubano de fraseologismos. In: **Anuario del Instituto de Literatura y Lingüística de Cuba**. No. 16, pp 249-254
- _____ (1998) Organização do material fraseológico num dicionário geral: problemas e alternativas. In: **Actas do I Colóquio galego de fraseologia**. Santiago: Xunta de Galicia. Pp. 115-126.
- TURNER, M. (1990) Poetry: Metaphor and the Conceptual Context of Invention. In: **Poetics Today**. Vol. 11, No. 3. Pp. 463-482.
- VALDÉS BERNAL, S. (1994) **Inmigración y lengua nacional**. La Habana: Editorial Academia.
- _____ (1993) **Las lenguas indígenas de América y el español de Cuba**. La Habana. Editorial Academia.
- _____ (1983) Existía en el siglo XVIII una modalidad cubana del español?. In: **Anuario del Instituto de Literatura y Lingüística de Cuba**. No.14, pp. 154-160.
- _____ (1994) Factores que propiciaron la imposición del español como lengua nacional en Cuba. In: **Anuario de Lingüística Hispánica**. Universidad de Valladolid, Vol. X. Salamanca.
- VARELA, F. & KUBARTH, H. (1994) **Diccionario Fraseológico del Español Moderno**. Madrid: Gredos.
- VAN DEN BROEK, R. (1981) The limits of Translatability Exemplified by Metaphor translation. In: **Poetics Today**. Vol. 2. No. 4. Pp. 73-87.
- VERBA, G. (1996) La emotividad del español coloquial y su aspecto léxico y fraseológico In: DURAN, L., DIOS, J., PAMIES BERTRÁN, A. (eds.) **Segundas Jornadas sobre estudio y enseñanza del léxico**. Granada: Universidad de Granada.
- VILELA, M. (1994) A língua portuguesa e os seus dicionários. In: **Revista do Instituto de língua portuguesa**. No. 11. Lisboa: Editora Notícias.
- _____ (1983) **A definição nos dicionários de português**. Porto: ASA.
- VILLAR, M. (1989) **Dicionário cocontrastivo luso-brasileiro: alguns lusismos, brasileirismos, regionalismos, expressões idiomáticas, ortografias**. RJ: Guanabara.

- VOGT, C. (1980) **Linguagem, pragmática e ideologia**. Campinas: FUNCAMP
- WAY, E. C. (1991) **Knowledge Representation and Metaphor (Studies in Cognitive Systems)**. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.
- WEINREICH, U.(1953) **Languages in Contact**. New York: Publications of the Linguistic Circle of New York.
- _____(1979) **Problemas da lexicologia e da lexicografia**. Porto: livraria Civilização editora.
- WIDDWSON, H. G. (1991) **O ensino de línguas para a comunicação**. J.C. Paes de Almeida (trad.). Campinas, SP: Editora Pontes.
- _____(1978) **Teaching language as communication**. Oxford: Oxford University Press.
- WIINFRIED, N. (1985) Semiotic Aspects of Metaphor. In: **Papprotte & Dirven** (1985:1-2).
- WILKINS, D. A. (1972a) **Linguistics in Language Teaching**. London: Edward Arnold Ltd.
- _____(1972b) Error and the Mother Tongue. In: **Wilkins, D.A**
- WILLIAM, M (1985) La influencia criollo-portuguesa en el español caribeño. In: **Anuario de Lingüística Hispánica**. V. 1. Universidad de Valladolid. Valladolid. Pp. 157-180.
- WOTJAK, G. (1982) Estructuras en el léxico. In: **WOTJAK, G. Lexicographica**. Series Maior, 47. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 108-124.
- _____(1987) Uso y abuso de unidades fraseológicas. In: **Homenaje a Alonso Zamora Vicente**. Madrid: Vol. 1. Pp. 304-317.
- _____(1994) El potencial comunicativo de las unidades léxicas. In: **Voz y Letra**, Vol. 1. Madrid, pp. 155-173.
- WÜSTER, E. (1968) **The Machine Tool: An Interlingual Dictionary of Basic Concepts**. 2 vol. London: Technical Press.
- XATARA, C. (1997) A comparação nas expressões idiomáticas. In: **Alfa**. Vol. 41. SP: Editora UNESP.

- YORIO, C.A. (1989) Idiomaticity as an indicator of second language proficiency. In: HYLSTENSTAM, K.H & OBLER, L. K (Eds.) ***Bilingualism across the Lifespan***. Cambridge. Cambridge University Press pp. 55-72.
- ZANOTTO, P. M. (1990) A natureza déitica da metáfora alegórica. In: ***Linguagem. Revista Brasileira de Estudos de Língua e Literatura***. No. 7. RJ: Presença.
- ZULUAGA, A. (1975) ***La fijación fraseológica***. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1-24.
- Catálogo de pasajeros a Indias*** (1940, 1942,1946) Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Sevilla t.3.